

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MULHERES POBRES NA DIOCESE DE GOIÁS
Uma trajetória de participação e emancipação feminina

KLAUS PAZ DE ALBUQUERQUE

GOIÂNIA

2007

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MULHERES POBRES NA DIOCESE DE GOIÁS
Uma trajetória de participação e emancipação feminina

KLAUS PAZ DE ALBUQUERQUE

Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Goiás.

Orientador: Dr. Alberto da Silva Moreira

GOIÂNIA

2007

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 26 DE FEVEREIRO DE 2007
E APROVADA COM A NOTA 9,8 (NOVE INTEIROS E OITO DÉCIMOS)
PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dr. Alberto da Silva Moreira / UCG (Presidente) Alberto Moreira

2) Dr. José Paulo Pietrafesa / UCG (Membro) _____

3) Dra. Maria Cecília Domezi / FIC (Membro) Maria Cecília Domezi

Às mulheres das CEBs e do Cristianismo da Libertação

Agradeço

As mulheres que me fizeram mais humano.

As mulheres que me concederam as entrevistas.

A D'mare pela ajuda na transcrição das fitas.

A Múria e a Katyusse pela revisão do texto.

O Dom Eugênio por ter solicitado uma bolsa de estudo para o meu mestrado.

A Adveniat por ter me concedido a bolsa de estudo.

O Alberto por aceitar ser meu orientador e pelas suas valiosas contribuições.

*Vai pra beira do riacho com a trouxa na cabeça
Pra ganhar uma mixaria, lava roupa todo dia
Se esfria e não se queixa*

*O sol quente na cabeça e os pés na água fria
É a mulher lavadeira, trabalha a semana inteira
Pra poder ganhar a vida*

*Bota a lenha no fogão, faz o leite pro menino
Varre a casa, limpa a mesa e arruma a prateleira
Enquanto ele está dormindo*

*É a mulher dona de casa, sem tempo pra descansar
Faz o almoço, faz a janta e a noite, lá pras tantas,
Ela ainda sem deitar*

*Já não tem mais o marido e vai pra roça sozinha
Deixa o filho de dois anos e mais um, nem tá andando
Cuida deles Mariquinha*

*É a mulher do posseiro que pistoleiro assassinou
Tudo é culpa do sistema, pois o rico não tem pena
Do povo trabalhador*

*Se sair, menino chora, mas se fica falta pão
Madrugada: todo dia, sol brilhante ou chuva fria
Só enricando o patrão*

*É a mulher bóia-fria, é o peso do facão
Quando a casa vai caindo, ela pensa nos meninos
É uma dor no coração*

*E o tempo vai passando e ela vai se apercebendo
Que é somente se engajando e se conscientizando
Que a luta vai rompendo*

*É a mulher que se organiza e ao homem dá a mão
Duas forças bem unidas, pra fechar essa ferida
E acabar com a opressão*

RESUMO

PAZ ALBUQUERQUE, Klaus. *Mulheres pobres na Diocese de Goiás – Uma trajetória de participação e emancipação feminina*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, 2007.

O presente trabalho registra a participação das mulheres de classes populares na Diocese de Goiás durante as décadas de 1970 e 1980, período em que a referida Diocese explicitou sua opção preferencial pelos pobres por meio da atuação religiosa nos Grupos de Evangelho, ou seja, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Inserida em um movimento sócio-religioso ocorrido no continente Latino Americano denominado Cristianismo da Libertação, a Diocese de Goiás passará por mudanças internas até então não vistas em sua história. Investiga-se assim, dentro desse contexto, se as transformações religiosas do Cristianismo da Libertação contaram com a participação das mulheres e de que modo. Investiga-se igualmente se tal participação favoreceu objetivamente um processo pedagógico que contribuísse com mudanças subjetivas e objetivas na vida das mulheres pobres em vista de sua autonomia e de sua valorização. Dando voz a elas, esta pesquisa busca identificar um olhar e uma história feminina sobre a Diocese de Goiás e o Cristianismo da Libertação. Mesmo ao mostrar as dificuldades encontradas pelas mulheres pobres em instituições milenarmente machistas, como a família e a Igreja, esta dissertação quer mostrar também as conquistas alcançadas por elas.

Palavras-chave: Mulher, Classe, Gênero, Igreja, Participação, CEBs

ABSTRACT

PAZ ALBUQUERQUE, Klaus. *Women poor in Goiás Diocese – One itinerary of participation and emancipation female*. Dissertation (Post-Graduation Program in the Religion Sciences) – Catholic University of Goiás, 2007.

This present work shows the participation of low class women in Goiás Diocese during the 70's and 80's, time when the diocese opted preferentially for the poor, through religious actions in Evangelical Groups, or better, in the "Comunidades Eclesias de Base – CEBs (Eclesial Base Communities). Inserted in a socio-religious movement through the Latin American Continent, so called Liberation Christianity, Goiás Diocese, will have an internal change never seen in its history. So in this context, will investigate, if these religious changes of Christian Liberation, had women participation and how. Also if this participation helped objectively to a pedagogical process which contributes for subjective and objective changes in the poor women's life as autonomous and valorization view. Giving them a chance, this work, tries to identify a view and a female history of Goiás Diocese and Christian Liberation. Even though, showing the difficulties founded by the poor women in the 'machist' millenary institutions, as the family and the church, this paper would like also to show the victories achieved by them.

Key words: Woman, Low Class, Gender, Church, Participation, CEB's

SUMÁRIO

RESUMO		7
ABSTRACT		8
1	INTRODUÇÃO	12
2	RELIGIÃO, GÊNERO E CLASSES SOCIAIS	21
2.1	RELIGIÃO	22
2.1.1	A Diocese de Goiás e o Cristianismo da Libertação	28
2.2	CLASSES SOCIAIS	33
2.2.1	A visão de Otto Maduro	41
2.2.2	A visão de Michel Löwy	44
2.2.3	A condição feminina das classes populares	45
2.3	GÊNERO	47
2.3.1	Conceituando Gênero	48
2.4	ARTICULANDO GÊNERO, CLASSE E RELIGIÃO	55
3	A MULHER CATÓLICA E A IGREJA NA MODERNIDADE	65
3.1	O CAPITALISMO, O CRISTIANISMO E AS MULHERES	65
3.2	MULHERES CATÓLICAS E AS MUDANÇAS NA IGREJA	72
3.2.1	Mudanças na Igreja Brasileira	80

3.2.1.1	Antecedentes do Cristianismo da Libertação e das CEBs	80
3.2.1.2	Antecedentes eclesiais	81
3.2.1.2.1	Doutrina Social da Igreja	81
3.2.1.2.2	O Concílio Vaticano II	82
3.2.1.2.3	Antecedentes Eclesiais no Brasil	83
3.2.1.3	Antecedentes sócio-políticos	85

4 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES POBRES NA DIOCESE DE GOIÁS: UMA TRAJETÓRIA DE EMANCIPAÇÃO 89

4.1	AS MULHERES E A MEMÓRIA HISTÓRICA DA IGREJA DE GOIÁS	89
4.2	AS MUDANÇAS NA DIOCESE E AS MULHERES	91
4.2.1	Histórias de vida	91
4.2.2	A participação religiosa das mulheres antes de surgir a “Igreja da Caminhada”	95
4.2.3	Mulheres na Diocese e a Diocese em mudança	99
4.3	A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES POBRES NA IGREJA DE GOIÁS	

103

4.3.1	Conflitos na família pelo direito de participar – a força da fé	109
4.3.2	As Comunidades Eclesiais de Base	113
4.3.2.1	Grupos de Evangelho	113
4.3.2.2	A pedagogia das CEBs	116
4.3.2.3	Agentes de Pastoral	120
4.3.2.3.1	As Agentes de Pastoral Leigas	120

4.3.2.3.2	Agentes de pastoral como intelectuais orgânicos	122
4.3.2.4	As CEBs e a transformação da sociedade	125
4.3.2.4.1	CEBs, movimentos sociais/populares e as mulheres	129
4.3.2.5	Organizações sociais de mulheres	133
4.3.2.6	O caso do Grupo de Mulheres de Itapuranga	137
4.3.2.7	Mulheres e sindicatos	143
4.3.2.8	Mulheres e politização	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS		157
REFERÊNCIAS		163
ANEXOS		176

1 INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX foi sem dúvida um período de mudanças significativas em todo o mundo, principalmente na sociedade ocidental. Ocorreram transformações em diversas áreas da vida humana: mudanças na ciência e tecnologia, na comunicação e no deslocamento das pessoas, no trabalho e na produção, na cultura e no comportamento cotidiano. No âmbito das organizações sociais surgiram novos movimentos reivindicatórios, os quais exigiam direitos relativos à subjetividade - direito à liberdade sexual, às crenças, aos valores, etc. Entre estes há de se destacar o movimento das mulheres como o mais relevante de todos.

Nesse contexto de alterações sociais, a Igreja Católica também passou por importantes modificações a partir do Concílio Vaticano II.

Na América Latina, as mudanças internas da Igreja Católica foram orientadas especialmente em direção às classes desfavorecidas. Oficialmente, a Igreja Católica latino-americana, por meio das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla, fez a opção preferencial pelos pobres. Esta opção foi assumida, sustentada e levada a cabo pela parte da Igreja Católica denominada “Igreja dos Pobres” ou “Cristianismo da Libertação”. O movimento sócio-religioso do Cristianismo da Libertação utilizou a Teologia da Libertação como base teórica inspiradora para a sua atuação na defesa e promoção dos pobres e marginalizados.

Por sua vez, as modificações internas da Diocese de Goiás iniciaram-se com a posse do novo bispo, Dom Tomás Balduino, em 1967. Tais modificações romperam com muitas concepções do clericalismo e da hierarquia até então ali existentes. Seguindo as orientações conciliares que valorizavam a participação do leigo como

protagonista da Igreja Povo de Deus e as Diretrizes das Conferências Episcopais Latino-Americanas, a Diocese de Goiás fez, em 1972, a escolha pelos pobres e marginalizados, os quais em sua realidade apresentavam-se com o rosto dos camponeses.

Nesse âmbito de novas opções, as mulheres pobres se identificaram com as novas orientações diocesanas e acolheram, por meio da participação ativa, as atividades religiosas e sociais, de modo especial, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Importante ressaltar que a expressão mulheres pobres, na Diocese de Goiás, não se refere a todas as mulheres pobres da Diocese e nem significa que todas as mulheres pobres que habitavam a região territorial da Diocese serão contempladas, assim como não se trata de todas as mulheres pobres que são católicas e/ou freqüentavam seus cultos religiosos. Trata-se das mulheres pobres que participaram sobretudo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), ou melhor, das novas práticas religiosas (pastorais) introduzidas na Diocese de Goiás, nas décadas de 1970 e 1980.

A proposição de que uma determinada religião, em um certo contexto histórico, pode contribuir para mudanças sociais e pessoais na vida dos pobres e das mulheres parece responder à pergunta fundamental da presente pesquisa: como no seio da Igreja Católica, uma instituição clerical, hierárquica e machista, foram gestados mecanismos de participação das mulheres pobres, favorecendo objetivamente um processo pedagógico de emancipação religiosa e social.

A hipótese sugerida - nesse trabalho - é que o engajamento das mulheres pobres nas atividades religiosas e nas CEBs da Diocese de Goiás não as transformou em meros braços do trabalho religioso. Elas não foram apenas dinamizadoras dos

interesses masculinos e da hierarquia católica. A ativa participação dessas mulheres ajudou a desencadear um processo pedagógico de emancipação; mudança ocorreu em sua percepção de mundo; ocorreu também uma abertura de consciência mais crítica da realidade. Por fim, as mulheres sentiram-se mais capazes e valorizadas.

Com esta nova percepção, elas participaram de diversas organizações e movimentos sociais na luta por conquistas de direitos. Participaram de lutas por moradia e por infra-estruturas nos bairros e vilas; lutaram pela terra, pela saúde e educação; participaram de organizações sindicais, de grupos e associações de mulheres e de partidos políticos.

Para analisar o processo de participação das mulheres de classes populares nas CEBs da Diocese de Goiás, serão utilizados os conceitos de classe social e de gênero. A perspectiva é de articulação entre essas duas categorias de análise social, o que se torna imprescindível para se entender o objeto de pesquisa do referente trabalho.

Desse modo, não se propõe fazer apenas uma retrospectiva histórica da Diocese de Goiás na ótica das mulheres, mas, examinar se em determinadas circunstâncias históricas e sociais, a religião pode servir como instrumento de autonomia e emancipação das classes dominadas e das mulheres. Isso porque, nas décadas de 1970 e 1980, a Diocese de Goiás proporcionou um ambiente favorável ao surgimento de experiências em que as mulheres pobres alcançaram conquistas pessoais e sociais. Porém, houve (e há) limites e desafios na trajetória destas mulheres pobres no Cristianismo da Libertação, visto que, a estrutura milenar da Igreja é machista e hierárquica. Mesmo em seu esforço de proporcionar uma organização diocesana mais participativa e democrática nas tomadas de decisões, a Diocese de Goiás não se livrou totalmente do peso histórico, do centralismo e do patriarcalismo que recai sobre ela.

Lançou-se mão de diversos documentos produzidos na e sobre a Diocese de Goiás, tais como: o Boletim Diocesano; relatórios e documentos elaborados pelas paróquias, pelas regiões pastorais e pelas coordenações e assembléias diocesanas. Tais documentos serão devidamente citados no corpo do trabalho. Priorizou-se os depoimentos das mulheres recolhidos por O’Gorman (1989), Capponi (1999), Scolaro (2001) e as entrevistas feitas. Algumas em decorrência da monografia do curso de especialização em Formação Sócio-Econômica do Brasil (Albuquerque 2002/2003) e as demais, em vista desta dissertação.

No trabalho de campo que realizei foram entrevistadas 24 mulheres de classes populares que participaram da Diocese de Goiás nas décadas de 1970 e 1980. As entrevistas não só possibilitaram perceber uma história diocesana na visão das mulheres socialmente desfavorecidas, como também observar os significados dessa participação na vida das próprias mulheres nos dias atuais.

A escolha das entrevistadas não se baseou no fato das mulheres continuarem ou não participando das atividades da Diocese, mas na atuação delas, nas décadas de 1970 e 1980. Por isso, as entrevistas foram feitas dentro e fora dos limites geográficos da Diocese de Goiás. Haja vista que, atualmente algumas mulheres residem na cidade de Goiânia.

Foram entrevistadas mulheres das quatro regiões pastorais da Diocese: Rio Vermelho, Serra Dourada, Uru e São Patrício. Moradoras dos seguintes municípios: Ceres, Carmo do Rio Verde, Itapuranga, Guaraíta, Heitorai, Goiás, Itapirapuã, Jussara e Santa Fé. As entrevistas citadas no corpo do trabalho estão em anexo.

Das 24 mulheres entrevistadas, apenas duas começaram a participar das atividades religiosas da Diocese no início dos anos 1980; as demais iniciaram suas

atividades pastorais no início do processo de mudanças, ou seja, nos primeiros anos da década de 1970.

A idade das entrevistadas varia entre 33 a 80 anos: são três na faixa etária de 33 a 40 anos; uma com 46 anos; uma com 48 anos; seis entre 52 a 58 anos; seis entre 60 a 68 anos; seis entre 70 a 77 anos; e uma com 80 anos.

Sobre o grau de escolaridade das mulheres entrevistadas, obteve-se o seguinte perfil: cinco mulheres possuem educação superior; cinco o ensino médio; seis o primário incompleto; uma o primário completo; duas são alfabetizadas; e cinco declararam não possuir estudo escolar. É importante salientar, que três das cinco mulheres que hoje possuem o ensino superior atribuíram à participação na Diocese de Goiás os motivos que as levaram a fazer faculdade.

Assim como a escolaridade, a profissão de algumas entrevistadas mudou de 1970/1980 para os dias atuais. Por exemplo, algumas que trabalhavam no campo, hoje trabalham na cidade em outras profissões; outras de empregada doméstica e/ou desempregadas se tornaram professoras. No entanto, o salário ou a renda que recebem as faz pertencer às classes trabalhadoras, ou melhor, às classes dominadas. As profissões declaradas foram as seguintes: cinco trabalhadoras rurais aposentadas; cinco donas de casa; seis professoras, sendo três aposentadas; uma merendeira aposentada; uma funcionária pública (não declarada); uma manipuladora de remédios caseiros; uma enfermeira; uma técnica em enfermagem; uma aposentada pelo INSS; uma aposentada (não declarou em que) e uma vereadora.

Optou-se, pela pesquisa qualitativa – por meio de entrevistas -, a qual, segundo Triviños (1987), busca encontrar causas, origens, relações e mudanças do fenômeno social. Mynaio (1994), por sua vez, acredita que a pesquisa qualitativa melhor responde

às investigações que não podem ser quantificadas, ou seja, investigações que trabalham com o universo das significações, dos valores, das motivações, das crenças e aspirações.

Nesse sentido, as teorias utilizadas foram articuladas com a experiência dos sujeitos da pesquisa. Metodologicamente, as teorias interagiram com os dados sobre as motivações, as vivências, as conquistas e as influências ocorridas na vida das entrevistadas.

Este trabalho encontra-se assim organizado: no primeiro capítulo, discutem-se os conceitos de gênero, de classe social e de religião. A questão de gênero se faz necessária para analisar a presença feminina e suas relações sociais na Diocese. O conceito de classe social é imprescindível, porque não se trata da mulher em geral. Em outras palavras, o termo *mulher*, não estará sendo empregado em sua amplitude ou ainda se referirá a todas as mulheres da Diocese de Goiás. A mulher aqui mencionada pertence a uma classe social identificada como classe trabalhadora e dominada; por isso a utilização do termo *mulheres pobres*. No que se refere ao conceito religião, acredita-se que o Cristianismo da Libertação, do qual a Diocese de Goiás fez parte nas décadas de 1970 e 1980, materializa a teoria sociológica de Maduro (1980), Löwy (1991; 2000) e Berger (1985), acerca da religião como possibilitadora de mudanças sociais. Definindo os conceitos de gênero, classe e religião, melhor se compreenderá o significado da religião na vida das mulheres pobres que militaram na Diocese de Goiás no período em questão.

O segundo capítulo apresenta um breve panorama da mulher católica na modernidade, no intuito de se perceber o quanto as transformações realizadas no interior da Igreja Católica, principalmente na segunda metade do século XX,

modificaram a vida de algumas mulheres das classes subalternas. Ressalta-se que as transformações internas da Igreja tiveram como marco o Concílio Vaticano II e, na América Latina, as Conferências Episcopais de Medellín e Puebla. Além de enfatizar as referidas transformações, busca-se contextualizá-las com as demais mudanças ocorridas no conjunto da sociedade ocidental desse mesmo período.

O terceiro capítulo analisa o ambiente religioso que proporcionou uma maior participação das mulheres, e, ao mesmo tempo, investiga as ações das mulheres pobres nas diversas atividades da Diocese de Goiás. Participantes nas atividades diocesanas, elas se inseriram nos movimentos sociais, nas organizações sindicais e nos partidos políticos. Privilegia-se as CEBs na referida análise, pois, é no interior dessas comunidades de base que acontece a gênese de um processo pedagógico, impulsionando as mulheres a uma trajetória de emancipação e autonomia.

Mas afinal, como brotou o desejo de realizar tal pesquisa? Pode-se dizer que teve sua origem na elaboração do pré-projeto monográfico de graduação em História, no ano de 1998. Ao escolher temáticas no campo social da historiografia nós deparamos¹ com a “História dos Marginais”², a qual, nos chamou a atenção, ainda que o assunto fosse pouco discutido no mundo acadêmico. Dentre os marginais estudados por Schmitt (1993), elegemos aqueles de ordem sexual. Ao partir para a pesquisa bibliográfica, entramos em contato pela primeira vez, com a “História das Mulheres”³. Antes do grupo começar o trabalho de campo, delimitamos o enfoque e escolhemos a

¹ Todo o trabalho de pesquisa e elaboração da monografia foi feito em grupo: Klaus Paz de Albuquerque, Ivoneide dos Reis Oliveira Vidigal e Jaime Rodrigues de Oliveira.

² Encontramos pela primeira vez essa temática histórica no texto: História dos Marginais, de Jean Claude Schmitt (1993).

³ Hoje já é possível encontrar uma boa literatura a respeito do tema nas mais diversas áreas. Na História a temática vem crescendo desde os finais dos anos de 1980.

“mulher” e a “prostituição” como tema de conclusão do curso⁴. A partir desse primeiro contato acadêmico resolvi continuar estudando a temática das mulheres como objeto de análise.

Outro elemento importante que impulsionou esta pesquisa foi a minha permanência na Diocese de Goiás de 1993 até hoje (2007), como membro engajado e agente de pastoral. Ao longo destes quatorze anos fui conhecendo toda a região onde se localiza a Diocese e sua história de “Igreja da Caminhada”⁵. Uma história religiosa que parece ter saído do interior dos templos, das paróquias e do clero e ganhado as ruas, as roças, as casas, as cozinhas, os espaços públicos e privados dos leigos e das leigas, tornando-se história de fé sócio-política-transformadora. Contudo, foi sem dúvida, a amizade com os agentes sociais dessa história, sobretudo com muitas das mulheres aqui mencionadas/entrevistadas que fez nascer em mim o desejo de conhecer melhor suas vidas e suas experiências religiosas e sociais.

O contato com essas mulheres me fez perceber que elas pertenciam a uma determinada classe social. Eram mulheres trabalhadoras pobres com um profundo sentimento religioso. Foi assim que comecei a amadurecer a idéia de realizar um estudo mais sistemático que permitisse compreender melhor a participação dessas

⁴ Este trabalho monográfico teve como título: “A Sexualidade Marginal no município de Itapuranga: Rua 40”. E foi entregue a UEG – Universidade Estadual de Goiás, em 1998.

⁵ O termo “Igreja da Caminhada” é usado na Igreja de Goiás, ou seja, na Diocese de Goiás, como sinônimo de “Igreja da Libertação” e “Igreja dos Pobres”. Segundo Scolaro (2001, p.11-12), a Diocese de Goiás passa a se autodeterminar como “Igreja da Caminhada”, “pelo fato de que as primeiras comunidades cristãs eram assim denominadas e também porque é uma Igreja que não está pronta, mas que vai sendo construída tal como uma caminhada”.

mulheres como peças fundamentais no processo histórico e religioso da "Igreja de Goiás"⁶.

Como terceiro e último fator de motivação, ressalto que, na condição de homem, me sinto desafiado a mergulhar na causa das mulheres e do feminismo, pois os inúmeros trabalhos acadêmicos sobre a temática feminina mostram que o problema da desigualdade não está resolvido. Ainda são poucos os homens que se dispõem a discutir o assunto em monografias, dissertações e teses; como se a questão da mulher fosse algo que dissesse respeito apenas à consciência e à autonomia feminina. Como se questão de gênero se restringisse somente a elas, como se fosse “coisa de mulher” (GEBARA, 2002). Entendo que, para construir novas relações humanas os homens precisam se converter, ou seja, mudar seus velhos conceitos e construir novas posturas.

Dessa forma, esta pesquisa pretende trazer uma contribuição, mas necessária, ao resgatar a história das mulheres na Diocese de Goiás e sua trajetória de participação e emancipação. Fazem falta outros trabalhos que não se submetam completamente à abordagem unilateral masculina. Deseja-se ainda, contribuir para a construção de uma nova relação de poder entre homens e mulheres na Igreja e na sociedade, que não seja de exclusão e dominação, mas de inclusão e colaboração.

⁶ "Igreja de Goiás" é o termo eclesial para designar a "Igreja Particular", indicando a existência de uma Diocese que tem sua sede episcopal na Cidade de Goiás. Portanto, "Igreja de Goiás", "Igreja Particular de Goiás" e "Diocese de Goiás" são termos para o mesmo objeto.

2 RELIGIÃO, CLASSES SOCIAIS E GÊNERO

O enunciado “Mulheres pobres na Diocese de Goiás” traz consigo alguns problemas conceituais que devem ser elucidados. Desse modo, para uma melhor compreensão da expressão *mulheres pobres* serão utilizados os conceitos de classe social e de gênero. Sabe-se que esses dois conceitos são difíceis, complexos e causam sérias e importantes discussões (BENOIT, 2000). Apesar do debate sobre gênero e classe social estar geralmente baseado em uma oposição entre os dois conceitos, há tentativas de integrá-los nos estudos e análises sociais⁷. O tratamento que se dará aqui é de que os dois conceitos são complementares. Vale lembrar, que ao se falar de gênero e de classes sociais, buscar-se-á ter sempre presente a dimensão da justiça. A atenção dada nesse trabalho às mulheres pobres não é por se compreender que as mulheres e os pobres seriam “puros” ou “vítimas”, mas, por lhes ser negada a justiça nas relações sociais. Historicamente, as mulheres foram injustamente inferiorizadas em relação aos homens e os pobres injustamente empobrecidos por um sistema baseado na apropriação privada dos frutos do trabalho e da natureza. Essa subjugação das mulheres e dos pobres pelos homens e pelas classes abastadas, deixaram invisíveis esses grupos sociais, como não agentes sociais e históricos. Em outras palavras, os livros e os documentos se ocuparam por muito tempo em evidenciar apenas as classes dominantes e os homens como os “verdadeiros” protagonistas da história. A problemática aumenta quando as mulheres pertencem às classes menos favorecidas. E

⁷ Como se verá mais adiante, Saffioti (1992; 2000), por exemplo, reclamará tanto a possibilidade, como a necessidade de integrar os conceitos de classe social e gênero.

ainda, quando essas mulheres pobres fazem parte de uma instituição religiosa predominantemente dirigida por homens.

Por outro lado, pelo fato das mulheres pobres da Diocese de Goiás terem professado ser religiosas e por causa do processo de participação e emancipação delas ter se dado dentro dos quadros de uma instituição religiosa - a Diocese de Goiás -, é extremamente importante explicar o que aqui se entende por religião.

2.1 RELIGIÃO

Acredita-se ser quase consenso entre os estudiosos da religião não haver alguma sociedade humana que não tenha crenças religiosas. O ser humano seria segundo Eliade (1999) um *homo religiosus*. Contudo, não há um só entendimento do que seria a religião. Desde os estudos clássicos da sociologia da religião até seus expoentes atuais as opiniões divergem na definição do conceito de religião.

Para Durkheim (1989), a religião seria um conjunto de crenças e ritos que,

[...] supõem uma classificação das coisas reais e ideais, que os homens representam em duas classes ou em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos traduzidos, relativamente bem, pelas palavras profano e sagrado. A divisão do mundo em dois domínios, compreendendo, um tudo o que é sagrado, outro tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso (DURKHEIM, 1989, p. 68).

Para Marx, a religião contribui para manter a ordem social vigente, mas também, contém a capacidade de denunciar a situação de injustiça social:

A religião é o suspiro do ser oprimido, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real (2004, p. 45-46).

Durkheim (1989) teorizava que a religião é uma necessidade para os indivíduos e que ela permanecerá na sociedade, como algo “eterno”. A religião é *sui generis*. Marx (2004), por sua vez, compreende que a religião é uma projeção humana, nem *sui generis* e nem eterna.

Já para Max Weber (1991; 1992), a religião é uma grande potencializadora de sentidos para a vida dos indivíduos. Os sofrimentos e as desigualdades (de abundância e de carência), nos quais vivem os seres humanos em sociedade, são por ela justificadas. A religião pode igualmente criar éticas econômicas que influenciam e modificam a sociedade (WEBER, 2003).

Diferentemente de Marx (2002), que acreditava ser as idéias e a religião produtos da atividade material, Durkheim e Weber acreditavam existir “algo acima ou além da vida material que é responsável pelas relações sociais” (ERICKSON, 1996, p. 178).

Nas abordagens atuais da sociologia da religião esses três pensadores e suas respectivas conclusões sobre a religião sofreram sérias críticas. A título de exemplo, cita-se aqui Vitória Lee Erickson (1996) e Michel Löwy (1991).

Erickson (1996) em seu livro *Onde o silêncio fala - feminismo, teoria social e religião*, critica tanto Durkheim como Weber. Segundo a autora, Durkheim, em *As formas elementares da vida religiosa*, ao dicotomizar o religioso em sagrado e profano contribui para justificar a inferioridade da mulher, já que esta estaria no plano do profano e o homem no plano do sagrado. Contra Weber, Erickson (1996, p. 167) afirma: “a preocupação de Weber com a dominação, com a força, com a autoridade, com o poder e com a ação ergue-se em oposição à vida feminina de intimidade, fraqueza, impotência e dependência”. Ainda segundo ela

Além de uma tensão entre masculinidade e feminilidade, há também em Weber uma tensão entre uma masculinidade elitista e outros tipos de masculinidade. Weber faz freqüentemente a história da fé cristã cair na história da elite masculina, ascética e intelectual – precisamente a meta hegemônica intencional da elite – e, por conseguinte, só reconhece a experiência menos do que unilateral de alguns homens cristãos, os homens que eram capazes de aliar-se às forças que produziram o modelo capitalista racional (ERICSON, 1992, p. 168).

Vitória Erickson (1996) afirma que mesmo sendo silenciadas pelas teorias sociológicas e religiosas, as mulheres e os oprimidos falam. Para a autora “o silêncio fala no cotidiano”. Nesse sentido é preciso repensar a sociologia da religião com um olhar aos oprimidos e suas falas e resistências silenciosas.

Michel Löwy (1991), por sua vez, critica a concepção marxista de que a religião é meramente um anestésico que impede o povo de perceber sua condição de explorado e de lutar para dela sair. Em seu livro “*Marxismo e Teologia da Libertação*” (1991), a teoria de religião como apenas ópio do povo é fortemente questionada. “A religião ainda é aquele baluarte do obscurantismo que Marx e Engels denunciaram no século XIX?” (LÖWY, 1991, p. 7), pergunta o autor, e ele mesmo responde dizendo que não.

Os cristãos da América Latina provaram para o mundo e para os marxistas, que a religião pode ser também alavanca da liberação humana; que pode ser um impulso revolucionário. Segundo Löwy (1991, p. 7) a prática e a teoria da Teologia da Libertação, ocorrida em diversos países latino-americanos, abre um precedente novo para as velhas análises do marxismo sobre a religião, pois,

[...] o engajamento crescente dos cristãos - incluindo numerosos padres e religiosos (as) - nas lutas populares e sua participação maciça na revolução sandinista mostraram claramente que um novo caminho interpretativo era necessário.

Löwy (1991) afirma que nem todas as análises marxistas tinham essa visão sectária da religião. Pode-se mesmo encontrar “em Marx e Engels – e nos escritos dos

marxistas modernos – conceitos e análises que podem nos ajudar a compreender a realidade bastante surpreendente que vivemos hoje ” (1991, p. 9).

Passando por diversos teóricos marxistas - Marx, Engels, Kautsky, Lênin, Rosa Luxemburgo, Gramsci, Ernst Bloch, Max Horkheimer, Eric Fromm, Walter Benjamin, Goldmann, Mariátegui -, Löwy (1991; 2000) apresenta seus conceitos e análises sobre a religião. Suas concepções sobre a religião são mais positivas do que a dos marxistas ortodoxos, que enxergavam na religião apenas um entrave à revolução proletária.

Löwy dá uma atenção especial a Goldmann e Mariátegui. Goldmann “se interessa pela redenção do valor moral e humano da tradição religiosa” (LÖWY, 1991, p. 23), e difere dos demais pensadores marxistas ao tentar comparar a fé dos cristãos com a fé dos marxistas. As duas crenças têm em comum “sua recusa ao individualismo puro (racionalista ou empirista) e a crença nos valores transindividuais” (LÖWY, 1991, p. 23), assim como “as duas pressupõem um risco, o perigo de fracasso, e a esperança de sucesso” (LÖWY, 1991, p. 23). O que separa a fé do cristianismo e a fé dos marxistas é “seguramente o caráter sobrenatural e supra-histórico da transcendência religiosa” (LÖWY, 1991, p. 24). Segundo Goldmann,

A fé marxista é a fé no futuro histórico que os próprios seres humanos construirão, ou que devemos fazer com nossa atividade, uma ‘aposta’ no sucesso de nossas ações; a transcendência que é o objeto dessa fé não é nem supernatural nem trans-histórica, e sim supra-individual, nada mais e nada menos (GOLDMANN, apud LÖWY, 2000, p. 32).

Com esse conceito de fé, Lucien Goldmann introduz uma nova maneira de enxergar o velho relacionamento, nada amistoso, entre o marxismo ateu e a religião.

De forma semelhante a Goldmann, segundo Löwy (2000), José Carlos Mariátegui, marxista peruano, encontrou similitudes entre aqueles que promovem a

revolução e aqueles que acreditam na oração, ou seja, entre a revolução socialista e a religião. Mariátegui revela a força espiritual e a dimensão ética da luta revolucionária. Assim como a religião, o socialismo para Mariátegui tem o poder de re-encantamento do mundo. Em *El hombre y el mito* Mariátegui acredita que através da ação revolucionária - com a fé (mística), com a solidariedade, com a indignação moral, com o compromisso total arriscando a própria vida de forma corajosa e heróica - os socialistas re-encantam o mundo.

Essa forma marxista de Mariátegui compreender a religião será utilizada depois por Gustavo Gutiérrez, também peruano, considerado um dos pais da Teologia da Libertação e como uma das importantes referências na elaboração teórica da teologia libertária latino-americana (LÖWY, 2000).

As referências apontadas por Erickson (1996) e Löwy (1991, 2000) revelam as diferentes e novas abordagens por onde está caminhando a sociologia da religião atualmente. Definir religião se torna aqui muito mais difícil. Conceituá-la é sem dúvida uma constante problemática para os cientistas da religião. “A função de definir a religião revelou-se árdua, senão impossível” (FILORAMO e PRANDI, 1999, p.193).

O próprio termo religião é palco de profundas discussões. Maduro (1980) e Derrida (2000) dizem ser religião uma palavra de origem e de uso cristão, portanto, deve-se questionar tal termo para falar das diferentes crenças e expressão de fé.

A palavra ‘religião’ é uma palavra que – mais ou menos parecida na grafia e na pronúncia, mais ou menos traduzível pela mesma palavra – está presente sobretudo nos idiomas cuja história se liga estreitamente à história do cristianismo. Em centenas de outras línguas não encontramos palavras autóctones que sirvam para traduzir satisfatoriamente o uso corrente de nosso vocábulo ‘religião’. Ela é, portanto, com todas as palavras, uma palavra *situada* histórica, geográfica, cultural e demograficamente no seio de uma língua; e é esta situação particular que lhe dá o significado rico, sem dúvida, mas por isso mesmo complexo, variável, multívoco e obscuro (MADURO, 1980, p. 28).

Derrida (2000, p. 44), por sua vez, é mais taxativo em dizer que religião tornou-se uma palavra mundializada, ou seja, imperialista. O termo ainda pode ter duas raízes semânticas que traz uma complexidade em seu entendimento e aplicação: vem de *relegere* “recolher para voltar e começar, daí, *religio*, atenção escrupulosa ao respeito, a paciência, inclusive o pudor e ou a piedade” (DERRIDA, 2000, p. 52). Vem também de *religare*, etimologia, segundo Derrida (2000), inventada pelos cristãos “que liga a religião ao *vínculo*, precisamente, à obrigação, ao ligamento, nesse caso ao dever e, portanto à dívida, etc., dos homens entre si ou entre estes com Deus” (DERRIDA, 2000, p. 52-53). No entanto, para o autor não basta entender essa discussão etimológica do nome religião; é preciso reconhecer a legitimidade desse duplo foco e a “prevalência cristã que se impôs mundialmente no âmbito da dita latinidade” (DERRIDA, 2000, p. 54).

Diante da multiplicidade de entendimento do termo religião e diante do presente objeto de pesquisa, acha-se mais adequada a definição sociológica de Maduro (1980):

[...] uma estrutura de discursos e práticas comuns a um grupo social referentes a algumas forças (personificadas ou não, múltiplas ou unificadas) tidas pelos crentes como anteriores e superiores ao seu ambiente natural e social, frente às quais os crentes expressam certa dependência (criados, governados, protegidos, ameaçados etc.) e diante das quais se consideram obrigados a um certo comportamento em sociedade com seus ‘semelhantes’ (MADURO, 1980, p. 31).

Tal definição ajuda a compreender a crença e a fé das mulheres pobres no seio da Diocese de Goiás, instituição pertencente à Igreja Católica e ao grande movimento do cristianismo.

Utilizando-se de elementos cristãos, Bourdieu (1998, p. 58) define Igreja como uma organização que

[...] visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um capital de graça institucional ou sacramental (do qual é depositária por delegação e que constitui um objeto de troca com os leigos e um instrumento de poder sobre os mesmos) pelo controle do acesso aos meios de produção, de reprodução e de distribuição dos bens de salvação (ou seja, assegurando a manutenção na ordem interior do corpo de especialistas) e pela delegação ao corpo de sacerdotes (funcionários do culto intercambiáveis e, portanto, substituíveis do culto do ponto de vista do capital religioso) do monopólio da distribuição institucional ou sacramental e, ao mesmo tempo, de uma *autoridade* (ou uma graça) de função (ou de instituição).

Sendo a Igreja Católica uma organização presente em boa parte dos países existentes e por conter uma grande quantidade de membros, uma grande quantidade de culturas, de classes, de etnias, gerações e, logicamente de pensamentos, vale questionar sua homogeneidade.

Segundo Antônio Gramsci (apud LÖWY, 2000, p. 27).

Todas as religiões... são na verdade uma multiplicidade de religiões diferentes e muitas vezes contraditórias: há um catolicismo para camponeses, um catolicismo para a pequena burguesia e para trabalhadores urbanos, um catolicismo para mulheres e um catolicismo para intelectuais

Nesse sentido fica mais fácil compreender o que ocorreu na Diocese de Goiás a partir dos primeiros anos de 1970. Contrariando o pensamento hegemônico do Vaticano, a Diocese de Goiás se aproximará das classes menos favorecidas e fará a sua opção preferencial por elas.

2.1.1 A Diocese de Goiás e o Cristianismo da Libertação

A Diocese de Goiás se localiza na região oeste do Estado de Goiás, conhecida por Mato Grosso Goiano. Abrange uma área de 21.034 quilômetros quadrados. Os municípios que a compõem são: Buriti de Goiás, Britânia, Carmo do Rio Verde, Ceres, Fazenda Nova, Goiás, Guaraíta, Heitorai, Itaberaí, Itaguarí, Itaguarú, Itapuranga,

Itapirapuã, Jussara, Mossâmedes, Novo Brasil, Nova Glória, Sanclerlândia, Santa Fé de Goiás, Taquaral de Goiás, Uruana e São Patrício.

A Diocese de Goiás foi criada em 1826 pela Bula “*Solicita Catholici gregis cura*” do Papa Leão XII e até o ano de 1967 constituía-se como uma Igreja bastante tradicional, fechada em si mesma (SCOLARO, 2001).

A partir da década de 1970, com a chegada de Dom Tomás Balduino, a Diocese de Goiás é marcada por uma radical mudança interna, impulsionada pelo Concílio Vaticano II (1962-65) e pelas Conferências Episcopais Latino-Americanas de Medellín (1968) e de Puebla (1979).

Após as mudanças eclesiológicas e teológicas iniciadas nos anos 1970, a Diocese de Goiás torna-se bastante conhecida dentro e fora do Brasil, tanto por ser uma das primeiras a renovar-se, seguindo as orientações conciliares do Vaticano II e das Conferências de Medellín e Puebla, quanto pela sua resistência e oposição à ditadura militar e pelo seu engajamento por justiça social e direitos humanos. Segundo Pessoa (1999, p. 3), com as mudanças ocorridas no seu interior, a Diocese de Goiás se tornou "um marco importantíssimo para as experiências religiosas contemporâneas no Brasil".

Com a nova orientação interna, a Diocese de Goiás se insere num grande movimento latino-americano da Igreja dos Pobres (LÖWY, 1991), chamados por alguns autores de Igreja da Libertação (MADURO, 1980) ou Cristianismo da Libertação (LÖWY, 2000). Esses termos se referem ao mesmo movimento sócio-religioso surgido no continente Latino Americano a partir dos anos de 1960.

No seu livro mais recente, *Guerra dos Deuses – religião e política na América Latina* -, Lowy (2000) prefere utilizar o termo Cristianismo da Libertação, em vez de Teologia da Libertação ou Igreja dos Pobres.

Normalmente, refere-se a esse amplo movimento social/religioso como 'teologia da libertação', porém, como o movimento surgiu muitos anos antes da nova teologia e certamente a maioria dos seus ativistas não são teólogos, esse termo não é o mais apropriado; algumas vezes, o movimento é também chamado de 'Igreja dos Pobres', mas, uma vez mais, essa rede social vai bem mais além dos limites da Igreja como instituição, por mais ampla que seja sua definição. Proponho chamá-lo de *Cristianismo da Libertação*, por ser esse um conceito mais amplo que 'teologia' ou que 'Igreja' e incluir tanto a cultura religiosa e a rede social, quanto a fé e a prática. Dizer que se trata de um movimento social não significa necessariamente dizer que ele é um órgão 'integrado' e bem 'coordenado', mas apenas que tem, como outros movimentos semelhantes (feminismo, ecologia, etc.), uma certa capacidade de mobilizar as pessoas ao redor de objetivos comuns (LÖWY, 2000, p. 57).

Pelo fato da Igreja Católica abarcar a maioria dos cristãos do continente latino americano, por ter sido hegemônica e também porque foi nela que o Cristianismo da Libertação fez-se mais presente e mais solidificado, Löwy (2000) concentrará sua obra – *A Guerra dos deuses* - analisando o Cristianismo da Libertação dentro da Igreja Católica⁸.

Todavia, como uma instituição milenar como a Igreja Católica, que ao longo de quase toda a sua história esteve ao lado dos impérios e dos Estados, legitimando a camada privilegiada, pôde contribuir para as lutas das massas trabalhadoras e dos oprimidos em favor de sua libertação?

Destaca-se que ao se falar de Igreja Católica no presente trabalho não se pensa em toda a Igreja, mas, numa facção dela. Mesmo sendo minoria, essa parcela da Igreja não se constitui uma seita (na compreensão weberiana), já que os seus membros -

⁸ No capítulo 3, Löwy (2000) discute o Cristianismo da Libertação nas Igrejas Protestantes, com subtítulo de: protestantismo da libertação e protestantismo conservador. Isso porque o movimento do Cristianismo da Libertação sempre teve a presença de protestantes das mais diversas denominações, inclusive contribuíram para inicia-lo antes do Vaticano II. Contudo, não será tratado disso aqui, mesmo sabendo que o Cristianismo da Libertação hoje é eminentemente ecumênico.

leigos, freiras, padres, monges, religiosos e bispos -, permaneceram ligados à instituição da Igreja Católica Apostólica Romana. E, apesar dos membros do Cristianismo da Libertação continuarem mantendo uma referência à Igreja Católica, pode-se encontrar neles, elementos de seita (o questionamento profético contra as instituições e o fato de trazer uma nova concepção religiosa). Porém, o Cristianismo da Libertação continuou sendo Igreja no sentido de manter uma comunhão institucional com as demais partes da Igreja Católica. Resumindo, permaneceu sob a autoridade maior do Vaticano e do Papa (LÖWY, 2000).

Apesar da pertença universal, a “Igreja latino-americana deixou de se apresentar como uma corporação homogênea” (LOWY, 2000, p. 65). Nesse novo panorama da Igreja Católica na América Latina, as diferenças e a divisão interna “não podem ser reduzidas ao modelo vertical comum” (LOWY, 2000, p.67), ou seja, os de baixo contra a hierarquia, pois acontecem também no modelo horizontal, isto é, a hierarquia contra a hierarquia. Dessa maneira, pode-se encontrar no seio da Igreja Católica várias tendências em contradição: fundamentalistas ultra-reacionários, tradicionalistas, moderados reformistas e a radical (Cristianismo da Libertação).

O que possibilitou essa mudança no interior da Igreja Católica na América Latina contra o capitalismo e a favor da “opção preferencial pelos pobres”?

O surgimento do Cristianismo da Libertação se deu graças à combinação de mudanças externas e internas da Igreja. Internamente, após a Segunda Guerra Mundial, a Igreja passa por renovações com o aparecimento das novas teologias surgidas na Alemanha. Na França, a renovação se dá pelas práticas sociais dos padres operários e pela economia solidária do Padre Lebret. Outro fator interno a ser destacado foi a abertura da Igreja Católica às ciências sociais e à filosofia moderna

(LOWY, 2000, p. 69). Contudo, é o Concílio Vaticano II que condensará todas essas renovações e contribuirá para sua evolução.

As resoluções do Vaticano II não foram muito além das fronteiras de uma modernização, um *aggiornamento*, uma abertura para o mundo. É verdade que essa abertura solapou as antigas certezas dogmáticas e fez a cultura católica mais permeável a novas idéias e influências 'externas'. Ao abrir-se para o mundo moderno, a Igreja, sobretudo na América Latina, não poderia escapar dos conflitos sociais que estavam abalando o mundo, nem das várias correntes filosóficas e políticas – especialmente o marxismo que, à época (década de 60) era a tendência cultural predominante entre os membros da *intelligentsia* continental (LOWY, 2000, p. 77).

Dois foram os fatores de ordem externa que contribuíram para a guinada esquerdista na Igreja do continente latino-americano. Primeiro, o processo de modernização industrial das multinacionais, principalmente nos anos de 1950, acelerando a urbanização e o aumento da pobreza; segundo, a Revolução Cubana de 1959 e a intensificação dos movimentos guerrilheiros em uma realidade de ditaduras militares por todo o continente (LOWY, 2000, p.70).

É nesse contexto que surge o Cristianismo da Libertação (década de 1960), junto com os movimentos da Ação Católica Especializada e com o surgimento das CEBs em vários países latino-americanos. Com o intuito de sustentar esse movimento cristão de esquerda, aparece na década de 1970 a teologia da libertação.

Segundo Löwy (2000, p. 56) a teologia da libertação é um corpo de textos produzidos por diversos teólogos de diversos países da América Latina, a partir dos anos 1970.

Como afirmou Leonardo Boff, a teologia da libertação é, ao mesmo tempo, reflexos de uma *práxis* anterior e uma reflexão sobre essa *práxis*. Mais precisamente é a expressão de um vasto movimento social que surgiu no começo da década de 60, bem antes dos novos escritos teológicos” (LOWY, 2000, p. 56).

Diante deste vasto movimento social surgidos em vários países latino-americanos, as Conferências Episcopais dos Bispos da América Latina em Medellín (1968) e Puebla (1979) ratificaram essas práticas e abriram-se mais portas para a propagação e o fortalecimento do Cristianismo da Libertação. Medellín, denunciou as bases das injustiças e afirmou a solidariedade com a aspiração do povo “à libertação de toda servidão”. Puebla fez a opção preferencial pelos pobres, como sujeitos de sua própria história e não mais como meros assistidos pela caridade piedosa.

O Cristianismo da Libertação foi um importante e decisivo movimento social e religioso para a constituição de diversos movimentos sociais na América Latina em geral, como por exemplo a “emergência do novo movimento trabalhista no Brasil e o surgimento da revolução na América Central (bem como, em épocas mais recentes, Chiapas)” (LOWY, 2000, p.57).

O Cristianismo da Libertação contribuiu e foi peça chave na constituição e na organização de diversos movimentos sociais latino-americanos, contudo não se deve confundir-lo como sendo apenas um movimento social, trata-se antes de tudo um movimento religioso, “uma reflexão religiosa e espiritual” (LOWY, 2000, p. 59). Não só um discurso social e político.

2.2 CLASSES SOCIAIS

A Diocese de Goiás, inserida no movimento do Cristianismo da Libertação, fez a opção preferencial pelos pobres. O que significa então essa opção preferencial pelos pobres? Seria uma opção de classe? Scolaro (2001) e Moura (1989) afirmam que sim.

A Diocese de Goiás se insere dentro de uma Igreja que optou pelas CEBs e que por sua vez utiliza a teologia da libertação em sua construção de compromisso social e eclesial. A teologia da libertação usa o método marxista de análise da realidade. As desigualdades verificadas dentro da Igreja e dentro da sociedade local são muito marcantes, a luta de classes se verifica aí facilmente e por outro lado, há que se considerar a influência da religião na formação deste quadro social (SCOLARO, 2001, p 21).

Moura (1989) analisa a opção pelos pobres como uma opção de classe a partir das práticas tecidas na Diocese, em relação à organização interna com decisões mais participativas, à formação e apoio a organizações populares, à mudança do discurso e no comportamento político.

Organizacionalmente, com a formação da equipe de coordenação diocesana para garantir o desenvolvimento da nova pastoral, a intenção era a horizontalização das decisões assegurando atuação e os alvos que buscava. Saindo da pregação dogmática e massificadora para ações concretas no cotidiano: formação de Grupos de Evangelho, incentivo e fortalecimento dos sindicatos rurais, organização dos artesãos, das lavadeiras, movimentos de leigos, etc. Ideologicamente, o discurso, antes massificador e defensor da ordem, passa a ser o canal mais contundente de denúncia das injustiças sociais na cidade e no campo. E por fim, inaugura um novo comportamento político ao colocar-se como o espaço e canal de luta da população marginalizada da sociedade e da Igreja, assumindo abertamente os confrontos com o poder local, mais especificamente com a oligarquia tradicional (MOURA, 1989, p. 75-76).

No relatório final da 4ª Assembléia Diocesana (apud, MOURA, 1989), em 1971, já aparece o termo classes sociais e a análise da realidade local a partir das relações entre o empregado e o empregador:

Classes Sociais: a diferença gritante entre o nível de vida entre empregador/empregado, um salário de fome, o não pagamento do salário família, atraso de pagamento, as crianças pobres sem escolas, discriminação no atendimento médico, etc. (RELATÓRIO DA 4ª ASSEMBLÉIA DIOCESANA DE GOIÁS, apud, MOURA, 1989, p. 55).

Mas o que se entende por classe social? Segundo Saffioti (1992, p. 200), uma classe social,

Constitui-se historicamente quando seus membros não apenas se conhecem e convivem, como também identificam, uns nos outros, interesses comuns.

Desta sorte, concretamente, uma classe não se constitui sem sua inerente dimensão política, que consiste, basicamente, na identificação de interesses comuns de seus membros e da profunda distância – mais do que isto, do antagonismo – que a separa de outras classes.

Ao analisar as sociedades latino-americanas, Maduro (1980) caracteriza as diversas classes existentes em duas categorias básicas: as classes dominantes e as classes dominadas.

Num tal tipo de organização da produção – que predomina, não esqueçamos, na América Latina – o poder desigual de controlar a produção (a distribuição e o uso dos meios de produção, a distribuição da força de trabalho e a partilha dos bens produzidos) traz relações de dominação entre os diversos grupos em que se vai dividindo a sociedade em torno da produção. Enquanto uma minoria vai constituindo conjunto de *classes dominantes* (na medida em que acrescentam poder sobre o acesso aos meios de produção, sobre a distribuição da força de trabalho, e sobre a partilha dos bens produzidos), enquanto uma minoria vai aumentando sua capacidade de decisão sobre o trabalho, o descanso, a vida e a saúde, a maioria dos membros vai-se constituindo em conjunto de *classes dominadas* (enquanto que são expropriadas do poder sobre os meios de produção, sobre a distribuição da força de trabalho e sobre a partilha dos bens por elas produzidos e dos quais necessita), reduzindo-se paulatinamente, sua participação nas decisões concernentes a seu próprio trabalho, seu descanso, sua saúde e sua vida..., isto é, o destino da maioria se vê controlado, cada vez mais, não por ela mesma, mas por uma minoria, minoria que decide as condições de trabalho da maioria sem partilhá-las, minoria que não participa na produção de bens, mas apropria-se deles e decide sobre sua repartição. Nesse sentido é que falamos de dominação, de relações sociais de dominação, de um modo de produção que estrutura a sociedade em dominadores e dominados; no sentido de que uma minoria *decide* os destinos da maioria porque *possui* os meios para decidir (isto é, os meios de produção dos bens necessários para a sobrevivência) (MADURO, 1980, pp. 80-81).

Marx (2004) por sua vez, já havia estabelecido essa categorização das diversas classes de dominadores e de dominados, denominando-as de classes dos possuídos e classes dos despossuídos:

A diferenciação entre capitalista e proprietário agrário, bem como entre trabalhador rural e trabalhador industrial, deixa de existir, e toda a sociedade se deve dividir em duas classes, os *possuidores* de propriedade e os *trabalhadores* sem propriedade (MARX, 2004, p.110)

Segundo Scolaro (2001, p. 21; 29) a Diocese de Goiás e o Cristianismo da Libertação utilizaram (e utilizam) a definição marxista de classe social para compreender sociologicamente a sociedade.

A opção de classe que a Diocese de Goiás fez pelos despossuídos quebra com os pressupostos de que a religião está sempre do lado da classe dominante, sendo um instrumento ideológico e um instrumento legitimador das desigualdades sociais.

Maduro (1980) considera a religião como algo humano. Portanto, socialmente construído. Nesse sentido ele acredita que a religião pode servir, sob determinadas circunstâncias históricas, tanto para alienar os indivíduos quanto para conscientizá-los. Serve tanto como instrumento de dominação das classes dominantes assim como de subversão das classes dominadas.

É importante dizer, que Otto Maduro (1980) faz uma releitura e retoma conceitos de Marx, Bourdieu e Gramsci ao estudar a religião e a luta de classes na América Latina.

Para Maduro (1980) nenhuma religião está totalmente independente do seu contexto social. Ela sofre profunda influência da estrutura social, ou seja, o campo religioso é produto dos conflitos sociais numa sociedade dividida em classes.

Nesse sentido, as idéias e os feitos religiosos são elaborados e realizados a partir da classe em que estão inseridos. “Uma religião opera, primeiramente *no meio de classes sociais* com diversos graus de poder, relações de dominação entre eles e interesses objetivamente contrapostos” (MADURO, 1980, p. 81). Em outras palavras, para esse autor, a estrutura das classes limita e orienta as atividades religiosas, porque a religião está inserida no interior “de uma estrutura objetivamente conflitiva de dominação social”. (MADURO, 1980, p. 82).

Segundo Maduro (1980) na sociedade desigual, onde a pequena parcela da população domina a maioria, a parcela dominadora utiliza-se do poder material e do poder simbólico para continuar seu domínio. Sendo a religião uma compreensão de mundo, algo subjetivo e simbólico, é importante para a classe dominante ter a religião como sua aliada e como seu instrumento de dominação.

Em contraposição aos seus opressores, a parcela dominada também utiliza-se da religião. Já que, “nenhuma sociedade de classe é uma sociedade de pura dominação [...]. Diante da dominação, os dominados sempre exercem – de alguma forma – *resistência*” (MADURO, 1980, p. 109).

Na luta de resistência à dominação não seria a religião uma boa ferramenta da classe dominada? Maduro (1980) reconhece o poder da influência da classe dominante sobre a religião - no caso particular o cristianismo -, para impedir que os dominados se subvertam. Quanto aos dominados, na sua resistência e ânsia por libertação frente aos dominadores, buscarão maior autonomia na própria religião a fim de que os atos religiosos possam contribuir para a sua total independência. Para isso, criam grupos religiosos divergentes: seitas ou movimentos parcialmente autônomos. Esses novos grupos religiosos darão novos sentidos, significados reorientadores para a vida de seus membros.

Um dos aspectos fundamentais de toda religião é proporcionar uma determinada cosmovisão a seus adeptos. O interesse - comum a todos os seres humanos, grupos sociais e comunidades - em dispor de uma cosmovisão que lhes permita situar-se, orientar-se e atuar da maneira mais satisfatória possível em seu meio ambiente sócio-natural, torna-se - para algumas sociedades e grupos sociais - interesse propriamente religioso, ou seja, interesse em dispor de uma cosmovisão como a descrita, mas claramente referida às forças sobrenaturais e meta-sociais das quais esses grupos de sociedades se sentem dependentes e perante as quais se sentem obrigados a um certo tipo de comportamento em comunidade. Em tais sociedades e grupos sociais - portadores do interesse religioso - a religião funciona como terreno de *mediação* da ação dos seres humanos sobre si mesmos e sobre seu meio sócio-natural. Em tais sociedades e grupos sociais, os seres humanos -

sabendo ou não - produzem, reproduzem e transformam suas relações sociais com ações possibilitadas, limitadas e orientadas por sua cosmovisão, por sua religião. (MADURO, 1980, p. 153-154).

Em uma sociedade de classes como a capitalista, a produção religiosa é feita de forma assimétrica, ou seja, algumas pessoas especializadas é que farão todo o trabalho religioso, sendo detentores dos meios de produção religiosa.

Sobre a constituição do campo especializado da produção religiosa Otto Maduro (1980) segue as análises de Pierre Bourdieu (1998).

Para Bourdieu (1998, p. 34), que por sua vez retoma Marx, o processo da divisão do trabalho religioso, da moralização e da sistematização das práticas e crenças religiosas inicia-se com os novos sistemas culturais advindos com o surgimento das cidades e das mudanças econômicas, sociais e tecnológicas, marcando assim, “uma ruptura fundamental na história da religião” e o início das grandes religiões mundiais.

Essa urbanização favoreceu o desenvolvimento de outras atividades de cunho mais racional e não improvisadas, como o artesanato e o comércio, que se distanciavam da improvisação do lidar com o campo e com a natureza, possibilitando acrescentar à religião uma racionalização, uma moralização e um corpo de especialistas (“intelectuais”) religiosos. Da racionalização do corpo de sacerdotes, deriva “o princípio de sua legitimidade de uma teologia erigida em dogma cuja validade e perpetuação ele garante” (BOURDIEU, 1998, p. 38).

Para Bourdieu (1998) a monopolização da gestão dos bens de salvação pelos especialistas lhes garante os “conhecimentos secretos”, inacessíveis aos não-especialistas, através da desapropriação dos leigos do trabalho simbólico acumulativo, ou melhor, do capital religioso. Impedindo que os leigos (não-especialistas) tomem

posse do conhecimento religioso, os especialistas elevam sua classe sacerdotal acima da classe dos leigos, fazendo assim, aparecer diferentes formações sociais segundo as diferenças no aparelho religioso.

Sendo a Igreja uma representante maior dessa diferenciação de classes segundo o aparelho religioso, os leigos aí se encontram como profanos, “no duplo sentido de ignorantes da religião e estranhos ao sagrado” (BOURDIEU, 1998, p. 43).

Os “especialistas devem forçosamente ocultar a si mesmos e aos outros que a razão de suas lutas são interesses políticos” (BOURDIEU, 1998, p. 54). Interesses dessa natureza levam geralmente a uma disputa interna entre esses especialistas, e principalmente a uma disputa externa, usando todos os meios para impedir o sucesso de um novo concorrente, seja ele o mago ou o profeta, com sua seita. Pois, se essa seita alcança êxito entre os leigos, logo, tornar-se-á Igreja. Para se manter no poder e perpetuar o capital religioso de forma conservada ou restaurada é preciso um aparelho burocrático, tanto a Igreja como também a seita do profeta (que, por essa razão torna-se uma Igreja) (BOURDIEU, 1998).

O profeta e o mago são considerados subversivos por atuarem como “empresários independentes, capazes de exercer seu ofício fora de qualquer instituição” (BOURDIEU, 1998, p. 60), tendo em comum a oposição que fazem aos sacerdotes. Mas, os dois diferem “pelas posições diferentes que ocupam na divisão do trabalho religioso onde se exprimem ambições muito diversas resultantes de origens sociais e formações diferentes” (BOURDIEU, 1998, p. 60). O profeta afirma ser ele um legítimo portador do poder religioso, realizando atividades que antes competiam apenas aos sacerdotes, mas renunciando ao lucro e ao poder religioso. O mago, por sua vez, não tem a mesma pretensão que o profeta, não almeja proselitismo, não abdica de

pagamentos por seu trabalho (em tempo parcial) e não deseja “exercer uma dominação espiritual” (BOURDIEU, 1998, p. 61). Apesar de ser fortemente combatido, o mago (feiticeiro), acaba influenciando práticas no interior da Igreja através dos leigos e da cultura camponesa (BOURDIEU, 1998).

Contra-atacando, a Igreja atua sobre os subversivos, de duas formas: desempenhando forte repressão física e/ou simbólica; e, cooptando-os para o seu seio, reconhecendo-os, como fez com Francisco de Assis (BOURDIEU, 1998). Do mesmo modo a Igreja procede com as divisões existentes no interior de seu corpo de especialistas e dos seus leigos intelectuais. Para o fim de controle, persuasão e convencimentos dos seus quadros internos que possam ameaçar a tradição eclesial e o poder dos sacerdotes, utiliza-se de inúmeros escritos canônicos, como por exemplo, o catecismo (BOURDIEU, 1998).

Para manter a ordem política e suas divisões sociais, a Igreja utiliza-se da “imposição e inculcação dos esquemas de pensamentos comuns” (BOURDIEU, 1998, p. 70). Sendo que, essa inculcação se dá por meio de um processo de educação implícita ou explícita, na qual a Igreja utiliza-se de disciplinas “lógicas” para manter o respeito e a obediência às coisas religiosas. Dessa forma, contribui para a perpetuação das relações fundamentais da ordem social. De acordo com Bourdieu (1998, p. 72), isso é “o mesmo que transmutar a transgressão das barreiras sociais em sacrilégios”. Mas, a contribuição da Igreja à manutenção do *status quo* não elimina e não impede que haja conflitos entre o poder político e o poder religioso. No entanto, ao longo da história buscou-se manter um equilíbrio entre esses dois poderes (BOURDIEU, 1998).

Por outro lado, surgem as pessoas e os grupos transgressores da ordem religiosa e política. Na opinião de Bourdieu (1998, p. 75), o profeta surge nos períodos

de crise da sociedade e é a expressão maior da subversão ao sistema político-religioso. Segundo o mesmo autor (1998, p. 75) o “profeta não é tanto o homem ‘extraordinário’ de que falava Weber, mas o homem das situações extraordinárias”. Diz o que já estava implícito o que já era um anseio coletivo precisando ser explicitado, contribuindo assim, para o surgimento de algo novo na sociedade - já que o profeta aparece em momentos de crise e mudanças, pelas quais passa determinada sociedade (BOURDIEU, 1998).

Sobre as idéias bourdieunianas do campo religioso, pode-se dizer que, as mudanças ocorridas nas sociedades em que há divisões sociais do trabalho intelectual e manual, devem-se muito mais àqueles que são oposição ao corpo de sacerdote da religião oficial (sacerdotes têm por função serem mantenedores da ordem religiosa como está, conseqüentemente da ordem social). Pois, mudando as relações simbólicas muda-se as relações políticas. E são justamente os “hereges”, os “ímpuros” e os “ilegítimos” especialistas do sagrado que trazem mudanças na religião, no mundo simbólico, e que, através daí, podem “contribuir para realizar a coincidência da revolução consigo própria, operando a revolução simbólica que a revolução política requer” (BOURDIEU, 1998, p 78).

2.2.1 A visão de Otto Maduro

Apesar de concordar com Bourdieu sobre os conflitos internos do trabalho religioso, Maduro (1980) discordará dele em relação à função da Igreja como mera mantenedora do *status quo*. Maduro (1980) encontrará na Igreja Católica da América Latina – parte dela que ele denomina Igreja dos Pobres - funções “revolucionárias”, onde diversos especialistas do sagrado respondem de forma positiva aos setores

subalternos da sociedade, suas “solicitações religiosas de acentuado conteúdo autônomo, anti-hegemônico” (MADURO, 1980, p. 184).

Maduro (1980) se aproxima de Max Weber (2003) ao perceber a força que tem a ética religiosa da Igreja dos Pobres na mudança de comportamento dos crentes que, na América Latina são das classes populares, gritando por justiça e participando de organizações sociais revolucionárias. Maduro também se aproxima de Peter Berger (1985) quando percebe o poder que a Igreja tem de dessacralizar as instituições e as relações sociais que promovem as desigualdades e injustiças sociais.

Por sua vez, nas décadas de 1970 e 1980, a Diocese de Goiás, como partícipe do setor progressista da Igreja Católica, por meio de seus especialistas do sagrado, dirá que Jesus não quer a injustiça, que a Bíblia não aceita a dominação “do homem sobre o homem”, que Deus não aprova a pobreza.

Foi justamente nestas décadas que diversas ditaduras militares foram implantadas em diversos países da América Latina. Conforme Maduro (1980), essa situação contribuiu para que no interior da Igreja Católica as classes subalternas intensificassem suas solicitações de conteúdos autônomos. Nos casos em que a Igreja entrou em conflito com sistemas políticos ditatoriais aumentaram as formas de descontentamento das classes subalternas por meios religiosos (como foi o caso do Brasil, Chile, Nicarágua, El Salvador).

Maduro (1980) afirma que em certas circunstâncias como estas

Se o descontentamento popular encontra eco no seio da Igreja, é provável que o protesto consiga se organizar e desenvolver-se através da igreja respectiva, desembocando em um movimento coletivo e prolongado de luta contra a dominação (MADURO, 1980, p. 184-185).

Diante do contexto elucidado - ou seja, de crise sócio-política que passava a América Latina nos anos 1970 e 1980 -, Maduro (1980) observou, em moldes gramscianos, que o especialista do sagrado católico latino americano, assumiu um papel-chave nas lutas e alianças dos setores subalternos.

Observe-se também, que na América Latina o sacerdote católico se transformou muitas vezes em uma espécie de intelectual orgânico de certos setores subalternos, isto é: o funcionário (religioso) espontaneamente solicitado pelas massas para receber, sistematizar, exprimir e dar resposta às aspirações e necessidades das mesmas classes subalternas (MADURO, 1980, p.184).

De acordo com Maduro (1980), para que os grupos sociais subalternos mais religiosos - como é o caso de boa parte da população latino-americana - possam se tornar religiosamente autônomos diante dos dominadores

[...] é necessário que sua visão religiosa de mundo - além de ser diversa e oposta à hegemônica - a faça perceber-se como classe subalterna em oposição às classes dominantes e desejosa - capaz - forçada a superar a sua própria condição subalterna transformando as relações de dominação (MADURO, 1980, p. 180).

As novas experiências surgidas na Igreja Católica (movimento litúrgico, movimento bíblico, a nova teologia européia, as experiências das CEBs na América Latina, o pontificado do Papa João XXIII, o Concílio Vaticano II, entre outras) contribuíram para o

[...] desenvolvimento de uma visão católica do mundo *oposta* às relações de dominação imperante na América Latina, mas capazes de conservar certa *continuidade* com as tradições religiosas das classes populares latino-americanas e, portanto, de funcionar como canais religiosos de alianças entre os diversos setores sociais prejudicados pela dependência e pela industrialização capitalista (MADURO, 1980, p. 185).

Daí, percebe-se que não houve na América Latina uma única forma de função social exercida pela Igreja Católica. Percebe-se também que, dependendo das condições objetivas das sociedades e épocas, as religiões podem funcionar como

instrumento de dominação para as classes dominantes ou como instrumento de luta e resistência para as classes dominadas.

2.2.2 A visão de Michel Löwy

De forma semelhante a Otto Maduro, que detectou na Igreja Católica (Igreja da Libertação) latino-americana dos anos 1970, exercícios “revolucionários” para as lutas dos grupos subalternos, Michael Löwy (2000) encontrou no Cristianismo da Libertação das décadas de 1970, 1980 e 1990, um importante e decisivo papel para o surgimento de diversas organizações sindicais, governos populares e movimentos sociais.

No final dos anos 70 surgem novos movimentos sociais populares no Brasil, reivindicando melhorias para a sociedade e ao mesmo tempo fazendo oposição ao regime militar (GOHN, 2003). Esses movimentos sociais/populares eram especialmente de bases cristãs “sob a inspiração da Teologia da Libertação” (GOHN, 2003, p. 19). Gohn (2003, p. 13) entende por movimentos sociais as

[...] ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios a ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações, etc.), até as pressões indiretas.

É importante frisar que tais movimentos sociais tiveram como principal categoria teórica a análise de classes sociais (LEMOS, 2000). Tanto o Cristianismo da Libertação quanto a maioria dos movimentos sociais utilizaram-se do pensamento marxista para a compreensão da realidade, bem como, para a elaboração de projetos e práticas sociais (SCOLARO, 2001; LEMOS, 2000).

Os movimentos sociais que nasceram na Diocese de Goiás, nas décadas de 1970 e 1980, tiveram bastante participação, incentivo e liderança de membros das CEBs (CAPPONI, 1999; SCOLARO, 2001). Entre estes, muitas mulheres. Principalmente as pobres das comunidades de base. Essa participação será analisada no terceiro capítulo. Por hora, é relevante assinalar o que se entende por mulheres pobres.

2.2.3 A condição feminina das classes populares

Como já foi visto até aqui, na sociedade capitalista, as pessoas, em suas relações sociais, têm sido caracterizadas, mesmo que de forma precária, nas classes dos dominadores e dos dominados (MADURO, 1980), dos possuídores e dos não-possuídores (MARX, 2004). Os membros se conhecem, convivem e se identificam por objetivos comuns e em contraposição a outras classes sociais (SAFFIOTI, 1992). Nesse sentido, para Saffioti (1992), ser mulher pobre é pertencer à classe dos dominados e dos despossuídos, identificados por objetivos comuns e em antagonia objetiva com as classes dos dominadores e dos possuídores.

Dentre a classe dos despossuídos, as mulheres são ainda mais pobres que os homens. Conforme Corrêa (1996) na América Latina elas trabalham mais que os homens e recebem menos que eles. Nos anos 1970, os dados dos países em desenvolvimento, sobre a produção alimentar informavam que “as mulheres produziam 80% dos produtos alimentares de subsistência na África; entre 70% e 80% das colheitas de subsistência no sub-continente Indiano; e 50% da alimentação consumida

pelos domicílios na América Latina e no Caribe” (JACOBSON, 1992, apud CORRÊA, 1996, p. 20).

Apesar de serem elas as produtoras da metade da alimentação para subsistência na América Latina “as informações disponíveis sobre os diferenciais de renda entre homens e mulheres [...] sugerem que a proporção relativa de mulheres vivendo abaixo da linha de pobreza tende a ser maior que a de homens” (CORRÊA, 1996, p. 22). Também sobre a renda salarial, a mesma autora afirma que a renda das mulheres brasileiras é bastante inferior à dos homens, motivo que contribui para colocá-las entre as camadas mais pobres da sociedade.

Segundo Corrêa (1996, p. 26)

A exclusão do trabalho remunerado, a invisibilidade do trabalho feminino e os flagrantes diferenciais de renda entre homens e mulheres têm, necessariamente, efeitos sobre as condições de vida dos seguimentos mais pobres.

Conforme as entrevistas realizadas com mulheres pobres que participaram da Diocese de Goiás nas décadas de 1970 e 1980, todas tinham ocupações pertencentes à classes dominadas: trabalhadoras rurais, donas de casa, lavadeiras de roupa, professoras primárias e costureiras.

Observa-se que, entre os pobres, as mulheres eram (e ainda são) mais empobrecidas. Por isso, vale indagar se a Diocese de Goiás ao fazer opção pelos mais pobres, implicitamente não estaria fazendo opção pelas mulheres.

Para responder a essa pergunta, torna-se necessário discutir a questão de gênero na Diocese de Goiás.

2.3 GÊNERO

É bem verdade que a Diocese de Goiás não assume a problemática das mulheres e nem a bandeira de luta pela sua emancipação. Ela não tem, a princípio, preocupação com as questões de desigualdade entre homens e mulheres. A preocupação era primeiramente com a desigualdade entre ricos e pobres, entre os considerados oprimidos e seus opressores. A atenção e as oportunidades que a Diocese foi oferecendo às mulheres pobres-oprimidas, não se deu pela consciência da condição de gênero dessas mulheres, mas pela sua condição social de pertencer à classe dos empobrecidos e injustiçados. Por que é possível fazer essa afirmação?

Segundo Scolaro (2001, p.115), "em todo o trabalho da Diocese houve avanços, houve conquistas, mas não foi um trabalho planejado nessa direção, não houve uma preocupação explícita sobre a questão de gênero".

Foram as próprias mulheres que "ocuparam" o espaço da Igreja⁹ - quando a instituição, na forma da Igreja dos Pobres, do Cristianismo da Libertação, foi solicitando maior participação dos pobres e dos leigos. As mulheres começaram a perceber através dos diversos encontros dos grupos de Evangelho - onde se estudava e se conversava sobre a Bíblia e sobre a vida -, que, além de serem oprimidas pela sua condição social, também eram oprimidas pela sua condição de mulher; que além do social, havia a opressão do homem sobre a mulher e de uma etnia (raça) sobre outra.

Assim se expressa uma das entrevistadas, moradora em Ceres e participante da comunidade de base Zumbi, ao falar sobre a consciência que foi adquirindo na

⁹ Ao falar de Igreja, no singular, estou me referindo à Igreja Católica. Isso não quer dizer que nego a oficialidade de outras denominações cristãs.

participação da Diocese:

A mulher negra é massacrada três vezes mais quando ela é pobre, negra e mulher. Então eu sinto que me ajudô muito e tá ajudando a batalhar, porque todas mulheres têm que ter o mesmo direito que os homens dentro da sociedade (Anexo L).

As mulheres perceberam que a libertação trazida pelo “Senhor Jesus” também era para elas. Como será mostrado no capítulo três, por causa dessa nova consciência, as relações entre mulheres e homens tornaram-se, muitas vezes, tensas e conflituosas, seja no seio da Igreja ou fora dela, seja na sociedade ou em casa.

2.3.1 Conceituando Gênero

A nova compreensão do ser mulher, a partir da participação nas CEBs da Diocese de Goiás, parece ter provocado mudanças no pensamento e na atitude das mulheres pobres. Estas transformações poderão ser analisadas pela categoria de gênero. O que aqui se entende por gênero? Segundo Joan Scott: (1995),

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudança nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional (SCOTT, 1995, p. 86).

A categoria gênero é relativamente nova, surge na década de 1870 e intensifica-se na década de 1980. Ela contribui para melhor se pensar as relações de injustiças entre os sexos; as relações sociais entre homens e mulheres, mulheres e homens, entre homens e homens e, por fim, entre mulheres e mulheres. Além disso, falar de gênero é falar das relações de dominação e subordinação de uma sexualidade em

relação à outra. Especificamente, ao tratar das mulheres, é falar das relações sociais de dominação do masculino sobre o feminino.

Contudo, desde a origem do conceito de gênero, na década de 1970 (SOIHET, 1997), há um intenso debate sobre sua utilização.

O conceito de gênero surge da tentativa de compreender como a subordinação é reproduzida e a dominação masculina é sustentada em suas múltiplas manifestações, buscando incorporar as dimensões subjetivas e simbólicas de poder, para além das fronteiras materiais e das conformações biológicas (ARAÚJO, 2000, p. 68-69).

Segundo Scott (1995), o surgimento do termo gênero se deu entre as feministas americanas ao questionarem as análises, feitas até então, sobre a mulher e sobre a luta pela emancipação feminina que se baseava em conceitos como sexo e diferença sexual. A palavra gênero, segundo a referida autora,

Indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso dos termos como 'sexo' ou 'diferença sexual'. O termo 'gênero' enfatizava igualmente o aspecto relacional de definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiada estreita e separada utilizaram o termo 'gênero' para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado (SCOTT, 1995, p. 72).

Nessa concepção, a análise de gênero se diferencia da análise sobre a mulher porque a segunda não estudava igualmente o homem, centrava-se o sujeito histórico apenas nas mulheres (SCOTT, 1995).

Apesar do termo gênero surgir nos anos de 1970, vale lembrar que ele brota no contexto do feminismo acadêmico, que por sua vez foi impulsionado pelos movimentos sociais feministas da segunda onda, ou seja, das décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial, expressivamente nos explosivos anos de 1960.

No entanto, assim como a sociologia da religião, o próprio feminismo dos anos de 1960 e 1970 teve também forte influência do marxismo (SOIHET, 1997). A opressão específica da mulher foi pensada pelas feministas marxistas a partir das análises de Marx e Engels na instituição da família como germe da propriedade privada e da divisão social do trabalho e de classes, ou seja, as desigualdades e a opressão iniciaram no interior da “casa”.

Com a divisão do trabalho, na qual estão dadas todas estas contradições, e a qual por sua vez assenta na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em famílias individuais e opostas umas às outras, está ao mesmo tempo dada também a **repartição**, e precisamente a repartição **desigual** tanto quantitativa como qualitativa, do trabalho e dos seus produtos, e portanto a propriedade, a qual já tem o seu embrião, a sua primeira forma, na família, onde a mulher e os filhos são os escravos do homem. A escravidão latente na família, se bem que ainda bem rudimentar, é a primeira propriedade (MARX e ENGELS, 2002, p. 36-37).

Com base nessa análise de Marx e Engels (2002) sobre a família e a mulher, os estudos e pesquisas sobre a família tornaram-se importantes para as feministas. “A mulher é explorada no trabalho e confinada à casa. Sua submissão e o seu lugar subalterno na vida econômica seriam compensados pelo seu poder na família” (MORAES, 2000, p.90).

Não obstante, apesar de reconhecer o papel do marxismo nas análises e nas lutas das mulheres dos anos de 1960 e 1970, os estudos de gênero, além de contestar teorias baseadas no determinismo biológico, tecem críticas ao marxismo. Tais estudos apontam os limites da concepção marxista acerca de um certo determinismo econômico na análise que fazia em relação à dominação masculina sobre as mulheres (SAFFIOTI, 1992). Afirma a autora:

Lamentavelmente, Marx e Engels, assim como quase a totalidade de seus seguidores, investiram muito no estudo do ser humano enquanto força de trabalho, descurando-o enquanto protagonistas de outros papéis sociais (SAFFIOTI, 1992, p. 202).

A categoria gênero, ao trabalhar com as dimensões simbólicas da dominação, com a importância da subjetividade individual, com os significados e com as práticas culturais, se afasta dos enfoques marxistas de estrutura social.

Nesse sentido, Scott (1995) critica o exame marxista em relação à dominação masculina dizendo que:

As/os feministas marxistas têm uma abordagem mais histórica, já que elas/eles são guiadas/os por uma teoria da história. Mas, sejam quais forem as variações e adaptações, a exigência auto-imposta de que haja uma explicação 'material' para o gênero tem limitado ou, ao menos, retardado o desenvolvimento de novas linhas de análises (SCOTT, 1995, p. 78).

Rejeitando a visão puramente materialista/marxista para explicar a dominação dos homens sobre as mulheres, Scott (1995) se pautará em outros paradigmas, principalmente na explicação idealista, ou seja, nos sistemas simbólicos: “sem significado não há experiência; sem processo de significação, não há significado” (SCOTT, 1995, p. 82).

Benoit (2002) identifica o conceito de gênero de Juan Scott (1995) ao paradigma werberiano de “relações sociais”, no qual se balizam as representações sociais.

Em *Economia e Sociedade*, Weber desenvolve certas matrizes conceituais que, de certo modo são reativadas, de maneira evidente, na categoria 'gênero', tal como é utilizada pelo discurso atual sobre o feminino. Designamos por 'relação social' - escreve Weber - “o comportamento de diversos indivíduos em tanto que, por seu conteúdo significativo [...], o comportamento de uns se regulamentam pelo de outros [...] e se orienta por eles”. Prossegue Weber explicando que o “conteúdo significativo” da relação pode ser “luta, hostilidade, amor sexual, amizade, piedade, troca comercial, etc. (BENOIT, 2000, p. 80).

Benoit (2002), também não concorda com a explicação que Scott (1995) dá ao gênero, por se basear em uma categoria do entendimento, de realidade relativa, que não tem relação direta com uma realidade ontológica e contraditória. Desse modo não

há superação da divisão do trabalho subordinador e opressor da mulher. Superação que parte da luta de classes sociais (BENOIT, 2000).

Assim como Benoit, outras feministas questionam a categoria de gênero. Moraes (2000) afirma que a concepção de gênero surge nos Estados Unidos em meio a um feminismo que se afastou do marxismo e estava ligado a uma contestação mais cultural e ideológica do que política e econômica. Benoit também expõe a problemática da própria palavra gênero, que sendo de origem inglesa, não tem o mesmo sentido em outras línguas de origem latina (MORAES, 2000).

Enquanto no inglês, *gender* termo 'gênero' é um substantivo que designa exatamente a condição física e/ou social do masculino e do feminino, a palavra 'gênero' em português, é substantivo masculino que designa uma classe que se divide em outras, que são chamadas de espécies. A mesma dificuldade ocorre com o francês, o que ocasionou o pouco sucesso de tal expressão. Em seu lugar fala-se de identidade sexual (MORAES, 2000, p. 96).

Araújo (2002) fala mesmo de gênero como um termo totalizador, concordando com Machado (1990, apud ARAÚJO, 2002) que chama o conceito gênero de Scott (1995) de imperialista. Araújo denuncia a pretensão do conceito gênero de tentar explicar as relações de dominação apenas por meio da construção dos significados. Para ela, o gênero deixou de ser um conceito que possibilitava ampliar a compreensão da dominação calcada nas relações materiais e subjetivas para tornar-se auto-suficiente.

Para Araújo (2000, p. 69) o conceito gênero fez com que

[...] as práticas materiais e as intercessões com outras clivagens praticamente desaparecessem e/ou são bastante secundarizadas. Gênero passa a descrever tudo e a explicar muito pouco, pois, como conceito, tendeu a ser auto-referido.

Observa-se, até aqui, a importância dos estudos de gênero para o desvelar das relações de dominação e injustiça dos homens sobre as mulheres, mas ao mesmo tempo os seus limites de se tornar uma categoria de análise social totalizadora e auto-suficiente.

Apesar das mútuas acusações, haverá uma possibilidade de integração dos conceitos de classe e de gênero? A análise sobre as mulheres pobres que militaram na Diocese de Goiás - e por meio dela nos movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos - nas décadas de 1970 e 1980, poderá se utilizar dessas duas categorias de análise? Pode um pesquisador (a) estudar certo objeto utilizando-se tanto uma abordagem material marxista e uma abordagem idealista-simbólica werberiana-scottiana?

Segundo autoras como Araújo (2000), Saffioti (2000), Moraes (2000) isso não é apenas plausível, mas é também necessário.

Saffioti (2000, p. 25) argumenta que “seria interessante que marxistas ortodoxos no sentido negativo atribuíssem ao gênero, como fez Engels, e à raça/etnia o mesmo estatuto teórico da classe social”.

Para Moraes (2000, p. 97)

“a categoria de gênero, portanto, pode ser incorporada ao marxismo, assim como a psicanálise. Inversamente, por ser uma categoria meramente descritiva, o gênero não sobrevive sem o sustentáculo de teorias sociais e/ou psicanalíticas”.

Araújo (2000), por sua vez, acredita que, exploração de classe e a opressão de sexo, podem ser articuladas. Ela descreve:

Pode-se dizer que as tentativas de achar um lugar para a dimensão subjetiva da dominação de gênero correm o risco de ‘jogar fora o bebê junto com a água do banho’, isto é, abdicar de qualquer perspectiva estrutural de um sistema econômico e político mais amplo, só restando lugar para o ‘simbólico’, abstraídos de bases

concretas. A totalização produzida por um conceito – classe -, por demais criticada parece ceder lugar para outra forma de totalização conceitual, a de gênero. Essa apropriação analítica implica também, o risco de se perder de vista os possíveis impactos que as relações de classe ou de raça podem vir a ter sobre a própria situação da mulher (ARAÚJO, 2000, p.70).

Ao contrário do pensamento de muitos marxistas ortodoxos, de que a questão de gênero e da dominação da mulher pelo homem só traria divisão na classe trabalhadora, Saffioti (1992) acredita que a questão de gênero eleva o nível da classe trabalhadora.

Quando elevadas em consideração, as contradições de gênero podem elevar o nível de consciência da classe, já que as fraturas desta não significam poros vazios, mas fissuras recheadas de desigualdades entre homens e mulheres (SAFFIOTI, 1992, p. 207).

Apesar de se valer das categorias de classe e gênero como forma de análise das relações sociais, Saffioti (1992) alerta para que essas categorias não venham a tomar o lugar dos verdadeiros personagens da história: os seres humanos:

A construção do gênero pode, pois, ser compreendida como um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humanos, que tem lugar na trama de relações sociais entre mulheres, entre homens e entre mulheres e homens. Também as classes sociais se formam na e através das relações sociais. Pensar estes agrupamentos como estruturalmente dados, quando a estrutura consiste apenas numa possibilidade, significa congelá-los, retirando da cena a personagem central da história, ou seja, as relações sociais. O resgate de uma ontologia relacional deve ser, portanto, parte integrante de uma maneira feminista de fazer ciência; uma maneira, em suma, de tornar HUMANAS as Ciências Humanas (SAFFIOTI, 1992, p. 211).

Lemos (2000, p. 4), discutindo gênero, movimentos sociais e religião, afirma que assim como os “movimentos sociais privilegiaram por muito tempo as relações de classe tanto em seu campo teórico como em seus planos de ações”, os vários movimentos de mulheres também “mantiveram gênero como seu único foco de atenção, sem fazer a conexão entre as relações de gênero e de classe”. A autora afirma que “as relações de gênero se dão no seio de relações de classe e as relações de classe se dão no seio de relações de gênero” (LEMOS, 2000, p. 4).

Tendo clareza de que essa discussão entre classe e gênero (e raça) terá muito caminho a ser percorrido, esta dissertação quer se colocar na fileira daquelas/es que sustentam que há possibilidade de se fazer tal inter-conexão.

2.4 ARTICULANDO GÊNERO, CLASSE E RELIGIÃO

A presença da religião cristã na América Latina, ao longo de mais de 500 anos, foi de aliança com as classes dominantes e com os seus interesses (MADURO, 1980).

De forma semelhante, a religião cristã também esteve ao lado dos homens na subordinação das mulheres latino-americanas (CORRÊA, 1996). A religião cristã, sobretudo a Igreja Católica, serviu de instrumento de relações sociais desfavoráveis para as mulheres. “A religião, principalmente a tradição judaico-cristã [...] muito tem contribuído para que mulheres e homens construam e mantenham identidades de gênero hierarquizadas, com desvantagem para as mulheres” (LE MOS, 2000, p. 19).

Se se tomasse os discursos e documentos oficiais da Igreja como expressão de sua prática, poder-se-ia dizer que Lemos (2000) estaria equivocada em sua análise sobre a Igreja Católica e as relações de gênero:

Nas últimas décadas, o discurso da Igreja Católica vem explicitando crescentemente esta exigência: o ideal de igualdade entre mulheres e homens vem sendo proclamado em vários documentos eclesiais, inclusive no discurso papal (RIBEIRO, 1999, p. 162).

Porém, a prática da Igreja Católica não corresponde totalmente ao seu discurso. A sua própria organização institucional traz uma explícita discriminação e uma minimização do gênero feminino, ao excluir a mulher dos cargos de decisão (RIBEIRO, 1999).

Entretanto, esta pesquisa sugere, a partir dos depoimentos das mulheres pobres da Diocese de Goiás, que a religião - a Igreja Católica - foi uma das grandes responsáveis pela mudança de pensamento e de ações das mulheres, tendo em vista a superação das relações desiguais entre homens e mulheres. Por exemplo, quando perguntado se houve ganhos para as mulheres com a sua participação nas comunidades de base, todas responderam que sim, especialmente em relação à dimensão pessoal, subjetiva.

Eu creio que sim. Houve. Eu acho que a Diocese enquanto Igreja, com toda sua linha de trabalho de evangelização, tinha também como foco principal a libertação da pessoa, não só no sentido social, reivindicação, mas também como libertação pessoal, internas. De libertar das repressões que as mulheres carregam a vida inteira. De uma educação muito fechada. Talvez até de um falso moralismo, que foi imposto a vida inteira. Então eu acho que a Igreja, de um modo geral, ela contribuiu sim nesses movimentos de reivindicação. Não só de conquistas dos direitos da sociedade, como direito civil, mas também de conquistar a própria liberdade da pessoa, na sua essência, enquanto pessoa. Que tem direito de ser livre, de decidir, de escolher o que quer fazer, de escolher sua profissão, de escolher o marido que quer ter, de decidir se não quer ter marido, se quer ou não ter filhos. Essa foi uma liberdade que as mulheres foi conquistando aos poucos e com certeza a Igreja contribuiu muito pra isso (Anexo C).

Sim. Inclusive eu já tinha meus filhos e falava que queria ser homem. E queria mesmo! (Risos) Aí eu comecei a ver o valor da mulher na vida, o valor da mulher na igreja. E eu fiquei feliz por ser mulher. Tirei essa idéia da cabeça que queria ser homem (Anexo G).

Acredita-se que o processo pedagógico de emancipação feminina foi possível por dois motivos: pela compreensão gramsciana de entender a Igreja como uma multiplicidade de Igrejas e pelo fato das mulheres não serem meras dominadas passivas e resignadas.

Também pode-se analisar esse processo de emancipação feminina, a partir de Maduro (1980) e Löwy (1991; 2000). Para ambos, o Cristianismo da Libertação (ou Igreja da Libertação) foi uma outra forma social e religiosa de vivenciar a fé cristã e católica na América Latina; no seio dessa Igreja Libertadora é que as mulheres pobres

da Diocese de Goiás tiveram maiores oportunidades de participação e souberam aproveitá-las. Fizeram-se presentes em diversas atividades internas e externas organizadas e incentivadas pela Igreja, nas quais as mulheres pobres questionavam as injustiças, o machismo e o patriarcalismo da sociedade e da Igreja.

É importante esclarecer o que se quer dizer com patriarcado, já que, tal conceito é bastante utilizado sociologicamente para designar o machismo e as relações desiguais entre homens e mulheres. Além disso, tal expressão é alvo de diversas discussões entre as feministas.

Weber (1992, p. 340-341) detectou o patriarcalismo em diversos períodos históricos, também na sociedade moderna capitalista, definindo-o como

O tipo mais importante de domínio da legitimidade, baseada na tradição. Significa a autoridade do pai, do marido, do mais velho na casa, do parente mais idoso sobre os membros da casa e do clã; o domínio do senhor e patrono sobre os servos e os libertos; do senhor sobre os servos domésticos e funcionários da casa; do príncipe sobre os funcionários da casa e da corte, os nobres que ocupam cargos, os clientes, vassallos; do senhor patrimonial e príncipe soberano [...] sobre os 'súditos'.

Tal definição de patriarcado é bastante criticada pelas feministas. Segundo Saffioti (1992, p. 193), a rejeição se deve, sobretudo, a um “relativo esvaziamento de conteúdos históricos ao serem modelados enquanto típico-ideal”. Ela prossegue:

Um dos problemas contidos no conceito weberiano reside no fato de que ele se refere a um esquema puramente de dominação e não a um esquema de dominação-exploração, com todas as conseqüências que a visão holística acarreta. Ademais, trata-se de um esquema de dominação bastante centrado na família. Dando a palavra ao próprio Weber (1964, t. 1, p. 184), ‘chama-se *patriarcalismo* à situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas’. Como se sabe a realidade não é uma para Weber, tripartindo-se nas esferas econômica, política e social. Ora, o patriarcalismo, enquanto esquema de dominação, inscreve-se na esfera política, embora sua origem resida na autoridade de um *dominus*, exercida no seio de uma comunidade doméstica (SAFFIOTI, 1992, p. 193).

Além de criticar o conceito weberiano de patriarcalismo centrado no esquema de dominação, Saffioti (1992, p. 193-194) também critica a grande importância que Weber dá à dimensão doméstica:

É grande o peso da esfera doméstica no conceito típico-ideal. Rigorosamente, também a dimensão econômica tem a marca familiar, pois o poder patriarcal se organiza na economia do *oikos*. Isto constituiria razão suficiente, se não houvesse a impossibilidade de se transplantar conceitos genéticos e fechados para outro campo teórico, para não se incrustarem conceitos weberianos numa análise totalizante. Eis porque não seria legítimo usar o conceito de patriarcado *tout court*.

Apesar das críticas ao conceito de patriarcado, as feministas o redefiniram e vêm utilizando-o largamente. Segundo Fiorenza (apud BOFF, 2002, p. 55) o patriarcado

Não pode ser entendido apenas como dominação binária macho-fêmea, mas como uma estrutura política piramidal de dominação e hierarquização, estrutura estratificada por gênero, raça, classe, religião e outras formas de dominação de uma parte a outra.

Este trabalho ao falar de patriarcado está se referindo a esta compreensão feminista de patriarcado. Além disso, busca integrar o conceito de religião de Maduro (1980) com o conceito de gênero de Scott (1995) e de Saffioti (1992) e com o conceito de classe social de Marx (2004), para se compreender melhor a trajetória de participação e emancipação das mulheres pobres na Diocese de Goiás.

Articulando esses conceitos de religião, gênero e classe social, pode-se perceber melhor os significados emancipatórios ocorridos nas mulheres das classes populares por meio do Cristianismo da Libertação, nas décadas de 1970 e 1980.

A Diocese de Goiás, dita libertadora, oportunizou às mulheres pobres espaços e funções dentro de sua estrutura interna até então ocupados e exercidas somente por homens e pelo clero.

No campo especificamente religioso, as mulheres dão um novo sentido às atividades tradicionalmente consideradas 'femininas' – como a catequese, a

visita aos doentes e o cuidado das Igrejas – que continuam a realizar. Mas realizam também novas tarefas, ao assumir diversos ministérios – como Ministras da Eucaristia e do Batismo, ou como Testemunhas qualificadas do Matrimônio – e ao participar diretamente da coordenação das comunidades, em diversos níveis. Na realidade, a mulher já ocupa um lugar na prática ministerial: *nunca mais vai perder o que já conquistou* – afirmava um sacerdote. Por sua vez, as mulheres das CEBs têm consciência das transformações que vêm se dando; o depoimento de uma delas é expressivo: *quando eu era juvenzinha, e participava do Grupo de Jovens, não podia nem fazer uma leitura na igreja, muito menos ler o Evangelho. Hoje, eu proclamo o Evangelho* (RIBEIRO, 1999, 166).

De forma semelhante ao depoimento acima citado, na Diocese de Goiás as mulheres proclamavam o Evangelho e faziam homilias, mesmo com a presença do padre ou do diácono. Canonicamente, pelas leis da Igreja, essas funções são reservadas apenas aos clérigos, sendo proibido aos leigos e sobretudo às leigas. Entretanto, na Diocese de Goiás essas normas foram transgredidas e as mulheres assumiram tais funções. Sobre a participação nas celebrações litúrgicas, uma das mulheres entrevistadas declara que se sentia valorizada quando eles (padres e agentes de pastoral) a convidavam para fazer a homilia na celebração. “Eu dizia, não faço para aparecer. Eu faço para evangelizar os irmãos. Eu senti bem mais valorizada” (Anexo M).

É válido enfatizar que a abertura da Igreja à participação das mulheres favoreceu um processo pedagógico de emancipação feminina, mostrando que não existe uma situação de dominação total e nem uma total subordinação. Parafraseando Maduro (1980), ao dizer que, nenhuma sociedade de classes é totalmente de dominação, nenhuma sociedade de relações desiguais de gênero é de pura dominação, ou seja, diante da dominação, as mulheres sempre exercem, de alguma forma criatividade, negociação e resistência.

Resistência que também significa poder (ERICKSON, 1996). Poder que significa negociação permanente (LEMOS, 2000). Poder que não é algo estático e pertencente a uma determinada pessoa, mas que circula por vários ambientes e está no cotidiano das pessoas (na família, nos hospitais, nos hospícios, nas prisões, nos movimentos sociais, nas Igrejas, etc.). Ou seja, o poder é múltiplo: são poderes (FOUCAULT 1992).

A compreensão foucaultiana de poder ajuda a perceber as resistências e as ações das mulheres pobres da Diocese de Goiás mesmo antes das mudanças introduzidas a partir da década de 1960. Apesar do autoritarismo e do machismo da Igreja Católica tradicional, as mulheres resistiram (boa parte de forma silenciosa) e agiram nem sempre como queria as autoridades da Igreja:

Pois é. Mas aí, a gente começou com esse trabalho de base. Que, quando o trabalho começa de baixo pra cima ele é mais importante, porque é começado pelo próprio povo. E as mulheres perceberam a necessidade de participar. E também com essa pequena abertura que a Igreja foi dando a gente foi participando. Não foi por acaso. Foi através de uma luta e um trabalho de base muito bem realizado (Anexo A).

Quando a missa era celebrada em latim, mulher não tinha vez. O que me marcou foi essa mudança. Hoje a mulher é mais participativa. Nós celebra. As mulheres estão comandando. Só não estão celebrando porque não pode, talvez daqui uns anos. Só celebrar a missa que não pode. Mas a mulher faz mais que os homens (Anexo J).

O padre é a figura machista mesmo da Igreja. A palavra final é dele, mesmo nas reuniões. Quando tem uma reunião pra decisão, mesmo que as pessoas falam, quando o padre fala a palavra final fica sendo a dele. Mas quem faz de fato a Igreja são as mulheres. É a mulher que é catequista. É a mulher que é animadora de comunidade, que faz parte das equipes da liturgia... A maior parte de liturgia, de canto... A maior parte são as mulheres. Estou falando da nossa realidade aqui. Quando a gente vai pra esses encontros fora tem muitas mulheres. Mesmo que a palavra do padre tem mais peso, mas quem realmente faz a Igreja são as mulheres. [...] Só que, no momento ali na comunidade, quem tá lá é a animadora da comunidade e sua vizinhança. Aí o padre não tá lá. [...] Você tá entendendo o que eu tô dizendo? (Anexo B).

Os depoimentos acima mostram que as mulheres reconhecem o autoritarismo e o machismo do clero, mas sabem que, no cotidiano de sua participação, na liderança das CEBs e das demais atividades de base, onde o padre não está presente, elas também têm poder na direção de muitas coisas.

Aproveitando a opção que a Diocese de Goiás fez pela classe dos empobrecidos, as mulheres pobres foram ocupando diversos campos de atuação, os quais contribuíram para alargar sua visão de mundo e pensar sua própria condição de mulher. Apesar da prática da Igreja hierarquizada não condizer com seu discurso pró-mulheres, elas aproveitaram tais pronunciamentos (sobretudo nas falas, já que poucos documentos escritos foram elaborados sobre tal questão pela Diocese de Goiás) para se auto valorizarem e se auto afirmarem na Igreja e na sociedade.

Apesar da Diocese de Goiás não ter emitido, nas décadas de 1970 e 1980, muitos documentos a respeito da questão feminina, há três documentos sobre a temática: dois escritos pelo bispo e um pela coordenação diocesana. Porém, esses escritos surgiram devido a uma solicitação externa à Diocese. Um desses escritos, do bispo, encontra-se na apresentação do livro O'Gorman (1987), *Águas do céu, barro da terra – As mulheres no campo contam sua luta*. O outro, é uma carta (de 22 de novembro de 1988) que o bispo Balduino dirige às mulheres da Diocese de Goiás:

Caras mulheres e irmãs

Estou confiando a vocês este esboço do texto base da campanha da Fraternidade 90 'A Fraternidade e a Mulher' para que vocês vejam e coloquem algum dado, reflexão ou proposta para que eu os envie à CNBB até o próximo dia 15 de dezembro.

Pensei nos grupos de Mulheres de cada Região, de modo especial em Santa Fé, na Região de Ceres, em Itapuranga, em Goiás... O texto está confiando a uma agente de pastoral que se encarregará de reunir vocês mulheres e recolher o seu pensamento. Gostaria que o futuro texto-base da CNBB nascesse realmente das bases e fosse realmente feminino.

Bom trabalho!

Abraços do irmão

+ Tomás Balduino, Bispo de Goiás.

O terceiro documento (de 01 de abril de 1990) foi emitido pela coordenação diocesana, também por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1990. O documento faz uma constatação da situação histórico-social da mulher; pede perdão a Deus e às mulheres pela discriminação existente na Igreja, pelo seu silêncio e sua omissão diante do machismo. Para contribuir na superação de tal situação, a Diocese de Goiás se propôs a:

- valorizar a dignidade da pessoa da mulher;
- reconhecer o serviço e a ação evangelizadora das mulheres dando uma dimensão feminina ao modo de ser e de agir da Igreja;
- promover a participação igualitária da mulher e do homem em todos os níveis de decisão, de organização e trabalho;
- apoiar e incentivar organizações de mulheres nas comunidades, municípios e regiões para que sejam autoras de sua libertação (DOCUMENTO da Coordenação Diocesana de 1990).

De fato, mulheres, religiosas e freiras fizeram parte das instâncias de decisões da Diocese, por exemplo, em assessoria e coordenação diocesana, bem antes mesmo de tal documento de 1990 (MOURA, 1989; SCOLARO, 2001). Como se verá no terceiro capítulo deste trabalho, desde a década de 1970 grupos específicos de mulheres surgiram na Diocese de Goiás por intermédio de muitas agentes de pastoral.

Segundo Ribeiro (1999, p. 163), apesar do ideal da Igreja, sobretudo da Igreja dos Pobres, a igualdade entre homem e mulher está bem distante da prática, nas CEBs. Esse ideal “vem se concretizando através de um processo lento e laborioso”. Pode-se dizer que mesmo diante de estruturas hierarquizadas e machistas, como a Igreja Católica, as mulheres vêm resistindo ao machismo.

Nesse sentido, Saffioti diz que: “em todas as sociedades conhecidas, as mulheres detêm parcelas de poder, que lhes permitem meter cunhas na supremacia masculina e, assim, cavar-gerar espaços nos interstícios da falocracia” (1992, p. 184).

Erickson (1996), compartilhando desse pensamento, analisa a resistência das mulheres ao machismo, por meio da religião. Ela analisa duas experiências religiosas de mulheres cristãs. Uma dos séculos I e II e a outra de mulheres coreanas do século XX. Sobre a primeira experiência, ela a denomina de revolta das viúvas. Era uma comunidade de mulheres celibatárias que chegou mesmo a “ameaçar a sociedade masculina. Elas formavam a comunidade dizendo não ao patriarcado” (p. 171). Sobre a segunda experiência de fé das mulheres cristãs, a autora diz que as mulheres coreanas:

[...] encontraram forças para resistir aos maridos que as espancavam porque elas freqüentavam a igreja. Cansados de bater nelas, os maridos algumas vezes cediam e permitiam que elas fossem a igreja. As mulheres rezavam pela conversão dos maridos, pois sabiam que eles deixariam de espancá-las se o coração deles pudesse ser verdadeiramente convertido. Nesse ínterim, elas rejubilavam-se na própria liberdade. Eram livres para abandonar os maridos e proclamar o Evangelho; livres para ser elas mesmas. Contrariando a cultura tradicional eram agora livres para ter o próprio nome. No batismo elas exigiam um nome (ERICKSON, 1996, p. 173-174).

Se não se reconhecesse o poder que as mulheres têm em resistir e se afirmar diante das sociedades e instituições hierarquizadas/masculinizadas, ao longo da história, desde os tempos mais remotos, correr-se-ia o risco de cair na tese do neo-evolucionismo, que foi e ainda é usada por grupos feministas, principalmente em datas comemorativas, como no Dia Internacional das Mulheres - 08 de março. Na teoria neo-evolucionista “parece que as mulheres estariam evoluindo de uma situação de grande opressão para uma de libertação” (GROSSI, 1998, p.37).

Todavia, são em determinados contextos históricos, em que os grupos sociais minoritários, dominados, terão mais oportunidades de colocar a “cunha” nas fissuras da sociedade e aumentá-las em seu benefício (SAFFIOTI, 1992; MADURO, 1980).

Na sociedade capitalista moderna houve fendas que se alargaram com a intervenção das mulheres. Mesmo a contragosto de muitos homens, elas realizaram um processo de emancipação e ocuparam espaços até então não permitidos a elas. Espaços referentes também à religião e ao cristianismo. Mostrar como isso ocorreu, é o objetivo do próximo capítulo.

3 A MULHER CATÓLICA E A IGREJA NA MODERNIDADE

Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos de mulheres conseguiram inúmeros avanços em vários espaços da sociedade. No entanto, o objetivo desse capítulo é tentar perceber as conquistas femininas no campo da religião, mais especificamente na Igreja Católica. Por isso, apresentar-se-á um breve panorama histórico da mulher católica na Idade Moderna, a fim de se compreender como as mulheres foram forjando espaços de participação e de valorização feminina, no interior da Igreja; como elas aproveitaram as oportunidades do contexto histórico do século XX, para conquistar espaços até então proibidos a elas. De modo especial, serão analisadas as mudanças ocorridas na Igreja a partir do Concílio Vaticano II.

3.1 O CAPITALISMO, O CRISTIANISMO E AS MULHERES

A princípio, parece que o surgimento dos Estados Modernos não trouxe nenhum benefício para as mulheres. Pois, segundo Pernoud (1979), na modernidade, antes da revolução industrial, as mulheres foram confinadas ao espaço do privado e do cuidado familiar. Uma situação que a autora acredita ser ainda mais pesada para as mulheres, do que aquela que elas viviam na Idade Média:

[...] nos tempos feudais [...] atribuía-se à coroação da rainha tanto valor quanto à do rei [...]. Essa rápida visão do papel das rainhas dá uma idéia bem exata do que se passou com as mulheres [...]. Somente no século XVII [quando a Idade média já tinha acabado] a mulher toma obrigatoriamente o nome do marido. [...] Certas abadessas [chefe das religiosas de um convento] eram senhoras feudais cujo poder era respeitado do mesmo modo que o de outros senhores. [...] Administraram, muitas vezes, vastos territórios com cidades, paróquias. [...] As religiosas dessa época [...] são na maioria mulheres

extremamente instruídas. [...] Os registros de impostos [...] de Paris, no fim, do século XIII, mostram uma multidão de mulheres exercendo funções de professora, médica, farmacêutica, tintureira, copista, miniaturista, encardenedora etc. Não é senão no fim do século XVI, por um decreto do Parlamento, datado de 1593, que a mulher será afastada explicitamente de toda função no Estado. [Aos poucos, é reforçada a idéia de] confinar a mulher no que foi sempre seu domínio privilegiado: os cuidados domésticos e os filhos (PERNOUD, 1979, p. 77-89).

Talvez uma das respostas à situação acima referida esteja na própria estrutura do Estado Moderno.

As formações sociais de nossos tempos que se caracterizam por uma estrutura hierárquica são, por exemplo, o estado totalitário, uma organização militar, que têm uma construção vertical de posições autoritárias, nas quais a autoridade de cada funcionário não depende apenas de sua pessoa, mas sim da categoria (EYDEN, 2001, p. 13).

Para Eyden (2001), apesar dessas formações sociais terem suprimido a interpretação sagrada, suas estruturas hierárquicas podem ser reflexo da organização hierárquica divina, fazendo com que muitos dos seus símbolos conotem significados religiosos. Ou, como diria Eliade (1999, p. 166), o homem moderno, ou seja, “o homem profano, queira ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziados dos significados religiosos”.

O surgimento do capitalismo sem dúvida teve um papel marcante na organização das sociedades ocidentais. Teve de igual modo uma forte Influência no cristianismo e na vida das mulheres. Apesar da resistência da Igreja Católica ao capitalismo, este será incorporado aos seus interesses.

A pregação da Igreja Católica contra o pecado da usura e o acúmulo de bens distanciava-se das idéias burguesas capitalistas. Por isso, se prolongará por um bom tempo, o distanciamento entre catolicismo e capitalismo. As contradições internas da Igreja em relação ao capitalismo logo se evidenciaram no século XVI com o surgimento

das igrejas protestantes. As nascentes Igrejas cristãs protestantes traziam consigo uma nova teologia e uma nova ética muito mais próxima do modelo econômico capitalista do que as concepções católicas (URÁN, 1984).

Max Weber, no seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, menciona uma afinidade eletiva¹⁰ entre a maneira de agir do capitalismo e a conduta religiosa do protestantismo.

À medida que se foi disseminado a influência da concepção de vida puritana - e isso é, naturalmente, muito mais importante que um simples encorajamento ao acúmulo - ela favoreceu o desenvolvimento da vida econômica racional da burguesia; foi a mais importante e, acima de tudo, a única influência consistente para o desenvolvimento desse tipo de vida. Foi, diríamos, o berço do homem econômico moderno (WEBER, 2003, p. 130).

Enquanto as novas formas protestantes de viver o cristianismo iam se adequando ao capitalismo burguês, a Igreja Católica continuará, por um longo tempo, arredia ao capitalismo. E isso se deve ao fato do catolicismo se basear na ética da fraternidade (WEBER, 2003).

Rompendo com a burguesia e com sua forma individual de adquirir e usufruir os bens, a Igreja Católica irá perder sua hegemonia religiosa e seu monopólio ideológico no século XVI. A burguesia - a nova classe emergente, detentora do novo poder econômico capitalista - por sua vez, se aliará às nascentes Igrejas Protestantes. Por outro lado, a Igreja Romana encontrará nos Estados nacionais católicos, fortes aliados no combate ao protestantismo e na sua salvaguarda do poder religioso. Essa aliança criou o que conhecemos por padroado - no Brasil ele perdurou até o final do século XIX (URÁN, 1984).

¹⁰ Segundo Michael Löwy (2000) "Weber não define o que ele quer dizer exatamente com o termo, mas podemos deduzir por seus escritos que ele se refere a um relacionamento de atração mútua e de mútuo esforço, que, em certos casos, leva a uma espécie de simbiose cultural" (LÖWY, 2000, p. 35).

O surgimento das novas Igrejas cristãs, apesar de ter abalado o poder da Igreja Católica, parece não ter sido tão substancial para se contrapor às velhas práticas e concepções hierárquicas excludentes da mulher. E, em matéria de sexualidade, o puritanismo protestante também foi seguido pela pastoral católica (URÁN, 1984).

O puritanismo contém uma concepção da sexualidade que reduz o corpo humano a um meio de produção social de mais-valia, reforçando assim a tendência natural do capitalismo de exploração do ser humano como força de trabalho fundamental. [...] O capitalismo encontrou no puritanismo uma ajuda eficaz para impor um modelo cultural que favoreça a extração da mais-valia, na medida em que domesticou a sexualidade e todo tipo de relações humanas. [...] Este puritanismo da Reforma coincidiu com a ideologização tradicional do judeu-cristianismo no que se refere à sexualidade. Esta é concebida essencialmente como uma energia maligna que deve ser reprimida ou simplesmente orientada para a reprodução da espécie. Coincide também com a visão da sexualidade como dimensão individual e isolada do resto da personalidade e da comunidade (URÁN, 1984, p. 54).

O período da Reforma e da Contra-Reforma coincide com a colonização e a evangelização da América Latina. Nesse período, conforme Urán (1984, p. 54), “o puritanismo cristão instaurou a sexualidade como centro da pastoral eclesial” tanto para os reformistas protestantes quanto para a Igreja Católica. Por isso, a sexualidade tornou-se também centro de toda a pastoral da Igreja Católica do Brasil desde os primeiros missionários que aqui chegaram (URÁN, 1984).

É neste contexto pastoral que, ao longo dos anos, a Igreja vinha direcionando a sua pregação e exortando os seus fiéis para a luta implacável contra o pecado da carne - sempre no âmbito do privado. Diante disso, a mulher continuou sendo considerada uma ameaça, um perigo para os homens, já que, por “natureza” ela era portadora do pecado - como se pregava na Igreja desde a patrística (EYDEN, 2001).

Tal pensamento contribuiu para que as mulheres, no Brasil, tivessem um tratamento desigual, com prejuízos para elas, sobretudo para as mulheres pobres e pertencentes às raças (etnias) negra e indígena.

A partir do século XVI, este extrato cultural original [dos povos indígenas] foi integrado aos padrões coloniais dominantes que preservaram da tradição Ibérica e católica práticas discriminárias e excludentes no campo das relações entre homens e mulheres. Em algumas áreas do continente – sendo o Brasil, talvez, o melhor exemplo – a estrutura cultural resultante também incorporaria contribuições importantes das mais variadas tradições africanas que seriam definitivamente marcadas pela violência da escravidão (CORRÊA, 1996, p. 5).

Das mulheres brancas esperava-se a plena submissão aos senhores seus maridos. O espaço reservado a elas, era o da casa, como afirma Teles (1993, p. 19),

Além de cuidar do lar (organização da cozinha, cuidado com as crianças, direção dos trabalhos das escravas), cabia ainda à mulher tarefas como a fiação, tecelagem, rendas e bordados e o cuidado com o pomar. Muitas vezes a mulher branca foi descrita como indolente e preguiçosa. De qualquer modo, o fundamental era que ela se colocasse de forma subalterna em relação ao homem, aceitando passivamente o que lhe fosse determinado.

A carga histórica de desvalorização e de dominação-exploração das mulheres latino-americanas impregnou-se na cultura do continente prolongando-se até os dias atuais. No século XIX, quando o capitalismo tomou seu grande impulso através da Revolução Industrial e Marx lançava ao mundo suas teses, a identificação do pecado à sexualidade individual, de certa forma beneficiou o capitalismo, devido ao fato que, o enfoque dado, pela Igreja, se concentrou no mundo intrafamiliar, fora das estruturas socio-políticas (URÁN, 1984).

A moral puritana adestrou a sexualidade para fins exclusivamente reprodutivos, pois era preciso concentrar todas as energias para o trabalho da mais-valia. Nesta concepção “o corpo humano é a base material e indispensável, não só da existência de

uma sociedade, mas também o primeiro e indispensável meio de produção social e o principal elemento das relações pessoais de produção” (MADURO, 1982, apud URAN, 1984, p.54).

A mulher encontra-se aí em situação bastante desfavorável, visto que, sua função, segundo as concepções machistas, era a de mãe – reprodutora – e de virgem – passiva. Tanto a mãe como a virgem, deveriam estar “protegidas” dentro do lar ou de um convento.

A catequese religiosa contribuiu para que essa situação se perpetuasse por bom tempo, uma vez que, a Igreja Católica apresenta à mulher um modelo a ser copiado e seguido: o da “Virgem Mãe de Deus”. A virgindade – submissa às ordens “divinas” - e a maternidade – o cuidado da casa e dos filhos - eram, segundo os homens da Igreja, as virtudes que cada mulher deveria ter. Assim, as mulheres foram afastadas da vida pública, como espaço apenas do masculino, e confinadas à vida privada - espaço relegado ao feminino (URÁN, 1984).

No entanto, as transformações advindas da revolução industrial também chegaram ao interior do lar, à família e à mulher. Com o crescimento das cidades, a luta pela sobrevivência familiar e a necessidade de mão-de-obra barata, por parte das indústrias, as mulheres ingressaram no mercado de trabalho industrial e na classe operária, nos meados do século XIX. A partir de então, o espaço privado, como o lugar único da mulher, desapareceu. Estava em xeque, tanto a família patriarcal como a ideologia machista judaico-cristã (URÁN, 1984).

Com a participação das mulheres na produção capitalista, elas iniciaram a luta pelos seus direitos de trabalhadoras e de mulheres, assim como exigiram participar da

vida sindical e política – a vida pública -, considerada espaço somente dos homens (TELES, 1993). Em várias partes do mundo, as mulheres começaram a reivindicar atenção para sua causa. Já mesmo nos tempos da Revolução Francesa, organizadas em associações feministas, elas propuseram a “Declaração Universal dos Direitos da Mulher”. Um amplo movimento de mulheres surgiu na França desde então (TELES, 1993).

Nos Estados Unidos, as mulheres também se rebelaram ante o não reconhecimento, pelos homens, da participação delas na luta pela independência do país. Conquistaram o direito de divórcio em alguns Estados; participaram na campanha abolicionista e na luta pelo voto da mulher (TELES, 1993).

Em 1876, as mulheres chilenas exigiram o direito de votar, visto que, na constituição não havia proibição explícita. Mesmo não conseguindo, as chilenas foram pioneiras na luta pelo direito ao voto mesmo antes que as mulheres européias (TELES, 1993). As mulheres das classes abastadas também organizaram lutas pelo direito à instrução superior e pelo ingresso em profissões de prestígio (URÁN, 1984).

No Brasil destaca-se Nísia Floresta.

Nasceu no Rio Grande do Norte, dedicou-se ao magistério, publicou alguns livros e traduziu o livro de M. Woolestonecraft *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, em 1852. No Rio de Janeiro, 1838, fundou um colégio exclusivo para a educação de meninas. Mudou-se para a Europa, por ter sido vítima de críticas da imprensa, que não compreendia nem aceitava suas idéias. No exílio, tornou-se adepta do positivismo e amiga de Augusto Comte. Morreu na França, em 1885 (TELES, 1993, p. 30).

Apesar das mulheres terem começado a reivindicar direitos iguais em diversas organizações sociais (associações, jornais, clubes etc.), sobretudo o direito ao voto,

desde a revolução francesa, é na segunda metade do século XX que as lutas das mulheres, somadas às outras mudanças na sociedade ocidental, tiveram mais relevância. Tais lutas abrangeram o interior das religiões. No cristianismo, essa influência se explicitou na teologia feminista, nas lutas e nas conquistas de ordenação de mulheres para cargos de decisões - sobretudo nas Igrejas protestantes.

3.2 MULHERES CATÓLICAS E AS MUDANÇAS NA IGREJA

No catolicismo, o Concílio Vaticano II será o marco entre as velhas e as novas relações da Igreja com as mulheres. Apesar do Concílio não tratar especificamente da questão da mulher, ele será revisitado, reinterpretado e utilizado pelas mulheres, na sua luta por emancipação. A nova compreensão que o Concílio dá ao que seja a Igreja, como Povo de Deus, acena para a valorização do leigo. Por esta “fresta do leigo”, as mulheres entram para ocupar espaço e tiram bastante proveito dessa nova definição do papel do leigo na Igreja e no mundo.

Sobre o momento de reorientação da Igreja por meio do Vaticano II, Maria Clara Bingemer (2003, p. 26) diz:

Inegavelmente, o Concílio fez um importante início de caminho. Supôs um giro na tradição patriarcal da Igreja Católica que certamente prometia mais do que aquilo que desde então, de fato, se conseguiu; no concílio se expressou pela primeira vez em documentos eclesiais oficiais que a discriminação contra a mulher contradiz a vontade de Deus.

Bingemer (2003) seleciona alguns textos produzidos pelo Concílio, favoráveis às mulheres, mas alerta que o conteúdo desses textos não foram levados “a sério”; não foram levados às últimas conseqüências, principalmente pelas autoridades eclesiais.

Como em nossos tempos participam as mulheres cada vez mais ativamente em toda a vida social, é de sumo interesse sua maior participação também nos campos apostólicos da Igreja (*Apostolicam Actuositatem*). [...]. As mulheres já atuam em quase todos os campos da vida, e é conveniente que consigam assumir plenamente seu papel, segundo sua própria natureza. É obrigação de todos reconhecer e promover a participação específica e necessária das mulheres na vida cultural (*Gaudium et Spes*). [...] Toda forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, seja social ou cultural, por motivos de sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião deve ser vencida e eliminada, por ser contrário ao plano divino (*Gaudium et Spes*). [...] Diante de Cristo e diante da Igreja não existe desigualdade alguma em razão de estirpe ou de nascimento, condição social ou sexo”(*Lúmen Gentium*) (BINGEMER, 2003, p. 26-27).

Sobre a realização do Concílio pergunta-se: que expressividade teve a mulher?

De acordo com Leon (1984) a presença feminina no Concílio foi quase insignificante, dos 2.500 participantes, somente sete eram mulheres, e sem direito a voto. No entanto, houve vozes lá dentro que se levantaram para colocar as mulheres em pauta.

Um bispo chamado Danielou disse: ‘*Não haverá nenhuma objeção teológica fundamental sobre a eventual ordenação de mulheres*’. Quatro anos depois ele tornou-se cardeal, e disse: ‘É preciso verificar onde se encontram as verdadeiras razões que mostram porque a Igreja jamais propôs o sacerdócio das mulheres (DOMEZI, 1997, p.40).

Porém, a voz de Danielou não foi ouvida. E segundo Cecília Domezi (1997, p. 40), João XXIII foi sensível à questão da mulher e chegou a dizer: “um dos sinais dos tempos é a participação das mulheres em todas as esferas da vida social, política, pública e dentro da Igreja, incluindo os ministérios”. Mas, sua sensibilidade não foi suficiente para que a questão da mulher fosse tratada com acentuada importância.

Serão mesmo as mulheres, e também alguns homens, que irão, no pós-Concílio, garimpar, nos documentos do Vaticano II, oportunidades para exigir direitos de igualdade para elas.

Domezi (2006) faz uma releitura do documento *Gaudium et Spes* na perspectiva feminina, dizendo que, infelizmente as mulheres podem reivindicar, por meio dos documentos do Vaticano II, apenas “as migalhas que caem da mesa,”¹¹ ou seja, as mulheres encontrarão nos documentos conciliares formas legais para exigirem igualdade no interior da Igreja. Essa reivindicação pode começar através do novo sentido do que seja a Igreja - exigindo o direito de serem reconhecidas como parte da Igreja Povo de Deus - e da nova missão que a Igreja traz para si.

E ainda, para Domezi (2006), apesar do recuo que a Igreja está fazendo em relação ao leigo, após 40 anos do Vaticano II, e apesar do que ela chama de atrofia centralista do clero católico, o espírito do Concílio conseguiu penetrar em muitos setores da Igreja e da sociedade: há uma nova conscientização do ser cristão e de uma preocupação com o ser humano.

Preciosas concretizações dos ideais do Vaticano II se fizeram na América Latina, aqui permanecendo como heranças vivas e lançadoras de novas possibilidades. Podem ser lembrados, por exemplo, os movimentos sociais que tecem redes solidariamente abertas, a Teologia da Libertação com autocrítica e acréscimos para a superação das dominações nas nuances mais complexas, as Comunidades Eclesiais de Base, a força do laicato nas pastorais sociais, a apropriação da Bíblia na cultura popular e na superação dos fundamentalismos. O sentido do “Povo de Deus” entrou fortemente na compreensão e nas práticas, trazendo decisivas interações, propícias ao tecido de novas relações sociais, dentro e fora da Igreja (DOMEZI, 2006, p.76).

Ou seja, a nova missão da Igreja está no serviço da pessoa humana. É a dimensão antropológica que centralizará boa parte do Concílio. Essa dimensão antropológica se encontra especialmente no *Gaudium et spes*.

¹¹ A autora faz alusão à passagem bíblica em que, uma mulher não-judia vai pedir a Jesus que cure sua filha enferma. Jesus fala que é preciso alimentar primeiro os filhos e só depois os cachorrinhos. A mulher, porém, responde que os cachorrinhos também comem das migalhas que caem da mesa dos filhos. Por causa das palavras e da estratégia da mulher Jesus atende o seu pedido. Ver na Bíblia os Evangelhos de Marcos (7, 24-30) e Mateus (15, 21-28).

Os ideais humanistas do cultivo da “pessoa humana integral” com todos os seus valores (GS, 61) chamam os membros da Igreja a apurar sua sensibilidade. É preciso “auscultar” novos imperativos, viver muito unidos às demais pessoas de sua época, buscar perceber seus modos de pensar e sentir, expressos pela cultura (GS, 62). Embora a pessoa humana colocada nos centros das atenções da Igreja esteja sob um termo genérico, sem rosto definido, sua subjetividade e seus valores são reconhecidos (DOMEZI, 2006, p.71).

O ideal de humanidade fraterna é uma outra compreensão em que as mulheres podem se basear e exigir para si a fraternidade universal incentivada e propagada pela Igreja. Mas, precisa-se identificar a humanidade enquanto corpo, alma, coração, consciência, inteligência e vontade. “Uma nova humanidade, pautada nas relações de fraternidade universal entre pessoas humanas novas (GS, 3, 30), não suportará um domínio masculino que subjogue as mulheres” (DOMEZI, 2006, p. 75).

Assim como Domezi (2006), Maria Pilar Aquino (1997) insiste também na valorização da categoria Povo de Deus, como instrumento legal para afirmação das mulheres no interior da Igreja Católica. “Com essa categoria indica-se a igualdade fundamental e comum dignidade daqueles que acolheram o chamado de Deus e o dom do seu Espírito” (AQUINO, 1997, p.102).

Será no Continente Latino Americano que o Concílio Vaticano II terá maior aplicabilidade e será reinterpretado à luz de suas condições sócio-político-econômicas. A Igreja Povo de Deus será traduzida pela opção preferencial pelos pobres. Nascerá a chamada Igreja dos Pobres.

A Conferência do Episcopado Latino Americano, reunida na cidade colombiana de Medellín (1968), “fora pensada como aplicação do Vaticano II à América Latina” (SOUZA, 2004, p. 52). Mas não de forma meramente reprodutível.

Em vez de uma adaptação acrítica, seus documentos, inesperadamente, colocaram-se numa postura bem mais original, falando de dependência, denunciando o “pecado social” nas estruturas sociais e econômicas e privilegiando o pobre (SOUZA, 2004, p.52).

Os documentos de Medellín (1968) e de Puebla (1979) serão decisivos para a Igreja da América Latina, conseqüentemente para as mulheres, principalmente para aquelas que dela participam. As mulheres encontrarão nesses documentos muito mais subsídios para seu propósito emancipatório do que no próprio Vaticano II.

Conforme Aquino (1997, p. 67),

Não existe até hoje uma reflexão sistemática que dê conta da palavra e da mensagem de Medellín e Puebla com relação às mulheres. [...] Medellín e Puebla apresentam linhas que pretendem responder às questões que emergem da situação vivida pelas mulheres, mas fazem-no de maneira congruente com sua percepção antropológica e a partir de sua perspectiva teológica. Suas propostas vão se repercutir, sem dúvida, na forma como as mulheres compreendem o seu ser e trabalho tanto no âmbito eclesial, como nos movimentos sociais e populares. Em outras palavras Medellín e Puebla não são neutros nem alheios à experiência histórica, física e espiritual das mulheres comprometidas com os processos de mudança na América Latina. Por outro lado, a forma como as mulheres acolhem e fazem suas as grandes opções de Medellín, ratificadas em Puebla, contribuiu não só para recriar e reformular essas opções, mas também para que a Igreja reencontre o seu rosto humano, turvado pelo mundo clerical masculino.

Aquino (1997, p. 68) faz sérias críticas à visão androcêntrica dos documentos de Medellín e Puebla, “tanto no conteúdo como na linguagem sexista e excludente”. Contudo, ela centra sua atenção no que chama de eixos libertadores de Medellín e Puebla, em favor da causa da mulher triplamente oprimida - por ser mulher, por ser pobre e por pertencer às raças subalternas.

Os conceitos de justiça, de libertação e solidariedade em Medellín serão bastante preciosos para a causa feminina, pois serão utilizados em oposição à opressão das majorias latino-americanas. As mulheres, por sua vez, identificando-se como parte da maioria injustiçada, utilizarão esses conceitos em seu benefício, exigindo

para si a justiça, a solidariedade e a libertação, já que, tais idéias despertaram nelas a busca pela identificação de quem seriam os oprimidos e porquê eram oprimidos.

Medellín é tanto mais importante para as mulheres quanto mais aponta e aprofunda a opção da Igreja pela libertação, justiça e solidariedade. A direção intrínseca a esta opção permite que as mulheres a assumam criticamente e a reformulem a partir de suas próprias experiências históricas concretas, físicas e espirituais (AQUINO, 1997, p. 71).

Segundo Aquino (1997, p. 73), a opção preferencial pelos pobres, pelas massas oprimidas, que a Igreja Católica faz na América Latina por meio dos documentos de Medellín e Puebla, será implicitamente uma opção pelas mulheres, uma vez que as mulheres constituem a metade ou mais da metade dessas massas empobrecidas e oprimidas.

Por isso sugiro que as mulheres cristãs da América Latina podem “reconhecer-se” na perspectiva global de Medellín. Se Medellín, com sua “recepção criativa” significou uma releitura do Concílio Vaticano II, a partir da situação da América Latina, as mulheres fazem, igualmente, uma recepção criativa e uma releitura renovadora de Medellín, a partir de suas experiências de fé, das suas lutas emancipatórias e a partir de sua própria consciência e condição de mulheres.

O documento de Puebla ratifica a opção que Medellín fez pelos pobres. Condena o sistema capitalista e defende transformações profundas para a América Latina. Solidariza-se com os pobres, reconhecendo-os como protagonistas e sujeitos do seu próprio destino. Mais uma vez, intrinsecamente, as mulheres são contadas; elas são vistas como protagonistas de sua libertação.

Puebla amplia as possibilidades das mulheres encontrarem, nos documentos oficiais da Igreja, elementos que poderão ajudá-las em sua trajetória de emancipação. O documento traz escritos explícitos em favor da mulher latino-americana. Retomando o texto bíblico do livro do Gênesis, Puebla reconhece a igualdade entre homens e mulheres: “E Deus criou o ser humano à sua imagem; à imagem de Deus o criou; e os

criou homem e mulher” (Gn, 1,27). Reconhece que uma das causas da injustiça contra a mulher é a dupla jornada de trabalho. Reconhece a necessidade de organização das mulheres para exigirem seus direitos – fala explicitamente sobre a promoção da mulher¹². Reconhece a contribuição concreta da mulher na evangelização, portanto, como agentes eclesiais (AQUINO, 1997).

Em cinco séculos de história eclesial na América Latina, faz apenas vinte anos que começamos a falar pública e coletivamente como mulheres, usando nossas próprias palavras. Por isso, é um sinal de esperança a chamada que faz Puebla em direção a uma conversão renovada (DP 438) para que, na verdade, se produza a libertação de todas as servidões que atam as mulheres e possam realizar-se plenamente todas as dimensões da sua existência (DP 483) (AQUINO, 1997, p. 86).

Como foi dito anteriormente, Aquino (1997) valoriza as contribuições dadas por Puebla e Medellín na luta das mulheres pela sua realização total, mesmo que elas tenham consciência do quanto a Igreja Católica ainda é machista.

Finalmente, importa ter presente que em qualquer texto, Medellín e Puebla neste caso, atuam modelos e estruturas teóricas que, consciente ou inconscientemente, tem correspondência com o ambiente social, com a estrutura de conhecimento e com as vertentes culturais do contexto específico em e a partir do qual elaboram suas propostas. Uma das características do modelo sócio-cultural atual é o sexismo que, sem dúvida, fica manifesto nos textos (AQUINO, 1997, p. 86).

Após detectar e criticar o sexismo da Igreja Católica por meio da linguagem textual, a autora segue dizendo que

Esse traço não deve levar a recusá-los em bloco ou a não acolhê-los porque não só se estaria rejeitando o próprio passado – como mulheres crentes, parte de uma comunidade eclesial em marcha – mas também se estaria evidenciando uma posição metodológica inadequada. Não se trata de recusar *a priori* os textos “machistas” da Igreja, mas de recuperar nosso passado eclesial e social, reformulá-lo no presente, para compreender as alternativas atuais e participar conscientemente no esboço de nossa própria história. Este tipo de leitura ajuda a explicitar os filões que prolongam a opressão dos pobres e a marginalização das mulheres e, simultaneamente, contribui para a

¹² “A Igreja é chamada a contribuir para a promoção humana e cristã da mulher, ajudando-as a sair das situações de marginalizações em que se pode encontrar, capacitando-a para a sua missão na comunidade eclesial e no mundo” (Documento de Puebla 849).

identificação das vertentes e tradições que fortalecem os processos de libertação específica e global dentro da Igreja e da sociedade atuais (AQUINO, 1997, p. 86-87).

É inegável o importante papel do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais Latino Americanas de Medellín e Puebla para uma nova consciência de ser cristão dentro e fora da Igreja. O leigo deixou de ser mero receptor passivo dos produtos religiosos oferecidos pelo clero para tornar-se agente eclesial ativo. Mas, vale alertar para a percepção do grande abismo entre o “falar” e o “fazer”, entre a lei e a prática, principalmente no que se refere à questão da mulher em uma Igreja patriarcal e hierárquica como é a Igreja Católica (Domezi, 2006; Bingemer, 2002/2003; Aquino 1997; Fiorenza, 2001).

Sendo a religião promotora de condutas sociais (WEBER, 2003), a Igreja Católica a partir dos documentos anteriormente citados promoverá na América Latina, práticas sociais e novos comportamentos nos seus membros, especialmente naqueles que participaram das CEBs – comunidades eclesiais de base – e das pastorais sociais. Nesse sentido escreve Souza (2003, p. 41):

Os participantes das comunidades passam a compartilhar de uma nova identidade, reorganizam seu ‘aparelho de conversa’ sob novas bases. Como traço substancial da nova internalização favorecida pelas CEBs encontra-se uma nova relação com o sagrado, que implica a centralidade da conscientização, um novo compromisso ético e político e a ênfase na participação em lutas populares. O sentimento de pertença a comunidade traz consigo uma nova visão de mundo, uma nova simbologia e outras práticas coletivas. Aderir à caminhada é identificar-se com o novo modo de ser católico que pressupõe coerência e compromisso ético e social no projeto de afirmação da vida.

3.2.1 Mudanças na Igreja Brasileira

O novo comportamento dos fiéis católicos das CEBs e das pastorais sociais poderá ser encontrado em diversas partes da América Latina. Mas, será no Brasil que esta nova atitude religiosa do Cristianismo da Libertação terá uma maior influência.

A Igreja brasileira é um caso único na América Latina, na medida em que é a única Igreja do continente sobre o qual a teologia da libertação e seus seguidores das pastorais conseguiram exercer uma influência decisiva. A importância desse fato é evidente, se considerarmos que a Igreja brasileira é a maior Igreja católica do mundo. Além disso, os novos movimentos populares brasileiros - a radical confederação dos sindicatos (CUT), os movimentos de trabalhadores sem terra (MST), as associações de moradores das áreas pobres - e sua expressão política, o novo Partido dos Trabalhadores (PT), são até certo ponto produto da atividade comunitária de cristãos dedicados, agentes leigos das atividades e comunidades de base também cristãs (LÖWY, 2000, 135).

Nesse sentido, vale apresentar alguns antecedentes que contribuíram para o surgimento do Cristianismo da Libertação e das CEBs do Brasil.

3.2.1.1 Antecedentes do Cristianismo da Libertação e das CEBs

Como nada surge do acaso e desvinculado das demais situações e fatos acontecidos no restante da sociedade, faz-se necessário lembrar alguns processos históricos ocorridos na sociedade brasileira, latino-americana e mundial, que de certa forma prepararam o terreno em que surgiria o Cristianismo da Libertação e as CEBs.

3.2.1.2 Antecedentes Eclesiais

A nova mentalidade cultural surgida com a Revolução Industrial influenciará também o interior da Igreja Católica Romana. Em reação à modernidade industrial e suas contradições, a Igreja Católica publica documentos pontifícios. Segundo Domezi (1997), esses documentos, começam a ser publicados com o Papa Pio IX, que foi o maior combatente da Igreja contra a modernidade. Pio IX se empenhou “numa reforma da Igreja contra o racionalismo moderno e o ‘caos da revolução” (DOMEZI, 1997, p.25). Em 1864, 16 anos da publicação do Manifesto Comunista, Pio IX escreve o texto *Syllabus Errorum Modernorum*, condenando as técnicas e erros do racionalismo. Em 1870 convoca o Concílio Vaticano I, reforçando a condenação do racionalismo teórico e prático e declarando o dogma da Infalibilidade do Papa (DOMEZI, 1997, p. 25).

3.2.1.2.1 Doutrina Social da Igreja

O Papa Leão XIII, em 1891, escreve a importante Encíclica *Rerum Novarum*, preocupado com os problemas sociais sofridos pelos trabalhadores e pela sociedade diante dos avanços tecnológicos industriais. Coloca-se favorável aos direitos dos trabalhadores, da distribuição das riquezas, da regulamentação da vida social como obrigação do Estado. “A Igreja começou a tomar consciência da grave situação social” (DOMEZI, 1997, p.24)

Outro Papa a ser destacado na Doutrina Social da Igreja foi João XXIII. Eleito Papa no ano de 1958. Filho de camponeses pobres, ele foi capaz de entender melhor a

dor de tantos miseráveis e o grito dos trabalhadores, pedindo “justiça e paz”.¹³ Estava atento às transformações do mundo moderno. E com apenas três meses após sua eleição, em 25 de janeiro de 1959 (25 dias do triunfo da revolução cubana), convoca o Concílio Vaticano II - 1962-1965. (DOMEZI, 1997)

De acordo com Domezi (1997, p. 27), ele foi a figura mais importante no processo de mudança de postura da Igreja diante das situações de sofrimento da grande maioria da população mundial. No ano de 1961, publica a Encíclica *Mater et Magistra*, convocando todos a desenvolver um mundo melhor. Em 1963 na Encíclica *Pacem in terris*, trata dos Direitos Humanos, como um direito à existência e prioriza o diálogo como padrão de vida. Mas, certamente seu maior feito foi a convocação do Concílio Vaticano II (SOUZA, 2004, p. 26).

3.2.1.2.2 O Concílio Vaticano II

Segundo Domezi (1997, p. 27),

João XXIII viu que uma Igreja fechada em si própria nunca poderia dar resposta ao impacto da modernidade, mas, ao convocar o Concílio, não esperava uma renovação imediata. Esperava-se que o Concílio criasse condições de liberdade e abertura para o início de um longo processo de diálogo, intercâmbio e evangelização.

Outras iniciativas, que desde o entre guerras foram implementadas no seio da Igreja, contribuíram bastante para desencadear o Concílio Vaticano II: o movimento litúrgico que valorizou a dimensão sacramental da Igreja; o movimento bíblico que foi às

¹³ A primeira carta pastoral que o papa João XXIII escreveu, iniciava com estas palavras: Justiça e Paz (DOMEZI, 1997, p. 27).

fontes da Sagrada Escritura com novos métodos exegéticos e críticos; a renovação patrística que levou ao estudo e publicação de muitos escritos dos Santos Padres do oriente e do ocidente; o ecumenismo impulsionado pela espiritualidade e diálogo teológico; a pastoral que buscava novos caminhos mais acertados para o meio intelectual, para os jovens e operários (DOMEZI, 1997, p. 27; TEIXEIRA, 1988, 203-204).

Ressalta-se que, uma das formas de implantação e adaptação das conclusões do Concílio Vaticano II na América Latina foram as Conferências Episcopais.

3.2.1.2.3 Antecedentes Eclesiais no Brasil

No panorama eclesial brasileiro, a Ação Católica Especializada foi uma das experiências católicas de cunho esquerdista. Segundo Löwy (2000, p. 140) “a Esquerda Católica Brasileira da década de 60 foi a verdadeira precursora do Cristianismo da Libertação”.

A Ação Católica, de 1947 a 1950, passando para o modelo francês e canadense, transformou-se em movimentos especializados, basicamente de juventude, organizados por meios de atuação: agrários (JAC), estudantil (JEC, JECF), independente (setores médios, JICF), operários (JOC-JOCF) e universitário (JUC). Utilizavam o método ver-julgar-agir, a partir da experiência jocista, e a revisão de vida. Falava-se então de formação na ação, de inserção no meio, de compromisso e de transformação social. Do mundo da cultura e de uma atividade intra-eclesial, se passava a presença ativa na sociedade (SOUZA, 2004, p. 82)

Por iniciativa de Dom Helder Câmara, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é fundada em 1952, com o intuito de trabalhar uma pastoral de conjunto. Teve como marco importante para sua unificação, o plano de emergência (1962) e sua

solidificação com o primeiro Plano de Pastoral de Conjunto (1966) (PESSOA, 1999, p. 99).

Seguindo o exemplo dos bispos brasileiros, em 1954, as congregações religiosas fundaram a CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil (DOMEZI, 1999-2000, p. 38). Entre as demais ordens religiosas que compõem a CRB, as femininas foram decisivas para a implantação de uma Igreja mais popular, no caso as CEBs.

Conforme Löwy (2000),

As ordens religiosas femininas não só eram as mais numerosas – existem trinta e sete mil freiras no Brasil – mas o fator mais eficaz na promoção das CEBs nas comunidades pobres urbanas. Como resultado, no fim da década (1970), já havia dezenas de milhares de tais comunidades de base, com centenas de milhares (talvez alguns milhões) de participantes (LÖWY, 2000, pp. 145-146).

Em 1956, na Diocese de Barra do Piraí, Rio de Janeiro, surgem os catequistas populares. Eram pessoas simples, leigos e leigas, que ajudavam na instrução da fé do seu próprio povo (TEIXEIRA, 1988, p. 56).

No Rio Grande do Norte, surge no sertão do Seridó, uma experiência pioneira na tentativa de enfrentar o problema agrário. Por intermédio da Ação Católica Rural, os pequenos agricultores unem-se em cooperativas para buscar soluções frente à difícil situação em que viviam. Em 1948, a Arquidiocese de Natal vivenciou experiência semelhante, incluindo o meio urbano. Através de estudos detalhados sobre a situação agrária da região e com um planejamento para responder à realidade detectada, assim como a criação das Escolas Radiofônicas,¹⁴ a Arquidiocese fomentou um movimento

¹⁴ Segundo Domezi (1999-2000, p. 38), as Escolas Radiofônicas não tinham como perspectiva primeira uma educação/evangelização libertadora, mas neutralizar as Ligas Camponesas.

pioneiro na sindicalização e na evangelização libertadora, ligando fé e vida. Essa experiência no Rio Grande do Norte ficou conhecida como “O Movimento de Natal” (DOMEZI, 1999-2000, p. 38; TEIXEIRA, 1988, p. 60).

Ainda no Estado potiguar, por causa da falta de padres, surge o projeto “missão em paróquias sem padres”. No ano de 1962, algumas religiosas deixaram os colégios e assumiram a paróquia de Nísia Floresta (TEIXEIRA, 1988, p. 67).

Em 1961 é criado o MEB (Movimento de Educação de Base), a partir da “pedagogia do oprimido” de Paulo Freire. O MEB articulava a educação, a prática pastoral e a prática política. Seu lema era “educar para transformar” (DOMEZI, 1999-2000, p. 38; TEIXEIRA, 1988, p. 97).

Havia ainda os cursos de formação para a renovação da pastoral, oferecidos pelo Movimento por um Mundo Melhor (MMM). Esse movimento surgiu na Itália, de ordem mais interna da Igreja. Queria substituir o individualismo pela ação comunitária. Chegou ao Brasil em 1960. Até o ano de 1962 já havia realizado 186 cursos em 50 dioceses e 15 Estados (DOMEZI, 1999-2000, p. 37-38).

3.2.1.3 Antecedentes sócio-políticos

As décadas de 1950, 1960 e 1970 também foram épocas do surgimento de diversos movimentos sociais em todo o mundo. Movimentos de mulheres, estudantes (maio de 68), hippies, pacifistas, homossexuais, ecológicos, negros, indígenas, “que lutavam pelo reconhecimento de suas identidades particulares, de suas especificidades culturais e de valores e por sua autonomia política” (SCHERER-WARREN, 2004, p.1).

Depois da Segunda Grande Guerra, o planeta entrou numa grande revoada. Parecia que estava surgindo um outro mundo. Muitos foram os acontecimentos pós-guerra que contribuíram para essa mudança mundial. Não podendo aqui tratar de todos, somente alguns serão ilustrados, por causa de sua relevância na contextualização das mudanças na Igreja Brasileira e da vivência das mulheres nos movimentos eclesiais e sociais.

A partir da segunda metade do século XX, o mundo passa por uma transformação radical na tecnologia, também chamada de era da automação. A ciência, a medicina, os transportes, as comunicações e toda vida global passam, num ritmo muito veloz, por processos de transformações profundas (MURARO, 1970, p. 38).

Duas grandes nações saem fortalecidas da Segunda Guerra. Os EUA e a URSS. Esses países tomaram a liderança geopolítica do mundo. De um lado, os Estados Unidos lideravam o bloco capitalista. Do outro, a União Soviética liderava o bloco socialista. Detentores de um arsenal bélico, com poder de destruição mundial, esses países travavam lutas no campo ideológico para aumentar sua influência sobre os demais Estados (MAGNOLI, 1996, p. 85).

Nos continentes da África e da Ásia explodem vários movimentos de libertação e independência contra os colonizadores europeus (1945-60-80). Ajudados pelas superpotências mundiais, Estados Unidos e a União Soviética, que tinham interesses em ampliar suas áreas de influência, os países africanos e asiáticos aos poucos vão tornando-se independentes; boa parte alia-se aos EUA ou à URSS. Por causa da crise do modelo imperialista colonial, as empresas transnacionais se expandem ainda mais por todos os continentes. Implantam uma nova forma de domínio econômico pela

necessidade de aumentar suas influências mundiais e pela busca de mão-de-obra e matéria-prima barata (DOWBOR, 1982, p. 56-57).

Mas, nem todos os países quiseram se aliar à URSS e aos EUA. Surgiu, no cenário mundial, o movimento dos países que se recusaram a atrelar-se ao poder dessas duas potências, como a Índia, China e Iugoslávia – sendo esses últimos, nações socialistas que romperam com a Rússia. Destacam-se ainda, países pobres da Ásia e da África que ao se reunirem na Indonésia, em 1955, para discutirem os problemas que lhes eram comuns, tornaram-se conhecidos como países “terceiromundistas”. A reunião entre estes países oficializou pela primeira vez, a existência do Terceiro Mundo. Ficaram conhecidos como os não-alinhados, pois não queriam participar da Guerra Fria (MAGNOLI, 1996, p. 85) .

Na América Latina, inúmeros grupos também se posicionaram contra o controle e a influência dos Estados Unidos. Isto é, contra as “ditaduras americanas” e pela implantação do socialismo (MOREIRA, 2004, p. 186-187). O primeiro país a conseguir instaurar o socialismo na América foi Cuba (1959). Com o fracasso dos EUA no desmantelamento do governo popular cubano, Cuba intensifica sua “influência” sobre os demais países do continente. O Chile, de 1970 a 1973, torna-se também socialista por meios democráticos. A Nicarágua, em 1979, promove a Revolução Sandinista. Uma revolução popular através da guerrilha. Com exceção de Cuba, os demais países caíram por meio de golpes militares e boicotes políticos/econômicos promovidos pelos Estados Unidos (ALBUQUERQUE, 2003, p. 52).

O Brasil, desde a sua entrada na Segunda Guerra Mundial “optou” em continuar durante as décadas posteriores, sob a “proteção” dos EUA e contra os comunistas

soviéticos. Em 1947 o governo brasileiro proibiu a existência do Partido Comunista do Brasil (PCB). No ano de 1964, essa proteção dos ianques ao Brasil foi o alicerce – secreta Operação Brother Sam - e o total apoio ao golpe militar no país. O golpe foi considerado pelos próprios militares, como o combate necessário à “subversão comunista patrocinada pelos soviéticos” (ALBUQUERQUE, 2003, p. 51).

A Ditadura Militar provocou uma reviravolta na Igreja. Com a perseguição, tortura e desaparecimento de muitas pessoas, entre elas, militantes da ACE – Ação Católica Especializada -, alguns padres, agentes de pastoral e até bispos, a Igreja posicionou-se contra a ditadura (MOREIRA, 2004, p. 188).

Estes acontecimentos sócio-políticos e as experiências religiosas católicas contribuíram de alguma forma para a mudança na Igreja do Brasil e para o surgimento do Cristianismo da Libertação e das CEBs. As CEBs e as organizações do Cristianismo da Libertação são assumidas por leigos. Os leigos, por sua vez, em sua maioria são compostos pelas mulheres. Portanto, pode-se dizer que a mudança de comportamento eclesial e social foi substancial na vida das mulheres, principalmente das mulheres pobres – já que o Cristianismo da Libertação e suas organizações sociais eram de cunho popular.

Após essa análise sobre a mulher católica na sociedade moderna, principalmente no que diz respeito à sua resistência e busca por mecanismos que lhe proporcionasse mais dignidade e respeito, tentar-se-á mostrar no próximo capítulo como tais mudanças colaboraram na vida das mulheres leigas. Especialmente as mulheres das classes populares ligadas ao Cristianismo da Libertação e às CEBs, na Diocese de Goiás.

4 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES POBRES DA DIOCESE DE GOIÁS: UMA TRAJETÓRIA DE EMANCIPAÇÃO

4.1. AS MULHERES E A MEMÓRIA HISTÓRICA DA IGREJA DE GOIÁS

A Diocese de Goiás ficou bastante conhecida, dentro e fora do Brasil, por causa da sua opção radical na defesa e promoção dos menos favorecidos, principalmente dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais e sem terra. Entre os inúmeros personagens que contribuíram para o reconhecimento nacional e internacional da história da Igreja de Goiás, nas décadas de 1970 e 1980, estão mulheres como: Maria Pires, Isabel Batistela, Isabel Carlos, Maria Marques, Maria Ferreira, Josefina Vieira, Maria das Dores, Dona Divina (do assentamento Mosquito), Dona Manoela (Mossâmedes), Irmã Revir, Maria Antônia (Maria Toró), Marlene Maria, Perpétua Maria, Edineusa Rodrigues, Irmã Nadir, Irmã Ester, Irmã Rosária, Irmã Gilda, Eldirene Vieira, Eliete Aparecida, Maura Evangelista, Dona Joana (do Zezé Serafim), Valdelina Honorato, Lourdes Borges, Sueli Aguiar, Adenilda Aparecida, Luzia (do seu Rafael), Maria Helena, Ana da Silva, Isabel Aguiar (Dinha), Josefa Augusta, Maria Rita, Maria Pereira (Augusta), Maria Nielsem, Nilza Pereira, Sebastiana Pacheco, Inocência Vaz, Matilde de Souza, Maura Leandra, Zilda Menezes, Ângela Mares, Dona Tereza (do seu Isotério), Fátima Jacinto, Maria Jacira (Dona Marinhinha), Odorica Maria, Maria Francisca (Dona Conquinha), Dona Júlia (Itaberaí), Jovelina Bárbara... Entre tantas outras.

Porém os personagens mais destacados e lembrados – em livros, discursos e documentos – são os padres Francisco Cavazzuti, Henrique Malavolti, Francisco

Capponi, Isaque Spinelli, Ivo Poletto e o monge Marcelo Barros. Além deles, os mártires Tião da Paz e Nativo da Natividade e o próprio bispo Dom Tomás Balduino. Todos homens. Pouco ou nada se fala das mulheres que contribuíram nas diversas atividades e organizações que a Diocese promoveu. Qual o motivo das mulheres não serem lembradas como partícipes da história da Diocese de Goiás, nos anos de 1970 e 1980? Nesse período elas não contribuíram igualmente para a história da Diocese?

O motivo pode ser encontrado no patriarcalismo da sociedade judaico-cristã ocidental e da Igreja. Em outras palavras, a exclusão das mulheres na história da Diocese de Goiás não é meramente obra dos homens diocesanos; ela se dá numa realidade excludente da mulher em toda a história.

A preocupação da historiografia em falar de uma história das mulheres propriamente dita, só aparece após a ascensão do movimento feminista, a partir da década de 1960. Pelo fato de serem excluídas da história em geral, as mulheres estavam igualmente excluídas da história das religiões e da história da Igreja Católica. Segundo Zilda Ribeiro (2004), a exclusão da mulher na Igreja Católica - conseqüentemente a ausência de uma história da Igreja Católica que contemplasse as mulheres - também se deu pelo fato da Igreja ter assumido ao longo de milênios uma visão teológica e uma organização eclesial muito masculinizada, para não dizer machista. Conforme René Eyden (2001) a Igreja Católica é uma instituição altamente hierarquizada. A idéia de que o homem é superior à mulher foi cultivada pela hierarquia da Igreja ao longo de séculos e advêm da junção do pensamento grego com a teologia dos chamados santos padres.

Logo, a invisibilidade das mulheres na história da Diocese de Goiás é fruto de uma sociedade e de uma Igreja machista e hierarquizada em que a história é narrada na ótica masculina e na qual pretensamente os homens são os protagonistas.

Em contrapartida, quando o movimento feminista tornou visível a situação de subjugação e ao mesmo tempo mostrava-se como uma força social em ascensão, surge uma nova abordagem historiográfica com o intuito de tirar a mulher da invisibilidade (BIDEGAIN, 1996). As mulheres questionam sua invisibilidade nos escritos históricos e começam a contar uma outra história. A história das mulheres.

4. 2 AS MUDANÇAS NA DIOCESE DE GOIÀS E AS MULHERES

4.2.1 Histórias de vida

As mulheres escolhidas como sujeitos desta pesquisa pertencem a uma determinada classe social - pobre-trabalhadora. Na concepção marxista são classificadas como proletárias: trabalhadoras despossuídas dos meios de produção e do produto do seu trabalho (MARX, 2004).

Em sua maioria são mulheres camponesas. Outras, apesar de não estarem diretamente trabalhando no campo e morarem nas pequenas cidades interioranas, estavam diretamente ligadas ao mundo rural, visto que, a economia das pequenas cidades depende da produção rural. Também pelo fato das pequenas cidades goianas nas décadas de 1970 e 1980 – sobretudo 1970 – viverem praticamente em função do

mundo rural¹⁵. Mulheres camponesas moradoras de uma região brasileira chamada de sertão, assim denominada devido ao isolamento econômico, político e de comunicação em que se encontrava o Estado de Goiás até a década de 1970 (CAVALCANTE, 2004).

Convém ressaltar que essa questão do isolamento não se aplica apenas ao Brasil Central, mas a todo o Brasil, em relação a outras nações durante o período colonial e no interior da unidade nacional, entre diferentes grupos e instituições, isolamento que prossegue no século XX (LIMA, 1999, apud CAVALCANTE, 2004, p. 1027-1028).

A maior parte das mulheres pesquisadas é migrante ou filhas de migrantes. Vieram para a região da Diocese de Goiás buscando melhorar sua condição de vida e de sua família. Majoritariamente, essas migrantes e sua parentela vinham principalmente do Oeste e do Sul de Minas Gerais. Outras vieram de São Paulo, de vários Estados nordestinos e de outras partes do país.

Impulsionadas/dos pela forte propaganda que advinha desde a época da “Marcha para o Oeste” - promovida por Getúlio Vargas na quarta década do século XX, que apresentava a imagem de Goiás como lugar onde se conseguiria terra boa e fácil para o trabalho e para moradia familiar -, o fluxo migratório para o Estado aumentou consideravelmente a partir dos anos de 1940. Em 1941, a primeira Colônia Agrícola Nacional foi implantada em terras goianas, onde hoje é o município de Ceres - município pertencente à Diocese de Goiás. A Colônia Agrícola de Ceres tornou-se um grande motivo para atrair a atenção de todo o país para essa região (PESSOA, 1999).

Passadas as décadas da euforia – 1940 e 1950 - da Marcha para o Oeste, a propaganda getulista provavelmente ainda ecoava no imaginário brasileiro que Goiás

¹⁵ Segundo Dom Tomás (apud SCOLARO, 2001), 75% da população da Diocese de Goiás morava na zona rural.

era uma terra de promessa. Nas décadas de 1960 e 1970 continuaram chegando levas de migrantes no Estado e na Diocese de Goiás.

Como a maior parte das mulheres pesquisadas é migrante ou filhas de migrante, o lugar onde elas e/ou suas famílias vieram se estabelecer, se deu da seguinte forma: os migrantes do sudeste brasileiro, sobretudo de Minas Gerais e São Paulo, foram se fixando especialmente na região leste da Diocese (nas regiões pastorais de São Patrício e Uru). Enquanto os migrantes nordestinos foram se estabelecer mais na região Oeste da Diocese (nas regiões pastorais de Rio Vermelho e Serra Dourada).

As regiões São Patrício e Uru são compostas de municípios onde prevalecem pequenas propriedades rurais, enquanto nas regiões de Rio Vermelho e Serra Dourada há prevalência de grandes propriedades rurais. Daí se pode concluir, que entre os migrantes que vieram para a Diocese de Goiás, os mineiros e os paulistas foram aqueles que trouxeram algumas economias para comprar um pedacinho de terra. Os nordestinos ao contrário, tiveram que se empregar nas grandes fazendas. No entanto, mesmo para quem trouxe algumas economias a realidade da migração foi muito dura. A vida foi cheia de dificuldades, desde a saída da terra natal até a instalação em terras goianas. As doenças, a falta de hospitais, de escolas, de transporte. Assim como no trabalho diário para conseguir o alimento de cada dia.

Os migrantes chegavam em caminhões fretados chamados de pau-de-arara. A viagem até Goiás durava vários dias e era bastante penosa, por causa da distância e da falta de estradas. A maioria das estradas não era asfaltada; era de chão batido.

Ao chegarem, muitas/os dessas/es migrantes foram trabalhar na roça em sistema de “meia”, ou seja, tudo que era produzido por elas/es tinha que ser dividido em

partes iguais com o dono da terra. No entanto, nem sempre recebiam o valor real do que era vendido e repartido pelo patrão. Dona J. A. S. (Anexo P) viveu essa forma de trabalho “à meia”, assim como as dificuldades enfrentadas quando chegou em Goiás, na região de Jussara. Ela testemunha:

A gente chegou aqui em Jussara, dia 29 de junho de 1958. Aí, a gente ficou aqui um dia. No outro, a gente arrumou uns patrão. Fomos pra Chibata, Roncador. Esse tempo era Roncador, esse lugarzin que nós fomos. A gente chegou lá. Fomos pra debaixo de um ranchin de paia de arroz, que quando a chuva tava lá na casa de Nosso Senhor, nós já tava todo molhado lá. Aí ficamos uns três mês. [...] Aí a gente ficou lá nesse lugar. O primeiro ano, a gente prantou [...] e o patrão sumiu. E nós ficamos comendo o pão que o diabo amassou com o rabo. E a gente, quando foi pra colher o arroz [...] Manoel cortou, empiou. O dia que ele pôs o arroz na pia, o patrão chegou. Negócio de oito horas da noite. ‘É, eu vim para vender o arroz, e pra eu levar’. Manoel falou, ‘não tem condição de fazer mutirão, de pôr ninguém, que não tenho dinheiro pra pagar’. ‘Não, nós vai fazer isso’. Aí, só sei que bateram esse arroz. Eu não lembro bem quantos sacos deu de arroz, mas deu bastante arroz. Pôs pião, mandou gente pegar coisa, que ninguém tinha nada, sabe? Era comendo assim as coisas... torrando arroz todo dia pra comer. Arroz novo não presta pra socar. Aí, quando terminou, eles vieram no caminhão, puseram esse arroz todin dentro desse caminhão e falou ‘agora vamo lá em Itapirapuã pra você receber’. Manoel falou ‘eu não vou não. Eu não posso não’. ‘Mas aí eu vou, vendo o arroz e venho trazer pra você’. Levou tudo. Não deixou nada. Cê vei lá, algum dia? Nunca mais nós vimo esse home. Aí ficou. Aí tinha sobrado assim... um pedacin que se chama assim... um tal de burrin, uma pinhinha de arroz, que deu saco e mei de arroz. Foi o arroz que nós ficamo pra despesa. Foi esse. Aí depois esse arroz ainda deu uma soca boa, que a gente colheu, pra ir se mantendo. Aí vei um cara e nos chamou pra ir pro Sicuri (J. A. S. Anexo P).

Outras/os que vieram e ficaram morando na cidade, também iam trabalhar “à meia” nas fazendas vizinhas. Algumas mulheres, que não acompanhavam os homens para roça, ajudavam no orçamento familiar lavando roupas ou costurando pra fora. Esse foi o caso de dona I. A. G. (Anexo O), quando chegou em Jussara com seus pais em 1952:

A gente vei pra qui, e aqui, foi trabalhando assim... como se diz? Lavando roupa pros outro, passando, e... é desse jeito assim, né? Não tinha muita coisa não [...] Aí a gente vei pra qui, porque o papai trabalhava de carpinteiro, sabe? Fazia carro de boi e era o transporte. Era carro de boi aqui. Aí ele ficou trabalhando de carpinteiro. Aí também o meu marido ficou ajudando ele serrar madeira. Essas coisas assim, sabe? Aí foi trabalhar na roça. Plantava “à meia” com quem tinha terras, porque nós não tínhamos terra. Depois papai comprou um lotezin. Fez uma casinha. Eles morava. E ele trabalhava fazendo carro, né?

Ele fazia muitos carros, muitas coisas assim, carro de boi. [...] E depois que casei, depois de casada, meu marido continuou trabalhando na roça. Toda vida, só trabalhando na roça e “à meia”. Morando aqui e trabalhava nas roças mais perto dos fazendeiros. Aí ele trabalhava porque a terra era do homem “pra meia”, sabe? E foi indo desse jeito (I. A. G. Anexo O).

A penúria dessas famílias nos primeiros anos em terras goianas foi muito grande. As mulheres trabalhavam igualmente para manter a família. As meninas, desde cedo, também ajudavam nos trabalhos familiares, em casa ou na roça, contribuindo na sobrevivência de todos. Sempre encontrando alternativas para ir driblando a dura situação em que viviam. Lembra S. A. P. (Anexo U), ao contar a dura lida que viveu sua família, quando mudaram de Minas Gerais para o município de Itapuranga, em 1960:

A minha mãe fazia roupa pra ele vestir, de algodão. Mandava tecer. Minha mãe fiava, pintava essas roupas e mandava a mulher tecer. Como não tinha dinheiro, ela pegava e levava um monte de linha pra mulher e a mulher tirava e fazia um pouco de roupa, e já recebia em linha o pagamento de tecer a roupa, porque minha mãe não sabia tecer a roupa. Tudo de algodão cru. Meu pai vestia era isso. Minha mãe falou que chegou um dia, de minha irmã ficar doente e precisar ir pra o hospital, e só tinha um vestido feito de saco de açúcar. E a vaca foi e comeu o vestido. Aí minha mãe, não tinha jeito de levar ela pro hospital, que ela desmaiou pegando água na bica. Passou mal. E minha mãe teve que ir no vizinho pedir um vestido emprestado pra levar ela pra Itaberaí, pro único lugar que consultava (S.A.P. Anexo U).

4.2.2 A participação religiosa das mulheres antes de surgir a “Igreja da Caminhada”

Antes das mudanças iniciadas na Diocese de Goiás nos anos de 1970, muitas mulheres pobres já tinham uma participação religiosa católica. Essa atuação se dava de duas formas: nas práticas oficiais da instituição católica ou/e nas práticas da religião popular.

Segundo Riolando Azzi (2006), antes do Concílio Vaticano II havia na Igreja brasileira basicamente três modelos de viver o catolicismo: o catolicismo ultramontano¹⁶ (assinalado por três aspectos: a centralização, o clericalismo e o espiritualismo), o catolicismo popular e o catolicismo de sensibilidade social (principalmente com as organizações da Ação Católica Especializada).

Mas, na Diocese de Goiás existiam apenas os dois primeiros modelos de vivência do catolicismo. Por isso, apenas os dois primeiros modelos serão analisados.

Pode-se identificar o modelo ultramontano na Diocese de Goiás com o ensinamento do catecismo doutrinário e com as devoções piedosas (Cruzadas, Filhas de Maria, Apostolado da Oração). O depoimento a seguir exemplifica tal afirmação.

Depois a gente muda pra Uruana [...]. Eu já com onze anos de idade. E aí eu fui participar da Cruzadinha. Tinha a fita amarela. Tinha o uniforme. A fita amarela ouro de passar assim no ombro, no peito, toda bonita. Então, a gente tinha as reuniões marcadas. Tinha as brincadeiras. [...] A gente participava da missa aos domingos. Era mais uma vivência de grupo, de família. Me lembro que eu era magrinha e no sábado a Cruzadinha tinha que limpar o santo. Quando as mulheres mais velhas faziam a limpeza da igreja, a gente subia nos altares em Uruana, na igreja São Sebastião. Tinha uns altares altos, cheios de Santos. Aí, o pessoal dizia que eu tinha a mão delicada e era magrinha pra limpar os Santos lá em cima. Eu achava assim, o máximo (risos). E então, teve essa fase. Depois quando a gente mudou de Uruana para Itapuranga, então eu já tava com meus quinze anos. Aí nós fomos participar da Legião de Maria [...]. Era também um grupo misto, moças e rapazes. E neste momento já era o padre Nelo Bonon. Nosso querido Nelo Bononi. E esse grupo também era muito organizado. Nós tínhamos uniforme da saia preta e blusa branca. A gente encontrava todo sábado. Participava das atividades da igreja, fazia festa junina. A gente era um grupo também coeso. Carnaval a gente fazia retiro. Tinha os cantos, as rezas certas da Legião (P. M. C. G. Anexo T).

Este modelo de catolicismo, ligado diretamente ao clero, à instituição eclesiástica, tinha como base as “mulheres, que afluíam aos templos, participando das

¹⁶ A palavra ultramontana refere-se ao movimento ultraconservador surgido na Europa na primeira metade do século XIX, inspirado no Concílio de Trento, que defendia e reforçava o poder supremo do Papa. (AZZI, 1980).

numerosas associações devotas, e pela infância, que era educada nos colégios de padres e freiras” (AZZI, 2006, p. 25).

O modelo do catolicismo popular, a religião do povo, na Diocese de Goiás era manifestada especialmente nas folias, nas rezas de terço, nas promessas, nas novenas e nas irmandades (SCOLARO, 2001).

Na roça eu me lembro que a gente, além de rezar em casa, as orações normais, o terço... a gente ia em muitas festas. Festas de folia, festa de Santo Antônio. As festas dos santos em geral. O Natal, nas casas. Então, eu me lembro da felicidade com que a gente ia a distâncias e distâncias participar destas festas religiosas. Festa de leilão. Meu pai era gritador de leilão, era rezador de terço. E nestas festas também tinha muita comida, muita brincadeira. Então era uma religiosidade popular muito vivida, muito expressa, muito alegre. Eu gostava muito disso (P. M. C. G. Anexo T).

Os dois modelos estavam quase sempre em conflito. O modelo ultramontano não aceitava formas religiosas que não estivessem sob o controle do clero. Por sua vez, o modelo do catolicismo popular fugia do monopólio clerical, fazendo dos leigos os verdadeiros protagonistas (PALEARI, 1990).

Como já foi dito acima, as mulheres eram maioria nas associações religiosas, na prática devocional e na prática sacramental do modelo clerical centralista da Igreja. Na Diocese de Goiás elas também eram maioria na religiosidade popular. Entretanto, em algumas dessas expressões religiosas do povo eram excluídas da direção (irmandades leigas e folias, por exemplo). Já na reza do terço e nas novenas as mulheres tinham a predominância na direção.

Na pesquisa sócio-econômica-religiosa da Diocese de Goiás, de 1970¹⁷, as mulheres eram o componente predominante nas atividades relacionadas à

¹⁷ Pesquisa foi realizada pela própria Diocese (pesquisa participante) com o objetivo de melhor conhecer a sua realidade sócio-econômica-religiosa para melhor atuar sobre ela.

religiosidade. No item lazer (Igreja, festas, música, conversas, palestras) as mulheres eram estatisticamente a maioria¹⁸.

Segundo Scolaro (2001), nas novenas dos santos, na reza do terço e nos cultos à Virgem Maria os homens ficavam à distância conversando “lá fora”, enquanto as mulheres e crianças rezavam. Segundo o mesmo autor, os dois modelos de catolicismo vigentes na Diocese de Goiás excluía a mulher e contribuía para que ela ficasse subordinada ao homem.

A Igreja católica reforçava a concepção de inferioridade da mulher na medida em que a mulher é identificada sempre com o profano e é excluída dos quadros da produção do sagrado. A religião popular, no caso aqui o catolicismo, vem acentuar ainda mais estas diferenças não respeitadas. Uma forma de religião popular muito comum na região da Diocese é a de folia de reis. O giro é uma das características fundamentais da folia e neste giro as mulheres são impedidas de participar. Elas acolhem na casa, arrumam comida, e somente os homens são identificados com os três reis que vão visitar o menino Jesus (SCOLARO, 2001, p. 105).

Já Cecília Domezi (1999-2000), compreende que as organizações laicas do modelo ultramontano, mesmo dentro das contradições do controle clerical masculino, se tornaram um espaço conquistado pelas mulheres e tiveram seu significado. Esse significado, segundo a autora, foi uma espécie de ponte para a participação e para a liderança das mulheres nas futuras CEBs (DOMEZI, 1999-2000).

Na cultura camponesa da Diocese de Goiás e na cultura brasileira em geral, a religião ainda era vista nas décadas de 1960 e 1970 como “coisa de mulher” (DOMEZI, 1999-2000; SCOLARO, 2001). E como as mulheres representavam a maioria dos fiéis

¹⁸ A pesquisa foi realizada dentro do grupo social familiar. Mulher aqui é referente as mães, não levamos em conta as mulheres filhas. A pesquisa não distingue a quantidade de filhos e das filhas. Se assim fizesse, o número de mulheres participantes nas atividades religiosas poderia aumentar ainda mais.

nas práticas católicas antes das mudanças ocorridas nos anos 70, na Igreja de Goiás, da mesma forma serão maioria na reorientação dessa Diocese, a partir de Dom Tomás.

4.2.3 Mulheres na Diocese e a Diocese em mudança.

No ano de 1966 morre o bispo da Diocese de Goiás, Dom Abel. Em dezembro de 1967 é empossado um novo bispo em seu lugar, Dom Tomás Balduino. Esse novo bispo trazia consigo “os ventos de renovação” do Concílio Vaticano II e de sua experiência de militância no Movimento de Educação de Base (MEB), quando trabalhou na Prelazia de Conceição do Araguaia. Quinze dias após sua chegada na Diocese, no marcante ano de 1968¹⁹, em uma reunião com os padres, no município de Itaberaí, já convocava uma assembléia diocesana. A novidade era a presença não só dos padres, mas de religiosas e do laicato.

Em relação às assembléias da Diocese de Goiás, Jadir Pessoa (1999, p. 105) afirma que “é em torno das assembléias e a partir delas que vão surgindo as novas formas de poder interno, as definições ideológicas, as contradições do modelo e os enfrentamentos internos e externos”.

Segundo Pessoa (1999), as oito primeiras assembléias da Diocese foram divididas e reagrupadas em quatro etapas: *Modernização* (1968-1969), marcada ainda pelo poder institucional da hierarquia; *Transição* (1970-1971), marcada pela pesquisa para o conhecimento da realidade e a criação de uma instância de poder, a “Equipe Diocesana”, que auxiliaria o bispo nas mudanças; *Renovação* (1972-1973-1974),

¹⁹ No ano de 1968 eclodiram por todo o mundo diversas manifestações estudantis e de jovens. Foi o ano também da segunda Conferência Episcopal Latino Americana de Medellín.

marcada como a explosão do novo, “muito mais do que a chegada do novo bispo em si” (PESSOA, 1999, p. 106), pois, com a implantação do modelo político-pastoral da Igreja de Goiás, acabaram-se os decretos diocesanos, impulsionou-se a criação dos “Grupos de Evangelho” e das Regiões Pastorais. Por fim, a assembléia da *Igreja do Evangelho* (1975), marcada pela erradicação das práticas tradicionais dos sacramentos sem nenhum compromisso social e pela opção preferencial pelos pobres e oprimidos.

Apesar de Pessoa (1999) admitir que o laicato era a maioria nas referidas assembléias diocesanas, ele desconfia da verdadeira autonomia dos leigos nessas assembléias. Contrapõe a Ivanilde Moura (1989) que viu nestas assembléias uma divisão de poderes do clero com os leigos. Pessoa também faz duras críticas à Diocese de Goiás pela tentativa de erradicar a religiosidade popular e por não saber lidar em muitos momentos, com a pluralidade existente em seu próprio interior²⁰.

A participação dos leigos, desde a primeira assembléia, superou em quantidade a participação dos padres. E na convocação desses leigos, as mulheres tiveram suas vagas proporcionais às dos homens. “Estavam convocados todos os padres, religiosos e religiosas, e quatro leigos de cada paróquia: um homem e uma mulher adultos, um jovem e uma moça” (CAPPONI, 1999, p. 25). No entanto, a participação da mulher, nas primeiras assembléias e em outros encontros fora do município em que residiam, foi muito menor que a dos homens. Por exemplo, na 5ª Assembléia Diocesana em 1972,

²⁰ Nesse sentido, o próprio título do seu livro, *A Igreja da Denúncia e o silêncio do Fiel*, já é uma crítica à Diocese de Goiás. Pois, para o autor, a Diocese de Goiás fez uma significativa mudança social, deixando de ser uma aliada da classe dominante para ser uma aliada da classe dominada, porém, o clero continuou tendo o direcionamento das coisas referentes a organização interna da Igreja. Ver: PESSOA, Jadir de Moraes. *A Igreja da Denúncia e o silêncio do Fiel*. Campinas: Editora Alínea, 1999.

dos 75 participantes apenas 17 eram mulheres, e dessas mulheres, 11 eram religiosas e 6 eram leigas, ao passo que o clero somava 26 e os homens leigos 32.

Uma participante que esteve presente na segunda Assembléia Diocesana com seu esposo, fala sobre essa pouca participação das mulheres em encontros fora de sua vizinhança: “eram em menor número [...]. Na base você percebia a participação maior, tanto na roça como na cidade. Mas, nos encontros diocesanos, às vezes municipais, era menor” (Anexo T).

Qual o motivo então, para que nesta época, houvesse tão poucas mulheres em encontros diocesanos ou mesmo nos encontros municipais? Não eram elas o maior número de fiéis atuantes na Igreja?

A sociedade brasileira e goiana é herdeira de uma sociedade ocidental patriarcal de secular exclusão das mulheres. As mulheres quase sempre estiveram sob a tutela do pai ou do marido. Nas sociedades tradicionais camponesas isso parece ser ainda mais forte, mesmo nos dias atuais.

A cultura camponesa é fortemente marcada por uma estrutura familiar patriarcal, onde o homem é o chefe da família e, portanto o poder está concentrado em suas mãos. Tudo o que envolve a sua vida vem marcado por este dado cultural, até mesmo a própria fé (SCOLARO, 2001, p. 105).

Diante dessa tradição cultural camponesa de domínio do homem sobre a mulher e de submissão que ela vivia (e talvez muitas ainda vivam), no período de 1960 e 1970, pode-se afirmar, que a falta de mulheres nos primeiros encontros/reuniões religiosas fora da redondeza de onde elas moravam, se deu principalmente pela condição de submissão ao homem.

Nesta mesma linha de pensamento, Lemos (apud SCOLARO, 2001, p. 105) diz que “as culturas camponesas são construídas socialmente, com marcas de concepção de gênero hierarquizadas, na sua maioria com desvantagem para as mulheres”.

Conforme a pesquisa sócio-econômico-religiosa de 1970 da Diocese de Goiás,²¹ a maioria das donas de casa, quando saía para alguma atividade social, era quase sempre para participar de atividades religiosas. Se comparadas ao marido e aos filhos, tinham pouca ou nenhuma participação em outras atividades sociais, nas quais os homens tinham predominância (farra, jogo, baile, cinema e futebol). Ou seja, o homem tinha o poder de sair sem a mulher. Mas, por que as mulheres podiam participar das práticas religiosas e não de outros tipos de lazer?

Talvez o confinamento da mulher dentro de casa e sua saída apenas para as atividades referentes à religião tenha raízes antigas na cultura camponesa goiana. Paulo Rodrigues Ribeiro (2001, p. 34), falando das imagens que os viajantes europeus (Saint-Hilaire, George Gardener, Luiz D’Alincourt e Johann Emanuel Pohl) tiveram da mulher goiana no século XIX, afirma que apesar dos preconceitos e da adjetivação pejorativa que esses viajantes empregaram ao falar da condição feminina, seus escritos não deixam de ser uma importante fonte histórica para compreender a mulher goiana do século XIX.

Ribeiro (2001) expõe a seguinte situação: os viajantes apresentam as mulheres reclusas em suas casas. Por não receberem instrução escolar elas viviam apenas para

²¹ Na pesquisa sócio-econômica-religiosa da Diocese de Goiás de 1970, das 294 pessoas pesquisadas nas famílias, sobre a participação nas atividades da Igreja, as mulheres eram a maioria. A pesquisa foi dividida por categorias: Pai (85), Mãe (139), Filho (70).

o marido e a família; somente em situações extraordinárias é que podiam sair de casa e quando saíam era para ir à Igreja.

Porém, essa realidade iria mudar com o passar do tempo. No final da década de 1970 e durante a década de 1980, as mulheres já estavam participando em maior número nas diversas atividades diocesanas. Participação que se efetiva em vários níveis. Tanto no município onde moram quanto em outros municípios da Diocese de Goiás ou não. Isto sem necessariamente ter o marido por perto.

4.3 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES POBRES NA IGREJA DE GOIÁS

De acordo com Capponi (1999, p. 25), a mudança ocorrida na organização interna da Diocese de Goiás foi importante para determinar a igualdade de participação entre mulheres e homens nas assembleias diocesanas.

Mesmo não podendo participar (no início) das assembleias e outras atividades diocesanas, as mulheres foram desde o princípio a base da Diocese de Goiás.

Como o espaço da mulher fora de casa era praticamente o da religião, o da Igreja, e como essas atividades eram quase sempre identificadas “como coisa de mulher e de criança”, a nova forma de ser da Diocese de Goiás foi acolhida com mais rapidez pelas mulheres, principalmente pelas pobres. Mas, por que pelas mulheres pobres?

Antes de tentar responder essa pergunta, é necessário notar o sentido religioso que as mulheres deram às mudanças diocesanas, assim como o quanto a autoridade do clero influenciou as mulheres na acolhida das transformações da Igreja de Goiás.

Segundo Max Weber (1992, p. 314) e Clifford Geertz (1989, p. 105) a religião dá sentido para a vida das pessoas. A religião motiva, legitima e produz ações. A religião não é algo unicamente social. É também do âmbito do individual. Sobre essa dimensão individual da religião Lemos (2005, p. 26-27) afirma:

A religião continua em cena porque o ser humano precisa dela para se localizar no mundo dotado de significado e para se entender como parte de um cosmo. [...] O ser humano se relaciona com o sagrado como uma realidade infinitamente poderosa, diferente dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca sua vida numa ordem dotada de significado: é o cosmo sagrado que enfrenta o caos.

As mulheres, acreditando em uma força maior que a delas, encontram na religião o sentido de participar das atividades propostas pela Diocese de Goiás. Quais as motivações que levaram as mulheres a participar de outra forma de vivenciar o catolicismo? Em um depoimento, uma das mulheres entrevistadas (Anexo F) responde:

Olha, eu acho que o motivo fundamental mesmo era a fé. A gente gostava muito do jeito da comunidade, da Diocese desenvolver o trabalho. Um trabalho assim evangelizador, que a gente gosta muito, acha importante demais o Evangelho de Jesus Cristo. Então, o motivo principal foi esse entusiasmo pela fé mesmo. E aquilo que dá, deu fundamento mesmo foi a Bíblia. O motivo principal foram esses (Anexo F).

Apesar do fator religioso ser predominante para a participação das mulheres na Diocese de Goiás, de acordo com as entrevistadas, houve outros motivos: para sair de casa; sair do trabalho doméstico duro e rotineiro; para se sociabilizar e não se sentir sozinha, isolada; para preencher a vida; por influência e/ou convite de agentes pastorais, amigos e familiares; por sua condição de pobreza e pela esperança de conseguir algo material; para se sentir reconhecida, valorizada.²²

²² Ver Bloco I nas entrevistas dos anexos A até L.

Acredita-se também que o poder das autoridades eclesiásticas sobre seus fiéis e da educação familiar patriarcal sobre as mulheres pobres, contribuiu para inseri-las nas novas práticas da Diocese de Goiás.

Sob uma sociedade patriarcal e sob a autoridade do pai e do marido a mulher era desde criança educada a obedecer ao poder do homem. Essa educação também passa pela Igreja. Sobretudo na Igreja, visto que, a autoridade do clero é a autoridade do homem.

Na teoria bourdieuniana (1998, p. 54) os agentes religiosos, os especialistas do sagrado na Igreja Católica é o clero masculino. O Papa, os bispos e os padres são os legítimos detentores dos bens religiosos, dos segredos divinos. As mulheres fazem parte da categoria dos leigos. Segundo Bourdieu (1998, p. 43) os leigos aí se encontram como profanos, “no duplo sentido de ignorantes da religião e estranhos ao sagrado”. Por essa condição de mulheres leigas, de não deter o capital religioso, de nada saber sobre os mistérios divinos, as mulheres da Diocese de Goiás ingressaram nas novas orientações da Igreja, por meio da autoridade divina do clero, acolhendo-as como vontade de Deus.

Volta-se à pergunta: por que as mulheres pobres teriam, entre as demais mulheres, respondido afirmativamente para as transformações da Diocese de Goiás?

Segundo Berger (1985, p. 71) a religião tem como função social justificar tanto a riqueza como a pobreza. Justifica a felicidade e justifica o sofrimento. O rico e pobre procuram na religião o sentido e consolo para sua realidade social. Não obstante, a religião não serve apenas para a justificação e o consolo dos estratos sociais. Conforme Weber (1992, p. 114-115) o indivíduo procura a religião primeiramente para evitar e eliminar o sofrimento. Nesse sentido, pode-se afirmar que, quem mais sofre,

mais procura a religião. Quem mais sofre mais quer sair da dor. E entre os afortunados e não afortunados, quem mais precisará da religião?

Weber (1992, p. 317) fala que as religiões proféticas, ao prometerem a eliminação do sofrimento ainda nesta terra, receberam primeiramente a adesão dos pobres e dos sofredores:

Em geral, porém, os oprimidos, ou pelo menos os ameaçados por uma desgraça, necessitam de um redentor e profeta; os afortunados, as camadas dominantes, não tinham tal necessidade. Portanto, na grande maioria dos casos, uma religião de redenção, anunciada profeticamente, teve seu centro permanente entre as camadas sociais menos favorecidas”.

O cristianismo em sua origem foi constituído pelas classes subalternas dos pobres, dos oprimidos, dos perseguidos e dos malditos (ENGELS, apud LÖWY, 2000, p. 18). Uma religião de origem profética que propunha (e ainda propõe) a salvação e a redenção por meio de Jesus Cristo, o redentor.

O Cristianismo da Libertação e a Diocese de Goiás utilizavam bastante o termo profetismo. Inspiravam-se nos profetas do Antigo Testamento e na pessoa de Jesus Cristo que denunciava a injustiça cometida pelas elites sobre as camadas sociais menos favorecidas.

Scolaro (2001) em sua dissertação de mestrado, *Profecia e Diálogo - análise sócio-cultural da Diocese de Goiás 1967-1998*, apresenta a Diocese de Goiás como portadora de profecia. A opção que a Diocese de Goiás fez pelas classes subalternas foi alicerçada na Bíblia, na profecia bíblica.

As mulheres pobres fazem parte dessas classes subalternas. O sofrimento de pertencerem às camadas sociais menos favorecidas seria a causa delas recorrerem à “profecia” da Diocese de Goiás? Provavelmente. Contudo, além do sofrimento por

serem pobres, por serem dominadas pelas camadas afortunadas da sociedade, elas também sofrem na sociedade patriarcal. Segundo o pensamento weberiano de que “quem mais sofre mais procura a religião”, acredita-se que as mulheres pobres sofrem mais que os homens. Nesse sentido, pode-se dizer que as mulheres pobres seriam as primeiras a aderir à transformação da Diocese de Goiás devido ao seu sofrimento? Conforme Weber (1992), parece que sim. O Cristianismo da Libertação e a Diocese de Goiás apresentavam um Jesus redentor dos pobres ainda nessa terra. Diziam que os pobres seriam libertados de todos os sofrimentos pela organização social. A letra de uma das músicas mais cantadas na Diocese de Goiás elucida bem essa fé:

Nossa alegria é saber que um dia, todo esse povo se libertará. Pois Jesus Cristo é o Senhor do mundo, nossa esperança realizará.

Jesus manda libertar o pobre e ser cristão é ser libertador. Nascemos livres pra crescer na vida, não pra ser pobre nem viver na dor (O POVO CANTA A SUA VIDA, 2004, p. 282).

Ao contribuir com a libertação dos pobres a Diocese de Goiás faz opção por eles, rompendo com a elite que tinha primazia na Igreja. Isso causou rupturas e conflitos com as classes dominantes da região. Essas rupturas se deram pelo fato das classes dominantes não aceitarem perder o domínio e o privilégio sobre a Igreja. Nesse sentido Scolaro afirma (2001),

Naquela época, em suas 17 paróquias, percebeu-se que havia uma dominação na condução das Igrejas centrais e nas festas por parte de uma elite, pequena burguesia, formada por comerciante (cerealistas) e fazendeiros. [...] As mudanças realizadas começaram não consultando os fazendeiros e a classe dominante em geral, mesmo porque esses não estavam interessados em mudanças, a consulta e decisões vieram a partir de baixo. As camadas populares passaram a assumir o controle das igrejas. Uma das formas de a burguesia manter sua dominação era através da pompa e do luxo ostensivo nos sacramentos, especialmente nos casamentos, e através das festas. [...] se percebeu que os sacramentos haviam perdido seu sentido original, seu verdadeiro sentido, e estavam sendo usados como ato social e político. Os sacramentos não representavam mais comunhão, união entre os fiéis, compromisso de viver o amor fraternal. Pela falta de evangelização não existiam comunidades e os sacramentos eram celebrados sem preparação e o

que era pior, eram utilizados para manter uma situação injusta de opressão e dominação. [...] O primeiro passo, ao lado da exigência da preparação para receber os sacramentos, foi a diminuição dos sacramentos para dar maior atenção e evangelização. [...] Como os agentes de pastoral em geral passaram a assumir a opção pelos pobres e a realizar estas mudanças, eles eram acusados de fazer política (SCOLARO, 2001, pp. 87-88).

Houve conflitos dos mais diversos. Desde acusações de que a Igreja de Goiás estava fazendo política contra a elite até ameaças de morte e tentativas de homicídio contra seus agentes pastorais. Um dos exemplos foi a expulsão dos padres de Itapuranga. Liderada pelas mulheres ricas, a elite da cidade planejou e executou a expulsão dos padres do município, por meio da violência física e da utilização de armas de fogo. Invadiram a casa paroquial, colocaram um dos padres (Frei Marciano) dentro do carro e o levaram para a saída da cidade, mandando-o ir embora enquanto atiravam para o alto. O outro padre (Ivo Poletto), não se encontrava na cidade.

Uma das entrevistadas (Anexo I), que vivenciou aquele momento, conta um pouco desse fato e o que ele lhe provocou:

Naquele momento eu fazia ginásio. Tava terminando o ginásio. E no início dos anos 70, o Ivo já estava lá há uns dois anos. Como ele pregava e a Diocese também como um todo, essa relação com os trabalhadores mais pobres, eu percebi... A minha irmã, amigos participavam. Então, eu comecei a querer saber o que tinha lá dentro de tão importante. Comecei participar das reuniões que tinha. E aí em um determinado momento, assim que eu iniciei, houve por parte da elite de Itapuranga, principalmente as mulheres elitizadas, não aceitar a pregação atual da Igreja. Fizeram a expulsão dos padres. Queriam expulsar o Ivo, né, e fazer barbaridades com ele. Mas como estava viajando com Dom Tomás não foi possível. Aí eles expulsaram o Marciano, que era um padre goiano e pessoa sofrida. Foi barbaridade. Então, naquele momento houve um confronto entre a elite e os trabalhadores pobres. Eu fiquei como estudante, como participante inicial, naquele momento, revoltada. E aí eu quis ir pra frente lutar, batalhar, pelos trabalhadores e por mim que era filha de trabalhador (Anexo I).

Pode-se perceber que muitas mulheres pobres, trabalhadoras, filhas de trabalhadores, se identificaram com a nova postura da Diocese de Goiás, através de seus padres e agentes de pastoral. Para elas, essa identificação tornou-se um convite e

um compromisso de ser “cristãs e libertadoras”, de ser “livres na vida” e não ser “pobres e nem viver na dor”.

4.3.1 Conflitos na família pelo direito de participar – a força da fé

As mulheres que acolheram o apelo da Diocese para essa outra prática da vida de fé, tinham que enfrentar primeiramente a tradição cultural machista, isto é, o pensamento que o “lugar de mulher é em casa”; que mulher não poderia viajar e ficar dias fora, longe do marido, dos filhos e dos seus afazeres domésticos.

A luta contra tal tradição cultural seria travada primeiramente no âmbito da própria casa, no enfrentamento da família. Além do afrontamento doméstico, elas teriam que lutar contra a sociedade patriarcal.

Essa luta contra o poder machista patriarcal, foi combatida, primeiramente em nome do próprio Deus, diferenciando das feministas norte-americanas e européias que nestes mesmos anos lutavam contra a sociedade machista em nome das igualdades de direitos entre homens e mulheres. Sobre essa luta das mulheres na Diocese, Dom Tomás (Anexo 4 apud SCOLARO, 2001) diz:

É uma presença diferente, não na linha do feminismo, esse feminismo nunca pegou aqui, esse feminismo numa linha européia, primeiro mundista que cria uma classe e luta por ela, reivindica espaço, que tem suas vantagens, inclusive na leitura da Bíblia, releitura eclesial, eclesiológica. Tem muitas teólogas mulheres. Mas aqui, no nosso chão a coisa caminhou no sentido da libertação, e a mulher foi mais protagonista do que o homem (Dom Tomás Balduino).

Distante dessas idéias feministas, as mulheres interioranas de Goiás começavam uma luta contra a dominação dos homens, principalmente os da própria família. A fé e a relação com o Divino deveriam prevalecer sobre qualquer coisa, até

mesmo sobre o marido. Nenhum empecilho que as atrapalhassem em “amar a Deus sobre todas as coisas”, como manda o primeiro dos “Dez Mandamentos da Lei de Deus”. Em nome de Deus elas desobedeciam e enfrentavam o marido, como fez Dona M. R. (Anexo R):

Ah! De premeiro os zome era muito ignorante. Muié de premeiro era feita dessa aí pra lá [se referindo ao caso de uma outra mulher]. Mas, por causa da Igreja, eu passava de lá pra qui, daqui eu ia lá embaixo. E não me segurava não, uai. Eu falava, quando nós casou, desde quando nós casou, é rezando, é pegando com Deus. [...] Que agora tá assim. A gente tem muita fé em Deus (M.R. Anexo R).

Entre as mulheres entrevistadas, a maioria afirmou que teve conflitos em casa e na sociedade por causa da participação na Igreja de Goiás. Mesmo aquelas que afirmaram a ausência de tais conflitos em casa, tiveram problemas fora de casa e conheciam outras mulheres que passaram por situações semelhantes, principalmente com os maridos. Elas consideravam que os maiores conflitos se davam no interior da própria família.

As formas desses conflitos domésticos variaram desde conflitos verbais até agressões físicas: discussão com o marido, com os filhos, pais ou parentes mais próximos; a falta de diálogo por parte do esposo; a proibição do esposo ou pai com intimidações; a negação do pai ou esposo em fornecer recursos necessários para a sua participação nas atividades religiosas, como dinheiro ou alguma coisa de casa; agressões morais e físicas, principalmente por parte do marido; humilhações em público pelo marido; ameaças e separação do casal. Exemplificar-se-á alguns casos:

Dentro da minha própria casa, a minha família, inclusive até hoje, é que eles têm muita contradição ainda comigo, porque, tem uns que não aceita. Eu mesma com meu esposo. Teve um dia que eu dormi até mesmo do lado de fora. Não sei as segundas intenções. Ele fala que não. Ele falava que não, foi porque não acordou. Mas aí eu disse que não ia deixar. Eu estava participando

da comunidade e cheguei mais tarde. E eu peguei e falei pra ele, que aquele motivo não era motivo para eu desistir. Que aí é que eu ia ser mais forte, sabe? É, e eu nunca, obstáculo que eu já tive, assim, com família, com amigos, nunca fez eu perder a fé e a esperança nesse novo jeito de ser Igreja. E cada dia mais eu me apaixono e eu vejo a maneira certa de fazer o reino de Deus crescer nesse mundo, é dessa forma: fé e política junto (A. S. N. Anexo N).

Meu pai teve muita dificuldade de aceitar. Meu pai era muito ligado aos políticos assim de direita. A gente tá falando da década de 70. Aqui já foi muito forte a Ditadura Militar [...]. E às vezes com o Tião mesmo, às vezes tinha hora que ele ia prun lado; outra hora ele voltava, regredia. Ele achava muito estranho a participação da mulher tão direta, tá na frente das coisas. Isso trouxe muito conflito pessoal pra nós. E às vezes ele chegava a dizer que eu tinha de optar. E eu falava que eu optava pelos dois. (risos) E seguia, com certo conflito, sofrimento, mas com opção muito forte. Pra mim, foi uma coisa assim, no fundo do coração, da alma, da razão. Eu mergulhei mesmo (P. M. C. G. Anexo T).

Nesse dia foi uma confusão danada quando foi pra sair. Quando a gente sai daqui, eu, Adésio, Alzira, Nilza e a Geralda. Passamos na casa do marido da Geralda pra pegar ela. E o véi veio na porta, mas bravo. E ela falou assim: 'Eu vou, e eu vou, você não tem nada com isso. Eu arrumei minhas coisas, deixei tudo arrumadin, e eu vou'. Aí ele falou: 'Você escolhe!' 'Eu não sei, eu vou. Agora quando eu chegar, se deu certo deu, se não, deu'. E logo eles se largaram. Foi por conta dessas coisas (J. A. S. Anexo P).

O enfrentamento da mulher contra o machismo para sair de casa constitui portanto, o primeiro grande passo no processo de emancipação feminina na Diocese de Goiás. No caso das operárias, esse processo se deu por meio da conquista do mundo do trabalho, da profissionalização. Assim escreveu Muraro (1970) tratando do século XX e as revoltas das mulheres:

Nas diversas etapas de sua revolta a mulher também vai conquistando os domínios então considerados 'terrenos sagrados do homem': em primeiro lugar, sai de casa, adquire competência profissional e invade o mundo do trabalho (MURARO, 1970, p. 30).

Diferente das operárias, as mulheres pobres da Diocese de Goiás começaram a sair de casa, por meio do espaço religioso oferecido por esta outra forma pastoral diocesana. Na Diocese de Goiás dos anos de 1970 e 1980 as mulheres foram

convocadas para atuarem na Igreja e no mundo. Sendo que, para responder a fé na Igreja, elas tiveram que lutar dentro da própria família para ganhar seu direito de ir e vir, o direito de participar. E para essas mulheres isso foi uma conquista, uma “libertação”, como se percebe nos sentimentos expressos por J. A. S. (Anexo P) e N. P. A. (Anexo S):

Teve muito. Meno eu sei que me libertei, posso dizer. Assim, eu faço meus deveres tudo, mas tudo eu não deixo também não, porque sei daquela palavra que Jesus disse, 'quem quiser ser meu discípulo tem que deixar pai, mãe, família, casa, campo'. Tudo, né? E a gente sabe que não é deixar, abandonar tudo aquilo. Mas é naquela hora que você tem que fazer aquele trabalho. Naquela hora é sagrada, pra gente fazer aquilo. Adispois a gente resolve as outras todas (J.A.S. Anexo P).

Eu acho que isso é libertação. Só você se libertar, saí de dentro de casa. Você tá dentro de casa, ali, com vontade de caminhar, de participar de alguma coisa. Você não participa, porque você não pode, porque tem problema. Logo você conseguiu, você se libertou, não é não? Eu, eu me libertei (N.P.A. Anexo S).

Conquistado o direito de sair de casa sozinha para ir às atividades da Igreja, restava ainda muitos outros direitos a serem conquistados. Passando da luta do plano mais pessoal, familiar, as mulheres foram lutar por outros direitos. Organizadas com outras companheiras e companheiros da caminhada, reivindicaram direitos sociais.

A libertação na nossa caminhada, eu só digo que a gente só se liberta mesmo, de verdade, que estão libertado, quando houver dignidade. Quando acabar a exclusão, num é mesmo? Tudo isso né? O preconceito, quando todas... a gente se libertar mesmo, lutar nessa caminhada e vê que nós temos mesmo uma vida digna, vê os trabalhadores que têm vontade de conseguir o seu pedacin de chão. Que tiver o seu pedacin de chão, trabalhando, colhendo ali o pão de cada dia pra seus filhos. Essa que é a libertação total, não é? Eu creio que sim. Por isso que eu digo, tem vários tipos de libertação! (N. P. A. Anexo S).

4.3.2. As Comunidades Eclesiais de Base

4.3.2.1 Grupos de Evangelho

Os Grupos de Evangelho eram as Comunidades Eclesiais de Base da Diocese de Goiás. O termo CEBs – Comunidades Eclesiais de Base - ainda não tinha tanta força na Diocese. No entanto, no ano de 1972, segundo Capponi (1999, p. 44) as CEBs já eram realidade: “Os grupos de Evangelho foram, desde 1972, a primeira concretização da opção pelos pobres. Eram pequenos grupos de trabalhadores, da roça e da cidade, que se encontravam para estudar a realidade à luz do Evangelho”.

Um pequeno grupo que se reúne para “ler a realidade”, discutir a situação na qual vivem os seus participantes, pode ser considerada uma CEB?

Segundo Teixeira (1988, p. 305) e Betto (1985, p. 16) definir exatamente um modelo para as CEBs no Brasil é impossível. Em termos numéricos esses dois autores comungam com a idéia de que as CEBs não são homogêneas. Conforme a realidade e o lugar, pode-se encontrar como CEBs tanto um grupo pequeno como um grande. Michel Löwy (2000, p. 82-83), por sua vez vê as CEBs como um pequeno grupo:

A comunidade de base é um pequeno grupo de vizinhos que pertencem à mesma comunidade, favela, aldeia ou zona rural populares e que se reúnem regularmente para rezar, cantar, comemorar, ler a Bíblia e discuti-la à luz de sua própria experiência de vida.

As CEBs da Diocese de Goiás eram (e continuam sendo) constituídas de pequenos grupos, rurais e urbanos. Sobretudo rurais, uma vez que nos anos de 1970 a maioria da população ainda vivia no campo (SCOLARO, 2001, p. 105).

O que define as CEBs não é o seu tamanho. Segundo Betto (1985, p. 17) e Teixeira, (1988, p. 305-306) uma comunidade eclesial de base é formada pelas seguintes características: agrupamento de pessoas da mesma fé que se reúnem regularmente; geralmente moram próximos; cultivam sentimentos de solidariedade; pertencem à determinada Igreja; seus membros pertencem às camadas sociais subalternas-populares.

Diante dessa caracterização do que seja uma comunidade eclesial de base, pode-se dizer que os grupos de Evangelho da Diocese de Goiás eram legítimas CEBs.

Por que então, na Diocese de Goiás as CEBs foram chamadas de Grupos de Evangelho? É importante perceber que apesar das CEBs terem surgido nos anos de 1960²³ e se tornado uma das opções decisivas da Conferência Episcopal de Medellín (1968), foi na década de 1970 que elas se multiplicaram e se fortaleceram (TEIXEIRA, 1999, p. 48). A mudança na Igreja de Goiás ocorrerá a partir dos anos de 1970, principalmente a partir de 1972, quando a 5ª Assembléia Diocesana faz a opção preferencial pelos pobres-marginalizados.

Com essa alteração feita na 5ª Assembléia Diocesana a Diocese passa a ser chamada de Igreja do Evangelho (MOURA, 1989, p. 72-74; CAPPONI, 1999, p.38-39). A terminologia deriva da intensa reflexão do Evangelho dentro da Assembléia. O Evangelho para ser anunciado aos marginalizados.

O ponto de partida da nova assessoria foi que as duas tarefas da Escola de Evangelho e Educação popular podiam ser unidas numa só: não havia distinção entre Evangelho e promoção humana. O Evangelho era Boa Notícia,

²³ Não há um consenso entre os pesquisadores sobre a localidade exata do nascimento das CEBs. Segundo Betto (1985) alguns pesquisadores dizem ter surgido em Nísia Floresta - RN, enquanto outros acreditam ter sido em Volta Redonda-RJ. Porém, parece ser consenso sobre o período do nascimento das CEBs no Brasil, que seria na década de 1960 (TEIXEIRA, 1988, p. 308).

trazida por Jesus para libertar os cativos, anunciar um tempo de graça (Lc. 4, 16-20). Baseado nesta certeza, escolheram uma parábola do Evangelho e foram entre os pobres, da roça e da cidade, promovendo reuniões de trabalhadores e trabalhadoras. Na reunião liam a parábola do joio e do trigo (arroz e timbete, como eles diziam para falar de plantas conhecidas do povo) e ouviram o que as pessoas tinham a dizer. Assim iam descobrindo as raízes da miséria e da injustiça. Aos poucos, ia aparecendo com clareza que os cristãos não eram acostumados a ligar o Evangelho com a vida. Na Igreja rezavam a Jesus, mas na vida não praticavam a sua Palavra. As leis do dia a dia eram o egoísmo e a ganância. Precisava então fazer um mutirão para ensinar ao povo a colocar o Evangelho na vida, e não separar as duas coisas: a fé por um lado e a vida por outro (CAPPONI, 1999, p.38-39).

Por isso, as pequenas comunidades de base que surgiram depois da Assembléia se chamariam Grupos de Evangelho. Para Moura (1989, p. 72) os Grupos de Evangelho foram a concretização das transformações ocorridas até 1972.

As alterações na ordem interna e nas linhas da Diocese que aconteceram nos cinco primeiros anos do bispado de D. Tomás, se objetivaram a partir de 1972, na constituição dos Grupos de Evangelho sob a “opção preferencial pelos pobres”.

No que diz respeito à participação das mulheres nos grupos de Evangelho percebe-se que elas eram maioria, tanto na condição de membro quanto de coordenadoras dos grupos. Realidade contrária à as instâncias de decisões diocesanas (assembléias, no período inicial das mudanças na Igreja de Goiás).

Pode-se perceber essa realidade a partir do seguinte depoimento:

[...] foi assim: quando teve essa divisão [mudança] na Igreja, a participação era mais das mulheres. Então, você via que nas coordenação das comunidades, como até hoje, mais são mulheres que anima as comunidades. [...] Mais era mulher que tava na catequese, as mulheres que tava no batismo, em tudo na Igreja sempre foi a mulher que tava. [...] E, ah! uns oitenta por cento era mulher, que tava no conselho da paróquia e muito pouco homem. Hoje tem muitos, mas quem assume o trabalho, continua sendo as mulheres (Anexo D).

É válido dizer, que as comunidades eclesiais de base, então constituídas com o nome de Grupos de Evangelho, segundo Capponi (1999, p. 44) também foram

chamadas de “sementes de comunidade” na 6ª Assembléia. Capponi, que vivenciou o momento inicial dos Grupos de Evangelho, conta como se passou esse processo de implantação e de solidificação dos grupos:

A gente organizava visitas às famílias em regiões da roça, no estilo das missões populares, convidando para um primeiro encontro. A partir daí começava um caminho de descoberta do Evangelho. Quando o grupo se firmava nós sugeríamos de escolher uma coordenação e caminhar de forma mais autônoma. Nossa presença, mas eles já sabiam fazer a reunião também sozinhos. De vez em quando era realizado um treinamento de dois ou três dias, usando dinâmicas para criar formas de organização e ações comunitárias. Não se faziam palestras: tudo era na forma de mutirão.

Os anos áureos das CEBs da Diocese de Goiás foram após a Conferência de Puebla (1979). Sobre esse período Capponi (1999, p. 75) diz: “Tivemos exemplos fabulosos como o de Itapuranga, onde se formaram mais de 50 grupos de base”.

Por fim, os Grupos de Evangelho constituíram o “trampolim” para a emancipação das mulheres pobres da Diocese de Goiás. Eles eram uma experiência formativa e social onde muitas mulheres ensaiavam os próximos passos de suas intervenções na sociedade. De mulheres “rezadeiras” e coordenadoras de Grupos de Evangelhos foi fácil para elas tornarem-se agentes sociais na vida pública.

4.3.2.2 A Pedagogia das CEBs

As CEBs na Diocese de Goiás e no Brasil foram constituídas em plena ditadura militar brasileira, período de restrita participação popular. Época em que qualquer organização de oposição era tida como algo subversivo, portanto, proibido. Impedida toda e qualquer possibilidade de manifestação contrária ao governo e as classes

dominantes, o povo buscou na Igreja - no Cristianismo da Libertação – uma nova forma de se organizar (BETTO, 1985, p. 22; LIMA 1979, p. 55).

Em meio a essa falta de democracia no cenário brasileiro, as CEBs ensaiavam na prática o que exigiam as autoridades eclesiais do governo: uma sociedade democrática e mais justa. “Através da voz dos bispos, a Igreja criticava, de maneira cada vez mais direta e explícita, as violações de direitos humanos e a ausência de democracia” (LÖWY, 2000, 145). Através de práticas simples, as CEBs tornaram-se verdadeiras escolas de aprendizado democrático. Por exemplo, nas CEBs da Diocese de Goiás a/o coordenadora/o era escolhida/o pelos membros da comunidade local para um mandato de dois anos.

Nas CEBs, as mulheres pobres aprenderam e exercitar o poder participativo, na coordenação e na atuação em diversas atividades e ministérios da comunidade - catequese, liturgia, Ministras da Eucaristia, do Batismo, do Matrimônio, etc. - (SCOLARO, 2001, p. 109; RIBEIRO, 1999, p. 166). Mesmo as mulheres que não tinham função específica na comunidade, eram apenas membros, aprenderam a falar em público, a perder o medo, a expor o que pensavam, a soltar sentimentos presos e a desabafar; aprenderam a ouvir, a opinar e a deliberar sobre assuntos tratados nas reuniões. Assim demonstra o depoimento de I. A. G. (Anexo O): “Todo mundo tinha sua vez pra falar. Não falava ao mesmo tempo não. Que isso é uma coisa muito importante, não é? Porque cada um falava; deixava a sua pra falar; falava”.

Segundo Capponi (1999, p. 44), essa participação nas CEBs significa para a classe trabalhadora e pobre o “milagre da libertação interior”. Isso serve tanto para o homem pobre quanto para a mulher pobre. No entanto, para as mulheres que viviam

numa sociedade em que “só o homem fala e tem razão sobre as coisas”, essa libertação veio em dose dupla, tanto pela sua condição de pobre como de mulher. Nas CEBs “Os homens não têm mais a última palavra; as mulheres começaram a se sentir em pé de igualdade” (HOORNAERT, 1979, p. 78).

A gente tem muita experiência, porque a gente cresce como pessoa, como mulher, como mãe. Ah! tem muito ganho assim [...]. Passar entender, passar compreender; ver as diferenças entre pessoas; aceitar as diferenças. Eu acho que foi muito bom. A gente tem um ganho muito grande, um crescimento. [...] Porque antes a gente só obedecia e depois a gente passou a compreender que nós também temos o nosso direito. Então, a gente começa desenvolver e ver que a gente também tem os mesmos direito de falar, de fazer, de querer e aceitar (Anexo E).

A comunidade de base possibilitou a saída da mulher pobre do seu mundo doméstico, familiar, do privado, para o mundo do público. Essa nova realidade representou para muitas mulheres pobres uma etapa pedagógica de atuação pública no âmbito dos movimentos sociais/populares, assim como no âmbito da política formal:

Se na família, no mundo do trabalho e na sociedade, estas mulheres das camadas populares são ainda extremamente oprimidas e marginalizadas, sua participação efetiva no universo religioso e eclesial tem se mostrado como uma possibilidade real e original de acesso e de passagem a uma maior consciência social e tomada de posição no espaço público, em termos de participação nos sindicatos, nas associações de bairros, nos movimentos populares e nos partidos políticos. A experiência e o comportamento religioso das mulheres dos meios populares brasileiros, seu assumir maciço e majoritário dos diferentes serviços eclesiais são, muitas vezes, num primeiro momento, o único espaço que lhe é permitido como lugar de presença e atuação fora dos limites domésticos da casa e do cuidado da família (BINGEMER, 2002-2003, p. 110[406]).

As mulheres pobres, interioranas, camponesas, por meio da sua participação nas CEBs, nos Grupos de Evangelho e nas atividades da Diocese de Goiás, nos anos de 1970 e 1980, fizeram pedagogicamente uma trajetória de auto-afirmação, de auto-

valorização do seu ser feminino, assim como, de tomada de consciência social e política.

A própria dinâmica das CEBs e o processo de conscientização que vem se dando em seu interior estimula as mulheres a assumirem-se como sujeitos, deliberando com liberdade e responsabilidades sobre seus atos. Nesse sentido é a própria participação na instituição eclesial que as leva a assumir, de forma consciente e responsável, uma prática que se distancia da doutrina oficial desta mesma Igreja (RIBEIRO apud LEMOS, 2005, p. 187).

Segundo Jarschel (1991), a mulher pobre começa a ser valorizada na Igreja com o nascimento das Comunidades Eclesiais de Base. As CEBs proporcionaram às mulheres pobres um caminho para o seu protagonismo e para sua afirmação. Assim como escreve Nunes (1992) e Ribeiro (1999):

As Comunidades Eclesiais de Base e os Clubes de Mães a elas ligadas contribuíram, certamente, de forma inédita na história do Catolicismo, para que 'o protagonismo das mulheres pobres' ocorresse, no interior da própria Igreja e na sociedade brasileira (NUNES, 1992, p. 25)

"[...] participando do próprio surgimento e desenvolvimento das CEBs, as mulheres trouxeram para as comunidades sua contribuição própria; mas, ao mesmo tempo, esta participação nas comunidades - que são espaços inovadores onde 'se dá voz a quem não tem voz' - foi o que permitiu a afirmação das mulheres" (RIBEIRO, 1999, p. 166).

Conforme Lesbaupin (1999), de forma semelhante, em outros lugares, em outras dioceses e regiões do país, as mulheres das CEBs foram se valorizando pela sua participação na comunidade de base:

Dentro das comunidades, a partir da leitura e reflexão bíblica, da partilha da palavra, da solidariedade na ação, as mulheres vêm assumindo sua própria capacidade, vêm se descobrindo, descobrindo sua potencialidade, muitas se tornando líderes nas comunidades, nas lutas, nos conselhos, nas celebrações, na pregação. [...] Num mundo em que os papéis principais são atribuídos aos homens e as mulheres ficam em segundo plano, a vivência nas comunidades ajuda a resgatar o seu valor e seu espaço na sociedade. A própria relação homem-mulher vem se modificando em função desta participação maior, deste papel ativo assumido pelas mulheres e também em razão de reflexão conjunta que homens e mulheres vêm fazendo em suas comunidades (LESBAUPIN, 1999, p. 89).

4.3.2.3 Agentes de Pastoral

4.3.2.3.1 As agentes de Pastoral Leigas

Na Diocese de Goiás os agentes de pastoral eram padres, freiras ou leigos e leigas que recebiam um certo salário para se dedicarem, de maneira integral, aos trabalhos da paróquia ou de uma pastoral diocesana. Muitos agentes de pastoral eram mulheres, em sua maioria freiras. Pela escassez de padres e pela tentativa de uma maior partilha de poder (SCOLARO, 2001, p. 112) a Diocese de Goiás entregou paróquias nas mãos de freiras e de leigos.

A partir do ano de 1985 inicia-se na Diocese uma experiência de equipes colegiadas de agentes de pastoral. Religiosas, padres e leigos, homens e mulheres, foram morar juntos para assumir a paróquia.

Quando eu terminei o ensino médio, em 84, surgiu um convite, partindo de Dom Tomás pra que a gente pudesse... a Diocese estava interessada em fazer uma experiência com leigos, leigos engajados na comunidade, morando em casas paroquiais. A primeira experiência que a Diocese estava querendo fazer nesse sentido. Eu fui convidada juntamente com Sebastiana, que a gente era amiga do grupo de jovens, e pela nossa atuação também. Aí nós fomos fazer um ano de experiência em Uruana, que era um trabalho com uma religiosa, com o padre e três leigos (Anexo C).

Após essa primeira experiência de comunidade mista na paróquia de Uruana e após a experiência de uma moça, Francisca da Silva, em assumir o trabalho pastoral de um povoado do município de Itapuranga, surge a primeira equipe leiga de agentes de pastoral. Eram moças, vindas das comunidades da própria Diocese de Goiás, como Eliete, Francisca, Olívia, Roneide e Sílvia, que foram assumir por quatro anos a paróquia de Itapirapuã (CAPPONI, 1999).

Mas, sobre as relações salariais dos agentes de pastoral não havia uma definição e igualdade. As agentes de pastoral recebiam salários inferiores aos dos homens. Tanto as freiras como as leigas, geralmente, recebiam salários menores que os padres.

O primeiro trabalho que nós fizemos como leigas engajadas mesmo foi em Itapirapuã. Nós enfrentamos muitas dificuldades. Tinha a questão financeira que não era definida, a gente não recebia salário. A comunidade era muito pobre. Logicamente nós não passamos fome, mas nós tivemos dificuldades em todo trabalho da pastoral, que tem seus gastos e a nossa vida mesmo pessoal. A gente teve dificuldade nesse sentido (Anexo C).

Além da problemática salarial havia a questão da autonomia dessas agentes de pastoral. Segundo Sclaro (2001, p. 112-113).

Isso de fato representa um avanço com uma limitação, ou seja, a limitação é que nessas paróquias sempre havia um padre que respondia como pároco. Quer dizer, o padre morava em outro município, mas era responsável pelos sacramentos que os leigos não podem ministrar e por isso o poder em última análise continuava nas mãos dos homens. Contudo esta realidade fez a Diocese crescer e criar novas relações e perceber realidades de convivência e de ação pastoral de uma forma diferente.

Apesar dessas limitações, Sclaro (2001), acredita que essa experiência em Goiás representa um avanço para a Diocese e para as mulheres na Igreja, sobretudo para as leigas.

Da mesma forma que essas experiências contribuíram com o crescimento da Diocese, nos termos de Sclaro (2001), pode-se perceber também a contribuição que deram para a formação das mulheres que participaram dessas experiências. Uma das moças que foi agente de pastoral em uma paróquia da Diocese, nos anos de 1980 (Anexo C), declara:

Tudo que sou hoje, além da formação e educação que a gente recebe na família, eu acho que eu recebi uma grande contribuição da Diocese de Goiás. Nesse sentido, para minha formação pessoal, formação profissional até. Na

minha escolha, até o curso superior que eu fiz, acho que foi uma das escolhas a partir de uma militância que eu tive na Igreja.

4.3.2.3.2 Agentes de Pastoral como Intelectuais orgânicos

Os agentes de pastoral da Diocese ajudavam o povo a fazer a interação da fé com a vida, da religião com a política. Este papel ocupava a maior parte do tempo dos agentes de pastoral na formação dos Grupos de Evangelho (CAPPONI, 1999, p. 44). No seu trabalho, os agentes usavam comparações de símbolos bíblicos com os símbolos mais conhecidos da realidade local. Na “parábola do joio e do trigo”, mencionada anteriormente, o “timbete”²⁴ era equiparado ao joio e o trigo ao arroz. Tal comparação era usada para as pessoas entenderem melhor o texto bíblico. Nas reflexões desses textos os agentes direcionavam a interpretação para o momento político e social do país e dos próprios trabalhadores. Conforme Pessoa (1999, p. 118), em diversas ocasiões, os próprios agentes interpretavam as parábolas, direcionando-as somente para o lado político, com isso, matavam a criatividade do povo e aprisionavam a metáfora. Dessa maneira tornavam sua ação pastoral uma “ortopraxia” (PESSOA, 1999, p. 118).

Outras críticas foram feitas aos agentes de pastoral brasileiros por atuações muitas vezes “agressivas” frente ao povo. Betto (1985, p. 41-44) faz duras críticas aos agentes de pastoral do tipo populistas e do tipo vanguardistas. Por populista ele considera os agentes que se inserem no meio do povo, pensando que o povo por si só tem todas as respostas para os seus problemas. O agente populista não respeita o

²⁴ O “timbete” é uma planta daninha muito comum na região da Diocese de Goiás.

povo porque não se prepara e não planeja a ação pastoral. Chama-os de românticos e de canonizadores da pobreza. O contrário do populista, seria o agente vanguardista que se acha o salvador do povo. Nessa concepção o povo não seria capaz de produzir a história, o agente é o único a pensar, enquanto o povo só após se apossar das idéias iluminadas do vanguardista poderia se libertar.

Apesar das críticas aos agentes do tipo populista e vanguardista houve agentes de pastoral que realmente tornaram-se porta-vozes do outro modelo da fé cristã vivida principalmente pelos grupos desfavorecidos. Segundo Maduro (1980, p. 184), os agentes de pastoral, nos moldes gramscianos, tornaram-se muitas vezes intelectuais orgânicos. Surgindo da nova situação histórica eles representam os interesses de determinado grupo social. No caso das CEBs e do Cristianismo da Libertação muitos agentes de pastoral representaram as classes menos favorecidas.

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político (GRAMSCI, 1978, p. 3).

Ao discorrer sobre os intelectuais orgânicos de Gramsci, Souza (1982, p. 57) enfatiza que eles não se resumem aos intelectuais “clássicos” (como o filósofo, o artista e o literato), mas também, “ao pesquisador, ao técnico, ao educador, ao administrador, aos organizadores da sociedade civil e da sociedade política, aquele que desenvolve a consciência de classe”. Nesse sentido, muitos agentes de pastoral da Diocese de Goiás também podem ser considerados intelectuais orgânicos.

Segundo Scolari (2001, p. 128), os intelectuais da Diocese de Goiás não foram somente o clero e os leigos de formação mais elaborada, mas “todos aqueles que foram participando das Assembléias ou até mesmo colaborando de alguma forma nas pequenas comunidades de base”.

Partindo dessa concepção de Scolari (2001), pode-se dizer que, além das freiras e das agentes leigas liberadas, as mulheres pobres que tiveram uma certa liderança pertenciam igualmente ao grupo dos intelectuais orgânicos da Diocese de Goiás.

Fui do conselho paroquial uns oito anos ou dez, por aí. Aí eu dava assistência. Assim... A gente participava do município todo. Nessa época que a gente tava na coordenação do conselho paroquial eu ia no município todinho. Inclusive a gente ficou muito conhecida de ir nas reuniões do... Córrego da Onça... na roça todinha, na zona rural, tudo, tudo, tudo. A gente ia com padre Isaque ou ia só nós os coordenadores mesmo, nas reuniões. Eu assumi sim (Anexo F).

Falando sobre as CEBs urbanas, Löwy (2000, p. 83) diz que elas eram substancialmente comunidades de mulheres, somando mais de 60 por cento dos participantes. Ele fala mesmo de uma feminização das CEBs. Segundo o autor, essa feminização é fortalecida “pelo fato de que a maioria das agentes pastorais que ajudam a organizar as CEBs nas áreas urbanas populares são mulheres das ordens religiosas femininas” (LÖWY, 2000, p. 83).

Nunes (2004, p. 504) também reconhece a importância das freiras como agentes de pastoral e diz que as CEBs eram verdadeiras comunidades de mulheres. Porém, ela não se restringe apenas às CEBs das cidades, mas engloba todas as CEBs.

Enfim, as mulheres, maioria nas CEBs, feminilizaram as comunidades de base, e ao mesmo tempo, muitas se tornaram intelectuais orgânicas de sua própria classe.

4.3.2.4 As CEBs e a transformação da sociedade

As CEBs possuíam a marca de refletir sobre a vida a partir da fé e de interferir na sociedade, obedecendo aos preceitos de “Jesus Libertador”. Em vários lugares da Diocese aconteceram lutas por melhorias sociais. Essas lutas organizadas por pessoas engajadas nos grupos de base sinalizam que as comunidades da Diocese de Goiás tinham se tornado CEBs. Pois, a nível geral, as Comunidades de Base eram identificadas pela sua atuação na sociedade para modificá-la e melhorá-la. Afirma Lesbaupin (1999):

As CEBs são sementeiras de movimentos populares. No início são pequenas ações solidárias: um mutirão, a ajuda na construção de uma casa, a obra para ajeitar uma vala. Depois vai se ampliando para mobilizações maiores: em defesa da terra contra grileiros, para conseguir melhor transporte, para o asfaltamento de uma rua, para vencer as eleições sindicais, e assim sucessivamente. Por toda parte onde se formaram comunidades de base, apareceram mais cedo ou mais tarde, esforços comuns, ações coletivas, lutas, para mudar alguma situação, para obter direitos, conseguir algum bem para o conjunto da população. A dinâmica interna da comunidade de base leva a ações externas, a mobilizações sociais. Ela contribuiu para unir, organizar, por em movimento os setores das classes populares que ela atinge (LESBAUPIN, 1999, p. 86).

As comunidades eclesiais de base e as pastorais populares se tornaram importantes objetos de estudos das ciências sociais por sua atuação nos movimentos sociais, na luta por justiça e melhoria de vida na sociedade. A título de exemplo, cita-se três importantes pesquisadores: Ana Maria Doimo (1995), que detecta a participação das CEBs e das pastorais populares/sociais em cinco importantes movimentos que se desenvolveram entre os anos de 1975 e 1990: o Movimento do Custo de Vida, o Movimento de Moradia, o Movimento de Luta contra o Desemprego, o Movimento de saúde e o Movimento do transporte coletivo. Eder Sader (1988) que analisa a luta dos

trabalhadores da grande São Paulo entre os anos 1970 e 1980. Descubra as CEBs inseridas nessas lutas e a importante contribuição que elas dão a tais reivindicações. Jorge Castañeda (1994), que estuda os movimentos populares por toda a América Latina e sublinha a importância dos grupos de base nestes movimentos, principalmente as CEBs:

O movimento mais importante, por estar tão bem ancorado na história e no inconsciente do continente, é sem dúvida o das comunidades eclesiais de base (CEBs), que transformaram radicalmente o papel da Igreja em vários países da região; [...] as comunidades de base estenderam seu alcance a outros movimentos sociais “novos”, começando pelo mais típico e, ao mesmo tempo, mais inovador de todos, o movimento urbano (CASTAÑEDA, 1994, apud, LESBAUPIN, 1999, p.85-86)

Parece que, muitos dos movimentos importantes na história do Brasil no período de 1970 e 1980, foram sustentados e iniciados por mulheres, e muitas delas do Cristianismo da Libertação. Como exemplo destaca-se o Movimento do Custo de Vida que surgiu nos clubes de mães e nas associações de moradores das periferias de São Paulo. Ainda sobre as origens desse movimento consta que as mulheres começaram a escrever cartas públicas contra o alto custo de vida, os baixos salários e a situação precária das creches. Essas cartas foram “lidas primeiramente em algumas paróquias, durante as missas do domingo. Falavam do custo de vida, dos baixos salários e das creches” (TELES, 1993, p. 75). Com o apoio dos agentes de pastoral, aos quais estavam vinculadas, apresentaram as solicitações contidas nas cartas às autoridades públicas. O Movimento do Custo de Vida, depois chamado Movimento contra a Carestia desenvolveu atividades por vários anos, aglomerando outras reivindicações, como o aumento dos salários, o congelamento dos preços e a reforma agrária. Nesse contexto, pode-se concluir a partir de Teles (1993, p. 79) que “as mulheres da periferia foram as

pioneiras desse movimento e as principais protagonistas dessa iniciativa que incorporou milhares de pessoas e fortaleceu as lutas em busca da democracia”.

O Movimento do Custo de Vida também encontrou eco na vida eclesial das mulheres da Diocese de Goiás. Momento que pode ser ilustrado a partir do depoimento a seguir: “No Estado de Goiás teve uma participação grande das mulheres. Nossa também - Itapuranga, Itaberaí, Goiás. Uma participação ativa, inclusive no abaixo assinado nacional nós contribuímos” (P.M.C.G. Anexo T).

O abaixo-assinado, mencionado no depoimento acima é o mesmo organizado pelas mulheres de São Paulo, que no dia 22 de junho de 1978 apareceram com cartazes nos quais se lia: “O preço do custo de vida sobe pelo elevador, enquanto nosso salário sobe pela escada”. Elas pediam aos transeuntes que passavam pela praça da Sé, para assiná-lo (TELES, 1993, p. 80).

Apesar do Movimento do Custo de Vida ter se iniciado pela ação das mulheres pobres das comunidades eclesiais de base, mais tarde será liderado pelos homens “sindicalistas e de agrupamentos políticos de esquerda” (TELES, 1993, p. 78). Nesse período assumido pelos homens o Movimento do Custo de Vida fica conhecido como Movimento contra a Carestia. De acordo com Teles (1993, p. 80), além de retirarem a liderança das mulheres, um outro “golpe masculino” foi justamente fazer desaparecer das reivindicações a questão das creches. Logo as creches que tinham sido um dos principais problemas levantados para se constituir o Movimento do Custo de Vida (TELES, 1993, p. 80). Entretanto, a história não negou a validade deste movimento para a volta da democracia e nem a grande força impulsionadora das mulheres.

No mundo rural também aparecem organizações de mulheres. A partir dos grupos de formação de base de matizes religiosa, surgem as mobilizações das mulheres rurais. Dentro da Pastoral da Terra (CPT), são criados, já na década de 1970, grupos de mulheres trabalhadoras rurais que “introduzem em seus temários o apelo para que os sindicatos assumam com maior determinação a defesa e a preservação do vínculo à terra, dando aos produtores a maior força para enfrentar os proprietários rurais” (GIULANE, 2004, p. 646).

É importante salientar, que nas ocupações de terra, a partir dos anos de 1980, principalmente no MST, as mulheres novamente estavam presentes.

Tanto as mulheres trabalhadoras urbanas quanto as rurais começam a introduzir temas do cotidiano, da vida doméstica nos seus grupos. O ponto de partida nas reuniões era o questionamento sobre a relação de poder nos próprios sindicatos e a divisão sexual do trabalho. Com o decorrer do tempo, o Movimento das Mulheres Trabalhadoras começa a tomar um dinamismo maior e se estrutura a partir de 1986, quando a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Força Sindical incluíram em seus programas comissões e secretarias para se discutir a questão da mulher (GIULANE, 2004. p. 650). A partir daí, as mulheres conquistaram cada vez mais espaços na estrutura diretiva dos sindicatos, abriram discussões sobre questões de gênero e agendaram compromissos dos sindicatos, em relação aos direitos femininos, nas pautas reivindicatórias junto aos patrões e aos órgãos públicos da sociedade (GIULANE, 2004. p. 650).

Na década de 1980, na Diocese de Goiás, eclodem diversas ocupações de terra, onde a presença da mulher pobre foi de igual modo marcante.

Eu era da terra. Eu coordenei a saída [para] terra. O povo entra na terra. Eu era da coordenação. O povo falava que eu era chefe. Eu brigava muito pra não falá que eu era chefe. [...] Houve muita conquista, principalmente com amor [...]. O mais conquistado foi o da terra. Mais foi uma febre que não tem vacina que cura essa febre. O povo perdeu o medo mesmo [...]. As muié na frente, muié e menino que é frente (Anexo H).

Ocorreram várias outras lutas na Igreja de Goiás, nas quais as mulheres pobres participaram intensamente. Interessante dizer que nos anos de 1980 surgiram também organizações de mulheres, na Diocese de Goiás. Entre estas constam as associações de mulheres trabalhadoras, a organização das lavadeiras, das fiandeiras, entre outras. Algumas dessas organizações serão retomadas mais adiante.

4.3.2.4.1 CEBs, movimentos sociais/populares e as mulheres

Segundo Lebauspín (1999, p. 86) as lutas das CEBs geralmente são primeiramente e majoritariamente ações para resolver um problema de âmbito local. As CEBs contribuíram para a criação de diversos movimentos sociais/populares (LÖWY, 2000, p. 84). Da ação local e emergencial, as CEBs também se inserem na luta para obter direitos para o conjunto da população:

A dinâmica interna da comunidade de base a leva a ações externas, a mobilizações sociais. Ela contribui para unir, organizar, por em movimento os setores das classes populares que ela atinge. Quer se parta do estudo de comunidades, quer se parta do estudo dos movimentos populares dos anos 70, encontramos quase sempre a presença de membros das CEBs nos movimentos (LESBAUPIN, 1999, p. 1999, p. 86).

Na preparação da 10ª Assembléia Diocesana (10-15 de setembro de 1978) foi realizado um estudo sobre as diversas organizações sociais e populares existentes na

Diocese. O estudo tinha o objetivo de ajudar a Igreja de Goiás a definir os rumos que ela teria que tomar diante do quadro das ações populares, onde muitos dos animadores das comunidades eram líderes. Qual era o papel da Igreja diante desses movimentos? Perguntavam-se. O estudo apresentou a seguinte conclusão (apud CAPPONI, 1999, p. 64):

a) Ferramentas que a Igreja ajuda: 1) Grupos de saúde; 2) Escola; 3) Movimentos de jovens; de mulheres, de casais. b) Ferramentas que a Igreja apóia: 1) Mov. dos trabalhadores; 2) sindicatos; 3) associações de categorias (de artesãos, de lavadeiras, de pedreiros); 4) Custo de vida; 5) Política (eleições).

No município de Itapuranga, por exemplo, o apoio da Igreja às organizações populares, sindicais e até partidária (no caso o Partido dos Trabalhadores) foi identificado pela sociedade como ações da própria Igreja. Isso ocorria porque a grande maioria dos líderes e participantes destas organizações atuavam nas atividades religiosas católicas, principalmente nas CEBs. Testemunha P.M.C.G. (Anexo T): “[...] aqui tinha até a sigla: o PT da Igreja, o Sindicato da Igreja, [...]”.

Em muitas cidades da Diocese surgiram movimentos reivindicando infraestrutura. Eles tiveram muita participação popular, sobretudo das mulheres. A liderança das mulheres nesses movimentos, também é explicada pelo fato de serem as primeiras atingidas pelos problemas (por exemplo, a falta de moradia digna, falta de espaço, falta de privacidade, de água para os afazeres domésticos, de energia elétrica, etc.), justamente por estarem mais em casa do que os maridos. Diante desta realidade, elas se perguntavam: o que fazer? Essas perguntas eram freqüentes nas CEBs. Diante do problema imediato eram as mulheres pobres quem primeiro questionava e agia. Portanto, em muitos movimentos populares as mulheres das comunidades de base

participaram energeticamente na liderança dessas lutas. Dona J.A.S. (Anexo P) conta da luta por água no seu bairro:

Nesse tempo, que Alzira morava aqui, Alzira, a Nilza era viva, tinha mais umas três ou quatro mulher aqui do bairro. Nós fizemos um movimento pra pôr água, aqui. Porque tinha água só em alguma casa. Tinha ali naquela rua [apontando para a rua], abaixo da rua 20, aqui no bairro Goiás, que não tinha água. Era um sofrimento desse povo. E nós fumos no prefeito. Nesse tempo era o doutor Manoel. Nós fumos lá umas cinco ou seis vez. E ele pôs a água lá. [...] Mas nós é que ficamos de cima, esse grupo de mulher, era do Ninho, que fez esse trabalho. E conseguimos. Veio o dia, dia de domingo, quando foi a tarde tinha dois chafariz funcionando (J.A.S, Anexo P).

Outro movimento que também teve uma grande adesão das mulheres foi o movimento de saúde. Assim como a água, a saúde era algo ligado à vida doméstica, à vida da mãe que precisava estar atenta a todo momento, zelando pela vida da família, especialmente pela saúde dos filhos.

No interior, nas cidadezinhas da Diocese de Goiás, o clamor por atendimento médico era geral. Havia hospitais nas cidades maiores, mas eram quase todos particulares. Muitos desses hospitais eram conveniados com o INPS e outros convênios públicos. No entanto, o atendimento à população mais pobre era cobrado e feito com descaso. Essa situação é denunciada pelo movimento de saúde em seu “Relatório do Encontro de Saúde – Região Rio Vermelho” (p. 2), nos dias 21 a 23 de outubro de 1988:

SANTA FÉ – Tem só um posto de saúde, mas não tem médicos e nem remédios.

ITAPIRAPUÃ – Tem um hospital conveniado com o INPS. Quem tem dinheiro é atendido, quem não tem morre na porta.

- Sindicato – com fichas limitadas e atende só a tarde. Não há um trabalho integrado.

- Posto de Saúde – atende só de manhã com fichas limitadas. Problema de filas e ir de madrugada.

JUSSARA – Um hospital particular, conveniado. Atendimento a base de dinheiro... Mesmo que tem INPS, cobram Crz 4.000,00 a consulta e não dão recibo.

- Há hospital conveniado com as AIS com atendimento péssimo;
- há médicos que não atendem (foi lembrado a morte de pessoas);
- falta de enfermeiras capacitadas.
- Posto de Saúde – dizem que é para ter atendimento nos 2 períodos, mas isto não acontece. Quase nunca tem remédios.
- Sindicato – É do mesmo jeito em relação ao atendimento. O sindicato devia entrar mais na questão alternativa, um trabalho preventivo com o povo e lutar para melhorar a conscientização dos direitos do povo.

Em Itapuranga o movimento de saúde teve uma forte presença, tanto na cobrança dos poderes públicos quanto na organização de uma Associação Popular de Saúde. Essa associação fundou um hospital popular chamado “hospital do povo”. Isso se deu porque os hospitais existentes no município de Itapuranga eram todos particulares. Sobre esse movimento popular de saúde fala uma das participantes (P.M.C.G. Anexo T):

E a luta da saúde, ela começou dentro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Hospital do Funrural, mais tarde a Associação Popular de Saúde. Quando era o Funrural, a gente apoiava, ajudava a dar os rumos. Depois como Associação Popular de Saúde eu participei da primeira direção, da fundação, da criação do Estatuto da Associação. E participamos de uma luta que teve a participação da sociedade como um todo e de muitas mulheres (P.M.C.G. Anexo T).

Dentre as várias mulheres que participaram da criação da Associação Popular de Saúde e do hospital do povo, destaca-se a figura de Ângela Mares. Sobre essa mulher comenta P.M.C.G (Anexo T):

É, a Ângela Mares, a gente tem que lembrar o seguinte, porque ela nasceu, a nível de consciência, das comunidades de base. Ela participou da primeira comunidade de base, ou seja, Grupo de Evangelho, depois comunidade, comunidade da Gogó, aonde eu morava. [...] Ela nasceu dali. Eu me lembro como hoje, dela amamentando as suas filhas nas reuniões, carregando pra lá, pra cá, criando os filhos e participando. E depois então, ela foi crescendo, em

todo o trabalho e veio a participar da Associação Popular de Saúde. Quando ela faleceu ela tava na direção (P.M.C.G. Anexo T).

No dia 16 de outubro de 1987 foi realizada uma grande manifestação pela saúde, nas ruas da cidade de Itapuranga. Os manifestantes ocuparam a Prefeitura e nela permaneceram por três dias. A manifestação exigia da primeira dama - que era a presidente do CIMS (Comissão municipal de Saúde) e tinha a função de gerenciar o SUDS – a manutenção e o funcionamento do hospital popular e a liberação de recursos para o atendimento ao povo mais pobre. Por esta razão muitas pessoas foram intimadas pela polícia civil e tiveram que comparecer na delegacia para prestar depoimento. Entre elas estavam algumas mulheres - Ângela Mares Rodrigues de Oliveira, Maria da Silva Pires, Perpétua Maria de Camargos Gontijo, Maria Helena Skovronski, Maria Teixeira de Borba, Adelina Rocha Teixeira, Isabel Batistela Ferreira e Maria Ferreira Bonani (ALBUQUERQUE, 2003).

Todas essas mulheres que foram à delegacia, “prestar esclarecimentos” às autoridades, participavam das comunidades de base e de outras atividades paroquiais e diocesanas da Igreja de Goiás.

4.3.2.5 Organizações sociais de mulheres

Conforme Teles (1993, p. 100), na segunda metade da década de 1970 o movimento de mulheres no Brasil estava acumulando força e experiência de tal modo, que começou a incomodar sindicatos, Igreja, movimentos sociais e políticos. A mesma

autora diz que, a “luta da mulher por suas questões específicas ganhou caráter cotidiano” (TELES, 1993, p. 100).

Na Diocese de Goiás, um grupo que merece atenção é a organização das lavadeiras. Pelos documentos (do início dos anos de 1970) e depoimentos essa organização parece ser a primeira luta especificamente de mulheres na Igreja de Goiás. No livro de tombo da paróquia de Jussara, datado de 17 de abril de 1971, encontra-se a primeira referência sobre a reunião das lavadeiras no município. Dela participaram 60 lavadeiras. No mesmo ano, no mês de agosto, o livro faz novamente referência às lavadeiras, dizendo que “nasceu espontaneamente porque tinha necessidade desse problema” e que os membros da paróquia deveriam se responsabilizar com o problema delas. Sobre o início da organização das lavadeiras em Jussara, nos conta Dona J.A.S. (Anexo P):

A gente começou assim, procurando elas, como elas fazia, as patroas, como era, o que ganhava. Porque nesse tempo era assim, tinha muitas que lavava roupa. E umas largava porque o pagamento tava pouco, né. A outra ia e pegava por meno. Aí tava uma derrota pras lavadeiras. E a gente fez esse trabalho pra incentivar elas de não pegar. Se uma largava porque tava pouco, não pegar por meno do que aquilo. Foi isso que a gente pelejou, pelejou. Parece que entrou nos eixos um pouco (J.A.S. Anexo P).

De acordo com o depoimento anterior, as lavadeiras da cidade de Goiás também se organizavam em associação. Segundo o Boletim da Diocese de Goiás (CAMINHADA, 1979, p. 5), em uma assembléia da categoria, no dia 20 de novembro de 1979, “mais de 200 lavadeiras tomaram a decisão de estabelecer uma única e mesma tabela de preços”. Na mesma ocasião as lavadeiras de Goiás escreveram uma carta para ser entregue as suas patroas:

Querida Patrão,

Nois quer primeiro agradecer a confiança que tem em nois. Depois, nois vem confiada na sua compreensão e na sua humanidade de coração lhe dizer que as lavadeiras de Goiás, como as de muita outra cidade, não suportando mais os sofrimentos e a situação dura da vida e da carístia resolvem tabelar por igual as nossas lavação de roupa. A senhora vê, os preços das coisa como tá. Como é que nois pode estudar nossos filhos? Como é que nois come? Como é que nois calça? Como é que nois veste? Como é que nois pode tratar e tomar remédio? Nois é gente, também e precisamos de que a senhora entenda e ajude a nois, apoiando a nossa resolução. Deus lhe recompense na medida de sua compreensão e apoio.

As lavadeira de Goiás” (CAMINHADA, 1979, p. 5).

Em setembro de 1978, na X Assembléia diocesana (SCOLARO, 2001, p. 167), surge a reflexão sobre a importância da organização dos trabalhadores por categorias. Os grupos de lavadeiras são apresentados como exemplo:

[...] gente que se agrupa em categoria, para defender os seus direitos, mesmo pertencendo ao grupo de Evangelho, descobre que naquela luta é que estão vivendo o Evangelho. Se no grupo de Evangelho a participação é difícil, no grupo das lavadeiras todo mundo fala e não falta assunto.

O documento acima mencionado demonstra a relação entre os grupos de Evangelho e os grupos de lavadeiras.

Apesar de terem ramificado em todas as regiões pastorais da Diocese os grupos de lavadeiras não perduraram por muito tempo. Na primeira metade da década de 1980 eles começaram a enfraquecer. O depoimento retrata essa realidade.

Nessa época eu fazia um trabalho com umas 30 mulheres que lavavam roupa bem barato. Até hoje é uma exploração. O que ganham não dá nem pro açúcar e os gás. Fizemos um trabalho aí pro modo exigir que as patroas pagasse mais. Não conseguimos levar adiante porque as patroas puseram medo nas mulheres. Surgiu ameaça das patroas às mulheres. Ficaram com medo de perder esse empregozinho porque não tem mesmo emprego. Se afastaram da reunião. Mas conseguimos ficar com umas poucas sempre conversando (M.F.M. apud O’GORMAN, 1987, p. 88).

No final dos anos de 1970 e por toda a década seguinte, grupos de mulheres foram multiplicando e alcançando uma expressiva atenção na pastoral dos agentes. Esses grupos de mulheres tiveram uma significativa atenção das agentes leigas e religiosas.

Os grupos de fiandeiras também foram bastante significativos na Diocese de Goiás, principalmente na Região Rio Vermelho. Sobre o movimento das fiandeiras segue o depoimento de A.A.S.G. (Anexo M):

O gostoso do movimento das fiandeiras é que ele tinha vários momentos: tinha o momento da celebração na igreja, com todo mundo, em que todo mundo participava. Tinha o momento do trabalho propriamente dito, em forma de mutirão. Tinha o momento em decidir quem ia vender em São Paulo, quem ia acompanhando. Nós fazíamos colchas, toalhas, bolsas e tudo era vendido em São Paulo. E além disso a gente tinha um momento de discussão. Esse era pra mim o mais rico. Porque além de discutir bíblia, que a gente já fazia isso – o que pra muita gente era um absurdo mulher com bíblia na mão – a gente também discutia política. A gente discutia questões femininas: Por que a mulher é assim? Por que a mulher não pode sair de casa? Por que a mulher é a única a tomar conta dos filhos? Por que a mulher tem que ter quinhentos braços enquanto o homem está sentado no sofá? Ele chega do serviço, a sua roupa está prontinha no banheiro esperando, enquanto a mulher tá ralando na cozinha (A.A.S.G. Anexo M).

Como foi dito no depoimento acima, os grupos de fiandeiras, de lavadeiras, enfim, os diversos grupos de mulheres, não se limitavam apenas ao trabalho. Geralmente havia estudos e conversas a respeito dos problemas sociais, da política e também das questões referentes à problemática das mulheres. As agentes de pastoral contribuíram enormemente com esses grupos. Mais do que os agentes. Elas mesclavam nessas conversas e estudos, teorias marxistas e cristãs (LÖWY, 1991), assim como, utilizavam-se de discursos feministas sobre os direitos das mulheres. Valiam-se de textos bíblicos que valorizavam a participação da mulher, para daí, discutir a problemática que elas viviam no cotidiano (GIULANE, 2004).

4.3.2.6 O caso do Grupo de Mulheres de Itapuranga

Entre os vários grupos de mulheres que surgiram na Diocese de Goiás nas décadas de 1970 e 1980, o grupo de Itapuranga se destacou na defesa dos direitos da mulher. Foi escolhido o caso de Itapuranga pelo fato do município que teve, nas referidas décadas, o maior número de CEBs e organizações populares.

A percepção da discriminante situação que as mulheres passavam na sociedade e o aumento da consciência pela igualdade de direitos entre mulheres e homens, foi gerado nas reflexões dentro das comunidades de base, principalmente das reflexões bíblicas, enfocando as mulheres como protagonistas na Bíblia.

A organização propriamente dita do grupo de mulheres de Itapuranga, surge na década de 1970, após dois casos de agressão moral e física contra mulheres na cidade. O primeiro caso aconteceu com uma jovem empregada doméstica, que retirou algumas peças de roupa da casa dos seus patrões. O furto foi descoberto pelos próprios patrões. A moça foi pega por eles e amarrada nua em um carro. Eles desfilaram com ela pelas ruas da cidade, sem nenhuma interferência policial e das autoridades constituídas. Sobre tal acontecimento eis o depoimento a seguir (P.M.C.G. Anexo T):

É, o gerente do Banco do Brasil tinha uma empregada doméstica. Ela tirou da casa dele, acho que, umas peças de roupa. A mulher descobriu que foi ela. Então, uma noite, ela foi na casa da menina, encontrou as peças de roupa dela na casa da menina. Trouxe a menina pra casa, despiu a menina, colocou a menina nua de frente do carro. Ela e o marido. O marido dirigindo e ela dando as ordens pra menina. Fez uma passeata na cidade, devagarzinho. O marido dirigindo o carro com os faróis ligado; alguns colegas do banco, alguns vizinhos, um pessoal que se achava mais, que tinha status naquela época. Uma humilhação terrível. Pôs uma corda na menina, amarrando no carro pra ela não correr. Desfilou com ela nua na rua. Uma humilhação.

Ao saberem do ocorrido, as mulheres das CEBs da cidade de Itapuranga, trataram de preparar uma ação para tomar providência em defesa da jovem. Abriam processo contra o bancário e sua esposa, denunciaram nas missas, nas reuniões das comunidades e da Diocese, no jornalzinho paroquial e no boletim diocesano. Elas entenderam que a humilhação não foi somente àquela moça, mas a todas as mulheres, principalmente às mulheres pobres. Não estavam defendendo o delito praticado pela empregada doméstica, mas a dignidade de não ser tratada tão desumanamente. Nesta ação em defesa da doméstica parece existir uma clara luta de classe. A defesa do pobre na figura daquela jovem empregada.

O segundo caso em que as mulheres das comunidades de base de Itapuranga agiram em defesa da mulher pobre, aconteceu com uma lavadeira. A mulher tinha se envolvido em uma discussão de vizinhos e por isso foi presa e espancada pelos policiais. As mesmas mulheres das comunidades se mobilizaram em favor da lavadeira espancada. Foram falar com o delegado de polícia e questionaram o espancamento e a necessidade da prisão. “Então nós nos reunimos. Fomos pra porta da cadeia. Falamos que enquanto não soltassem ela nós não saíamos da lá. A gente passou um dia todo sem comer. Conversávamos com as autoridades... até que eles soltaram a mulher” (P.M.C.G. Anexo T).

Após esses dois casos, aquelas mulheres da Igreja que organizaram tais manifestações em defesa das agredidas, continuaram a refletir sobre a situação da mulher, tendo como base tais acontecimentos. Foi daí que organizaram o “Grupo de Mulher da Igreja”.

O que o grupo fazia? Defendia os direitos da mulher; denunciava o que viesse a ferir tais direitos; realizava atos públicos; fazia ações para encontrar soluções em relação ao problema da mulher. Além dessa linha mais política, o grupo também se reunia para estudar assuntos referentes à questão feminina. Tinha estudos sobre a saúde da mulher, sobre o corpo e sobre a sexualidade reprodutiva. Esses estudos eram assessorados por uma equipe de médicos do Hospital Pio X de Ceres, pertencente à Diocese de Goiás.

O engajamento social desse grupo de mulheres foi aumentando. Nos primeiros anos da década de 1980, atendendo o apelo das comunidades de base e do sindicato dos trabalhadores rurais, o Grupo de Mulheres da Igreja formou uma equipe de nove pessoas - sete mulheres e dois homens - para ir às comunidades da roça e da cidade trabalhar com alfabetização. Participantes da equipe: Maria Teixeira, Maria Lúcia, Maria Ferreira, Eliana, Mary, Perpétua e seu esposo Sebastião Rafael Gontijo (Tião), Sônia Campos e seu esposo Élon Antônio Dias (Toninho). A partir de então, esse grupo se envolveu ativamente no Movimento de Educação Popular. A metodologia utilizada era a de Paulo Freire, isto é, valorizava as palavras e a cultura local e a alfabetização era para a libertação do oprimido.

A liderança das comunidades de base quase não sabia ler. Do Sindicato dos Trabalhadores Rurais também. [...] Então o pessoal... às vezes até liam uma notícia de jornal. Queria escrever, mas não entendiam. Queria escrever um documento mas não sabia. Queria entender um texto bíblico, não sabia. Então foi pedido um curso de alfabetização e pós-alfabetização (P.M.C.G. Anexo T).

O trabalho de educação popular se desenvolveu em três núcleos. Um na Guaraíta - que na época era apenas um povoado -, outro no Laranjal - comunidade rural - e o terceiro na própria cidade de Itapuranga. Tinha objetivos definidos dentro da

linha da Caminhada da Libertação dos pobres e oprimidos. Em março de 1984 o boletim diocesano veicula uma nota sobre esse trabalho

O objetivo dessa Escola é ler e escrever conscientizando, com o jeito a partir do povo (ou seja, com as palavras do povo) e não com o método oficial de ensino. A Escolinha é uma ferramenta que se ajunta as outras para a Caminhada de Libertação (CAMINHADA, 1984, p. 12).

A “Escolinha” foi freqüentada por homens e mulheres. Porém, percebeu-se que a participação maior tinha sido a das mulheres, tanto a equipe organizadora quanto as alfabetizandas. Uma integrante da equipe alfabetizadora confirma essa realidade: “Então, foi um trabalho de mulher pra sociedade e que também como aluno teve um grande número de mulheres”.(P.M.C.G. Anexo T).

O Grupo de Mulher da Igreja fundou um Comitê Feminino Contra a Violência. Em 1984, algumas mulheres desse comitê fizeram uma pesquisa no Cartório do Crime da Comarca de Itapuranga, para saber sobre a realidade da violência cometida contra a mulher daquela localidade, no período de 1979 a 1984. Colheram informações sobre estupros, seduções e espancamentos de mulheres pelos maridos. Com o resultado da pesquisa em mãos, as mulheres elaboraram uma carta denúncia que continha o nome das vítimas, os nomes dos réus e o tipo de crime praticado. Essa carta continha também um convite para um ato público na praça central da cidade, no dia 17 de novembro de 1984 às 19h30. Ainda nessa ocasião as mulheres recolheram assinaturas num abaixo-assinado para ser entregue as autoridades municipais, estaduais e federais, exigindo: 1 – Justiça: abertura de processos e condenação dos criminosos; 2- Imediata revogação da Lei Fleury, que permite a impunidade dos criminosos.

Outros atos públicos foram realizados na cidade pelo Comitê Feminino Contra a Violência sobre a mulher. Em ocasião do Dia Internacional da Mulher, no ano de 1989, o comitê preparou um folheto com o seguinte título: “Oito de Março, Dia de Luta, Dia de Luto”. Ele se referia às mulheres queimadas numa fábrica de tecelagem nos EUA, em 1857, quando lutavam por melhores salários e melhores condições no trabalho. O texto dizia também: “tiraram-lhes a vida, mas não mataram seus ideais. Estes continuam vivos até hoje; vivos em nossas lutas de todos os dias” (FOLHETO, 1989, p. 1).

Pode-se notar no folheto, a forte influência religiosa católica do comitê, já na primeira página, através de um desenho ocupando quase a metade da folha. Ele apresenta três mulheres de braços para cima, segurando o arco, a flecha e a Bíblia. Na página seguinte, novamente com letras grandes, se expressa claramente a visão religiosa da luta. Eis o escrito: “Cristo nos libertou para que sejamos de fato livres”. Sobre sua motivação religiosa as mulheres escreveram:

Estamos em plena Campanha da Fraternidade, cujo Lema é “COMUNICAÇÃO PARA A VERDADE E A PAZ”, portanto não podemos ficar calados e insensíveis diante de tais acontecimentos. Não podemos ser incoerentes com os nossos princípios cristãos que resumem em “AMAR O PRÓXIMO COMO A NÓS MESMOS (FOLHETO, 1989, p. 2).

Diante da morosidade e do descaso do poder público para resolver a situação de violência contra a mulher o comitê continuou denunciando a realidade de agressão contra as mulheres, tendo como base aquela pesquisa feita em 1984. Eis o protesto veiculado em 1989:

Em Itapuranga está acontecendo violência contra mulheres. Há companheiras ameaçadas de morte; há espancamentos; há perseguição. As autoridades estão a par e dizem estar fazendo o que a lei permite. Nós sabemos de muitos casos de mulheres que foram mortas violentamente, pelo abuso de poder do homem. Sabemos que assassinos estão soltos, sem nem mesmo serem presos ou serem julgados (FOLHETO, 1989, p. 2).

Até então, toda essa organização feminina ocorrida em Itapuranga tinha a fé como motivação. Não estava ligada diretamente ao Movimento Feminista. Fica a dúvida se é porque havia atritos reais entre a Igreja Católica e o Movimento Feminista. No livro “*Breve História do Feminismo no Brasil*”, Teles (1993, p. 74-77) faz referências a esses atritos entre agentes religiosos e as feministas. Nas comunidades e organizações sociais da periferia de São Paulo as feministas eram impedidas, pelos agentes religiosos, de falar sobre assuntos polêmicos e considerados tabus pela Igreja (sexualidade, violência sexual e doméstica, aborto, lesbianismo e estupro). Semelhante ao discurso religioso era a fala dos dirigentes de partidos políticos e militantes de esquerda. Um discurso de abafamento dos problemas essenciais na vida das mulheres, alegando que eram questões que só dividiam o movimento operário (TELES, 1993, p. 76).

Somente a partir da década de 1990 algumas mulheres que participavam do Grupo de Mulher da Igreja chegaram a ter uma aproximação maior com o Movimento Feminista Estadual e até mesmo Nacional. No ano de 1991 algumas mulheres da Diocese de Goiás participaram do 11º Encontro Nacional Feminista, na cidade de Caldas Novas - GO. Entre estas registra-se a representação do Grupo de Itapuranga.

O movimento das mulheres de Itapuranga, de certa maneira, influenciou o município através de algumas instituições em que elas participavam (o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, as escolas públicas, o Sindicato dos Professores e a Igreja Católica). Contudo, parece ter sido as mulheres da Igreja, das comunidades de base, quem mais sofreram influências do Grupo de Mulher da Igreja e do Comitê Feminino Contra a Violência. Parece também, que esse movimento de mulheres contribuiu para o

ingresso de diversas mulheres das comunidades de base na vida sindical e política do município. Assim testemunha uma animadora de comunidade da década de 1980:

[...] se reunia além dos encontros pra rezar, pra mobilizar encontros político. Inclusive quando tinha eleições de mulheres, a gente procurava sempre se mobilizar. Se reunia pra conversar a importância do poder da mulher, também na igualdade com o homem. (A.S.N. Anexo N).

Nessa experiência do Grupo das Mulheres de Itapuranga pode-se perceber uma integração entre classe social, gênero e religião. Mulheres que a partir da fé, de uma prática religiosa em defesa das classes pobres, começam a se preocupar com as questões femininas. Percebem a opressão que recai sobre outras mulheres, as pobres. Daí descobrem que elas mesmas também são prejudicadas com as desiguais relações com os homens. O Grupo de Mulheres de Itapuranga, aplicou em suas análises da sociedade local e em suas ações planejadas os conceitos de gênero e classe social.

4.3.2.7 Mulheres e sindicatos

Vislumbrou-se até agora como se deu a trajetória de emancipação das mulheres pobres após as mudanças ocorridas na Igreja da Goiás dentro do movimento do Cristianismo da Libertação. A mulher pobre encontra na Diocese de Goiás um espaço para se sentir gente, pessoa munida de direitos. O primeiro passo foi dado em nome de Deus, da fé, da participação religiosa na Igreja Católica. Participando da mudança da Diocese de Goiás para a Igreja do Evangelho/da Caminhada, elas foram conscientizando-se de sua condição de oprimida, de mulher pobre. Aos poucos e com a ajuda das agentes de pastoral foram deslegitimando sua condição inferior de ser mulher

e ressignificando sua vida por meio da nova interpretação bíblica. Pela reorientação religiosa as mulheres pobres da Igreja de Goiás desalienaram muitas idéias, sobretudo religiosas, que as mantinham como submissas ao poder masculino. Por meio da participação no Cristianismo da Libertação, especialmente nas CEBs, as mulheres pobres fizeram uma experiência de coordenação e de participação democrática. Essa atuação nas comunidades de base, prepararam-nas pedagogicamente para a participação em diversos movimentos sociais/populares.

A militância das mulheres nas CEBs e nos movimentos sociais/populares impulsionou várias delas a participarem também do movimento sindical e da agremiação partidária. No entanto, a participação das mulheres nos sindicatos e nos partidos era menor que a dos homens, principalmente no que se refere à direção dessas organizações.

Antes de tratar sobre a realidade mais específica da mulher nos sindicatos dos trabalhadores rurais e no partido político é importante perceber o próprio processo da Diocese de Goiás junto a essas entidades.

Desde o início da mudança operada na Diocese de Goiás, com a chegada de Dom Tomás, a situação dos trabalhadores rurais sempre esteve na pauta das reuniões e assembléias diocesanas. Segundo Scolaro (2001, p. 165) e Capponi (1999, p. 52-53) a Diocese de Goiás procurou trabalhar com os camponeses, a fim de que eles fossem protagonistas de sua própria história, tendo em vista o processo de organização e sindicalização.

No ano de 1972, a Diocese de Goiás organizou um encontro dos trabalhadores rurais com o presidente nacional da CONTAG - (Confederação Nacional dos

Trabalhadores na Agricultura). Porém, em nível estadual a Confederação dos Trabalhadores na Agricultura estava ligada aos grandes fazendeiros. Era uma organização “pelega”²⁵ (CAPPONI, 1999). Diante dessa realidade não tão comprometida com os trabalhadores rurais, por parte da CONTAG, ecoava a pergunta na Igreja de Goiás: O que fazer diante destes sindicatos “pelegos”?

Os agentes decidiram motivar os trabalhadores e trabalhadoras a organizar a oposição dentro do próprio sindicato. Na 9ª Assembléia diocesana (apud CAPPONI, 1999, p. 53), de 1976, nas suas decisões finais, entre outros artigos, consta:

Como muitos de nós estão no sindicato e todos reconhecemos o valor do sindicalismo, convém estudar a situação dos sindicatos existentes assim como dos que precisam ser fundados. Procurar todos os meios para que o sindicato seja um verdadeiro instrumento de conscientização e de defesa dos trabalhadores, aproveitando as possibilidades que a lei oferece.

A partir das decisões diocesanas os grupos de Evangelho tornaram-se um espaço privilegiado de preparação para a oposição sindical. O relato de M.F.M. (apud O’GORMAN, 1987, p. 89) ilustra esta afirmação.

O trabalho começou mais como grupo de Evangelização. Surgiu aqui o povo querendo montar chapa da oposição no sindicato pra tirar do pelego. Vendemos as coisinhas que tinha. Compramos uma casinha aqui no Carmo. Com o trabalho do Nativo montou a chapa de oposição do sindicato. Perdeu. Foi pouca experiência. Mas com isso nunca desistiu. Teimoso. Eu apoiava. Participava também. Com os companheiros daqui fez o trabalho de novo. Mais três anos. Ganhou em 82.

Segundo Capponi (1999, p. 54) e Scolaro (2001, p. 166) muitas lideranças das comunidades de base tornaram-se lideranças na oposição sindical e conseguiram

²⁵ Pelego é um objeto macio (pano ou lã de carneiro) colocado entre a sela e o cavalo para amaciar o peso sobre o animal. O Termo passou a ser usado para os sindicalistas e organizações sindicais que defende secretamente os interesses dos patrões.

ganhar as eleições. Por exemplo: Adésio em Jussara, Orlando em Santa Fé, Adelino, Almerico e João Benfica em Itapuranga e Benedito dos Passos em Itaberaí.

Em relação à participação da mulher nos sindicatos, nem Capponi (1999) nem Scolaro (2001) identificaram mulheres das comunidades de base na oposição sindical. Isso talvez ocorreu porque os registros em geral pouco ou nada aparecem sobre a presença feminina na história do movimento sindical.

Daí a importância de buscar outras fontes para pesquisar temas há muito tempo marginalizados ou excluídos da historiografia. Por outro lado, a não visualização da mulher na história documentada não significa que as mulheres estiveram ausentes. Segundo Perrot (1988) essa invisibilidade deve-se ao fato dos homens terem sido por muito tempo os escritores da história oficial

Os materiais que esses historiadores (positivistas) utilizam (arquivos diplomáticos ou administrativos, documentos parlamentares, biografias ou publicações periódicas...) são produtos de homens que têm o monopólio do texto e da coisa pública. Muitas vezes observou-se que a história das classes populares era difícil de ser feita a partir de arquivos provenientes do olhar dos senhores – prefeitos, magistrados, padres, policiais... Ora, a exclusão feminina é ainda mais forte (PERROT, 1988, p.186).

Nesse sentido, a pesquisa oral é uma rica fonte para que a história da mulher, principalmente da mulher pobre, possa ser contada e reconhecida.

Antônio Torres Montenegro (1994, p.23) em seu livro, *História Oral e Memória*, discutindo a história oral como fonte importante para recuperar o que a oficialidade não registrou, cita Hobsbawn dizendo:

Hobsbawn aponta a importância do registro oral – ‘a história feita pelo povo’ – como enclave que nos possibilita descobrir se existe ou não correspondência entre o que a história oficial estabelece que deve ser lembrado e o que de fato ficou gravado (MONTENEGRO, 1994, p. 23).

Por meio das entrevistas, da história oral contada pelas mulheres pobres que participaram da Diocese de Goiás nas décadas de 1970 e 1980, pode-se detectar que as mulheres das CEBs estiveram presentes na luta sindical dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Essa presença se deu tanto como membros e eleitoras do sindicato, como também na conscientização dos trabalhadores para tomarem o poder através das eleições e continuarem firmes na participação sindical. Assim, menciona dona J.A.S. (Anexo P) de Jussara: “no dia que a primeira vez que a chapa 2 ganhou, eu tava no mei desse dia”.

Algumas mulheres chegaram a pertencer a chapa de oposição e da diretoria do sindicato, porém quase sempre convidadas a integrar uma chapa organizada pelos homens. Estudando os movimentos de trabalhadoras na sociedade brasileira, Giuliani (2004, p. 653) diz que as mulheres só começaram assumir a presidência sindical a partir da década de 1980. Isso porque, antes o campo sindical era considerado como terreno masculino.

A decisão de fazer parte de uma lista de candidatos, geralmente, é tomada após um “convite” sendo raro que essa decisão seja fruto de uma iniciativa pessoal da trabalhadora. O convite costuma ser formulado seja pelo presidente que está concluindo o mandato, seja por um grupo de associados ou até por colegas de trabalho que estão articulando a lista dos candidatos. O convite para compor tal lista é justificado pela experiência política da trabalhadora em movimentos ou grupos de mulheres trabalhadoras, nas greves, na oposição sindical, pela sua competência mobilizadora, pela dedicação à instituição. Cabe observar que no meio rural, além dessas experiências, há outras que as tornam interessante para ocupar algum cargo de diretoria: ter sido professora primária de grupos escolares em, ou até experiência como funcionária administrativa da entidade sindical (GIULANI, 2004, p.654-655).

Na década de 1970, na Diocese de Goiás, mesmo com a oposição sindical liderada pelos membros das CEBs, nenhuma mulher assumiu a presidência do sindicato dos trabalhadores rurais. Até porque a realidade brasileira, neste período, era

de total afastamento das mulheres na chefia sindical. Mesmo nos sindicatos operários e de categorias mais urbanas as mulheres começaram a ocupar cargos de chefia somente a partir da segunda metade dos anos 80. Como foi o caso do Sindicato dos Químicos de São Paulo, que teve Isabel Conceição da Silva como sua primeira presidente, no período de 1988 a 1991 (TELES, 1993, p. 112-113)

Por que esse quadro irá mudar na década de 1980? Segundo Giuliani (2004, p. 653-654) essa mudança se deve a influências que os sindicatos receberam de outros grupos – Igreja Católica, partidos políticos, movimentos populares e organizações não-governamentais - que a eles se articularam para a elaboração da Carta Constitucional. Deve-se igualmente às crises de reestruturação do mundo do trabalho e ao intenso debate interno sobre novas temáticas, como tecnologia, política salarial e a questão da mulher.

Tal mudança foi sentida na Central Única dos Trabalhadores (CUT). Em 1989 a coordenadora da Comissão Nacional da Mulher da CUT (apud GIULANI, 2004, p. 650-651) expressou:

As relações entre sindicatos e as mulheres trabalhadoras não foram das mais fáceis. Embora as mulheres tenham tido presença significativa no mercado de trabalho, desde o início do processo de industrialização, e atuação destacada na luta operária, os sindicatos não a incorporaram à prática política, nem dividiram com elas o poder das entidades representativas dos trabalhadores. A imagem de mãe e esposa se superpõe à de companheira [...] A eclosão do feminismo nos anos 70 iniciou mudanças profundas nas relações de gênero. O feminismo denunciou a desigualdade, revelou-se contra as relações de gênero baseada na dominação *versus* submissão e mostrou que ela não é natural, mas construída cultural e historicamente, revelou o duro cotidiano vivido por milhares de mulheres e tocou fundo em temas que incomodaram os valores estabelecidos: a violência sexual, a violência doméstica, o direito a opção a ter ou não filhos, o direito ao prazer. Mais ágil que o sindicalismo, o feminismo desnudou a realidade das mulheres trabalhadoras. Deu-lhe visibilidade a aliança entre exploração de classe e opressão de sexo: salários menores, dupla jornada, falta de profissionalização, falta de creche [...] O sindicalismo tem que caminhar para que se consolide como defensor ardoroso da luta contra a opressão e colocar em práticas as importantes resoluções, tem que conferir respeitabilidade política às demandas trazidas pelas mulheres, tem que abandonar de uma vez por todas o fantasma da divisão da classe

trabalhadora supostamente promovida pelo feminismo e, assumir, sem reserva, que a luta contra a opressão é parte fundamental da nossa luta (Comissão Nacional da Mulher da CUT, apud GIULANI, 2004, p. 650-651).

Por ser uma entidade de representação nacional de diversos sindicatos, a CUT contribuiu para que os debates referentes à mulher ecoassem nos sindicatos do país. Esses debates devem ter contribuído para que na década de 1980 aumentasse o número de mulheres na diretoria dos sindicatos.

Mesmo diante do mundo rural como espaço da tradição, em que o domínio masculino era maior e mais ligado às funções públicas, as mulheres começam a despontar nas diretorias dos sindicatos rurais

A própria fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais eu estava ajudando. Ajudei a secretariar muitas vezes. [...] Era mais uma coisa de homem, mas tinha várias mulheres. Entre elas sempre se destacaram Dona Luzia do seu Rafael e Maria Helena. Mulheres que participavam da Igreja (A.A.S.G. Anexo M).

Pode-se exemplificar aqui dois casos de mulheres que ocuparam cargos de presidente de sindicatos de trabalhadores rurais: Dona Divina no município de Goiás-GO e Margarida Maria Alves, do município de Alagoa Grande –PB.

A primeira, Dona Divina, participava das comunidades eclesiais de base no município de Goiás desde a década de 1970. Na primeira metade da década de 1980 foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Goiás. Acompanhou como sindicalista, líder e participante a primeira ocupação de terra na Diocese de Goiás (Fazenda Mosquito).

Margarida Maria Alves se tornou exemplo para as demais mulheres agricultoras e sindicalizadas, de todo o Brasil, e também para os companheiros que assumiam

muitos sindicatos. No aniversário de cinco anos de sua morte, o boletim diocesano Caminhada Nº 142 de julho/agosto de 1988 (p. 6-7), publicou trecho de um discurso de Margarida, como forma de animar os companheiros e companheiras que estavam nas direções dos sindicatos:

Os poderosos estão nos perseguindo. Nós não tememos e vamos a luta até o fim. Porque é melhor morrer na luta do que de fome. Fiquem certos, os trabalhadores, de que não fugimos da luta... Se a gente se isolar, se o sindicato é dividido, eles tomam a frente porque eles estão sentindo que estamos desorganizados. É por isso que os poderosos de Alagoa Grande ficam ameaçando. Companheiros, eu quero pedir a vocês, quando voltarem para casa, que se lembrem e rezem por aqueles que tombaram na luta e também por aqueles que estão lutando.

A década de 1980 foi também de muita violência contra os trabalhadores da Diocese de Goiás. Muitos sindicalistas da oposição ligados à Diocese foram ameaçados, violentados e mortos. Em Itaberaí no ano de 1983, Tarcísio Satil de Oliveira é assassinado e o fazendeiro acusado foi absolvido. O sindicalista Sebastião Rosa da Paz, que era natural de Nova Glória (cidade pertencente à Diocese), mas que estava morando em Uruaçu foi assassinado dentro sua própria casa, em agosto de 1984. No dia 23 de outubro de 1985, o presidente do sindicato do Carmo do Rio Verde, Nativo da Natividade de Oliveira foi assassinado por fazendeiros locais, posteriormente, um deles se tornou o prefeito da cidade. Sobre a morte de Nativo fala M.F.M. (apud O'GOMAN, 1987, p. 90):

Um dia Nativo foi pra Britânia, onde teve uma eleição. Pescou. Trouxe peixe. Chegou demais satisfeito. Distribuiu peixe pros companheiros tudo. Tinha um sobrinho internado em Ceres no hospital que mandou um recado pedindo pra levar roupa lá. Naquele dia tinha muito trabalho no sindicato. Não deu pra levar cedo. Quando foi na boca da noite, entrou no carro e saiu. Eu saí pra um grupo de Evangelho. Foi um irmão dele procurar saber pra ir com ele levar a roupa pro hospital, mas ele tinha saído pro sindicato primeiro. Na hora que ele deu a volta com o carro e encostou no sindicato eles chegaram de carro. Estacionaram. Um cara gritou. Ele tava dentro do carro. Quando desligou a chave, pegou no freio de mão, do jeitinho que tava, morreu, com a mão no

cano. Eu tava lá discutindo o Evangelho e tudo. No meio da nossa conversa, chega minha filha gritando: “Mãe, mãe, mataram o meu pai!” Saí correndo. Fiquei esquisita. Me pegaram, trouxeram pra dentro. Fizeram um chá pra mim. Levaram ele pro hospital. Mas do jeito que tava, morreu.

No dia 2 de dezembro de 1985, L.R.O. (apud, O’GORMAN, 1997, p. 92), 12 anos de idade, escreveu:

Pai,
 tu queria tudo para teu povo
 liberdade para quem não tem
 pão e trabalho para todos.
 Tu queria justiça.
 E lutou contra a violência.
 Tu queria um mundo sem patrões,
 um mundo sem explorados.
 Tu, pai, queria um mundo de justiça e liberdade.
 Mas seu sangue foi derramado
 antes que você visse
 raiair o sol da liberdade.
 Mataram você, pai,
 porém você está mais vivo ainda,
 pois continuamos a luta
 pela qual você deu sua vida.
 Pai, um dia conseguiremos
 a liberdade e a justiça,
 enfim, o mundo que você queria,
 mesmo que para isso morremos também”.

Agentes de Pastoral e advogados que apoiavam os trabalhadores na luta pelos seus direitos também foram perseguidos e alvos de pistoleiros, a mando da elite latifundiária²⁶. Especialmente em lugares de forte presença do Cristianismo da Libertação.

Na Diocese de Goiás, Irmã Paula, em Carmo do Rio Verde, recebeu várias ameaças anônimas e escapou de um atentado. No ano de 1987, o padre Francisco Cavazzuti recebeu um tiro no rosto. Sobreviveu. Porém ficou cego. No mesmo mês e

²⁶ A elite latifundiária cria a UDN – União Democrática Ruralista – com intuito de impedir a reforma agrária no país com todas as armas possíveis, sobretudo com armas de fogo. Entre seus líderes estava Ronaldo Caiado, membro de uma antiga família de coronéis da cidade de Goiás – GO (CAPPONI, 1999, p. 85).

ano do atentado ao padre Francisco, em Carmo do Rio Verde, o advogado do sindicato dos trabalhadores rurais e membro do Partido dos Trabalhadores, Wellington Carlos Zalique é assassinado. Os mandantes desses crimes continuam soltos e atuando na vida pública (CAPPONI, 1999, p. 87).

Como foi dito anteriormente, em Itapuranga, na década de 1970, a oposição sindical tomou o sindicato dos trabalhadores rurais das mãos dos “pelegos” e se manteve no poder até a presente data. Entretanto, em 1991 uma mulher vai assumir, pela primeira vez, a direção do sindicato. Era oriunda das comunidades de base. Logo sentiu o peso da forte cultura patriarcal em que foi constituído o sindicato dos trabalhadores rurais de Itapuranga. Houve rejeição e descrédito por parte da população que procurava o sindicato, mesmo entre as mulheres, conforme ela mesma diz: “As pessoas chegava aqui e procurava pelo presidente, não pela a presidente [...]. Cadê o presidente? Quando falava ‘aí ela’, aí cê via um ah de gozação, alguma coisa, sabe” (M.P.S. Anexo Q).

Segundo M.P.S. a direção do sindicato só foi entregue a ela porque estava em condições precárias, lastimáveis. Eis o que diz: “esse sindicato tava numa situação muito difícil. Muito difícil. Então aí eu percebi que naquele momento foi entregue pruma mulher porque tava acabado. Então está mulher! Vai estourar na mão dela” (M.P.S. Anexo Q).

O sindicato voltou a se organizar internamente e conseguiu sair da difícil situação em que se encontrava. Da presidência do sindicato M.P.S. tornou-se primeira vereadora eleita em Itapuranga pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

4.3.2.8 Mulheres e politização

De acordo com Capponi (1999, p. 77) “foi dentro da oposição sindical que o povo da caminhada aprendeu a fazer política”. Ao falar do povo da caminhada será que Capponi inclui as mulheres? Talvez sim. Pois, acompanhando a politização da Diocese, muitas mulheres “cresceram” quebrando o grande tabu de que a política não era coisa para pobres e mulheres. Elas, por meio dos “grupos de Evangelho tinham consciência de fazer política através do movimento ‘custo de vida’ e das associações populares” (CAPPONI, 1999, p. 69).

Para Giuliani (2004, p. 646), a mobilização das mulheres rurais não se deu na prática sindical, mas

A partir de debates sobre as condições de vida realizados em pequenos grupos, a maioria de matriz religiosa ligados às pastorais, mas também grupos de matriz laica formados a partir de mobilizações de resistência às expulsões de moradores das fazendas. É importante registrar que, em todos esses casos, são as mulheres que tomam a iniciativa de promover as reuniões, organizá-las e dirigi-las (GIULANI, 2004, p. 646).

Portanto, foi nas CEBs que as mulheres trabalhadoras rurais da Diocese de Goiás iniciaram sua politização nas décadas de 1970. Pode-se então dizer que as mulheres camponesas, indiretamente, por meio da Igreja, participaram do movimento sindical, mas não na sua direção.

A politização das mulheres tornou-se mais fecunda na década de 1980. Além de continuarem atuando na oposição sindical e se organizarem nas CEBs, participaram em outros movimentos e organizações sociais/populares.

Para Betto (1985) o cenário nacional imposto pela ditadura militar fez com que ocorresse uma politização dentro da Igreja nas décadas de 1970 e 1980.

Ao suprimir os canais de participação popular, o regime militar fez com que esse mesmo povo buscasse um novo espaço para se organizar. Esse espaço foi encontrado na Igreja, única instituição do país que, por sua índole histórica, escapa ao controle direto dos poderes públicos”. [...] O cerceamento dos canais de crítica e oposição ao regime militar, mormente após o AI-5, fez com que a voz profética da Igreja comprometida com a pastoral popular ressoasse hegemônica na defesa dos direitos humanos e na denúncia das arbitrariedades cometidas em nome da segurança nacional (BETTO, 1985, p. 20-22; 91).

Nos finais de 1970 e início de 1980 a ditadura militar brasileira dá sinal de esgotamento ao mesmo tempo em que cresce a pressão popular. Vem o chamado período de “abertura” política, com o fim do bipartidarismo e a inclusão de outras agremiações partidárias na política nacional. Desse modo, a Igreja deixa de ser o espaço hegemônico das organizações populares (BETTO, 1985, p. 92). Entram em cena os novos partidos políticos.

O Partido dos Trabalhadores foi o que ganhou mais adesão das mulheres militantes da Igreja de Goiás, bem como foi o “partido francamente apoiado pela Diocese” (PESSOA, 1999, p. 147). Sobre a relação da Diocese de Goiás com o PT eis as conclusões da avaliação diocesana de 1981 (apud CAPPONI, 1999, p. 71):

O PT especialmente deve ser dos trabalhadores mesmos. A Igreja como tal não pode entrar no partido. A tarefa da Igreja é conscientizar o povo, esclarecendo o que está em jogo, apontando o perigo de ser tapeado por políticos que tentam entrar no PT ou enganam o povo com promessas e presentes; e fazendo com que o povo tenha condição de votar livremente.

No ano de 1982, na décima segunda Assembléia diocesana (apud CAPPONI, 1999, p. 71), a Diocese de Goiás incentiva seus fiéis a militarem no partido político:

A Igreja de Goiás sempre se preocupou com a ação política dos cristãos. A fé é a força libertadora que leva à ação política. Fé e política, na vida dos

cristãos, devem andar sempre juntas, até às últimas conseqüências. Por isso todo cristão deve ter uma prática política, inclusive partidária.

Motivadas por essas decisões diocesanas muitas mulheres das comunidades de base se envolveram ativamente no PT, desde sua fundação. No ano de 1982, quando foi reconhecido oficialmente pelo Tribunal Supremo de Justiça Eleitoral, ano da primeira eleição do partido, houve mulheres das CEBs que se candidataram a vereadoras e até mesmo a vice-prefeita²⁷. No entanto, não encontramos nenhuma como presidente do partido ou candidata a prefeita. Na compreensão de P.M.C.G. isso ocorreu por duas razões: “uma porque acho que a gente não confiava muito na gente mesma. [Outra] pelo excesso de trabalho. Tinha que ser ao mesmo tempo esposa, mãe, trabalhar pra sobreviver, pra manter a casa e a luta. Então era difícil, tinha que viajar” (P.M.C.G. Anexo T).

O depoimento anterior parece revelar a forte carga do patriarcalismo implícito sobre as mulheres, mesmo naquelas das CEBs e do Cristianismo da Libertação. Conforme Saffioti (1992, p. 193) “As relações de gênero, evidentemente, refletem concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres. Eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras”.

Não acreditar na outra mulher pode significar a superioridade do homem sobre elas. Ser esposa, mãe e trabalhar para manter a casa pode exprimir que o mundo do doméstico, do privado, era o mundo reservado primeiramente e de competência da

²⁷ Nilza Pereira foi candidata a vice-prefeita em Jussara.

mulher. Enquanto o mundo do público, fora de casa, da política era por excelência o mundo do homem²⁸.

Somente no final da década de 1980, com a Constituição de 1988, e por toda a década de 1990, as mulheres conquistarão importantes direitos que lhes abrirão possibilidades de participação na vida política.

Apenas com a Constituição Federal de 1988 é conquistada a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres na família e na sociedade. [...] Nos anos de 80, antes da promulgação da Constituição, foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. [...] Na década de 90, difundiu-se a perspectiva de gênero nos estudos acadêmicos e nas políticas públicas e multiplicaram-se as ONGs sobre gênero e Mulher e constituição de redes e articulações de mulheres. Inúmeros direitos e dispositivos constitucionais são regulamentados, a exemplo da Lei do Planejamento Familiar (1996/97); Lei da União Estável (1996); Cotas na Política (1995/97); Proteção ao Trabalho da Mulher (1995/1999); Assédio Sexual (2001) (RODRIGUES, 2001, p. 134).

Atuantes na vida pública partidária, assim como no movimento sindical e nos movimentos populares/sociais as mulheres pobres da Diocese de Goiás avançaram no seu processo de emancipação. Entretanto, a emancipação total, ainda não chegou. Permanece nas antigas instituições masculinas (Igrejas, sindicatos, partidos políticos) relações desiguais entre homens e mulheres. Mas, apesar das mulheres não terem conquistado a emancipação, pode-se afirmar que conquistaram emancipações.

²⁸ As discussões levantadas pelas feministas e pelos estudos de Gênero vão quebrar com essa dicotomia entre o mundo privado e o mundo do público. Vão afirmar que o privado, ou seja, o pessoal é também público. Assim elas deslegitimam a compreensão de que o que é feito com a mulher dentro de casa, entre quatro paredes é algo que só se refere à intimidade da família. (RODRIGUES, 2001, p. 131-142).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Querendo identificar uma trajetória de participação e emancipação feminina de mulheres socialmente desfavorecidas, tanto pelo fato de sua condição de trabalhadora popular quanto pela sua condição de mulher em uma sociedade patriarcal, chega-se ao fim deste trabalho percebendo-se os limites por ter sido feito por um homem.

Por mais que se tenha utilizado dos recursos científicos, com uma rigorosidade metódica no recolhimento e na análise dos dados, ainda assim é um homem que escreve sobre mulheres. Porém, discutir gênero é discutir as relações entre as pessoas. Pensar a situação das mulheres por meio do gênero é pensar as relações das mulheres com os homens e vice-versa. Dessa forma, eis a importância de um homem discutir tais relações, por mais limitado que seja. A mudança nas relações sociais, para uma situação de mais igualdade e respeito ao outro, proposto pelos estudos de gênero, requer mudanças de pensamento e de práticas dos homens e das mulheres. Nesse sentido, o autor quis contribuir com esta pesquisa, para que possam surgir novas relações sociais mais justas e humanas.

Contudo, pensar apenas as relações interpessoais entre homens e mulheres na sociedade parece não ser suficiente para entendê-la e contribuir para fazê-la melhor a todas/os. Entende-se que é preciso pensar as relações sociais também pelas categorias de classe social e raça. Foi nesse intuito que o presente trabalho propôs articular a categoria de gênero com a categoria de classe social ao pesquisar a participação das mulheres na Diocese de Goiás nas décadas de 1970 e 1980.

Apesar da Igreja Católica ser uma instituição dirigida por homens, as mulheres constituem a parcela maior dos seus membros. Na Diocese de Goiás a realidade da intensa presença das mulheres não escapou à regra. Quando a Diocese optou integrar-se ao movimento latino-americano do Cristianismo da Libertação, as mulheres pobres vivenciaram uma realidade até então não experienciada.

As mulheres abastadas e suas classes dominantes, que tinham um certo domínio e privilégio no interior da Igreja, perderam a sua hegemonia. Já as mulheres das classes dominadas tiveram atenção preferencial da Igreja com a chegada de Dom Tomás Balduino e com as transformações ocorridas na primeira metade da década de 1970.

A Diocese de Goiás, fazendo opção de classe pelos pobres lança-se em mudanças internas para atender a esse propósito. Surgem os Grupos de Evangelho - que mais tarde serão chamados de CEBs. A Diocese se denomina Igreja do Evangelho e Igreja da Caminhada. Dentre os pobres que participaram da nova orientação eclesial, a parcela maior era composta pelas mulheres, que também constituíam maioria na liderança das comunidades de base.

Participando das CEBs, muitas mulheres pertencentes às classes populares fizeram um processo de emancipação e autonomia. Deixaram de viver unicamente no mundo do privado, da casa e da família, para serem lideranças na Igreja, no mundo do público. Aprenderam a se auto-valorizar, a perceber sua potencialidade e sua capacidade, tornando-se assim agentes sociais. Participaram de muitos movimentos sociais por melhorias das condições de vida. Por fim, elas encontraram na Diocese de Goiás e na sua opção pelos pobres espaços e mediações que ocuparam, através dos quais puderam forjar conquistas pessoais e sociais. Os dados recolhidos e analisados,

sobretudo os depoimentos das mulheres, mostraram a força que o sagrado tem em suas vidas.

Os grupos e instituições religiosas como produtores de éticas, pensamentos e práticas, provocam mudanças sociais. A religião das mulheres pobres engajadas no Cristianismo da Libertação – Diocese de Goiás – provocou transformações subjetivas e objetivas para as classes subordinadas e para as mulheres que a elas pertencem.

A partir dessa experiência pode-se afirmar que a religião, dada a determinadas condições, pode contribuir para se tecer mudanças no *status quo* da sociedade e pode servir como instrumento das classes populares e das mulheres em suas lutas emancipatórias.

Na finalização da presente dissertação, percebe-se o quanto ela é limitada, pelo fato de não ter abordado vários outros aspectos da problemática e por ser apenas uma análise no campo da sociologia da religião. Portanto, faz-se necessário que outros campos da investigação religiosa se debrucem sobre as discussões aqui propostas, pois, só assim se terá uma compreensão mais aprofundada do objeto em questão. Mesmo não tendo a pretensão de dar conta de todo o problema, esta pesquisa quer contribuir para entendê-lo por meio da análise sociológica.

Verifica-se que apesar da forte estrutura hierárquica e patriarcal da sociedade e da Igreja, as mulheres pobres, participando das CEBs e das atividades religiosas da Diocese de Goiás, tiveram grandes conquistas. Se não conseguiram a sua total autonomia como mulheres, elas conseguiram emancipações – no plural -, que foram decisivas para sua constituição como sujeitos livres, autônomos.

Após as considerações gerais, acrescento que tenho consciência que este trabalho não respondeu aos importantes questionamentos que pairam sobre as CEBs

atualmente e nem aprofundou sobre os limites e desafios que as comunidades de base precisam superar na sua realidade.

Atribui essa ausência a dois motivos que se entrelaçam. Primeiro, porque esses questionamentos/limites/desafios necessitam de um maior aprofundamento em suas análises. Segundo, se eu o fizesse, acredito que sairia do foco principal deste trabalho, que é analisar as possibilidades que as CEBs proporcionaram às mulheres pobres que delas participaram, nas décadas de 1970 e 1980, na Diocese de Goiás. Ou seja, investigar uma trajetória de emancipação feminina num determinado tempo e espaço.

Entretanto, a título de exemplo, apresento alguns desses questionamentos.

Será que, ao assumirem responsabilidades nas CEBs, as mulheres pobres não estariam aumentando a sua jornada de trabalho e conseqüentemente a exploração sobre elas?

Será que, as CEBs têm realmente um rosto feminino? Uma vez que, assuntos como sexualidade, afetividade, práticas reprodutivas e desejo não são tratados de forma mais ampla.

Diante de uma Igreja hierárquica, com poder centralizado nas mãos de homens celibatários, as mulheres pobres realmente têm poder de decisão nas CEBs?

Vários autores, entre eles Lesbaupin (1999), Ribeiro (1999), Lemos (2000; 2005), Peralías (2005), vêm dando possíveis respostas a esses questionamentos.

Compreendo que, um grande limite das comunidades eclesiais de base, que as impede de realizar um processo de libertação plena, de emancipação total das mulheres, é o fato delas pertencerem a uma sociedade patriarcal e a uma Igreja androcêntrica. Nesse sentido, concordo com Ribeiro (1999), quando teoriza que a realidade de subordinação das mulheres não mudará de forma rápida e sem constantes

lutas. Que esses limites vividos pelas comunidades de base e pelo Cristianismo da Libertação, em relação ao gênero, devem ser reconhecidos para que mulheres e homens possam descobrir outros espaços a serem ampliados e conquistados.

Apesar do número de mulheres ter crescido em encontros, estudos e formações, os homens ainda têm mais possibilidades e disponibilidades para participar, quando estes incluem viagens (RIBEIRO, 1999). Essa situação é um desafio concreto que as CEBs precisam superar, a fim de construir, no seu interior, relações mais igualitárias entre homens e mulheres.

Embora as comunidades de base e o Cristianismo da Libertação sejam importantes espaços que favorecem um processo pedagógico de emancipação das mulheres das classes populares, ainda permanecem desigualdades de gênero. No entanto, ao perguntar às mulheres de Goiás como se davam as relações entre homens e mulheres e como em uma Igreja machista, hierárquica e clerical as mulheres tiveram essa participação e esse processo de emancipação, elas não externaram sua percepção de haver machismo. Isso porque elas se referiam às décadas de 1970 e 1980. Porém, essa desigualdade de gênero na Diocese de Goiás apareceu quando falaram do período anterior à chegada de Dom Tomás e no momento atual.

Segundo Löwy (2000), dentro da Igreja Católica está ocorrendo uma reação conservadora, contrária ao Cristianismo da Libertação. Realidade que ele chama de Contra-ofensiva. Essa contra-ofensiva foi verbalizada pelas mulheres entrevistadas ao falarem de “fechamento”, de “retrocesso”, de “diferente”, no contexto atual da Igreja. Realmente, a atual conjuntura da Igreja parece estar diminuindo os espaços que favoreciam um processo de emancipação das classes populares e das mulheres pobres. Isto ratifica o que foi defendido neste trabalho: que mediante determinadas

circunstâncias históricas, a religião poderá servir para manter o *status quo* ou para questioná-lo e subvertê-lo.

REFERÊNCIAS

ABAIXO-ASSINADO, organizado pelo Comitê Feminino Contra a Violência em Itapuranga, por ocasião da pesquisa sobre a violência contra a mulher no município (1984).

ALBUQUERQUE, Klaus Paz. *A mulher pobre na Igreja de Goiás e a luta por libertação*. Monografia (Pós-Graduação Lato-Sensu: Formação Sócio-Econômica do Brasil) Universidade Salgado de Oliveira, Goiânia, 2003.

ANDRADE, Nielsem Pereira. Nielsem Pereira Andrade: depoimento [fevereiro 2003]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

ÁVILAS, Matilde de Sousa. Matilde de Sousa Ávilas: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

AQUINO, Maria Pilar. *A teologia, a Igreja e a mulher na América Latina*. São Paulo: Editora Paulinas, 1997.

ARAÚJO, Clara. Marxismo, feminismo e enfoque de gênero. *Revista Crítica Marxista*, São Paulo: BOITEMPO, n. 11, p. 76-88, out. 2000.

AZZI, Riolando. A participação da mulher na vida da Igreja do Brasil (1870-1920). In: MARCÍLIO, Maria Luíza (Org.). *A mulher pobre na história da Igreja latino-americana*. São Paulo: Ed. Paulinas/ CEHILA, 1984.

_____. O Concílio Vaticano II no contexto da Igreja e do mundo: uma perspectiva histórica. In: MOREIRA, Alberto; RAMMINGER, Michael; SOARES, Afonso Maria Ligório. *A primavera interrompida – o projeto Vaticano II num impasse*. Livros digitais koinonia, v. 2, 2006. Disponível em: www.servicioskoinonia.org/LibriosDigitales. Acessado em: 31 de maio de 2006.

BENOIT, Lelita Oliveira. Feminismo, gênero e revolução. *Revista Crítica Marxista*, São Paulo: BOITEMPO, n. 11, p. 65-70, out. 2000.

BERGER, Peter. *O dossel Sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Abril Cultural/Editora Brasiliense, 1985.

BIDEGAIN, Ana Maria. Gênero como categoria de análise na história das religiões. In: BIDEGAIN, Ana Maria (org.). *Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina*. Petrópolis: Editora Vozes/CEHILA, 1996, p. 13-28.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. A mulher na Igreja hoje, a partir do Vaticano II. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, vol. LXIII, 2003, p. 23-46.

_____. A mulher na Igreja do Brasil. In: *Brasil: povo e igreja(s)*. *Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis: Vozes, n. 296, 2002/2003, p. 104[400]-112[408].

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Método Paulo Freire*. 2 ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1981.

CAMARGOS, Marlene Maria de. Marlene Maria de Camargos: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

CAMINHADA. Boletim da Diocese de Goiás. Ano XVII, Nº 122, março-abril de 1984.

CAMINHADA. Boletim da Diocese de Goiás. Ano XVII, Nº 125, novembro-dezembro de 1984.

CAMINHADA. Boletim da Diocese de Goiás. Ano XX, Nº 140, fevereiro-março-abril de 1988.

CAMINHADA. Boletim da Diocese de Goiás. Ano XX, Nº 142, julho-agosto de 1988.

CAPPONNI, Francesco. *Tempo de Graça*. Manuscrito. Itaberaí, 1999.

CARTA de Dom Tomás as mulheres da Diocese de Goiás (22 de novembro de 1988).

CARTA-DENÚNCIA por ocasião da pesquisa realizada sobre a violência contra a mulher no município de Itapuranga e pelo Ato Ecumênico contra a violência (novembro de 1984).

CARTA-FOLHETO elaborado pelo Comitê Feminino Contra a Violência em Itapuranga, por ocasião do Dia Internacional da Mulher (março de 1989).

CAVALVANTE, Maria do Santo Espírito Rosa. Gênero e Poder no sertão do Brasil: rompendo o silêncio das mulheres. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.12, n.6, p.1173-1179, nov.dez. 2002.

IIIª CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 8 ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

CORRÊA, Sonia. *Relações desiguais de gênero e pobreza*. 2 ed. Recife: S.O.O CORPO, 1996.

COSTA, Zilda Menezes. Zilda Menezes da Costa: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

DERRIDA, Jacques. Fé e Saber - As duas fontes da "religião" nos limites da simples razão. In: Derrida, Jacques e VATTIMO, Gianni (Orgs.). *A Religião – O Seminário de Capri*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2000, p. 11-89.

DOCUMENTO da 5 Assembléia Diocesana da Diocese de Goiás (setembro de 1972).

DOCUMENTO da Coordenação Diocesana (01 de abril de 1990).

DOIMO, Ana Maria. A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: ANPOCS/Relume-Dumará, 1995.

DOMÉZI, Maria Cecília. *Curso de Eclesiologia*. Apostila. São Paulo, 1997.

_____. *Curso de História da Igreja do Brasil*. Apostila. São Paulo, 1999-2000.

_____. Uma leitura de Gaudium et Spes na perspectiva de mulheres latino-americanas. In: MOREIRA, Alberto; RAMMINGER, Michael; SOARES, Afonso Maria Ligório. *A primavera interrompida – o projeto Vaticano II num impasse*. Livros digitais koinonia, v. 2, 8 de janeiro de 2006, servicioskoinonia.org/LibriosDigitales.

DOWBOR, Ladislau. *A Formação do 3º Mundo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

EYDEN, René Van. A mulher no pensamento hierárquico. In: EYDEN, René Van; FIORENZA, Elizabeth S.; HUNT, Mary R. *Olhares feministas sobre a Igreja Católica*. Cadenos nº 9. São Paulo: Publicações CDD, 2001.

ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala*. Trad. Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Ed. Paulinas, 1996.

FERREIRA, Isabel Batistela. Isabel Batistela Ferreira: depoimento [agosto 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

FERREIRA, Maria. Maria Ferreira: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlos. *As Ciências das religiões*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

FIORENZA, Elizabeth S. O rei está nu: autocompreensão ekklesial democrática e autoridade romana kyriocrática. In: EYDEN, René Van; FIORENZA, Elizabeth S.; HUNT, Mary R. *Olhares feministas sobre a Igreja Católica*. Cadenos nº 9. São Paulo: Publicações CDD, 2001.

FOLHETO DO COMITÊ FEMININO CONTRA A VIOLÊNCIA - por ocasião do Dia Internacional da Mulher, 1989.

FOUCAULT Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GEBARA, Ivone. *Cultura e Relações de Gênero*. São Paulo: CEPIS, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de Gênero e Sexualidade*. In: *Antropologia em Primeira Mão*, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998.

GIULANE, Paola Cappellin. Os Movimentos de Trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto/UNESP, 2004.

GODOI, Aparecida da Silva. Adenilda Aparecida da Silva Godoi: depoimento [maio 2003]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

GOHN, Maria da Glória (org.). *Movimentos sociais no início do século XXI – antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

GONTIJO, Perpétua Maria de Camargos. Perpétua Maria de Camargos Gontijo: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

_____: depoimento [fevereiro 2003]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUIMARÃES, Izabel Aguiar. Isabel Aguiar Guimarães: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

_____: depoimento [novembro 2002]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

HOORNAERT, Eduardo. *O Cristianismo moreno do Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

HUNT, Mary R. “Nós mulheres somos Igreja” – Mulheres católicas criando ministérios e teologias. In: EYDEN, René Van; FIORENZA, Elizabeth S.; HUNT, Mary R. *Olhares feministas sobre a Igreja Católica*. Cadenos nº 9. São Paulo: Publicações CDD, 2001.

JACINTO, Maria de Fátima. Maria de Fátima Jacinto: depoimento [outubro 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

JACIRA, Maria. Maria Jacira: depoimento [outubro 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

JARSCHEL, Haidi. Transformar pedras em pão e rosas... o próprio das feministas. In *Curso de Verão, ano V*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991, 46-56.

JESUS, Odorica Maria de. Odorica Maria de Jesus: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

JESUS, Maria Antônia de. Maria Antônia de Jesus: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

LEÓN, Maria A. Rodriguez. A discriminação da mulher na Igreja Católica. In: MARCÍLIO, Maria Luíza (Org.). *A mulher pobre na história da Igreja latino-americana*. São Paulo: Ed. Paulinas/ CEHILA, 1984.

LEMOS, Carolina Teles. *Religião, Gênero e Sexualidade – o lugar da mulher na família camponesa*. Goiânia: editora da UCG, 2005.

_____. Gênero na agenda dos movimentos sociais: idéias religiosas como ângulo de análise. Texto mimeografado, Goiânia: 2000.

LESBAUPIN, Ivo. Comunidades que lutam pela justiça. In: *CEBs povo de Deus 2000 anos de caminhada – Texto-Base do 10º Encontro Intereclesial*. Paulo Afonso: Ed. Fonte Nova, 1999.

_____. Revisitando as CEBs – um estudo no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. 2005. Disponível em: www.iser.org.br/publique/media/biblio3-01.pdf. Acesso em: 13 de junho de 2006.

LIMA, Inocência Vaz de. Inocência Vaz de Lima: depoimento [outubro 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

LIVRO DE TOMBO da Paróquia de Jussara (ano de 1971).

LOPES, Eliete aparecida. Eliete Aparecida Lopes: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

_____: depoimento [fevereiro 2003]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

LÖWY, Michel. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Ed. Cotez/Autores Associados, 1991.

_____. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

MADURO, Otto. *Religião e luta de classe*. Petrópolis: Vozes, 1980.

MAGNOLI, Demétrio. *O mundo contemporâneo – Relações internacionais 1945-2000*. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

MARCÍLIO, Maria Luíza (Org.). *A mulher pobre na história da Igreja latino-americana*. São Paulo: Ed. Paulinas/ CEHILA, 1984.

_____. Algumas propostas metodológicas para o estudo da história da mulher latino-americana. In: MARCÍLIO, Maria Luíza (Org.). *A mulher pobre na história da Igreja latino-americana*. São Paulo: Ed. Paulinas/ CEHILA, 1984.

MARIÁTEGUI, José Carlos. El hombre y el mito. In: *El alma matinal*, Lima: Amauta, 1971, p. 18-22.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2004.

_____ & ENGELS. *A Ideologia alemã*. São Paulo: Ed. Centauro, 2002.

MATOS, Maria Zilda S. de. Da Invisibilidade ao Gênero: percurso e possibilidades. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.12, n.6, p.1045-1063, nov.dez. 2002.

MINAYO, M. C. De Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisada*. São Paulo: Ed. Contexto, 1994.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. *Revista Crítica Marxista*, São Paulo, BOITEMPO, n. 11, p. 89-97, out. 2000.

MOREIRA, Alberto da Silva. A Teologia da Libertação e o cristianismo social. In: LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (orgs). *O Sagrado e as construções de mundo*. Goiânia: Editora UCG/Editora Universa, 2004, 183-198.

MOURA, Ivanildes de G. *A Igreja do Evangelho: a construção de um sonho - a Diocese de Goiás nos anos 70*. Dissertação (Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo, 1989.

MULHERES de Santa Fé (filme-vídeo). Direção de Hermay Cesar & César Grossi. Goiânia: Marka Produções, 2002. 30 min., color, son., VHS, v. 0, português.

MURARO, Rose Marie. *Libertação Sexual da Mulher*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1970.

_____. BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino - Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NASCIMENTO, Ana da Silva. Ana da Silva Nascimento: depoimento [fevereiro 2003]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

NOGUEIRA, Maura Leandra. Maura Leandra Nogueira: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

NUNES, Maria José F. Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto/UNESP, 2004.

_____. As religiosas e o compromisso com os pobres no Brasil, In: CEHILA. *A Mulher Pobre na História da Igreja Latino-Americana*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

O'GORMAN, Frances e lavradoras da Bahia e Goiás. *Águas do céu, barro da terra – As mulheres no campo contam sua luta*. São Paulo: Paulinas, 1987.

OLIVEIRA, Eldirene Vieira de. Eldirene Vieira de Oliveira: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

OLIVEIRA, Isabel Carlos de. Isabel Carlos de Oliveira: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

OLIVEIRA, Josefina Vieira de. Josefina Vieira de Oliveira: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

OLIVEIRA, Maria Francisca de. Maria Francisca de Oliveira: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

O POVO CANTA A SUA VIDA. Livro de canto da Diocese de Goiás. Goiânia: Editora Scala, 2004.

PACHECO, Sebastiana Aparecida. Sebastiana aparecida Pacheco: depoimento [fevereiro 2003]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

PALEARI, Giorgio. *Religiões do Povo – Um estudo sobre inculturação*. 4 ed. São Paulo: AM edições, 1990.

PERALÍAS, Isabel Ortega. *Participação e autonomia das mulheres nas CEBs*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

PERNOUD, Régine. *Idade Média. O que não nos ensinaram*. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História, operários, mulheres, prisioneiros*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.

PESQUISA sócio-econômica-religiosa da Diocese de Goiás (1970).

PESSOA, Jadir de Moraes. *A Igreja da Denúncia e o silêncio do Fiel*. Campinas: Editora Alínea, 1999.

RELATÓRIO DO ENCONTRO DE SAÚDE – Região Rio Vermelho, 1988.

RIBEIRO, Lúcia. Comunidades de irmãs e irmãos - A questão de gênero nas CEBs. In: *CEBs, Povo de Deus: 2000 anos de caminhada. Texto-Base para o X Encontro Intereclesial de CEBs*. Paulo Afonso: Ed. Fonte Viva, 1999, p. 152-177.

_____. Revisitando as CEBs – um estudo no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. 2005. Disponível em: www.iser.org.br/publique/media/biblio3-01.pdf. Acesso em: 13 de junho de 2006.

RIBEIRO, Paulo Rodrigues. Sombras no Silêncio da Noite: Imagens da Mulher goiana no século XIX, In: *Goiás: Identidade, Paisagem, Tradição*. Goiânia: Editora da UCG, 2001.

RIBEIRO, Zilda Fernandes. Religião e relações de gênero. In: LAGO, Lorenzo; REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da (orgs.), *O Sagrado e as construções de mundo*. Goiânia, Editora UCG/Editora Universa, 2004, p. 143-155.

RITA, Maria. Maria Rita: depoimento [novembro 2002]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

RODRIGUES, Almira. Práticas sociais, modelo de sociedade e questões éticas: perspectivas feministas. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). *Terra Prometida – Movimentos sociais, engajamento cristão e teologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI, Eleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 183-215.

_____. Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento? In: *Revista Crítica Marxista*, São Paulo: BOITEMPO, n. 11, p. 71-75, out. 2000.

SANTOS, Josefa Augusta dos. Josefa augusta dos Santos: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

_____. depoimento [fevereiro 2003]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

SANTOS, Maria das Dores da Silva. Maria das dores da Silva Santos: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

SANTOS, Maria Pereira dos. Maria Pereira dos Santos: depoimento [fevereiro 2003]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

SANTOS, Maura Evangelista dos. Maura Evangelista dos Santos: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais e a dimensão intercultural – associativismo civil e interculturalidade na sociedade global. - s.l, - s.n, - s.d.

SCHIMITT, Jean Claude. História dos Marginais. In: LE GOFF, Jaques. *A História Nova*. 2ª edição, São Paulo: Martins Fonte, 1993.

SCOLARO, Arcângelo. *Profecia e Diálogo - análise sócio-cultural da Diocese de Goiás 1967-1998*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.

SILVA, Edineusa Rodrigues da. Edineusa Rodrigues da Silva: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

SILVA, Jovelina Bárbara da. Jovelina Bárbara da Silva: depoimento [julho 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

SILVA, Valdelina Honorato da. Valdelina Honorato da Silva: depoimento [outubro 2006]. Entrevistador: Klaus Paz de Albuquerque. Goiânia, 1 fita cassete (60 min), estéreo. Entrevista concedida a Universidade Católica de Goiás (UCG).

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História - Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 275-296.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez. *Do Vaticano II a um novo concílio? – O olhar de um cristão leigo sobre a Igreja*. São Paulo: Editoras CERIS/Rede da Paz/Loyola, 2004.

_____. Nas origens de Medellín: da ação católica às CEBs e às pastorais sociais (1950-1968). In: *Brasil: povo e igreja(s)*. *Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis: Vozes, n. 296, 2002/2003, p. 31[327]-46[342].

_____. *Classes Populares e Igreja nos Caminhos da História*. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

TEIXEIRA, Faustino. *A gênese das CEBs no Brasil. – Elementos explicativos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

_____. A caminhada das CEBs nos Encontros Intereclesiais. In: *CEBs povo de Deus 2000 anos de caminhada – Texto-Base do 10º Encontro Intereclesial*. Paulo Afonso: Ed. Fonte Nova, 1999.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: brasiliense, 1993.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais; a Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

URÁN, Ana Maria Bidegain de. Sexualidade, vida religiosa e situação da mulher na América Latina. In: MARCÍLIO, Maria Luíza (Org.). *A mulher pobre na história da Igreja latino-americana*. São Paulo: Ed. Paulinas/ CEHILA, 1984.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5 ed. Editora LTC, 1992.

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.

ANEXO A – ENTREVISTA COM E. R. S.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:

2. Idade:

Tenho 39 anos de idade.

3. Local onde nasceu e foi criada:

Nasci na Bahia. Fui criada até os 10 anos de idade lá no Estado da Bahia. Depois, mudei aqui pra Goiás.

4. Grau de escolaridade atualmente:

Hoje eu tenho curso superior. Fiz graduação em Letras. Especializei em Língua Portuguesa.

5. Grau de escolaridade quando começou a participar das atividades da Diocese:

Quando comecei a participar da Diocese de Goiás eu tinha apenas o ensino fundamental.

6. Profissão e ocupação atualmente:

Sou professora.

7. Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese:

Quando comecei a participar da Diocese não tinha nenhuma profissão. Trabalhava só na comunidade, e tinha uma remuneração mensal pra que eu pudesse sobreviver.

8. Local onde mora atualmente:

Hoje eu moro em Santa Fé de Goiás.

9. Local onde morava quando começou a participar das atividades da Diocese:

Quando eu comecei a participar do trabalho da Diocese eu já morava aqui.

10. Atividade eclesial ou/e social que participa atualmente:

Atualmente, eu apenas estou na pastoral de animação de cantos na Igreja.

11. Comunidade/Pastoral quando começou a participar das atividades da Diocese:

Quando eu comecei a participar da Diocese eu era coordenadora da catequese. Participava do grupo de jovens e também da animação do canto, da pastoral tanto aqui na comunidade quanto na Diocese de Goiás.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE AS LEVARAM A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE

a. Que motivos a levou a participar da comunidade / pastoral?

Eu comecei a participar na comunidade por influência das irmãs dominicanas, sobretudo da Ir. Nadir e da Ir. Gilda, que me convidaram pra participar. E daí, a gente vendo a necessidade de um trabalho aqui na comunidade, começou a participar. E foi nessa participação que eu descobri meu dom para cantar. Então, eu acho que a importância não só de a gente contribuir com o trabalho da comunidade, a gente descobriu os dons que a gente tem, participando.

b. Como foram os primeiros anos de sua participação?

Foi assim bem devagar. A princípio porque eu não tinha nenhuma experiência pastoral. Aí eu comecei a participar e a Ir. Nadir foi me ajudando nos cursos de formação. Eu comecei a participar das reuniões, tanto aqui em Santa Fé como na região de Rio Vermelho, também na Diocese. E aí, a gente foi vendo esse trabalho da Diocese, ligando esse trabalho com a região e também com a comunidade.

c. Exerceu alguma função? Qual?

Exerci várias funções. Sobretudo na área da catequese. Eu coordenei a catequese regional por vários anos e também fui catequista aqui em Santa fé. Participei dos grupos de jovens; na coordenação também. Dos grupos de teatro. Na animação de cantos na Igreja e diversos trabalhos da pastoral. E também ajudava muito no trabalho da associação das mulheres de Santa Fé.

d. Houve alguma dificuldade na sua participação? Qual?

Bom... No início a dificuldade era o tempo. A gente tem que organizar o tempo no trabalho com o trabalho da comunidade. E a dificuldade também que a gente tinha era às vezes ter que deixar o trabalho na família, para poder contribuir com esse trabalho na comunidade. Que dizer, dificuldade a gente sempre encontra, né? Mas, o mais, a maior dificuldade foi justamente o tempo. Saber determinar o tempo nos dois trabalhos ao mesmo tempo.

e. Como se davam as relações com os homens?

Agora, pra mulher poder participar na comunidade foi um trabalho muito difícil. Foi uma luta muito grande, porque o machismo sempre foi muito forte na sociedade. Então não seria diferente aqui em Santa Fé. E daí, muitas vezes as mulheres quando saíam pra fazer o trabalho na comunidade, muitos homens achavam que elas estavam traindo, que estava largando o serviço de casa pra poder ficar por conta, pra ficar atrás de freira e de padre. E muitas vezes também, os homens achavam que só eles que poderiam participar e a mulher deveria ficar em casa trabalhando. Então, isso era uma coisa muito forte. O machismo é uma coisa muito forte na sociedade, que a gente enfrenta hoje, mas enfrenta com um menor teor. Naquela época era muito difícil.

BLOCO II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO

Esse trabalho da Diocese de Goiás que a gente tem acompanhado foi muito importante. E uma coisa que a gente observa aqui em Santa Fé mesmo, é o trabalho da associação de mulheres. Que as mulheres deixaram aquela vida de casa e passaram a participar na comunidade, na sociedade também. Hoje que a gente percebe assim, que hoje tem muitas famílias em que a mulher tem serviço fora e o homem não. A mulher conseguiu esse espaço na sociedade, de trabalhar fora, não ficar só em casa trabalhando, virando escrava de serviço de esposa e de filhos e da própria casa. E hoje ela se libertou. É... Pode trabalhar. Hoje têm muitas mulheres que ganham mais que os homens. Em casa, às vezes tem mulher que ganha mais que o dobro do que o homem. Por que? Porque ela conseguiu esse espaço. Eu por exemplo, sou professora e eu garanto que tenho um salário melhor que o meu esposo. Esse espaço eu conquistei. Não foi a sociedade que deixou eu conquistar, nem o marido que deixou esse espaço pra que eu pudesse conquistá-lo. Eu que fui atrás, lutei. E isso aconteceu com várias outras mulheres.

Agora se tratando da parte econômica, esse trabalho de Santa Fé de Goiás, na associação de mulheres, contribui muito com essa parte. Se antes era só o esposo que era responsável pela renda familiar, hoje a mulher tem muita participação nisso. Esse trabalho da associação de mulheres, por exemplo, que as mulheres tiram muita coisa lá que dá pra sobrevivência em casa. Quando não é consumido em casa, elas podem vender e podem conseguir umas outras coisas com essa remuneração.

Agora na questão política, aqui têm muitas mulheres que participaram da vida política. Inclusive teve senhoras que foram vereadoras por vários pleitos e também candidatas, que às vezes não conseguiu vencer as eleições, mas que participaram. Mas que tudo isso é muito importante.

Agora na questão social, a associação de mulheres, através desse trabalho, trouxe para Santa Fé a água, através da Saneago, porque antes não tinha - só poços de fundo de quintal. Conseguiu também trazer o posto de saúde, que aqui não tinha trabalho da saúde. A gente tinha que procurar uma outra cidade, no caso Jussara ou Britânia. E também trouxe uma coisa muito importante que foi uma extensão do curso superior pela Universidade Católica de Goiás. Vários professores da região participaram aqui em Santa Fé. Então, quer dizer, é o progresso vindo através do trabalho da mulher na sociedade.

BLOCO III

1. De que forma a sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida?

Olha Klaus, eu cresci muito depois que comecei a participar da comunidade. Eu trabalhava muito na roça. Então a gente, era naquela vida só de casa pra roça. Não tinha outra coisa pra fazer. E através, participando desse trabalho na comunidade eu me despertei para estudar. Na época só tinha ensino fundamental. Hoje já tenho um curso superior e uma pós-graduação. Eu, hoje na educação. Eu sou professora e eu participo do sindicato dos professores do Estado de Goiás. Aqui na região eu faço parte dos assuntos educacionais e culturais.

E também na questão política eu sou filiada no Partido dos Trabalhadores. Tô sempre na frente. Na época das campanhas, na militância... Eu tô sempre na frente. Então, quer dizer que eu me sinto uma pessoa preparada para enfrentar as dificuldades na sociedade. Agora por quê? Porque eu tive essa lição de vida até hoje, através da comunidade, por influência das irmãs, dos outros colegas de outras regiões e também de outros municípios. Isso foi muito importante para o meu crescimento pessoal. Hoje eu sou uma pessoa assim... De certa forma reconhecida e respeitada aqui em Santa Fé (risos). Quando tem alguma coisa pra lutar, eu tô sempre presente, junto ali, pra defender os direitos não só da educação, como também da comunidade em si. Então pra mim foi muito importante.

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na Igreja?

Com certeza. Com certeza. Eu acredito que a Igreja ela dá muita abertura e oportunidade pras pessoas e também muita oportunidade pra gente crescer. Eu me sinto muito realizada de ter participado esse tempo todo e ainda continuar participando, porque a lição de vida, o aprendizado que eu tive é algo que ninguém vai me tirar. Ninguém. Então, esse trabalho... Eu aos poucos.. Eu vou passando pra outras pessoas que futuramente possa tá participando como eu tô participando hoje. Então esse trabalho foi muito importante. **Acha que ajudou a não ficar submissa aos homens?** Exatamente. Exatamente. É a libertação da gente ter esse trabalho de parceria. A gente se respeita, reconhece o trabalho dos homens e ao passo que a gente também mostra que é uma pessoa importante, que a gente tem formação e tem um espaço também a ser ocupado na sociedade.

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

Olha, em se tratando de participação, a gente percebe assim... A participação da mulher está muito à frente dos homens no trabalho da comunidade. Quer dizer, as mulheres aqui exercem função de ministras. Em Santa Fé, por exemplo, tem quatro ministras e um ministro. Quer dizer, a gente já vê a evolução das mulheres nessa parte. Porque isso antes era um tabu. Em geral, os homens ocupava esse trabalho à frente da Igreja. Hoje as mulheres ocupa. A participação delas é muito importante e elas têm o reconhecimento dos esposos. Os esposos até defendem, ajuda, contribuem no que é possível. A gente vê nas festas da Igreja, nas reuniões... A mulher está sempre à frente, participando dos trabalhos da comunidade.

4. Tem alguma lembrança marcante?

Tem. Uma coisa que me marcou muito nesse trabalho da Diocese foi o trabalho do Dom Tomás Balduino. Com Dom Tomás e também com o padre Francisco, eu aprendi muita coisa. E também a Ir. Nadir. A Irmã Nadir sempre me dizia: "olha Edineusa, a gente tem que participar. Eu vejo que você tem dom. Você tem que participar. Você é uma pessoa que tem muito a contribuir pra comunidade". Então, três pessoas que marca na minha vida: o Dom Tomás, a Irmã Nadir e o padre Francisco. Eu aprendi muito com eles.

5. Como em uma Igreja-instituição, hierárquica, monárquica, as mulheres tiveram tamanha participação e processo pedagógico de autonomia?

Pois é. Mas aí, a gente começou com esse trabalho de base. Que quando o trabalho começa de baixo pra cima ele é mais importante, porque é começado pelo próprio povo. E as mulheres foram... Perceberam a necessidade de participar. E também com essa pequena abertura que a Igreja foi dando, a gente foi participando. Não foi por acaso. Foi através de uma luta e um trabalho de base muito bem realizado, que a Ir. Nadir teve uma presença muito forte aqui. Então... Santa Fé especificamente... A importância da mulher trabalhando aqui na comunidade, como na sociedade. Foi uma influência muito grande dela (Ir. Nadir). Foi uma pessoa muito forte, muito sábia. Foi passando pra gente esse conhecimento e a mulher foi criando coragem de participar e percebendo a sua importância nesse trabalho, na comunidade.

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese de Goiás?

Aqui em Santa Fé foi Irmã Nadir, Irmã Rosário, Irmã Gilda e a Irmã Éster, que eu me lembro. Tirando do grupo das irmãs tem a Maura, que foi uma pessoa muito importante pra comunidade; a Odarica, a dona Eva que faleceu - infelizmente já partiu pra outra vida. Na Diocese de Goiás eu me lembro muito da irmã Éster - essa também falecida -, que eu me lembro muito do trabalho dela na Diocese, sobretudo na Catequese. A gente aprendeu muito com ela.

7. Considerações Finais

Eu gostaria de dizer assim...Que hoje a gente, tendo essa oportunidade de estar participando da sociedade, a gente tem que cada vez lutar mais. Ocupar mais o nosso espaço na vida política, social e na igreja. A gente conquistou esse espaço com muita dificuldade. Então, a gente tem que estar sempre participando pra continuar essa luta. Porque não é fácil a gente deixar nossa vida familiar pra poder se dedicar a esse trabalho. Mas, foi um trabalho muito importante, porque é um trabalho muito importante. A gente não pode nunca parar.

ANEXO B – ENTREVISTA COM E. V. O.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:

2. Idade:

Trinta e três anos.

3. Local onde nasceu e foi criada:

Eu nasci e fui criada aqui no município de Guaraíta.

4. Grau de escolaridade atualmente:

Fiz Faculdade de História, licenciatura e fiz especialização em História Regional.

5. Grau de escolaridade quando começou a participar das atividades Da Diocese:

Eu comecei a participar das atividades da Diocese desde criança, porque minha família já participava, né? Então eu comecei desde que nasci, participando. Aí depois, participei da catequese, da pastoral da juventude e assim por diante.

6. Profissão e ocupação atualmente:

Eu sou professora de História. Trabalho na rede municipal e na rede estadual, aqui mesmo em Guaraita.

7. Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese:

A gente trabalhava na roça mesmo, ajudando meu pai na agricultura, enquanto criança - adolescente. Aí ele morreu quando eu era adolescente. Eu deixei o trabalho na agricultura e trabalhei de doméstica, até quando eu fui ser agente de pastoral na Igreja e depois, professora.

8. Local onde mora atualmente:

Moro aqui na cidade. Fica mais próximo do meu trabalho. Então eu moro na cidade mesmo.

9. Local onde morava quando começou a participar das atividades da Diocese:

É... Quando eu comecei a participar das atividades eu morava na zona rural, aqui no município. Eu só vim morar aqui na cidade, a partir de quando eu entrei na educação. Aí eu vim morar para ficar mais próximo da escola, do local de trabalho.

10. Atividade eclesial ou/e social que participa atualmente:

Hoje eu praticamente não tô assumindo nenhuma função, na Diocese. A única coisa que eu faço é ir às missas aos domingos.

11. Comunidade/Pastoral quando começou a participar das atividades da Diocese:

Então... Quando eu era criança eu participava lá na comunidade do Guará. Minha mãe era animadora de comunidade. Meu pai participava da direção do Sindicato dos Trabalhadores. A gente participava assim... Morando lá na comunidade do Guará. Depois eu vim participar da catequese, aqui na cidade; da pastoral da juventude, das equipes, assim... Liturgia... Essas coisas. Depois fui agente de pastoral também. Leiga.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE A LEVOU A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE

a. Que motivos a levou a participar da comunidade / pastoral?

Eu fui criada nesse ambiente, né? Então desde criança, vendo meus pais participando, e a gente ia enquanto criança... Ajudava, fazia uma leitura, lia um salmo, fazia alguma coisa. E nesse ambiente eu fui sendo criada. Participando da catequese. Acho que isso influenciou bastante. Assim, já fez eu ir acostumando a ir vivendo dentro das atividades da Diocese. Aí depois, assim... Na juventude eu mesma

que quis participar da Pastoral da Juventude, porque a gente encontrava, rezava e discutia. Tinha atividade de lazer também, assim... Dos jovens - fazia algumas excursões. Tudo isso ajudava. E eu acho até, que a Pastoral da Juventude foi a fase mais importante na minha formação. Os próprios cursos da Pastoral da Juventude... Acho que foi o momento mais importante. Mais importante do que quando eu era agente de pastoral. **Você quer deixar registrado, fazer uma lembrança, alguma citação desse momento que marcou bem a sua vida?** Olha, uma coisa que eu não esqueço, por exemplo, quando eu participei de formações da Pastoral da Juventude. Aí, isso me ajudou de uma forma assim... Muito grande para eu passar no vestibular. E foi através do vestibular que eu tenho minha profissão hoje, que eu sou professora. Então, nesse sentido, eu acho que a Pastoral da Juventude, ela foi muito importante pra mim na questão profissional. E na formação também. Pra sair, pra falar, pra conhecer outras pessoas., participar de eventos. Tudo isso é importante na formação do jovem, né?

b. Como foram os primeiros anos de sua participação?

Bom... Como eu já disse, desde de criança eu participo. Então foi tudo normal com minha família.

c. Exerceu alguma função? Qual?

Fui leiga e ajudei na coordenação da pastoral da Juventude.

d. Houve alguma dificuldade na sua participação? Qual?

Não. Com a família não. Nenhum problema. Nunca tive. Acho que, quando uma moça participa assim, como eu fazia, participava, aí vinha logo aquela questão assim ... Ela é freira. Aí, eu era conhecida como freira no lugar. Isso eu achava ruim. Achava péssimo (risos) ser conhecida como uma freira, porque eu não queria. Queria ser leiga. Ser conhecida como uma leiga que atuava na Igreja. Mas, as pessoas pensavam que eu fosse uma freira. E não era isso.

e. Como se davam as relações com os homens?

Acho que normal, tranquilo. Todo mundo reunia, conversava, brincava. Não tinha nenhuma restrição não. Pelo menos que eu me lembre assim. Muita vontade assim... Os jovens são bastante espontâneos. Não têm muitas restrições não. Tranquilo. **Por exemplo, havia mulheres que coordenava o grupo de jovens ou só era homens?** Não. Era mulheres. O grupo geralmente tinha sete ou oito membros. Aí tinha homens e mulheres. Era uma equipe. Agora, as mulheres às vezes assumiam até mais do que os homens. E na comunidade de base também. Nas comunidades de base também, a participação das mulheres era maior do que dos homens. E era interessante assim... Por exemplo, você chegava na comunidade de base - isso quando eu era agente de pastoral eu via muito isso - lá na comunidade rural os homens estavam sentados no terreiro da sala e as mulheres estavam lá na cozinha. Aí, quando a gente chegava os homens diziam assim: "pode ir pra cozinha, as mulheres estão lá" (risos). Aí até começar o encontro da comunidade. Quando ia começar o encontro da comunidade, as mulheres lá da cozinha vinham para o terreiro da sala, pra reunir todo mundo. Aí os homens já estavam sentados, continuavam sentados e as mulheres ficavam de pé, na hora da celebração, do encontro da comunidade. Isso era muito comum. Isso era em todas as comunidades. Em todas as comunidades que eu ia, era desse jeito.

Bloco II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO

Eu creio que sim. Por exemplo, hoje muitas tão participando da política - como é o caso da Zilda. Agora ela é vereadora, presidente da câmara.

As mulheres que participavam na minha época, da Pastoral da Juventude, e tudo mais, elas conseguiram sobressair e conseguir trabalho na vida, porque daí ficava mais fácil pra elas entrar numa faculdade, por causa da visão adquirida ali, na pastoral da juventude. Conseguiram entrar na faculdade e hoje tem uma profissão - a maioria, eu acho.

Associação não tem. Atuação maior aqui das mulheres é no sindicato. Minha mãe mesmo participa. Têm muitas que participavam das comunidades, que participa até hoje e atuam no sindicato. Têm algumas que foram pros movimentos Sem-Terra. Hoje estão em assentamento, lá em Heitorai. Então, conseguiram até isso. Uma organização muito grande e uma melhoria da condição social, também.

Mesmo não estando participando hoje, minha vida é muito a partir disso aí. Meu marido mesmo, eu conheci na Pastoral da Juventude. Eu tenho o mesmo pensamento, parecido com o dele. E isso é importante. Os mesmos princípios, o mesmo pensamento, os valores da gente são parecidos. Eu acho isso importante. E é muito importante também Klaus, na minha profissão hoje. Sou professora da rede pública e esses princípios, eu trago eles comigo. Eu não vou falar de Igreja e nem de Evangelho pros meus alunos. Eu vou dar aula de História. Só que... Eu tenho esses princípios comigo. A minha preocupação maior hoje é com aquele aluno pobre que quer estudar. Então, é esse aluno que eu vou mais...sabe? Eu ajudo ele e vou orientando o tempo inteiro. E muitos têm conseguido uma profissão na vida, apesar de todas as dificuldades, da pobreza. E acho que essa época aí me ajudou hoje. Então, muitas pessoas me falam assim: "que você faz?". Essa semana mesmo o padre Vilmar me perguntou: "O que você tá fazendo? Qual o trabalho que você tá assumindo?". Aí eu disse: "na Igreja nenhum". "Mas nada?" Eu falei: não é nada! Eu ajudo os alunos pobres que querem estudar, querem ter uma profissão. Então eu oriento. Eu oriento a leitura, eu empresto os meus livros, meus materiais. E muitos estão conseguindo profissão. Eu acho que isso é um princípio que eu adquiri na Igreja.

BLOCO III

1. De que forma você acha que na sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida?

Minha atuação política não é tão grande. Assim... Política partidária é menor. Tem o que eu defendo, né? Tem as idéias que eu defendo. Mas, atuar mesmo no partido político nem tanto. O trabalho que eu exerço hoje é isso que eu falei. **Mas já militou em alguma campanha?** Já fui militante do PT, assim... Daquelas (risos) de pedir voto. Eu voto só que eu não faço como eu fazia. Acho que as coisas vão mudando. A gente agora tem família; isso ocupa mais tempo - os filhos e tudo.

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na Igreja?

Eu acho. Eu acho que mudou. Porque... Aí é que entra a Pastoral da Juventude novamente, que eu acho que foi importante. A formação na Pastoral da Juventude pegava muito essa questão da sexualidade e da própria mulher mesmo, da valorização. E isso, eu acho que foi importante para mim.

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

Aí! Olha, eu vejo que tem a participação das mulheres. Ela existe. Inclusive, outras mais jovens participando. Mas, se eu for falar, por exemplo, aqui. Algumas comunidades não existem mais. Algumas comunidades de base acabaram. As pessoas mudaram. Por exemplo, tinha comunidade que reunia vinte famílias. Hoje cê vai lá ver, só têm duas ou três famílias morando lá. Então, não têm as famílias pra se encontrarem toda semana. Outra realidade, é que as pessoas mudaram muito para outras igrejas, né? Pessoas que eram animadoras de comunidade, mulheres animadoras de comunidade, hoje estão na igreja Assembléia de Deus. Daí, vai diminuindo as famílias que participava. E muitas já não têm o mesmo ânimo pra participar. Em Itapuranga eu vejo muito isso. As mulheres que participavam muito, não participam mais como antes - como a Perpétua. E eu posso falar várias outras. Assim... Parece que não encontra aquele espaço mais dentro da igreja. Enquanto outras mulheres, às vezes até de elite, né? Elite econômica no local, participam e elas ficam fora. Eu mesma não sinto muito à vontade mais.

4. Tem alguma lembrança marcante?

Acho que são tantas coisas, que fica difícil a gente lembrar assim, em pouco tempo. Mas, eu acho que a participação pra mim foi muito importante pra eu ter o pensamento que eu tenho hoje; a segurança que eu tenho; ter os princípios meus, pra minha família. Minha família que eu falo é eu, meu esposo e meu filho. Acho que é importante para a gente ter a vida da forma que a gente tem hoje. Ter a compreensão familiar e profissional também. Eu acho muito importante, também. Agora, assim... Muitas pessoas que a gente participava juntos, quase não se encontram mais. Não vê mais. A gente não sabe como que as pessoas estão participando. Se continuam, se não...

5. Como em uma Igreja-instituição, hierárquica, monárquica, as mulheres tiveram tamanha participação e processo pedagógico de autonomia?

É verdade. Eu vejo assim... Olha... Que é machista, é autoritária. Mas quem faziam e quem faz de fato a Igreja são as mulheres. Porque o padre é a figura machista mesmo da Igreja. A palavra final é dele. Mesmo nas reuniões. Quando tem uma reunião pra decisão, aí mesmo que as pessoas falam,

quando o padre fala a palavra final fica sendo a dele. Mas quem faz de fato a Igreja são as mulheres. É a mulher que é catequista. É a mulher que é animadora de comunidade, que faz parte das equipes da liturgia - a maior parte de liturgia, de canto... A maior parte são as mulheres. Estou falando da nossa realidade aqui. Quando a gente vai pra esses encontros fora, muitas mulheres. Mesmo que a palavra do padre tem mais peso, mas quem realmente faz a Igreja são as mulheres. **Então seria assim: elas fazem o que o padre decide.** É! Só que, no momento ali na comunidade, quem tá lá é a animadora da comunidade e sua vizinhança. Aí o padre não tá lá. A decisão maior, as decisões maiores, a palavra fica sendo a do padre. Você tá entendendo o que eu tô dizendo? Por exemplo, numa coordenação diocesana, tá cheio de mulheres. Só que, quem acaba decidindo são os padres. Aí o pessoal se cala quando os padres falam. As mulheres se calam. Porque ele é padre, tá entendendo? Mas quem realmente faz a Igreja, porque Igreja é na base, porque o padre sozinho não faz... Quem realmente faz são as mulheres. Igual dona Jovelina aqui. A vida inteira batalhando, participando, convidando... E vai, e reúne o povo pro padre ir lá celebrar a missa. Só que, quem foi articular tudo foi ela. Não foi o padre. Ou igual minha mãe mesmo, dona Josefina. Animadora de comunidade há muitos anos. Quem vai lá, convida, marca, prepara tudo é ela. Aí o padre vem, só celebra a missa e não faz mais nada além disso, lá naquele momento. Aí, ela fez um serviço maior do que ele. Ela articulou. Ele só celebrou.

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese de Goiás?

7. Considerações Finais:

ANEXO C – ENTREVISTA COM E. A. L.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:

2. Idade:

Tenho 40 anos.

3. Local onde nasceu e foi criada:

Nasci em Sanclerlândia. Fui criada lá também.

4. Grau de escolaridade atualmente:

Minha escolaridade: especialização.

5. Grau de escolaridade quando começou a participar das atividades da Diocese:

Quando comecei a participar da Diocese tinha ensino médio.

6. Profissão e ocupação atualmente:

Minha profissão é professora.

7. Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese:

Quando comecei a participar ainda era estudante.

8. Local onde mora atualmente:

Moro em Itapuranga.

9. Local onde morava quando começou a participar das atividades da Diocese:

Morava em Sanclerlândia.

10. Atividade eclesial ou/e social que participa atualmente:

Trabalho social que atuo ultimamente, é um trabalho de reivindicação sobre a questão do negro do Brasil, em Itapuranga.

11. Comunidade/Pastoral quando começou a participar das atividades da Diocese:

Quando comecei a participar da Diocese de Goiás, foi como catequista. Foi o meu primeiro trabalho.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE A LEVOU A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE

a. Que motivos a levou a participar da comunidade / pastoral?

Acho que, em primeiro lugar por uma questão de fé. E essa fé levou a muitas pessoas, a um processo de conscientização. E essa conscientização foi política. Por isso, muitas pessoas começaram a participar da Diocese também. Não só por uma questão de fé, mas também, por uma questão de um grande movimento de reivindicação, na conquista de direitos. Por toda uma ideologia de uma sociedade nova, igualitária, onde as pessoas pudessem viver bem.

b. Como foram os primeiros anos de sua participação?

Meu primeiro trabalho como uma agente pastoral foi a catequese, em Sanclerlândia. Eu era ainda... Estava saindo da adolescência, começando o ensino médio e fui convidada pelo padre Francisco a participar do trabalho na comunidade, como catequista. Nós fizemos vários encontros de preparação, pra depois engajar nessa pastoral. E depois, o meu trabalho com o grupo de jovens, durante uns três anos. Eu considero um excelente trabalho que o grupo de jovens fez nessa época. Que era um grupo que não só rezava, mas também, era um grupo que participava de movimentação, fazia passeata, fazia

cartas-abertas. Era um grupo também, além de jovens, era um grupo de pessoas conscientes, que estavam se abrindo para um mundo, com todos os problemas que o mundo tem. **Você teve alguma função além de ser catequista? No grupo de jovens você teve alguma função específica?** A gente tinha também um grupo de teatro que participava nas procissões da semana santa, dia das mães, dia dos pais, dia do índio, dia de consciência negra. Então, era um grupo de atuação, de jovens, que fazia as reuniões, discutia os problemas da sociedade e que refletia à luz da Palavra de Deus.

c. Exerceu alguma função? Qual?

Quando eu terminei o ensino médio, em 84, surgiu um convite, partindo de Dom Tomás, pra que a gente pudesse... A Diocese estava interessada em fazer uma experiência com leigos, leigos engajados na comunidade, morando em casas paroquiais. A primeira experiência que a Diocese estava querendo fazer nesse sentido. Eu fui convidada juntamente com Sebastiana, que a gente era amiga do grupo de jovens, e pela nossa atuação também. Aí, nós fomos fazer um ano de experiência em Uruana. Que era um trabalho com uma religiosa, com o padre e três leigos. E depois, isso foi 85; depois 86. Esse convite foi estendido também para continuar esse trabalho. Mas aí, só com grupo de leigas. Aí, nós fomos fazer uma experiência em Itapirapuã, que foi um trabalho de quatro anos - de 86 a 89. Foi um trabalho não só interno da Igreja, mas um trabalho com muito envolvimento, nas pastorais sociais. **Depois de lá você veio morar em Itapuranga?** Aí, em 89 eu prestei vestibular. Eu ainda não tinha curso superior. Prestei vestibular em Itapuranga. Naquela época a gente ainda conseguia trancar matrícula. Eu tranquei por um ano. Aí, a partir desse ano, eu fiquei ainda em Itapirapuã. Em 1990 eu me mudei pra cá, pra Itapuranga, pra fazer curso superior. **Continuou fazendo alguma atividade na Igreja?** Continuei ainda atuando na pastoral, como agente de pastoral. Continuei trabalhando até 95, 96... Eu ainda estava como agente de pastoral, trabalhando aqui em Itapuranga. **Qual a função do agente de pastoral em Itapuranga?** A função do agente é cuidar dos trabalhos de comunidades, dos trabalhos internos da Igreja, que é a questão da pastoral, da liturgia, da catequese, dos grupos, das comunidades de base, do atendimento às comunidades. Mas também, as pastorais externas, que é a questão da saúde, da pastoral familiar, pastoral da juventude e de todas as pastorais que a Igreja daqui de Goiás tinha envolvimento maior. Então, nessa época eu ainda participava. Continuei estudando e comecei a trabalhar profissionalmente como professora. O tempo foi reduzindo e a partir daí, até 96 eu estava atuando como agente de pastoral. Depois, continuei participando também na coordenação da catequese - por um certo tempo - na formação bíblica, pastoral da terra.

d. Houve algumas dificuldades na sua participação? Quais?

Acho que as dificuldades foram muitas desde o início. O primeiro trabalho que nós fizemos como leigas engajadas mesmo foi em Itapirapuã. Nós enfrentamos muitas dificuldades. Tinha a questão financeira que não era definida, a gente não recebia salário, a comunidade era muito pobre. Logicamente nós não passamos fome mas nós tivemos dificuldades em todo trabalho da pastoral, que tem seus gastos e a nossa vida mesmo pessoal. A gente teve dificuldade nesse sentido. Uma das dificuldades, não só financeira, também a dificuldade do que representa o leigo, a leiga, no trabalho pastoral. Porquê isso? Porque não é, aos olhos de muitas pessoas, até nosso também, não era um trabalho bem definido. A gente não era freira, não era religiosa, mas também não era simplesmente uma animadora de comunidade. Isso as pessoas tinham dificuldades de compreender. Que a gente não tinha feito votos, mas mesmo assim havia uma exigência da comunidade, da Diocese em relação a nós. Então, foram muitas as dificuldades. Mesmo na questão da hierarquia. Eu sempre tive dificuldade de lidar com a hierarquia da Igreja. Tive antes, tenho agora, porque são questões que acho que não precisava existir na Igreja. Acho que a Igreja não precisava de algumas coisas pra ser Igreja.

e. Como se davam as relações com os homens?

Eu acho que a princípio havia assim um sentimento, por parte de algumas pessoas, como se a gente tivesse competindo com elas. De muitas pessoas nós ouvimos, de alguns padres, que a Igreja estava moderna demais. Então, foram problemas que nós enfrentamos, a princípio de poder até compreender aquela nova função, que a gente tava exercendo. Muitas pessoas não fazia questão de compreender isso. Nós tínhamos dificuldades de nos relacionar nesse sentido, de algumas pessoas como representantes dessa instituição.

BLOCO II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO

Eu creio que sim, houve. Eu acho que a Diocese enquanto Igreja, com toda sua linha de trabalho de evangelização, tinha também como foco principal a libertação da pessoa, não só no sentido social, reivindicação, mas também como libertação pessoal, internas. De libertar das repressões que as mulheres carregam a vida inteira. De uma educação muito fechada. Talvez até de um falso moralismo, que foi imposto a vida inteira. Então eu acho que a Igreja, de um modo geral, ela contribuiu sim nesses movimentos de reivindicação. Não só de conquistas dos direitos da sociedade, como direito civil, mas também de conquistar a própria liberdade da pessoa, na sua essência, enquanto pessoa. Que tem direito de ser livre, de decidir, de escolher o que quer fazer, de escolher sua profissão, de escolher o marido que quer ter, de decidir se não quer ter marido, se quer ou não ter filhos. Essa foi uma liberdade que as mulheres foi conquistando aos poucos e com certeza a Igreja contribuiu muito pra isso.

BLOCO III

1. De que forma você acha que sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida?

Acho que influenciou muito. Tudo que sou hoje, além da formação e educação que a gente recebe na família, eu acho que eu recebi uma grande contribuição da Diocese de Goiás, nesse sentido, para minha formação pessoal, formação profissional até. Na minha escolha, até o curso superior que eu fiz, acho que foi uma das escolhas a partir de uma militância que eu tive na Igreja e também fora dela. Então eu acho que a Igreja contribuiu e muito na minha vida, assim como os movimentos sociais também. Da mesma forma, como também devo ter contribuído com os movimentos, da questão da terra, de todos os movimentos de reivindicação que a Diocese estava envolvida. Eu creio que também, não só na minha vida pessoal, como na de muita gente influenciou. Também na escolha, por exemplo... eu acho que a partir do momento que eu conscientizei, que eu tive uma consciência do que é fazer política, do que é ser, enquanto pessoa que tem participação na política, nos partidos, nos movimentos políticos, eu acredito que também eu influenciei a minha família, até na escolha de partido, de candidatos, isso ainda hoje eu tenho certeza que eu tive influência, eu acredito uma influência positiva para a minha família, que tinha uma questão bem tradicional, conservadora no jeito de escolher candidatos, de participar das eleições. **Você militou em algum partido?** Militei sim. No PT, Partido dos Trabalhadores. Nessa época, 82... quando surgiu, 82, 83, 84, foi meu tempo de participação no grupo de jovens, foi um tempo que nós também tivemos o papel de fundar o partido em Sanclerlândia, de fazer filiações, naquela época em que o PT era o bicho papão, um bicho de sete cabeças. Nós tivemos assim a cara e a coragem de fazer filiações, de ir de casa em casa, de conscientizar as pessoas sobre a importância de participar de um partido. Não foi nada fácil.

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na Igreja?

Claro. Claro. Sem dúvida. Porque como mulher ou como homem a pessoa ela é um todo. Ela não é, isso é daqui, isso é dali. A gente como pessoa, como essência humana, somos um todo. E se eu disser que não houve na minha vida pessoal influência da Igreja e dos movimentos sociais eu estou fugindo da minha essência e da minha identidade. Não tem possibilidade. Muitas coisas, eu acho, posso dizer, mais de 50% das minhas decisões e as vezes até dos meus medos, de muitas outras coisas que tem na minha individualidade, acho que devo isso da minha participação na vida eclesial, na vida da Igreja.

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

Eu acho que, infelizmente a Igreja católica ainda é muito conservadora, muito conservadora. Que a mulher participa de tudo, tudo, tudo na Igreja, mas depara com uma grande barreira, uma grande barreira. Por que as mulheres não são ordenadas? Esse é um dos grandes... acho que é o maior entrave da Igreja Católica: de não ordenar homens casados, de não ordenar mulheres, solteiras ou casadas, o jeito da opção pessoal. Acho que a Igreja católica é muito conservadora, muito conservadora. E a

tendência é ir se fechando cada vez mais. Então, uma certa liberdade, que nós mulheres alcançamos na Igreja, eu acho que ela tem se fechado. Tem se fechado.

4. Tem alguma lembrança marcante?

5. Como em uma Igreja-instituição machista, hierárquica, monárquica, as mulheres tiveram tamanha participação e processo pedagógico de autonomia?

Porque existe na Igreja, parte da Igreja que contribui pra isso. Mas quando se trata da Igreja enquanto hierarquia, mesmo as pessoas que se consideram mais libertadoras ainda são muito fechadas. Consegui, porque em relação, digamos, a Igreja antes da década de 60, se nós fomos fazer aqui uma ponte dessa época a década de 80, 90, claro que houve um progresso, muito. As comunidades de base estavam cercadas de mulheres, os movimentos sociais, os movimentos estudantis. Claro que houve sim uma muita contribuição, porém, contribui no movimento reivindicatório, quer dizer, a Igreja contribuiu no movimento reivindicatório das mulheres fora da Igreja. Mas se você trata, vai falar assim então, esse movimento contribuiu para que a mulher se tornasse parte dessa hierarquia da Igreja, claro que não. A Igreja não abre mão disso. Ela não abre mão do seu preconceito. Isso é um pré-conceito. Não ordenar mulheres por quê? Dizer que é uma determinação bíblica, não é. Que que impede então? É o machismo, que é o autoritarismo, que ainda existe dentro da Igreja. Se depender disso pra que a mulher se liberte, com certeza ela vai continuar presa a muitas coisas. E acredito que a Igreja... E ela se fecha cada vez mais. Com a eleição do novo Papa se fechou mais. E se continuar assim a tendência é...

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese da Goiás.

Aqui em Itapuranga nós tivemos dona Maria Pires, que não está mais entre nós, com toda a sua contribuição. Temos ainda a Isabel Carlos. Temos a Perpétua. Infelizmente, assim, muitas pessoas não participam mais, por vários motivos não participam mais. Por esse fechamento da Igreja muitas pessoas afastaram, que eram assim, digamos, o esteio dessa Igreja. Teve um padre aqui em Itapuranga que, ele achava que a Igreja não tinha o direito de negar nenhum pedido de três pessoas aqui que era dona Maria Pires, uma delas, a Isabel Carlos e a Isabel Batistela. E é uma pena, uma pena, a Igreja perdeu muita gente e continua perdendo.

ANEXO D – ENTREVISTA COM I. C. O.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:

2. Idade:

Tenho 54 anos.

3. Local onde nasceu e foi criada:

Nasci em Orizona, fiquei até os dez anos depois mudei pro município de Itapuranga e aqui fomos criados até agora. Morei um tempo no município de Uruana, depois que mudei para Itapuranga. Tem uns 40 anos, mais ou menos, que agente mora em Itapuranga.

4. Grau de escolaridade atualmente:

Terceiro ano primário.

5. Grau de escolaridade quando começou a participar das atividades da Diocese:

Terceiro ano primário.

6. Profissão e ocupação atualmente:

Já trabalhei em muita coisa hoje estou na pastoral da saúde, trabalhando com manipulação de remédios. A gente já trabalhou com costura, no serviço público do Estado.

7. Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese:

Dona de casa – funcionária pública.

8. Local onde mora atualmente:

Chácara Canaã, Vila Barrinha, aqui mesmo em Itapuranga.

9. Local onde morava quando começou a participar das atividades da Diocese:

Na Farneso Rabelo, saída de Goiânia (Itapuranga).

10. Atividade eclesial ou/e social que participa atualmente:

A comunidade de base, a gente faz os encontros nas casas durante a semana e nos domingos celebrações. Pastoral da Saúde também. Tem os grupos que a gente acompanha, aqui do bairro da Fraternidade, também tem o Laranjal e Vila São José, que é um povoado. E esse trabalho a gente faz junto com a CPT da Diocese de Goiás.

11. Comunidade/Pastora quando começou a participar das atividades da Diocese:

Era as CEBs, era povo mesmo. Era o povo lá da comunidade que as vezes não entendia e não sabia nem o que era Evangelho. Falava em Evangelho e tinha dificuldade até de entender. Era um povo que rezava o terço e leitura bíblica quase ninguém fazia, não tinha acesso muito a Bíblia. Então, quando começou foi assim, era tirando o terço e passando para o Evangelho. Foi nessa época que teve a revolução grande na Igreja. O povo tava acostumado com um jeito e ai vinha outro modelo de Igreja, um jeito novo de ser Igreja, foi a onde teve uma revolução muito grande na Igreja.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE AS LEVARAM A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE

a. Que motivos a levou a participar da comunidade/pastoral?

O que mais me levou a participar, foi assim, eu vim de uma Igreja muito tradicional, a gente dizia amém pras coisas, a gente não participava, não nada. E tinha dentro da gente uma vontade maior. E

quando eu comecei a participar dos encontros das comunidades, das CEBs a gente viu um jeito novo, a participação do povo. O povo participava. O povo falava. O povo tinha valor nas suas falas, no seu jeito de trabalhar. O povo era valorizado. Então isso me cativou muito. Gostei muito e senti assim, que a presença dos padres, bispo, que era Dom Tomás, dava um apoio total para as comunidades. E ouvir o povo. A gente se sentia valorizada nessa época e onde eu senti mais força de participar.

b. Como foram os primeiros anos de sua participação?

Muita coisa aconteceu Klaus. As vezes, quase a um ponto de separação em casa. Por que era a mulher que ficava em casa cuidando dos filhos, cuidando da casa. De repente a gente começa a sair, começa a visitar, começa a viajar, começa a ir pros encontros. E as vezes a gente foi e o marido não foi. Ai dava muita briga em casa. As vezes, tinha momento que a gente achava que não dava nem pra viver mais. E assim, foi vários anos, sabe. Até que, o marido também começou a entender que era uma caminhada boa, começou a entender o que a gente tava fazendo, aí começou a participar também e aí viu que... porque a mulher sair de dentro de casa naquela época, iche! Todo mundo ficava falando “a mulher ta saindo demais”, “a mulher não ta cuidando da obrigação”, tudo isso que você sabe que se fala, né. Mas depois foi entendendo que não era isso, que a gente queria um bem para todos, queria uma mudança. Quando chega no momento político, onde o homem participa mais das coisas políticas, também foi tudo muito misturado, Evangelho com a política e tudo, acho que foi a onde foi entendendo melhor. **A senhora lembra mais ou menos o ano que começou a participar?** Foi em 82 por aí. Eu sei que foi quando Atos Magno se candidatou a governo do Estado e também nós colocamos nosso companheiros de caminhada, das comunidades, tinha onze vereadores, cada um saído da própria comunidade. O prefeito também era uma pessoa do povo, que era o Doutor Victor, um médico assim, do povo mesmo, que vivia nas comunidades, fazendo estudos de saúde e tudo mais. Foi nessa época que a gente entrou pra valer, foi nesse tempo. Não lembro bem o ano, mas foi na época em que o voto era vinculado, você tinha que votar em tudo do mesmo partido.

c. Exerceu alguma função? Qual?

Eu ficava ainda só na comunidade. Ajudando por exemplo a Perpétua. Ajudando na comunidade, convidava, saía pra convidar os vizinhos e articulava o povo pra reunião. O Zé Guedes, na época, deu uma força muito grande. Era de mais tempo de caminhada. Já sabia o que queria. O Zé Guedes e a Perpétua foi muito antes de mim. Quando eu entrei eles já estavam caminhando a muito tempo. E cheguei bem no final da saída do Ivo de Itapuranga, a caminhada mais forte já tinha feito. E eu convidava, articulava o pessoal pra fazer a reunião. A reunião dava 50, 60 e até 100 pessoas na comunidade. O Zé Guedes ia fazia a reunião, a Perpétua ia. E assim a gente foi desenvolvendo também. Teve um dia que eu passei um apuro muito grande, que eu tava na comunidade, com mais de 100 pessoas na reunião, e o Zé Guedes não apareceu e me deixou na mão. Foi a primeira vez que eu coordenei uma reunião. Com muita dificuldade, com medo de não acertar, de não dá conta. Daí pra frente, pronto, to até hoje.

d. Houve algumas dificuldades na sua participação? Quais?

e. Como se davam as relações com os homens?

Olha! É, foi assim: quando teve essa divisão na Igreja a participação era mais das mulheres. Então você via que nas coordenação das comunidades, como até hoje, mais são mulheres que anima as comunidades. Mais as mulheres que animava as comunidades. Você podia contar quantos homens tinha. Mais era mulher que tava na catequese, as mulher que tava no batismo, em tudo na Igreja sempre foi a mulher que tava, né? E nas comunidades também, assim, pra animar a comunidade, pra ajudar a comunidade a caminhar. Vinha nos conselhos de paróquia, era muita participação. O conselho era assim, vinha todos os representantes mesmo da comunidade. Tinha assim, todo mês essa reunião do conselho. E, ah, uns oitenta por cento era mulher, que tava no conselho da paróquia e muito pouco homem. Hoje tem muitos, mas quem assume o trabalho, continua sendo as mulheres.

BLOCO II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO

Teve, nós teve muitas conquistas. A gente se organizou em associações na época. Aqui em Itapuranga, por exemplo, a nós teve a CRB, que era uma lojinha. Uma conquista mesmo de mulheres. Tinha alguns homens também. Uma farmacinha que a gente colocou. E tecidos também, foi uma conquista. Candidatou a vereadores várias mulheres. Apesar que a gente não ganhou na época, mas também a luta não parou. Foi uma conquista porque teve mulheres que tirou bastante votos. Só não foi eleita, mas foi uma conquista grande, porque naquele tempo, nossa, falar em mulher candidatar, era impossível, mas isso a gente conseguiu em Itapuranga. Maria Ferreira candidatou várias vezes, a pesar da gente não conseguir eleger, mas foi uma pessoa que tirou muitos votos aqui em Itapuranga. Foi a Maria Ferreira, a Conceição do Sebastião Emílio. O pessoal da roça foi mesmo candidato. Então assim, tirou bastante votos, mas não foi eleitos. A gente conseguiu também fazer associações de várias coisas. Tinha assim, associação de galinhas, associação de vaca. Matava a vaca e dividia. As mulheres tava ali ajudando. Ajudando pra não comprar tão caro. Associação de alimentos, a gente pegava diretamente do caminhoneiro pra gente sair do supermercado. Foi uma associação de muito tempo. E mais era as mulheres. O Zé Guedes ficou como coordenador. A gente pegou o CGC da CBR e comprava as coisas, né. Então essas coisas de casa a gente comprava do caminhão, diretamente na associação. Então foi uma conquista. Também da mulher libertar do serviço de casa. Porque a mulher fica só em casa. Trabalhando o tempo todo. Hoje a mulher sai, ela vai e desenvolve. Ela marca encontro, ela viaja, sem problemas nenhum mais. Eu acho que foi uma conquista muito grande nossa. **Dentro dessas organizações, acaba que, a maioria era as mulheres, mas o homem que era coordenador.** Mas porque a gente escolhia. A gente escolheu o Nelo. Na época o Nelo fazia as compras, muitas vezes eu ia com ele fazer as compras. Então ficou o Nelo. Mas não sei porque a gente num eleger uma mulher. Acho que porque foi o Nelo com a Maria Ferreira que começou a pensar e começou comprando. Eles começou a fazer isso na casa deles. Então ela viveu muitos anos dentro da casa do Nelo. Eles iam em Goiânia, comprava e vendia. Nós ia na casa deles e comprar, vendia. Depois a gente pensou assim “não, vamos algum lugar”, mas aí já estava caminhando a tempo, acho que por isso que o Nelo ficou na época. Mas depois veio aquele negócio do RV. Me lembro que tinha alta todo dia nas mercadorias e a gente não conseguiu acompanhar os preços. Porque as grandes lojas engoliu os pequenos na época. Então por isso que fechou.

A família tudo ajudou. Meus filhos, eu consegui também, quando eles eram jovens, eu dava um apoio muito grande ao grupo de jovens. O grupo de jovens dentro da caminhada da Diocese. Então os meninos também foi crescendo dentro desse contesto todinho da Diocese. Então a gente teve um apoio muito grande dos filhos. Só tem um que não apóia muito, não apóia assim, não ver o trabalho da gente mas, acha que o que eu faço é certo. Mas os outros é tudo de caminhada também. Então eu tive apoio muito grande até hoje dentro da família. Eu saio viajo e não tenho problema mais. A nível político a gente já teve assim, momentos muito fortes, mas depois com o passar do tempo a gente também tem várias decepções também, né. A gente teve muita decepção com os próprios companheiros que a gente achava que podia mudar, mas depois foi eleito e não correspondeu com aquilo que a gente esperava. Hoje a gente ta assim, eu não sei, mas parece que a gente ta um pouco meio perdido.

Desde que nasceu o PT a gente é do PT até hoje. Apesar de tantas dificuldades mas a gente nunca saiu do PT. E a família toda, a gente é militante mesmo do partido.

BLOCO III

1. De que forma você acha que sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida?

Ô Klaus, a gente ficou assim... A gente ficou assim em muitos estudos, a gente participou de muitos estudos. Muita coisa mesmo. E a gente foi crescendo assim, a gente foi sentindo que a gente foi ficando uma liderança. E a gente começou a ir para as comunidades, ajudar as comunidades também. E cá o pessoal sempre votava alguma coisa, a gente sempre tava na frente de alguma coisa. Então a gente foi se tornando como uma liderança forte da comunidade. Eu sinto hoje que sou uma liderança forte. Uma liderança boa da comunidade. Sentido: acho que sou. Então assim, depois entrei na pastoral da saúde. Fiquei nesse trabalho da pastoral da saúde. Tive muita formação. Apreendi muita coisa. Acho que tenho assim uma bagagem muito boa pra ta ajudando as pessoas. Então eu acho pra mim que foi assim, fundamental. Foi muito bom.

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na Igreja?

Eu acho. Acho que a Igreja ajudou muito, sabe, a descobrir coisas que as vezes que a gente achava que a mulher tinha direito. E hoje a gente descobriu que a gente tem esse direito. Acho que através da Igreja me ajudou muito. Muito mesmo. Apesar que as vezes tem dia, tem vez, a Igreja teve avanço bem maior, assim mais, nas lutas populares, hoje parece que ta um pouco mais pouco, sei lá, mas mesmo assim, acho que a Igreja ajudou muito. Não sei se porque aqui foi um dos lugares que encontrou muito apoio. Agradeço muito o que sei hoje, que aprendi, foi através da Igreja. A Igreja me deu, graças a Deus.

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

Uche! Hoje já é bem diferente de quando eu comecei. Hoje a gente vê assim, ainda tem, mas eu acho que tem umas linhas de Igreja que sufoca um pouco, né, o crescimento da mulher. Mas ainda acho que a mulher ainda é um dos [incompreensível] mais forte da Igreja é a mulher ainda. Claro, porque ela ta em tudo né, na liturgia, na catequese, na... em tudo na Igreja acho que a mulher ainda ta. Só que eu acho que, não sei, no ponto de vista da gente, com o avanço que a gente de, da caminhada que a gente teve, parece que hoje recuou um pouco, sabe. Inda vezes as mulheres mais velhas, vindo da zona rural, um pouco cansadas, ainda carrega a carga ainda muito pesada ainda sabe. Eu acho que tem muito que libertar ainda. E as vezes o peso fica maior, da família, dos filhos, da escola, da educação, parece fica mais em cima das mulheres. Eu acho que a mulher tem que dá uns passos muito ainda, pra poder se libertar mais. **Tem gente que diz que foi só mais acumular trabalho. Ela já tinha trabalho de casa, já tinha muitas que trabalhavam fora de casa e depois ainda tinha o trabalho da igreja. O que a senhora acha?** Eu acho assim, é verdade, que surgiu mais trabalho. O trabalho da Igreja ajudou a mulher também a libertar um pouco do outro, sabe? Porque eu acho que a mulher é escrava mesmo, a mulher tinha que dá tudo em casa, arrumadinho, comida, passar, lavar, tudo, né? Mas hoje a mulher ta ensinado a seu filho a dividir a tarefa em casa. Eu acho isso hoje, porque pra mulher ajudou. É mais trabalho, mas também ajuda muito a descobrir, né, esse outro lado

4. Tem alguma lembrança marcante?

O que marcou minha vida, que a gente nunca esqueceu mesmo, foi a primeira Romaria da Terra. Um evento muito grande, muito bom. A gente nunca tinha participado e a gente foi e parece que tudo que aconteceu lá foi importante. Foi uma coisa que a gente nunca esqueceu. E também o encontro das comunidades de base. O segundo encontro da CEB's em Itaiaci. Eu fui escolhida entre Itapuranga e fui participar do segundo encontro das CEBs em Itaiaci. Ficou marcado pra mim. Uma marca de muitas saudades. As vezes a gente não tava nem entendendo direito o que tava acontecendo, mas vendo todo mundo se organizando, tudo partido, todo mundo falando. As vezes ficava meio perdida, mas pensava assim "gente, mais quanta coisa boa!". Depois que ia acontecendo no dia a dia que a gente foi entendendo o que tava acontecendo no encontro de Itaiaci. As vezes a gente foi escolhida sem ta preparada pra ir, assim, direito, mas foi bom demais. Na minha vida foi uma coisa que marcou muito.

5. Como em uma Igreja-instituição machista, hierárquica, clerical, as mulheres tiveram toda essa participação e esse processo pedagógico de autonomia?

Mas teve muitas brigas. Teve muitas brigas pra isso acontecer. Não foi assim, muito de mãos beijada que as coisas aconteceram não. Foi com muita briga e muita raça mesmo. Teve que lutar pra acontecer isso. Foi difícil. A gente ta na Igreja por exemplo, eu sinto assim, que você vai até certo ponto, sabe. Até certo ponto, mas, passou dali, também você tem o seu limite. A gente sabe que, se você der um passo muito na frente, te poda, te puxa pra trás. Dá a impressão que ta amarrado na cordinha. Vai, vai, quando vê que não pode mais, te puxa pra trás. Eu sinto isso sabe. Igual por exemplo, desse trabalho de CPT, de Pastoral de saúde junto, as vezes a gente é um pouco podada, em várias coisas. A gente não ta ai pra brigar por altar em celebrações. Você sabe até onde você pode ir... passar além daquilo também... é bem podão (risos). Então tem essas dificuldades até hoje, não é Klaus. Não é que as coisas é a mil maravilhas, tem as dificuldades.

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese da Goiás.

A dona Maria Pires que foi uma pessoa assim, importante, foi uma pessoa que lutou muito pelos leigos. Dona Maria foi uma pessoa que ela morreu lutando pra organizar os leigos da Diocese. Que as vezes até nós mesmo leigos não valorizava nós leigos. As vezes a gente não deu muita atenção. Até

hoje é uma luta na Diocese. São pouquinhos que falam sobre os leigos. Mas a gente não se organiza. Mas dona Maria lutou muito. O tempo todo ela falava, ela era do conselho de leigos. E ela tentou muito em Itapuranga tentar organizar os leigos. A Maria Marx também, que morreu no ano passado, também foi uma pessoa assim, importante na Diocese. Uma mulher que lutou muito. A Perpetua eu tenho como espelho de vida. Uma pessoa de muita luta. Hoje está um pouco quieta no seu canto, vivendo mais sua vida. Parece que lutou tanto que foi indo e até cansou. Mas eu acho que foi uma pessoa muito importante na caminhada. Ela soube conduzir. Mas depois entrou tantos contras na cidade que foi sufocando o trabalho dela. Maria Ferreira uma pessoa também fundamental na caminhada. Hoje está na roça. Ela entrou no meio ambiente, foi secretária do meio ambiente, não deu certo porque... eles tiraram ela. A gente acredita no trabalho dela. Que o meio ambiente com ela as coisas iam mudar. Mas como ela é de denunciar muito, logo eles tirou ela. Ai também parece que ela se decepcionou muito, aí ela foi embora cuidar da vida dela. Ta na roça hoje mas é uma pessoa assim, muito importante.

7. Considerações Finais

A gente já se organizou tanto, mas acho que a gente tem que se organizar mais. Eu sinto que hoje, a gente sente mais fraca. Não é só na Diocese, mas a nível nacional mudou um pouco a Igreja, mudou. Os rumos que a gente sonhava, que tinha aquele sonho, parece que mudou um pouco. A gente fica muito ligada o passado e as vezes a gente não consegue muito a caminhar dentro da igreja que ta hoje aí. Não sei. Muito ligada a caminhada, é carismático, tudo misturado, fico um pouco meia perdida. Espero que a gente se organize melhor, formar mais grupos, ter mais encontros de formação pra gente poder se libertar cada vez mais.

Lembrando de pessoas que passaram na Diocese. Pessoas muito boas que passaram e não ficou na Diocese. Só passou, deixou o seu recado, seu trabalho. Isso a gente tem assim. Por exemplo, aqui na nossa comunidade a gente tinha duas irmãs aqui, que todo mundo gostava, que fazia um trabalho muito bom, retiros, momentos de despertar, a vida da mulher. Então, eram duas irmãs, que eu vou falar pra você, tava ajudando demais o grupo de mulheres e crescendo. Vários grupos de retiro com mulheres. Rezava, mas também tinha momentos de estudos para a libertação da mulher. A gente percebia que alguém podou isso. Alguém podou, tirou essas irmãs. A gente não aceita até hoje. Por que mandou uma pra Bolívia e outra pra Jussara? E a gente ficou sem essas irmãs aqui. Não sei porque, tava dando certo na comunidade. O povo tava gostando. A gente tava crescendo nesse sentido. Se organizando. De repente tira. Não sei porque isso acontece.

Eu sei que diante desses anos todos que a gente caminhou Klaus, tanta coisa boa aconteceu. Tanta decepção mas também tanta coisa boa, que as vezes a gente não guarda tudo. Mas aconteceu muita coisa boa. Te conhecer, pra mim também foi muito bom. Me lembro de você em Heitorai, aquela simplicidade, aquele jeito de ser que, meu Deus. Como foi importante pra gente também. São as amizades assim que a gente nunca esquece, que fica mesmo.

ANEXO E – ENTREVISTA COM J. V. O.

IDENTIFICAÇÃO:

1. Nome

2. Idade:

60 anos incompleto

3. Local onde nasceu e foi criada:

Itapicirica, Minas Gerais. Até os 15 anos em Itapicirica. Depois eu mudei pra Goiás, município de Itapuranga.

4. Grau de escolaridade atualmente:

Quarto ano Primário, no Estado de Minas

5. Grau de escolaridade quando começou a participar das atividades da Diocese:

6. Profissão e ocupação atualmente:

Trabalhadora rural aposentada.

7. Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese:

Trabalhadora rural.

8. Local onde mora atualmente:

É... Fazenda José Ferreira, município de Guaraíta

9. Local onde morava quando começou a participar das atividades da Diocese:

É... Também na Fazenda José Ferreira. Só porque aí, em outra fazenda. Era fazenda de que tinha o patrão nessa época.

10. Atividade eclesial e/ou social que participa atualmente:

É... Comunidade de Base e também de Pastorais, né. Pastoral do Dízimo, Vicentino e Comunidade de Base.

11. Comunidade/Pastoral quando começou a participar das atividades da Diocese:

Foi num Grupo de Evangelho que acontecia aqui na Igreja, né. Antes eu já participava da Igreja desde que nasci. Só porque... Quando começou as Comunidade de Base, então eu comecei nesse Grupo de Evangelho, que se encontrava na Igreja toda segunda-feira. Depois fundamos a Comunidade lá no Guará.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE AS LEVARAM A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE

a. Que motivos a levou a participar da comunidade / pastoral?

Meu marido já participava e eu ainda não. Mas, com o batismo duma filha, então eu senti assim... Que era necessário assim... A gente fazê algo a mais do que assisti a missa no Domingo. Foi onde eu comecei participar pra tê um trabalho a mais na vida.

b. Como foram os primeiros anos de sua participação?

Ah! Foi muito bom! A gente começou a descobrir coisas novas. Começou a descobrir direitos, deveres. É... E começou a introsar mais com as pessoas; a conhecer mais pessoas... E por aí.

c. Exerceu alguma função? Qual?

Só mesmo de coordenadora da Comunidade. E participava do Conselho também. Aí foi o

trabalho que eu fazia... Era este.

d. Houve alguma dificuldade na participação? Qual?

Não. Nunca tive dificuldade não. Mesmo quando teve a expulsão dos padres, a gente participava. E continuou. Nunca tive dificuldade não. Família minha família toda católica. Todo mundo aceitava. Tudo participava: meu marido, meus irmãos... Tudo participava. Então nunca tive dificuldade não. Muito incentivo.

e. Como se dava as relações com os homens?

Algumas das mulheres tinha dificuldade, porque os marido às vezes num... num... acreditava, num aceitava ainda. Mais eu num tive essa dificuldade. Mas, diversas tinha marido que às vezes num entendia muito bem.

BLOCO II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO

Ah! Diversas, né. Teve uma escola que ajudou as pessoas que num tinha... Que tinha um grau de estudo muito baixo ou nem isso. Então teve essa escola na Igreja. Pessoas da Comunidade de Itapuranga ajudou as pessoas a desenvolver um pouco. E... Eu já tinha a quarta série do primário. Então participei de diversas, diversos estudos que me fez crescer como mãe, como esposa e como sociedade. A gente aprendeu muita coisa. Muita coisa mesmo nesses movimentos que nós fizemos! Que foi misturando mais outros. É... Sindicatos com Associações... Então eu cresci nessa época. E muita gente cresceu. Inclusive, hoje nós tem uma irmã dessa época, que é vereadora aqui na Guaraita, que faz um trabalho excelente. Nós temos muita lembrança boa dessa época.

Começou uma Associação das Mulheres. Só porque ela não foi adiante. Foi num... Teve muita facilidade e acabou. Mas, é... Nós participamos sim. Todo mundo, né - com os homens no Sindicato, na Associação aqui da cidade e Associação de Saúde. Então a gente participou. E... Muita gente que participava e... E tinha muita gente igual. Eu fui da diretoria da Seguir por 2 mandatos - que é uma Associação que entra trabalhadores rurais e também trabalhadores urbanos. E... A Associação de Saúde também. Eu fui representante lá por 2 mandatos, também.

Particpei. Nós fundamos aqui o Partido dos Trabalhadores. Nós trabalhamos numa filiação, nas campanhas. E teve diversas mulheres que foi candidatas. Num foi eleita, mas participamos.

BLOCO III

1. De que forma a sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida?

A gente tem muita experiência, porque vê... A gente cresce como pessoa, como mulher, como mãe. Ah! Tem muito ganho assim... Num sei se tô dano conta de expressar. Mas... é... ô... é... Cresceu... Passar entender; passar compreender. É... Ver as diferenças é... Entre pessoas; aceitar as diferenças. Eu... Eu acho que foi muito bom. A gente tem um ganho muito grande, um crescimento. **Ajudou assim... Na educação dos filhos. Ajudou na família?** Ajuda. Porque também os filhos participavam com a gente. Foi muito bom.

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na Igreja?

Tem uma diferença muito grande. Porque antes a gente só obedecia. Depois a gente passou a compreender que nós também temos o nosso direito. E eu tive muita sorte que meu marido compreendia tudo isso aí. Então, é... A gente começa desenvolvê e vê que a gente também tem os mesmos direito de falá, de fazê, de querê e aceitá.

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

Hoje eu vejo que as mulher têm muito direito. Hoje ajuda, trabalha, faz. Eu vejo que as mulher, hoje, têm uma participação boa na Igreja.

4. Tem alguma lembrança marcante?

Ah! Eu participei duma Diocesana. Foi muito bom. É... A gente viu pessoas de diversas lugares. E foi muito bom. E teve uma pessoa que eu conheci lá na Diocesana, que foi o Vilmar que foi

assassinado. Então é uma lembrança assim... E também teve outras pessoa assim... Como o Nativo da Natividade, que foi assassinado. Foi coisas bem pesada pra gente na época, que também participava. E a gente encontrava nessas Diocesana.

5. Como em uma Igreja-instituição machista, hierárquica, clerical, as mulheres tiveram toda essa participação e esse processo pedagógico de autonomia?

Eu num vejo por aí não. Eu vejo pela participação minha hoje, como Vicentina. Que antes os Vicentino era só homem mesmo. Hoje aceita mulheres. Mulheres faz evento, faz... Eu vejo... Eu vejo muita liberdade sim. Aqui na Guaraíta, vejo.

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese de Goiás?

A Zilda aqui da Guaraíta. A Divina que hoje mora no São Felipe, num assentamento. Agora, de Itapuranga tem: a Perpétua, a Maria Ferreira, Maria Pires que já é falecida; Cariolita, Jovelina, que é um esteio; Ivani que faleceu nessa época - que foi das primeiras comunidades. Começou em 72. Ivani uma pessoa que trabalhô muito. Morreu firme na Comunidade - . E outras diversas.

7. Considerações Finais

Fizemos também campanha, doação visitas, né. Participamos de celebrações, já no assentamento. Inclusive, o dia que meu marido morreu nós távamos indo pra ajudar a colher arroz no assentamento. Teve o acidente e ele faleceu nesse acidente. Eu tava junto. Então foi uma época que nós participamos mesmo. Ajudamos mesmo a desenvolver esse Movimento Sem-Terra, porque eu acredito. **A senhora acha que... é... vale a pena esse Movimento de Sem-Terra? É importante? Fez alguma diferença? É... Quería dizê... Eu dô apoio assim... Sem destruição, sem nada. É um Movimento que eu acho que valeu a pena. Têm pessoas nossa nos assentamento que estão bem. Eu acho que valeu a pena e eu dô apoio. No dia do acidente que vocês, ia muita gente? Era num caminhão, ônibus? Era num caminhão. Dezesete (17) pessoas. Iam pro acampamento "Mosquito"? Pro "Mosquito". Ia ajuda a colhê arroz. Era a primeira colheita depois do assentamento.**

É que... Vale a pena a gente participar. Porque hoje aos 60 anos, eu olho pra trás e vejo o quanto foi válido na minha vida; o quanto eu cresci; o quanto é bom a gente participar. A amizade... É que... Toda muher que participa da comunidade ela se sente um pouco diferente; um pouco maior; um pouco digna. É muita dignidade. É muito bom.

ANEXO F – ENTREVISTA COM M. F.

IDENTIFICAÇÃO

1. **Nome**
2. **Idade**
58
3. **Local onde nasceu e foi criada**
Fazenda Santa Rosa – pertinho da serra Dourada, aqui perto de Itapuranga, indo pra Goiás.
4. **Grau de escolaridade atualmente**
Segundo Grau completo.
5. **Grau de escolaridade quando começou a participar das atividades - da Diocese**
Tinha o primeiro grau completo.
6. **Profissão e ocupação atualmente**
Professora aposentada.
7. **Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese**
Já era professora. Já trabalhava na educação.
8. **Local onde mora atualmente**
Fazenda Ana Félix.
9. **Local onde morava quando começou a participar das atividades da Diocese**
Morava em Itapuranga mesmo. Na cidade.
10. **Atividade eclesial ou/e social que participa atualmente**
Participo da Comunidade - aqui mesmo da Ana Félix.
11. **Comunidade/Pastoral quando começou a participar das atividades da Diocese**
Nas comunidades Eclesiais de Base, na cidade de Itapuranga.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE AS LEVARAM A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE

a. Que motivos a levou a participar da comunidade / pastoral?

Olha, eu acho que o motivo fundamental mesmo era a fé. A gente gostava muito do jeito da comunidade, da Diocese desenvolver o trabalho. Um trabalho assim... evangelizador, que a gente gosta muito. Acha importante demais o Evangelho de Jesus Cristo. Então, o motivo principal foi esse entusiasmo pela fé mesmo. E aquilo que dá, deu fundamento mesmo foi a Bíblia. O motivo principal foram esses. Eu, pra dizer a verdade mesmo, eu despertei para participar da Igreja é... Foi de Dom Tomás pra cá. Antes não participava. Eu era muito jovem. Também assim... É porque a gente começou de 80, de 74 pra cá, que a gente começou. Setenta e um (71), sessenta e nove (69)... A gente já tinha começado a entrosar. Mas aí, de antes, eu não lembro o que eu fazia assim... Como cristã, como pessoa da comunidade. Eu só trabalhava mesmo. Estudava e trabalhava.

b. Como foram os primeiros anos de sua participação? Exerceu alguma função? Qual?

A época que nós participamos da Diocese aqui de Goiás, tinha muita perseguição. Inclusive, ainda era época da ditadura. Quando a gente fazia qualquer manifestação, era muito perseguida. A Diocese era muito perseguida. É... Houve época da gente fazer celebração naquela Igreja ali do Xixazão com policiais ao redor. Policiais armados. E houve época da gente sair da celebração e ir pra casa e ter

polícias seguindo a nós que participávamos. Ah... A gente teve muita perseguição. Por exemplo, eu e a Perpétua nós trabalhávamos em uma escola. E aí eles transferiram a gente pra uma escolinha mais atrasada, mais ruim. Porque... É... Nós participávamos de movimento. É... Vamos dizer... Nós éramos revolucionárias. Aí eles passaram, jogaram a gente em uma escolinha ruim. Nós falamos: "o que a gente vai fazer aqui"? A gente vai lutar pra sair ou a gente fica aqui? Não! Vamos fazer de conta que aqui também tá bom. Que aqui também tem ser humano. Aqui também precisa da gente e nós vamos trabalhar bem aqui. Que foi lá na Escola Santana, sabe? Aí nós começamos a gostar das crianças, dar aula bem lá. Aí depois eles acharam que aquilo não tinha dado o que eles queriam mesmo, né - que era a perseguição mesmo; fazer a gente sofrer -. Como a gente não tinha... Não estava sofrendo - poderia está sofrendo, mas a gente tinha pensado assim... "Já que jogaram a gente aqui, vamos trabalhar bem aqui" - Aí eles voltaram a gente, nós duas, pro nosso campo de serviço, que era lá no Virgílio. Então a gente foi perseguida diretamente mesmo.

c. Houve algumas dificuldades na sua participação? Quais?

É, eu pessoalmente não tive dificuldade com marido, porque naquela época eu era esposa de um ex-pai. Então ele também participava. Então eu não tive nenhuma dificuldade nesse relacionamento com a família, não. E, a gente não... Pai e mãe também, eles não interferiam. Achavam até que era importante a gente participar. Eles não participavam muito, mas achavam compreensível. Eu não tive. Outras companheiras tiveram dificuldades com o marido; dificuldades com os pais. Tiveram que às vezes até deixar. Houve muitas separações de casamento por causa da luta, do trabalho. Porque absorvia muito tempo. Mas não foi o meu caso.

d. Como se davam as relações com os homens?

Olha, a coisa mais importante nessa época da caminhada era realmente a evangelização. E evangelização, ela não tem essa separação de gênero. Então, não era uma luta assim feminista. Porque não era mesmo. A luta era pelos direitos humanos. Era pela... É... Que todo ser humano precisava se libertar. Todo ser humano precisava se conscientizar. Então, não havia assim... Essa... Vamos dizer assim... Uma guerra de gênero... de... Não era muita aberta assim não. Porque o evangelho ele vinha pra todos os sexos. Na época era assim. A gente percebia isso; sentia isso. **Nas primeiras assembleias da Diocese você participou. Você lembra se tinha mais homens, mais mulheres...** Não! Sempre teve muitas mulheres. Era mais mulheres. As mulheres sempre foram mais entusiasmadas, mais assim... Terem alma muito puras e ter também o instinto de defender a vida, né? Porque quando a gente fala sobre qualquer assunto sobre a vida mesmo, é naturalmente mesmo que as mulheres defendam muito mais a vida do que os homens. E isso gera o presente, porque isso é do instinto feminino. Então, já havia mais mulheres mesmo. E até hoje! A gente sabe que todas as religiões têm mais a presença de mulheres do que dos homens. **Você estava falando anteriormente sobre a luta, a primeira luta, sobre a terra que foi aqui em Goiás, aqui no município. Poderia cantá-la, e contar a sua participação. Que outras mulheres participaram dessa luta.** É. A gente sabia que a igreja estava preocupada com os sem terra, com os posseiros, com as famílias de lavradores. E a gente já estudava algum livro, alguns movimentos que tinha no Brasil. E a gente sempre pensava que era lá longe. Aí, com os acontecimentos, a gente ficou sabendo que tinha - até através de um advogado aqui, que era o doutor Antônio Tavares -, que tinha trinta e sete famílias de posseiros no município de Itapuranga, que ia ser despejado. E o grileiro era um Caiado. Que é o finado Fiotão. Ali de perto de Goiás. Uma família poderosa, assim... Também metida a brabo. E já tinha jogado gasolina nas casas dos posseiros. Tinha posto fogo. Já tinha feito muita perseguição àquelas trinta e sete famílias. Aí, quando o advogado falou que essas famílias iam ser despejadas, nós, o pessoal das comunidades eclesiais de base, nós, os coordenadores, nós reunimos e decidimos tomar uma decisão de ajudar aquele pessoal a defender a terra. Aí, nós começamos. Aí tinha o pessoal das comunidades eclesiais de base; tinha o pessoal do sindicato. Aí, nós começamos a ir lá nos reunir com eles; a visitá-los; falar pra eles que eles precisavam a ficar firmes, que eles tinham direito naquela terra, e que nós a nível de município iria ajudar, a nível de Estado, na medida do possível ia ajudar. Aí, aquelas famílias começaram a resistir. Quando eles vinham falar: "cês tem que sair". "Nós não vamos sair". Aí, avisava o sindicato, avisava nós, o pessoal da igreja. Todo mundo ia pra lá, ficar com eles lá. Quando vinham alguma ameaça - polícia falar que tinha ordem judicial para tirar -, nós fomos todo mundo pra lá. Tinha época que ia até trezentas pessoas e ficava lá dois dias, três dias, com eles lá, com os posseiros. Aí, quando foi na decisão mesmo, que tinha ordem de despejo e que o batalhão de polícia de Goiás veio, (veio dois caminhões cheios de polícia, todo mundo com metralhadoras) aí nós fomos pra

lá e ficamos na estrada lá, no asfalto lá, esperando todo mundo. O povo e nós mesmo junto com os posseiros. Aí, eles não entraram mais. Eles voltaram. É... Falaram que... Eles acharam que nós é... (nem sei se é bom registrar) pensava que... Que tinha gente armada lá. E era só a nossa união mesmo e a pressão moral que funcionou. Aí começaram a negociar. Aí os posseiros estão lá até hoje. Eu considero uma vitória e considero assim... Um ressurgimento do Movimento dos Sem Terra. porque depois daquela guerrilha do Araguaia não tinha feito mais nada no Estado de Goiás. Aí, depois desse silêncio, o primeiro que levantou a voz foi o Córrego da Onça. Então, inclusive acho que você deve até registrar nos seus documentos a música do doutor Orlando. Que é sobre os posseiros do Córrego da Onça. (...) **Você assumiu vários trabalhos na Igreja. Você foi animadora de comunidade de base?** Fui. Fui do conselho paroquial uns oito anos ou dez, por aí. Aí, eu dava assistência, assim... A gente participava do município todo. É... Nessa época que a gente tava na coordenação do conselho paroquial eu ia no município todinho. Inclusive, a gente ficou muito conhecida de ir nas reuniões do... Córrego da Onça... Na roça todinha, na zona rural, tudo, tudo, tudo. A gente ia com padre Isaque ou ia só nós os coordenadores mesmo, nas reuniões. Eu assumi sim.

BLOCO II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO

Olha, ganho assim... Vamos dizer significativo, eu num....né... Assim... Que um trabalho mais assim social, educativo... Não é uma coisa assim... que você mede assim... fala assim: deu isso, deu aquilo. Mas, houve vários movimentos que tinha repercussão muito positiva em defesa do ser humano. É, teve uma época que uma menina que trabalhava com um bancário, ela roubou um vestido da filha do bancário. E o bancário e a esposa dele pôs ela de calcinha na frente de um caminhão e desfilou com ela pela cidade, aqui em Itapuranga. Porque ela tinha roubado o vestido da filha dele pra ir num baile, pra ir dançar. E aí; nós tomamos uma atitude séria mesmo. Fomos pra rua. Nós protestamos. Nós denunciemos o bancário, porque a menina era menor de idade. Era pobre. Ela só queria ir bonita numa festa. Ela justificava que ia devolver o vestido, sabe? Foi um negócio assim... Foi uma coisa assim que valeu... Que nunca mais aconteceu aí, de uma opressão dessa em cima da pessoa, numa mulher... Que era uma menina, uma adolescente. Isso ficou, assim... Uma coisa bem marcada. Outra conquista importante foi quando os policiais prenderam uma mulher, injustamente. Nem lembro mais porque que era. Aí nós juntamos um grupo de umas vinte mulheres e fomos lá falar pro delegado se era justo aquela prisão - por que ele havia prendido ela; por que ele não tinha prendido o companheiro dela; por que só ela estava na cadeia e que nós não ía sair de lá enquanto não soltasse ela -. Aí, o delegado soltou a mulher, junto conosco lá. Aí tem Perpétua, tem Isabel... Muita gente que participou ali, sabe? Pessoas até... algumas companheiras que até já morreram. Mas nós fomos lá e nós conseguimos. Se não fosse nós, ela tinha ficado presa, injustamente - porque não era justo o motivo da prisão -. Só porque era mulher e tinha acontecido... **A nível político, social, sindicato, associações, de participação em vários ramos da sociedade, em várias entidades da sociedade... Teve algumas mulheres que vindo dessa participação da Igreja atuaram nesses grupos sociais?** É, eu... Aqui em Itapuranga, o machismo é bastante forte, né? Por exemplo, apesar de nós ter feito esse trabalho educativo em defesa da mulher, ainda tem muita morte, muito homicídio; morre mulher aqui em Itapuranga constantemente matadas pelos namorados, ou companheiro, ou marido, ou vizinho. Sabe? Por motivos às vezes assim... banal demais. E isso considero uma guerra contra a mulher. Não é que em Itapuranga a mulher foi libertada, respeitada, valorizada, não! Não é ainda de jeito nenhum! Agora, dessa luta surgiram algumas, mas não tem ninguém que destacou. Acho que pra olhar, pra olhar assim mesmo quem conseguiu firmar politicamente só a Augusta. E a Isabel na Pastoral da Saúde. Nem a Perpétua tá engajada mais, assim... nos trabalhos. Politicamente eu vejo essas duas mulheres. Não sei se tem mais. **Mas chegaram algumas mulheres a participar da política, diretamente? Chegaram a participar de associações, de sindicatos?** Ah sim! Muitas mulheres participaram de sindicato, de partido político. Eu fui candidata três vezes pra vereadora no PT. Só que, aqui em Itapuranga, se se candidatar vinte mulheres, pode ir uma das vinte. Porque, agora mesmo tem nove vereadores, mesmo com a lei de trinta por cento, tem duas vereadoras. Só a Maria Zélia que tem uma história de política de muitos anos. É mulher de uma pessoa que foi prefeito duas vezes, que foi deputado. Então, quer dizer... Foi candidata a vereadora e ganhou. Mas assim, uma pessoa só... é muito difícil ganhar aqui. **E a nível pessoal: você acha que a participação das mulheres na Igreja melhorou a auto-estima, o relacionamento com outras pessoas, se firmaram mais?** Ah! Eu acho que o trabalho da Igreja é o

melhor trabalho que tem de libertação da mulher. Aqui por exemplo, aqui na Ana Félix, na comunidade, as coordenadoras, as pessoas que mais toma a frente são mulheres. Que tem por exemplo a Iraci, a Escolástica - que inclusive é presidente dos vicentinos aqui na região -; a Selma que coordena muito bem - é superinteligente, competente -. A Ilda Bondim que é uma pessoa... quer dizer, são mulheres! Então, eu acho que ajuda muito esse trabalho de comunidade; ajuda muito as mulheres a... Que... Competência elas têm. Nós temos. Falta às vezes, participação.

BLOCO III

1. De que forma você acha que sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida? Pessoal, familiar, politicamente.

Ah! Eu acho que muito. Eu aprendi a ser humana na Igreja, nesse trabalho de nossa Diocese. É... Coisa assim... que a gente não pensava antes, que o mundo mesmo não ensina nada, que a sociedade é capitalista. A gente aprendeu a ser mais solidária, ser mais humilde com os irmãos. Por exemplo, na minha família nós somos dez irmãos. Eu considero assim... Na época que meus pais morreram, eu tive uma influência positiva na repartição da herança, pra uma repartição mais igualitária, mais justa, sem violência. Porque realmente aconteceu uma coisa rara em uma família de dez irmãos. Porque meu pai não era rico, mas deixou alguma coisa. Tinha uma fazenda e a gente conseguiu fazer um inventário amigável. E nós somos vinte pessoas - porque somos dez filhos e mais os companheiros - Todo mundo é casado... E conseguimos fazer. Eu considero que a minha influência de pessoa que tem uma consciência, foi positiva nesse momento da minha família. Eu aprendi com minha Igreja. **Sua participação na Igreja ajudou na educação dos filhos?** Agora, nesse ponto eu acho que não ajudou muita coisa não. Quer dizer, meus filhos são todos boas pessoas, os três. A adotiva é muito trabalhadeira, alegre; uma pessoa que tem um conceito de vida muito bonito. E ela fala que aprendeu isso com a gente. É econômica, é segura, não esbanja. Só que ela não quis seguir a minha Igreja, ela... "eu quero participar da Igreja de Cristo". Eu acho que é a onda aí em Itapuranga. Ela nem acredita e nem sabe que sou amante desse trabalho da Igreja Católica. E a Miriam foi embora pra Goiânia e ela começou a participar do Movimento Carismático. Ela nem dá muita bola pra minhas idéias. O Pedro, ele já é mais independente. "Se eu achar que é certo eu faço; se eu achar que não é certo..." Eu não sei se influenciou. Pode até ter influenciado indiretamente. Mas diretamente eu não vi resultado nesse ponto não.

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na Igreja?

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

Acho que as mulheres são aquelas que dão muita força pro trabalho de evangelização. Agora, não vejo hoje muita diferença em relação o quê as mulheres tão fazendo ou os homens. Parece que tá mais... Vamos dizer assim, mais misturado. Num tá com uma identidade bem firme não.

4. Tem alguma lembrança marcante?

Participar de comunidade é uma coisa muito bonita. Eu chego até pensar que era um sonho, uma ilusão. Porque o trabalho social ele dá assim... Vamos dizer... Uma alegria interior, uma realização pessoal muito grande. Não é dinheiro. Não é riqueza, mas dá um prestígio que às vezes pensa assim "aquilo é vaidade de poder". Porque uma pessoa que tá participando de uma comunidade, ela é bem querida; ela é elogiada; ela é apoiada. E quem não participa fica excluído da comunidade. Então, eu acho que mais me marcou foi esse privilégio, esse apoio, pra quem puxa um trabalho social, especialmente um trabalho religioso.

5. Como em uma Igreja-instituição machista, hierárquica, clerical, as mulheres tiveram toda essa participação e esse processo pedagógico de autonomia?

Acho que é aquela questão assim... Acho que a Igreja em si mesma ela não é machista e nem... Porque a questão de hierarquia - e até hoje só os homens podem ser padres, pode ser bispo, pode ser Papa e mulher nem pleiteia esses cargos, né - por isso fica mais... Ele fica dissimulado. Não é uma coisa assim... que você pensa "é só os homens que manda" - às vezes a gente nem pensa nesse sentido -. Que a gente sabe, que muitas idéias veio de mulheres, de grupo de mulheres, mas depois quem

conseguiu fazer isso deslanchar foram os homens, foram os padres, foram os coordenadores. Depois nem vai falar de onde veio. Só um exemplo, só pra você ver: a comunidade aqui tem aquele... É... Organizou agora... Na festa de julho tem aquele costume de vender salgado - que nem sei se é certo higiênicamente - mas, tô falando assim... Foi uma coisa que surgiu e que hoje a renda é quase igual aos leilões. A idéia saiu de mim. E ninguém sabe que saiu de mim. É... Nós tivemos uma reunião de organização da festa: "E por que a gente não faz? É... Enquanto tá gritando os leilão, a gente fizesse salgados pra vender? Coisa mais baratinha que o povo pobre também dá conta de comprar". E o leilão que era de bezerro, de vaca, pobre não compra. E hoje a renda é... Tem dia que os salgadinhos lá da cantina, rende mais que o leilão. Mas aí, se veio de uma mulher ou de um homem não interessa mais, porque hoje já é da comunidade. Isso é positivo.

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese de Goiás.

Ah! Têm muitas mulheres. Eu no momento agora não... Eu sei da mulher de Itaberaí, a viúva do Luiz Ório, que é uma pessoa que trabalhou muito, sabe? Ela ainda é jovem, mas é muito tempo. A Isabel também dedicou muito da vida dela pros trabalhos da comunidade. A Perpétua também eu lembro. E lembro também de uma pessoa lá de Goiás que é muito querida, que é a Idalícia, que nem sei dela mais, se ainda ela trabalha. Que ela tinha uma família, que gostava muito do marido dela e o marido dela abandonou ela por causa da Igreja e ela foi trabalhar na Diocese. Ela falava assim: "Perdi minha família, mas ganhei uma consciência; ganhei minha vida". Uma pessoa que eu gostava de escutar falar das coisas da Igreja.

7. Considerações finais.

A minha participação que gostaria de falar nas considerações finais é que vale a pena a gente participar de comunidade. Eu acredito na Bíblia. Eu acredito no Evangelho de Jesus Cristo e acho que se a gente continuasse trabalhando participando, conscientizando, eu acho que a sociedade pode ser muito melhor. Acho que podemos deixar o melhor pros nossos filhos e pros nossos netos e pra geração vindora. Eu acho que ninguém pode ficar por fora desse convite do senhor. Um convite de participação e de nossa contribuição mesmo... Porque cada pessoa é uma soma; é uma parcela e ninguém é cópia do outro; cada um é cada um. E todos somos importantes.

Antes de encerrar a entrevista Klaus, gostaria de registrar também, que hoje a gente tá fazendo um trabalho de meio ambiente. Um trabalho que talvez não vá para livros de história nem pra filme. Mas vai ficar aí na natureza. A gente tá reflorestando a mata ciliar aqui da chácara, das minas, as nascentes de água aqui da chácara que tava secando. Um trabalho simples. Muito humilde. Nós já plantamos umas três mil árvores e elas estão crescendo aí. Eu considero um trabalho muito grande e muito importante diante da nossa mãe natureza. Porque isso também a gente aprendeu na comunidade. A gente tem que promover a paz e a paz também com a natureza, não é só com os seres humanos. A natureza hoje é agredida, tão maltratada por causa do progresso. E nós que somos cristãos não podemos viver do jeito que a sociedade aí ensina. Nós temos que dá um testemunho de vida diferente de amor, mas também com nossa mãe natureza, terra e tudo mais.

ANEXO G – ENTREVISTA REALIZADA COM M. D. S. S.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:

2. Idade:

Eu tenho sessenta e dois anos.

3. Local onde nasceu e foi criada:

Eu nasci na cidade de Abaeté Minas Gerais. Lá eu vivi minha vida até os nove anos. Lá eu estudei. Lá eu vivi.

4. Grau de escolaridade atualmente:

Não. Quando eu cheguei aqui eu já tinha quatro, cinco filhos. Mauricio, Marcos Margela e Antonia Bela. Antonia Bela faleceu. E depois de dois anos nasceu Lindalva. Nós chegamos aqui lá pro dia dez, dia treze de agosto. Eu não estudei mais. Eu sempre tive de bem com os livros. Lia muito, e leio até hoje. Faço questão de ter sempre um bom livro pra mi lê. E eu fiz o curso de verão, seis anos. E eu fiz três anos de teologia na Diocese.

5. Grau de escolaridade quando começou a participar das atividades Da Diocese:

Em Abaeté eu fiz a quarta série. Peguei meu diploma depois que a gente mudou para cá.

6. Profissão e ocupação atualmente:

Eu continuo sendo dona de casa. E eu fui merendera durante quinze anos. Aposentei no município. Aposentei. E lá nos trabalhos eu aprendi o que é certo e o que é errado. O que é direito e o que não é direito. E eu trabalhava com os meus direitos. Cobrava e não aceitava que eles fossem passando por cima.

7. Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese:

8. Local onde mora atualmente:

Eu moro na Vila Cristina. É uma vila que foi ocupada. Moro na rua 3A nº22. Cidade de Goiás.

9. Local onde morava quando começou a participar das atividades da Diocese:

Eu morava na fazenda. Em 1984, eu comecei a fazer... quando minha mãe morreu eu achava que eu morreria também. Meus filhos não tinham feito primeira comunhão. A eucaristia. A principal para um cristão. E eu procurei no Rosário. E me mandaram para a Ir. Zenaide, para ver o que faria. E chegando lá, eu peguei alguns livros dela. Aqueles da Diocese, antigo. E começo a preparação dos menino. E já começou a preparar para a primeira comunhão. E a comunidade foi criada. A comunidade e nós fizemos um trabalho muito bom. Uma comunidade muito responsável. Muito compromissada. A gente conseguiu trabalhar o Evangelho lá.

10. Atividade eclesial ou/e social que participa atualmente:

Eu trabalho na CEB's. É a minha paixão mesmo. Comunidade eclesial de base. Eu deixei de ser catequista por causa da escola catequética. Se eu não participasse da escola catequética eu não poderia. E no dia da escola catequética, era curso de batismo. E eu trabalhava também do curso de batismo. Aí, eu preferi deixar a catequese e continuar preparando o batismo. E eu trabalho também na pastoral carcerária. Agora, por causa da cirurgia, eu tô afastada. Agora, no dia trinta e um a gente vai ter uma reunião. E eu vou estar de volta com os presos.

11. Comunidade/Pastora quando começou a participar das atividades da Diocese:

Quando eu era criança eu já participava. Sempre tinha um terço na casa do tio, na casa da avó, na casa do vizinho. E eu participava do terço. E aí, eles falaram nas comunidades. Que ia ser igual no terço.

Só que com a diferença, que eu ia aprende o Evangelho. E eu achei que seria muito valiosa. Porque desde pequenininha eu ia na igreja. Do jeitinho que o padre pregava eu pregava em casa. Então, eu achei que seria a minha oportunidade e aprender mais. E foi.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE AS LEVARAM A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE

a. Que motivos a levou a participar da comunidade / pastoral?

Olha, eu sempre ouvia. Olha pro cê vê, o Pe. Vitor falar das comunidade, e eu ficava pensando, porque aqui em Goiás não tem essas comunidade? Não faz esse trabalho? Já tinha despertado pelo o rádio esse trabalho. E logo eu comecei a preparar a catequese, comecei também a participar das reuniões da paróquia. E eu fui entrando, assim como berne. Eu fui entrando. E se não tira, ele vai cada vez mais profundo. E eu gosto muito desse trabalho.

b. Como foram os primeiros anos de sua participação?

Foram difícil (risos). A mulher era criada para ficar no fogão, ficar dentro de casa. Eu comecei a participar da municipal, da regional, região Serra Dourada, e da diocesana. E eu penei muito. Porque meu marido não aceitava de jeito nenhum. Brigava. Brigava. Mais eu não conseguia... A gente tinha uma vida muito boa. Sem briga. Sossegada de paz. Mais parece que aquilo ali eu não conseguia sair. Eu tinha que tá ali. Marcava presença. Vinha mesmo. Valeu a pena. E depois ele compreendeu. Se eu ia sair eu falava: "vou em tal lugar e tal". Onde eu ia eu avisava.

c. Exerceu alguma função? Qual?

Fui catequista, trabalhei na preparação do batismo. E hoje, como eu já disse pra você, eu trabalho na comunidade eclesial de base e na pastoral carcerária.

d. Houve alguma dificuldade a sua participação? Qual?

Houve. Meu marido não aceitava. E as vezes precisava a gente... Tinha que largar tudo e ir. Porque aquilo era uma responsabilidade. Um compromisso que eu assumi. Então, nesse ponto surgiu as dificuldade.

e. Como se davam as relações com os homens?

Todas as mulheres contavam que tinha o mesmo problema que eu tinha. Todos os homens que participavam tinham problema com as suas mulheres. Que não aceitavam. Não confiavam. Não sei o que passava na cabeça delas. E era um problema. Mas o nosso relacionamento era bom. Só que, naquela época, era um pouco mais afastado. Depois que a gente teve o curso de relacionamento e efetividade aí que a gente compreendeu mais. Que não era nada errado você fica sentado pertinho de um homem ou de uma mulher. Que aquilo era o carinho que a gente tinha pelo mesmo trabalho. E foi melhorando mais.

BLOCO II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO

É a maior força do movimento de luta pela terra foi das mulheres. Elas iam e arrastavam os maridos. O sindicato rural, mais associados eram mulheres. Foi criado o conselho tutelar da criança, era mais homem do que mulher. Eu participei por dois mandatos, do conselho de segurança. Depois, ficou mais homem. E eu não sei como ta. O conselho paroquial, somos muito mais mulheres do que homens. E partidos político, que mulher não tinha voz e vez agora tem. Depois que a mulher começou a perceber seus direitos, ninguém segura. Só lamenta as mulheres que confunde esse direito com ser liberal. E não deveria ser assim. Mas a maioria entendeu e trabalha de pé firme até hoje.

As mulheres começou fala de igual para igual com o padre e o bispo. E quando a gente achava que uma coisa não era certa, não tinha medo de falar que não era certa. Que não deve ser daquele jeito. Surgiu uma história que tinha gente que tava esculachando com a CEB's. Eu disse, olha, eu não vou calar. Que foi vocês que me ensinou assim. Eu vou falar. Eu não aceito. E a CEB's ficou fraca. E foi por falta de apoio dos padres.

Nós fizemos, de mulheres, um grupo muito forte. Fizemos um curso de corte e costura. Nós tivemos, acho que, dezessete mulheres. Mas uma associação nós não fizemos. Nós fazíamos sabão, pano de

prato. E depois o nosso grupo foi chamado para ir para a padaria do mosteiro. Porque o pessoal não tava dando conta. Aí, elas foram. Acho que trabalhamos lá uns dois meses. Não foi mais do que isso. E com isso o nosso grupo esfacelou. Nunca mais conseguimos ter o grupo de mulheres organizadas como foi. E a nossa luta por dias melhores, financeiramente, não foi conseguido. Estão todas por aí, trabalhando. Outras nem trabalham.

Houve muitas conquistas. Primeiro o direito de sair de casa. De ir aonde queria. Porque não tinha esse direito. Depois o direito de estudar, de participar. O direito de ter voz. Voz ativa. De decidir alguma coisa. Eu já resolvia. Eu e o Zé discutia as coisas o que ia vende. Quanto tava o preço da saca. O preço do arroz, do feijão. E as outras mulheres não eram assim. E com o passar do tempo elas foram assumindo esse direito. Eu conheci mulheres que não podia mata nem uma galinha no seu terrero. Tinha que pergunta pro marido se podia. E isso foi mudado. Outra conquista foi o Evangelho. Porque naquela época, Bíblia era pra fica em casa enfeitando.

BLOCO III

1. De que forma você acha que na sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida?

Ah! Cresci muito. Fiquei mais convicta do que eu queria. As pessoas me conhecem mais, né? Graças a Deus sempre tive respeito e sou respeitada.

Influenciou na causa familiar porque meus filhos já tava tudo crescido. A Lindalva me acompanhava. Ela já tava com dezesseis anos. Eu ia na catequese, ela ia comigo. Eu ia nas comunidade, ela ia comigo. E meus outros filhos também participava. Até meu marido. Mas depois meu marido parou, por influencia dos outros. Que falavam que isso era coisa de mulher. Então, eu acho que valeu muito a pena. Me educou e educou mais meus filhos.

Eu assumi um partido político, o PT. E na época de política eu não meço cansaço. Eu faço tudo que eu posso e que eu não posso, pra consegui trabalhar meu candidato. Sou filiada ao PT a muitos anos, desde 1988 ou 1990 por aí. Sempre falei que é um partido que eu acredito que tem uma proposta pro trabalhador.

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na Igreja?

Sim. Inclusive eu já tinha meus filhos e falava que queria ser homem. E queria mesmo (risos). Aí eu comecei a ver o valor da mulher na vida. O valor da mulher na Igreja. E eu fiquei feliz por ser mulher. Tirei essa idéia da cabeça que queria ser homem. E fiquei valorizada. Quando eles me chamavam na celebração deixavam eu fazer a homilia. Eu dizia: "não faço para aparecer. Eu faço para evangelizar os irmãos". Eu senti bem mais valorizada.

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

Eu sinto que tem muitas compromissada. Mas falta compromisso. As mulheres hoje, não assumi daquela forma que nós assumimos. Eu coloco na minha cabeça que cada pessoa é uma pessoa. Mas eu queria que todo mundo assumisse da forma que eu assumi. Eu trabalhava o dia todo e quando eu chegava, já ia preparando meus papeis da comunidade. Eu não faltava na comunidade. E a única coisa que me atrapalhava era quando chegava gente lá em casa e eu não podia sair.

4. Tem alguma lembrança marcante?

Olha. Foi a festa de dez anos de caminhada. Uma festa muito bonita. Muito bem organizada. Nós nos reunimos na chácara do lar São José. Fizemos uma caminhada que marcou realmente. Outro fato que marcou demais foi aquele acidente com o Pe. Chicão. Aquilo mexeu demais com a gente. Fiquei revoltada porque eu queria ta lá. E isso é uma coisa que até hoje agente não aceita.

5. Como em uma Igreja-instituição machista, hierárquica, clerical, as mulheres tiveram toda essa participação e esse processo pedagógico de autonomia?

Eu acredito que depois do Concilio Vaticano II, D.Tomás veio para Goiás com a disposição de fazer o que ele ouviu lá. Foi ele que abriu esse caminho para as mulheres. Trouxe a Escola do Evangelho e com o passar do tempo as mulheres foram vindo, vindo... E ele sempre foi aberto para essas mulheres. E Frei Marcos fazendo do mesmo jeito. Ele sempre deixava as mulheres fazerem leitura e fazer um trabalho dentro da igreja.

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese de Goiás?

Eu vou tentar lembrar do nome de algumas. Mas já peço perdão se eu esquece o nome de algumas. A dona Manuela de Mossâmedes. Ela era presidente do sindicato. Ela de idade e aquela disposição. A Perpétua, conviveu durante muitos anos para a organização dos leigos e do Evangelho. A Maria Pires, que foi uma pessoa muito minha amiga. A Fátima. Maria Marques, hoje falecida. Maria Toró que foi desprezada pela família por ter abraçado a causa do Evangelho. A dona Divina que mora no acampamento. Dona Nazaré. Tem a D. Mita. São muitas mulheres que ajudou nessa luta. Também tem a dona Lourdes, também falecida. E a Irmã Revi, que organizou as lavadeiras.

ANEXO H – ENTREVISTA COM M. A. J.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:

2. Idade:

Eu tô com sessenta e oito. Vou fazer sessenta e nove agora.

3. Local onde nasceu e foi criada:

Eu sou de São Luís de Monte Belos. Criei lá. Casei e vim pra Goiás e tô aqui até hoje.

4. Grau de escolaridade atualmente:

Eu não tive estudo. Fui criada nas fazenda. Meu pai não deu estudo para nós.

5. Grau de escolaridade quando começou a participar das atividades Da Diocese:

6. Profissão e ocupação atualmente:

Lavadeira e cuidado da lavoura.

7. Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese:

Sou benzera. Sou partera. Quando a gente morava nas fazendas, que a gente ia acudi os vizinhos, na beira dos pastos das colega; né? Porque as veize as pessoas tava sem situação de vim pra cidade. Morava longe. A gente que ia acudi um ao odo. Sempre eu era partera. Ia lá benze e faze parto, essas coisas.

8. Local onde mora atualmente:

Eu morei no Goiás Veio. No Carretão. Morei lá no Mosquito. Morei lá no Rancho Grande. Morei lá no São Carlos. Morei em muito lugar. Hoje eu tô aqui na cidade.

9. Local onde morava quando começou a participar das atividades da Diocese:

Eu casei com doze anos. Desde os quatorze eu mudei pra Goiás. Quando eu comecei a participar da igreja eu já tinha mudado para a cidade. Aí eu passei a ser lavadeira. porque lavava roupa. Pra ganha o pão de cada dia. E aquilo para mim era a coisa mais difícil do mundo. Porque meu ramo não era esse. Meu ramo era trabalha na lavoura mesmo. Eu gostava muito de pranta e gosto até hoje. E colhe fartura. E aquele dinheirinho para mim, não tava valendo nada pra cria meus fios. Aí eu peguei um dia, de noite, e falei, eu vou na igreja. E chegando lá, vendo aquele movimento o Dom Tomás falando, falando, me deu aquela coisa mais ruim do mundo. Porque eu tava revortada demais de ter vindo pra Goiás. Aí Dom Tomás, cabô de celebra, veio fala comigo. Aí ele me deu um grande apoio dentro da cidade. Aí falô pra mim participa do Evangelho. Aí eu fui conformando com a minha vida. Venho que a gente também tinha solução de vive no mundo. Porque pra mim, o mundo tinha acabado. E eu com tanto fio. **A senhora teve quantos?** Sô mãe de quatorze. Criei tudo na roça. Eu não sabia o que era médico. Eu não sabia nada. Eu vinha na cidade batizava menino nas carrera e vortava. Eu tinha obrigação lá, né? Então, tudo pra mim era da roça. Aí eu cheguei. O Dom Tomás me deu tanto apoio na porta da igreja e eu fui trabaia no Evangelho.

10. Atividade eclesial ou/e social que participa atualmente:

Hoje eu tô veia. Não tô fazendo nada.

11. Comunidade/Pastora quando começou a participar das atividades da Diocese:

Não existia grupo aqui também não. No inicio D. Tomás chegou mais Frei Marcos. Foi que eles levantaram o grupo. Trabaiaando, trabaiaando, enxergando nosso direito. Eu fui embora pra terra de novo, com o grupo. Vim, vortei, não deu, tomei ota terra. Falei não! Vamo leva os companheiro pra trabaia em comunidade. Uma coisa que eu achei muito importante na minha vida foi as muié trabaia em

comunidade. Ganha a vida em comum. Uma com a outra. Foi assim que eu miorei minha situação. A união das muié uma com as otras em comunidade.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE AS LEVARAM A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE

a. Que motivos a levou a participar da comunidade / pastoral?

O maior motivo a pobreza e a cegueira. Eu era cega, surda e não compreendia as coisas. Aí, quando eu garrei a compreender as coisas... É o que me jogou. É isso que D. Tomás fez comigo.

b. Como foram os primeiros anos de sua participação?

Os primeiros anos foi beleza. Foi mei difici. Porque a gente não tava compreendendo, né? Porque a gente não tem muita informação. Mas depois que a gente pegou a informação foi bão.

c. Exerceu alguma função? Qual?

Coordernei. Eu era da terra. Eu codernara a saída da terra. O povo entra na terra. Eu era das coordenação. O povo falava que eu era chefe. Eu brigava muito pra não fala que eu era chefe. E depois o grupo de rua, pra faze as novena de natal e ano novo. Essas coisas assim. Eu tenho meus grupo pra trabaia. Eu sempre falava, oia, as muié lá na roça, nois tocava uma horta comunitária e tinha tanta união que uma oiava os fios da otras. Então, a comunidade faz a pesssoa compreende isso. Se eu sô mãe de um, s mãe dos fios das otras também.

d. Houve alguma dificuldade a sua participação? Qual?

Teve. Porque os marido delas... sempre os marido é contra. Porque? Eu não sei. Até hoje muitos é contra. Os home trapaia demais as muié anda. Trapaia mesmo. As veize fio tapaia. É a maior dificuldade que tem é esse. Que depois que a gente entra no grupo e passa a participa da terra ou mesmo do grupo aqui na rua, é difici. Porque tem que larga a sua obrigação em casa. As vezes deixa de faze um cume, de lava uma ropa... Cê tem que ir. Cê tem uma grande... responsável pelo aquilo.

e. Como se davam as relações com os homens?

Era difici, porque eles não fazia o serviço de casa.

BLOCO II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO

Houve muita conquista. Principalmente com amor (risos). Eu mesmo conquistei a terra pro povo. É... nois fazia barraco pro povo que morava na beira de estrada. Juntava, fazia mutirão. Olha, conquistou muita coisa pra Goiás. Não tinha nada. Goiás era morto. Nois conquistamo catequese. Não tinha catequista. Encontro de casado. E muita coisa. Curso de batizado. Curso de crisma. Tudo tem seu grupo. Grupo de jovem. E da terra também. O mais conquistado foi o da terra. Mais foi uma febre que não tem vacina que cura essa febre. O povo perdeu o medo mesmo. **As mulheres no meio?** As muié na frente. Muié e menino que é frente.

A senhora participou de algum partido? Do PT. Sou petista (risos). Teve inclusive, uma barredera de rua que era candidata. Ela participava das comunidade tudo.

E as panelera, né. Artesanato. Através do artesanato as mulheres arrumaram aquilo ali. Inclusive tinha até um carro. Um carrão veio da associação das panelera. Foi a primeira associação que teve lá na casa do Frei Marcos. **Aqui teve associação das lavadeiras?** As lavadera a gente tentou fazer mas não deu certo. A gente reuniu e falô com as lavadera. Nois não consegui porque precisava do sindicato delas, carteira assinada e coisa tal. E o povo não quis não. Aí todo mundo em casa, vamô comprar tanque, pô em casa. Pra que lavadera.

É, o principal mesmo é as mulheres que vai e enfrenta mesmo. Elas abriu o peito mais pra fala. Recrama das coisas. E as muié enfrenta mais.

BLOCO III

1. De que forma você acha que na sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida?

Mudou. Meu fio do céu (risos). Eu era uma pobre coitada. Não tinha nada na vida não. Nada, nada, nada, nada, nada. Só tinha a noite pra passar frio e o dia pra passar fome. Foi a época que Dom Tomás me achou revortada. Hoje tenho minha casa, como cê ta veno. Tenho otra de aluguel açula. Tem esse barracão aí no fundo. Tudo foi conquistado nas comunidade. Foi luta minha. Aqui não tem nenhum prego... fala que foi de marido ou do fio ou do pai, da mãe ou herança. Nada. Tudo é meu. É tudo do meu suor. E muitos conquistaram. É importante nosso meu bom Deus. É uma luz que Dom Tomás me deu.

Sobre a política. A mio coisa que teve foi eu entende a política. Agora eu tenho que sabê muito o ramo do candidato pra pode vota nele. Eu tenho que confia nele demais. É como seu Antônio disse pra mim "é mio ficá sem vota". **Porque preferiu o PT?** É porque foi o PT que abraçou o pobrema dos trabaiaador. Nós levantemo o PT pra não faze perde o trabaiaador, a pessoa que sofre. Se esse PT não chega eu não sei o que ia ser de nois. Em quem nois ia vota. Eles tirô a caneta deles pra defender os pobre, os direito dos pobre. Aí nois llevantemo a camisa deles .

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na Igreja?

Sou uma mulher feliz graças a Deus. Eu sei valoriza a minha mulher hoje, graças a Deus. Apesar que foi meio tarde de reconhece, mais tamo aí. Porque podia ser antes né. Porque ninguém valoriza a gente. Quem valoriza é a gente mesmo e a Igreja. **A senhora começou comparando o homem sobre a mulher como uma maquina.** Porque a maquina que mais trabaia no mundo é a muié , eu falei ué, muié parece mais baixa que uma égua de caiguero, ta produzindo enchendo o terreiro de animal, trabaia de carrega carga e não tem valor e mesmo assim é como muié, nois muié é o trem de mais valor.

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

Mais valorizada. Mais voltada. A muié tem mais confiança depois que valorizo. Antes ela não tinha valor. Hoje elas tem valor. Muié guerrera. E a coisa é assim.

4. Tem alguma lembrança marcante?

Olha, o que me marcou muito foi o dia do meu encontro com DomTomás que me alegrou muito. Uma coisa que fica muito profundo no meu coração, dele ter me alertado muito. E outra coisa que eu passei muito medo também foi a hora que eu tava na frente do chefão da polícia. Um momento de alegria foi minha fé. Isso me marcou muito e me valorizou muito.

5. Como em uma Igreja-instituição machista, hierárquica, clerical, as mulheres tiveram toda essa participação e esse processo pedagógico de autonomia?

Quando as mulheres não reconheceram seus direitos, que nos temos, nós falemo com o Bispo, porque isso? Nois via, nossa senhora, o padre falando das muié, da muié sofredora. E nós pensou porque a Igreja não fala isso. Aí virô a Igreja. Aí quando a Igreja viro, foi um Deus nos acuda. Inclusive o Padre Chicão ficou cego. Então, virô a Igreja com a força das muié. E pros pobre. Aí ocê vê o que é informação. Há o direito do pobre e não tava teno. Há o direito do trabaiaador e não tava teno. Aí quando veio a Igreja nois fundo o PT, pra podê consegui esses direito.

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese de Goiás?

Aí eu lembro mais a maioria é falecida. A Badia faleceu. A Luzia faleceu. Participou da Igreja. Agora tem a Da Dores. Tem muitas delas que não faleceu, tá aí doente. Táí... a Luzia, a Das Dores, a Badia. Tamo na luta e do PT com a Marina.

7. Considerações finais.

ANEXO I – ENTREVISTA COM M. M. C.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:

2. Idade:

Tenho 48 anos.

3. Local onde nasceu e foi criada:

Nasci em 13 de Abril de 58, na fazenda Córrego da Onça. No município de Itapuranga. Que faz parte da Diocese de Goiás

4. Grau de escolaridade atualmente:

Hoje tenho o 3º grau. Formada em enfermagem, pela Universidade Católica de Goiás.

5. Grau de escolaridade quando começou a participar das atividades

Da Diocese:

Na época que comecei a participar eu era uma estudante de ginásio.

6. Profissão e ocupação atualmente:

Como já disse sou enfermeira, porém aposentada. Não deixa de ser é lógico. Quando a gente é rainha e não perde a majestade

7. Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese:

8. Local onde mora atualmente:

Moro hoje em Goiânia no Jardim Europa, local bem legal, em!

9. Local onde morava quando começou a participar das atividades da Diocese:

Já falei, morava em Itapuranga

10. Atividade eclesial ou/e social que participa atualmente:

11. Comunidade/Pastora quando começou a participar das atividades da Diocese:

Comecei a participar das atividades da Diocese propriamente dita, no início dos anos 70. Até então, era apenas domingueira. Muito obrigada pelos pais. A partir daí, com a chegada do padre Ivo. Com sua equipe que eram pessoas bastante preparadas. Como Darci Acorsi, Lucídes, Daniel, Vicente e Assunta. Começamos, eu comecei, a perceber a importância da gente participar das atividades políticas. E então, através daí eu comecei a perceber os trabalhadores rurais como eram, como era a... o motivo principal naquele momento. Não só da Diocese de Goiás, mas como da Igreja brasileira. Defender os pobres oprimidos.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE AS LEVARAM A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE

a. Que motivos a levou a participar da comunidade / pastoral?

Oh! Naquele momento eu fazia ginásio, tava terminando o ginásio e no início dos anos 70, o Ivo já estava lá a uns 2 anos. E como ele pregava, e a Diocese também como um todo, essa relação com os trabalhadores mais pobres, é... eu percebi, a minha irmã, amigos participavam. Então, eu comecei a querer saber o que tinha lá dentro de tão importante. Comecei participar das reuniões que tinha. E aí, em um determinado momento, assim que eu iniciei, houve por parte da elite de Itapuranga, principalmente as mulheres elitizadas, não aceitar a pregação atual da Igreja. Então, fizeram a expulsão dos padres.

Queriam expulsar o Ivo, né? E fazer barbaridades com ele. Mas como estava viajando com Dom Tomás não foi possível. Aí eles expulsaram o Marciano, que era um padre goiano e pessoa sofrida, né? Foi barbaridade. Então, naquele momento houve um confronto entre a elite e os trabalhadores pobres. Eu fiquei como estudante, como participante inicial, naquele momento, revoltada. E aí eu quis ir pra frente lutar. Batalhar pelos trabalhadores e por mim, que era filha de trabalhador.

b. Como foram os primeiros anos de sua participação?

É, a expulsão dos padres e que a igreja de lá, por decisão da Diocese ficou fechada por um ano até solucionar um pouco os problemas.

c. Exerceu alguma função? Qual?

Não. Eu ajudava, né? Nas missas que tinham. Porque, como a igreja ficou fechada e quem mais participava era os trabalhadores. Então, as missas era nas comunidades. Os padres passaram a participar. Dar importância maior, até mesmo nos sacramentos. Com a igreja fechada, era as comunidades eclesiais de base onde eu participava. Então, eu tava sempre nas reuniões, nas casas. Na cidade ou na roça. Porque meu pai acompanhava eles. Também para participar das atividades. As vezes iam fazer casamento, batizado nas casas, não na igreja. Porque ela estava fechada. Mas nessa época ainda não havia pastorais definidas, como a de saúde. Já que eu sempre gostei da área de saúde. Na época eu gostava dos chazinhos, que vem de, de família. Achei interessante um trabalho que foi feito na época. Não me lembro por quem. Mas é foi ligada à alguma universidade. Um trabalho sobre saúde do povo, na Diocese. Eles faziam... tratamentos que ele faziam pra solucionar os problemas de doença. Foi chamado meio grito. E que por sinal, depois foi usado muito nas universidades. Eu mesmo consegui depois, de muitos anos, na universidade. Fiz um trabalho sobre aquele meio grito. E achei bem interessante a minha avaliação como estudante e como participante daquele momento, vivendo na Diocese. É bem interessante, a professora gostou bastante.

d. Houve alguma dificuldade a sua participação? Qual?

Olha, na verdade a gente tinha colegas do nível da gente, como também colegas participantes da elite. Filhos daquele pessoal contrário à Igreja. Naquele momento a dificuldade que a gente tinha era com esses contrários. Mas também, tínhamos colegas, companheiros, né, da idade da gente. Eu comecei as atividades na Igreja com 16... 15...16 anos. Então, era uma das mais novas participantes. Mas tinha um relacionamento com as pessoas que ainda estavam por lá. Que depois, foram cada um de alguma forma sendo expulso, eu diria. Não como Ivo e Marciano. Mas também, né, eles era professores e os colégios foram expulsando de alguma forma. E agora, eu até diria que Itapuranga conseguiu é mandar pra Goiânia ótimos políticos. Formar e mandar pra Goiânia ótimos políticos. Já depois de tantos anos a gente percebe isso. Pedro Wilson que morou lá e que foi criado na adolescência. Darci Acorsi também. Não porque é uma pessoa... que é um político muito bom.

e. Como se davam as relações com os homens?

Olha, eu acho, tenho certeza, que a maior parte dos participantes eram mulheres. Porém, os poucos homens que participavam queriam ter poder. Eles tinham uma capacidade muito grande de fazer música. Não me lembro de mulher que fez música. Eu me lembro de músicas lindas que o Zé Lemes, lá do Laranjal fez. Do Romário, de Itaberaí. Então, eles tinham o lado artístico grande. Só que as mulheres eram muito dona de casa, muito do fogão. Então... os homens tinha essa facilidade maior e que ficou até hoje. E que às vezes, o nome dos homens ficaram na história e o das mulheres não. Mas as mulheres participaram no dia-a-dia fazendo... fazendo farinha, pão, polvilho. Então, elas participavam muito dessas coisas. Mas os trabalhadores nos almoço, nos jantar, nas festas já não estavam muito presente. Também que não deixa de ser uma parte artística fazê comida. Por que não?

Bloco II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO

Eu acho que no início a conquista maior foi o político-social que os homens... homens... mulheres de... é criaram o Sindicato dos Trabalhadores Rurais que naquele momento já tinha. Estava iniciando o processo da Central Única dos Trabalhadores, né? E que tá... tá... a nível estadual? E a partir daí, os sindicatos, né? Nos... nos municípios. E Itapuranga foi um... um município muito importante nesse

sentido. E que no início lógico eram...e que... que também mulheres é... conseguiram entrar. Foi bem interessante participá desse movimento no começo, no início. O decorrer do tempo que fico eu acho que é importante, né?

Surtiu sim. Ah... no decorrer do tempo. Inclusive hoje ainda tem. A gente vai lá numa quinta-feira. Tem até hoje. É a feirinha dos agricultores. Formaram associações é... é... grupo pra trabalhar conjuntamente, né? E aí, hoje é bem interessante. Depois de tantos anos, a gente volta e vê lá um grupo que faz uma feirinha e vende para os trabalhadores da cidade, né? Inclusive, daqui a gente vai pra comprar um feijão.

Se antes elas só trabalhavam com serviços domésticos, a partir daí elas começaram a sair; a descobrir um mundo novo que fora de seus lares não tinham, né? Como eu falo que não sabia; foram começar a estudar; a ler; se prepararam mais; colocaram os filhos pra estudar. Então, aquela história que eles não queriam que os filhos vivessem a vida que eles... e eu acho isso muito importante. Mais, sem dúvida, eles começaram a ver o mundo lá de fora de suas casas. Eles e elas.

Claro que em casa, eu acho que principalmente se mulheres e homens da mesma família participavam, eles tava tendo um relacionamento melhor; que elas tinham coragem de chegar em outros homens que não eram de dentro de casa e conversar, bater papo sobre a vida ali a sua volta; sobre a vida da mocidade, sobre a questão política, questão partidária, sobre o que eles tinham de reivindicar... home, mulheres e homens... filhos... a relação familiar ficou melhor.

BLOCO III

1. De que forma você acha que na sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida?

Olha, eu tive Klaus... que pra mim foi fantástico que eu vim pra Goiânia. Eu comecei no início, né? Eu vim pra Goiânia em 76. É! Vim pra estudar. E partir daquele momento, que foi através das CEBs que eu também vi o mundo do lado de fora da minha família. E chegando em Goiânia, comecei a participar dos movimentos estudantis 2º grau. Depois, na facu... na Universidade Católica. Inclusive, ali que o... que o centro acadêmico de enfermagem foi fundado pela Marlene, né? Foi a presidente do Centro Acadêmico de Enfermagem da Católica. E depois de formada, já em Brasília, fui pro movimento sindical. É... fui secretária, fui presidente lá do Sindicato. Eu acho que na vida social, política, econômica e com a minha família, com meus filhos, né? Brasília, sendo o centro do poder... eu adoro, né? É minha cidade do coração. Moro aqui por necessidade. Mas sempre volto pra buscar forças lá naquele central. E adorei participar lá na frente do congresso do ipitima do Collor. É... eu acho que pra qualquer pessoa que participa da... da Diocese de Goiás vir pra cidade grande e ver que a igreja aqui ou lá é diferente da Diocese de Goiás, sempre quer voltar pra rever os velhos amigos. Eu sempre gosto de participar da Romaria da Terra, do Grito dos Excluídos... nesses momentos a gente sempre brinca que os antigos... os velhos se encontram pra relembrar os momentos iniciais, que foi perdendo um pouco. Mas, em algum momento a gente se reúne pra... pra ter força de novo.

Eu cheguei a ser filiada de um partido político e hoje eu não sou mais. Militei. Não fui nenhuma candidata. Já preendi candidato. Carreguei bandeira. Fui presa.

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na Igreja?

Olha Klaus, como eu digo... eu era muito menina, adolescente quando eu comecei. Eu aprendi a ser mulher. É a partir dali. Porque eu passei a ler mais coisa que eu não fazia; a conhecer o corpo feminino, né? Optei por um curso de área de saúde que trabalha com o corpo. Eu trabalhei com o feminino, que foi um impacto como enfermeira. Eu digo que fui num momento de trabalho - que eu sou aposentada. Fui uma enfermeira que trabalhou com obstetrícia. E pra mim, o ser, a vida é fundamental. A mulher trazer um filho ao mundo é a coisa mais bonita que tem. E eu, mulher, fui mãe 2 vezes. Fui mãe solteira e acho que isso não me diminuiu. Eu assumi com toda força que eu pude ter. Eu acho que foi a partir daí que eu criei força; que eu tive força pra superar os problemas e ser contra algumas coisas que hoje tem.

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

Hoje elas continuam a maioria. Mas talvez... acho que voltando um pouco ao que era antes lá atrás, deixando espaço mais importante pra os homens. Eu acho que... por causa que a igreja ficou um pouco mais retrógrada e que... porque a sociedade de modo geral - ela abriu naquele momento - e está

feichando agora. Está feichando pra... pra essas mulheres. Então, parece que elas estão voltando a não ser aquelas que já têm uma abertura político-social, econômica moral e uma certa independência. Essas que não conseguiram naquele momento ter isso, elas continuam com... com o umbigo no fogão e no tainque. Mas, quem já tinha, continuou com a abertura e passando isso para os filhos. Eu acho que os filhos... as filhas daqueles que participaram naquele momento, principalmente na Diocese de Goiás porque essa pra mim é fundamental, é... tá conseguindo ter essa abertura. Eu tinha como exemplo a minha sobrinha que é filha de trabalhadores que entraram naquele momento; professores que atuaram naquele momento e que hoje tem... tem uma visão bem diferente dos colegas - que é fundamental ajudar eles ver filmes, shows - e que consegue fazer uma análise política da vida. Eu tava vendo, lendo um texto esses dias... um trabalho bem interessante que é fazendo uma relação da copa. O resultado da copa com o momento que nós iremos viver agora, que é o político-partidário, né? A eleição que em outubro a gente tem aí, que é muito mais importante do que a copa e a capacidade dela fazer essa análise. Então, quem é filho daqueles que participaram daquele momento tem uma visão maior do que os que não viveram.

4. Tem alguma lembrança marcante?

5. Como em uma Igreja-instituição machista, hierárquica, clerical, as mulheres tiveram toda essa participação e esse processo pedagógico de autonomia?

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese de Goiás?

7. Considerações Finais

Olha, acho que ter vivido naquele momento da Diocese de Goiás foi a melhor coisa que pôde acontecer na minha vida. E me lembrar que a igreja de Itapuranga era uma igreja forte. Não só a nível de construção porque era... era uma construção muito bem feita e redonda, para que a comunidade se olhasse uns aos outros quando estavam reunidos. Infelizmente, foi hoje quebrada pra construir um mausoléu lá. Uma igreja grande, porque chegaram novos administradores e alguns não compreenderam a história. Isto eu fico chateada, magoada, porque aquela igreja que era a história; era o símbolo da história de Itapuranga... ter acabado no chão. É ali naquele local, um mausoléu. Eu chamo aquilo de mausoléu.

ANEXO J – ENTREVISTA COM M. E. S.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:

2. Idade:

Eu sou de 1944.

3. Local onde nasceu e foi criada:

Local onde nasci foi a cidade de Goiás. Eu fui criada um pouco no município de Fazenda Nova e aqui, em Santa Fé.

4. Grau de escolaridade atualmente:

Só a 5ª série. Parei por aí.

5. Profissão e ocupação atualmente:

Minha profissão sempre foi doméstica. E aí a gente trabalha assim. Agora trabalho muito. Já tem 25 anos que trabalho com remédio natural.

6. Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese:

Aqui em Santa Fé de Goiás. Morava aqui mesmo, desde o início. A primeira atividade da igreja foi com o Padre Francisco. A gente trabalhava nas capelas. Quando a gente começou a ser evangelizada, quando teve a abertura da Diocese de Goiás que a gente começou a participar da evangelização das comunidades. A gente participava de curso bíblico; dava cursos nas capelas. E começamos foi mesmo nas capelas.

7. Local onde mora atualmente:

Santa Fé de Goiás. A gente ainda continua dando atendimento nas capelas. Na Pastoral da Saúde, na Pastoral da Criança... e através desse conhecimento que a gente teve da evangelização da Diocese de Goiás, a gente trouxe muita coisa pra cá, pra Santa Fé. A nossa primeira luta foi pra o posto de saúde. Porque nesse tempo aqui era Distrito. Não era município. Era município de Jussara. Então foi... a primeira luta que tivemos pra conseguir melhoria pra nossa cidade foi o posto de saúde. E depois o primeiro posto artesiano que tem aqui em Santa Fé, foi através de mutirão, de pesquisa. Nós ia pras fazendas e contava a situação, a calamidade que tava aqui sobre a água. As mulheres que trabalhava de lavar roupa para ajudar os maridos... então tava muito difícil. E a gente já tinha um grupo bem estruturado. Então a gente partiu pra luta. Foi uma luta muito bonita. Tudo foi conquistado através de mutirão... o primeiro posto artesiano... Na época o governador era o Íris Rezende. Aí ele veio. Trabalhou aqui também no mutirão para fazer a canalização de água aqui na rua, pra furar as canaletas. Então foi um trabalho muito bonito. Depois partiu pra Associação de Mulheres. Também foi um trabalho nascido das nossas necessidades. Vamos dizer assim... que alguns anos atrás, antes de existir o trabalho da Diocese de Goiás, as mulheres era cada uma no seu canto, na sua casa. Era umas mulheres muito oprimidas por seus maridos; não tinha liberdade não! Ganhava nada nem experiência. Algumas lavava roupa e o dinheiro que elas ganhavam os maridos achavam que elas não tinham direito de ficar com o dinheiro. Era pra ser consumido tudo em casa. Um dia a gente reunido... quando a Irmã Nadir veio pra cá... E aí, a gente viu que isso não tava certo, porque a mulher não era vista como um ser humano. A mulher era vista como uma escrava; uma produtiva de criar filhos e ficar cozinhando pro marido. Ele é que mandava e a mulher não tinha direito de nada, nada, nada. Foi a partir daí que começamos. Levantamos uma escola e lutamos pelo direito da mulher. Igual ao homem. A gente nunca quis ser mais que o homem. A gente sempre quis ser igual. Ter o mesmo direito que o homem. Então isso foi muito desgaste; foi desentendimento de marido com mulher. Houve assim... até separação dumas mulher... quando o marido separou... quando viu que a mulher tava conhecendo o direito dela... então ele era muito machista; achou ruim e separou da mulher. E o que aconteceu? A mulher não teve medo de levar a sério os filhos que ficou pra ela tratar, porque a comunidade ajudava. A comunidade deu a maior força pra essas mulher que os marido separou delas. E eles foi embora. Arrumou outra mulher. E ela continuou

na luta, né? Do dia-a-dia... e as próprias pessoa, as próprias companheiras dela, deu a maior força e ela não sentiu assim... tanta farta assim do marido - sobre pôr as coisas em casa, a mulher, não sentiu tanta farta - porque ela já sabia muito bem se virar. Então foi uma dificuldade que nós teve. É! Uns maridos demorou muito aceitar aquela luta nossa; aceitar aquele novo trabalho nosso, aquele novo conhecimento que nós teve. Então foi muito difícil pra eles aceitar. Mas aí, nós foi firme. Nunca desistiu. Tinha marido que fazia pressão, falava que... falava até em bater na mulher se ela não largasse daquele trabai - que era essa reunião que nós fazia, essa escola que nós tinha, essa palestra que nós tinha -. E eles fazia todo tipo de opressão. Mas aí, o que que aconteceu? A gente tinha e tem muita fé em Deus. Então, as mulher mesmo viu que... que não era uma coisa assim ruim. É! Então a gente viu que os maridos queria que a gente continuasse sendo escrava. Só dentro de casa, obedecendo ele como tivesse obedecendo o pai. Então ele não queria que a mulher tivesse o conhecimento do direito dela. Queria que a mulher continuasse dentro de casa, sendo escravizada. Então nós a partir dá... não aceitou mais essa vida de escravidão. Nós não aceitamos.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE AS LEVARAM A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE.

a. Que motivos a levou a participar da comunidade?

O motivo... porque a gente viu que era uma coisa muito boa. Era um trabalho bonito de irmandade, em conjunto. A gente não sentia mais sozinha; não sentia mais sem conhecimento. Foi um trabalho de conhecimento... foi que levou a gente a participar. Porque até hoje a gente sente as comunidades... todas as comunidades a gente sente como família da gente. Uma descoberta muito boa foi que a gente descobriu que a comunidade é uma família.

b. Como foram os primeiros anos de sua participação?

Se foi bom ou se foi trabalhoso... É! Foi devagar. Porque se você vai construir uma casa muito depressa ela vai demorar. Foi um trabalho devagar, de muito estudo bíblico. A gente estudada a história dos índios - como viviam, o que faziam, como dividiam as coisas... eles não tinham essa coisa: isso 'Isso aqui é meu! Não era uma coisa individual -. Então foi um conhecimento muito bom que nós tivemos (que era individual). A partir do nosso conhecimento deixou de ser individual e passou a ser coletivo. Até hoje o que faz é dividido entre as mulheres - no trabalho a partilha é igual -. Quando a gente compartilha, é igual quando a gente começou de levantar esse trabalho de igualdade, de irmãos para irmãos. A gente tem esse conhecimento, que todas as comunidades são como se fossem da mesma família.

c. Exerceu alguma função? Qual?

É! A ... a gente exerceu cargo assim... de ser missionária onde professasse. Porque o que a gente aprendeu foi para partilhar com as outras comunidades nas capelas. Até hoje vivo assim... passando o que eu aprendi para outras pessoas. Eu aprendi a trabalhar com remédio caseiro (tem na minha descendência que eu sou descendente de índio). Então é um trabalho que eu gosto. Então, tudo que eu aprendi eu passo pras pessoas.

d. Houve alguma dificuldade na sua participação? Qual?

e. Como se davam as relações com os homens?

BLOCO II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO:

Ah! Sim. Teve um crescimento grande, porque foi uma conquista com nosso trabalho. Nossa força foi indo; os maridos aceitaram e entraram na caminhada. Aos poucos nós conquistamos os maridos, que perceberam que isso era um machismo - só os que separaram... as mulheres que arranjaram novos companheiros, eles foram conquistados - E foi uma conquista muito grande. As pessoas de fora tem muita confiança na gente.

O que a gente passa pra eles é com muita confiança. A gente exige e nosso direito é ouvido. Eu contei no início... porque enquanto os representantes da comunidade... os vereadores iam em Jussara, o

prefeito não dava a mínima. E sempre nós esperando. E a gente não queria passar por cima da autoridade deles, porque era Distrito. Quanto a gente viu que os representantes não iriam trazer nem o prefeito nem a água, nós mulheres, fizemos abaixo-assinado (na roça, na cidade...) Os comerciantes riam na nossa cara e diziam: "Quem são vocês pra trazer essa água?" "Vocês mulher vão trazer o prefeito aqui?"

Mas nós tentamos! Até que na 3º vez de visita no Gabinete do Prefeito... até que ele prometeu que ia vir e ainda brincou: "Eu vou porque eu tenho muito medo de mulher, porque quando elas fazem, fazem mesmo!"

Ele veio. Ouviu tudo que nós tínhamos a falar com ele. Depois falamos com o Iris Rezende. Fizemos ele assinar um papel. E os guardas não queriam nos deixar aproximar dele. E ele ordenou que não nos perturbassem. Aí nós chegamos nele e nós agarramos o Iris pela camisa e falamos com ele. E durante 15 dias, a prefeitura mandou os funcionários da prefeitura abrir valetas. E nós arrumamos a comida para os trabalhadores, com a ajuda dos moradores de Santa Fé. Tudo de doação. Essa história nossa ficou marcada para sempre. Nós só conhecemos experiência. É um tesouro que nós temos. Nós somos felizes. Nós somos conhecidas até no exterior.

BLOCO III

1. De que forma você acha que sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida:

Pra mim, houve uma influência de Deus, por minhas amigas, e o estudo bíblico que passa coragem, luz, força ...uma coisa que Deus me deu.

Ajudou muito. Eu tenho muito conhecimento de política, porque o voto é um direito nosso. A gente tem que saber escolher. Por isso eu falo: não adianta votar nulo, em branco. Tem que conhecer o candidato. Eu sempre tive como partido o PT.

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na igreja?

Mudou muito. Hoje eu sinto orgulhosa de Deus ter me feito mulher. Muitas vezes a mulher tem muito mais força pra conquistar as coisas do que o homem.

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

4. Tem alguma lembrança marcante?

O que marcou foi a luta. Por exemplo: nós fomos dar força aos companheiros em Goiânia. A gente com faixa gritando justiça, e a polícia jogava bomba de gás. Nem isso fez calar o nosso grito; aí que nós gritamos mais alto. A partir daí a gente foi pra onde o Pe. João Bosco morreu. E também, quando a Diocese de São Felix fez 10 anos de caminhada e tinha polícia demais.

5. Como em uma Igreja-instituição machista, hierárquica, clerical, as mulheres tiveram toda essa participação e esse processo pedagógico de autonomia?

Quando a missa era celebrada em latim, mulher não tinha vez. O que me marcou foi essa mudança. Hoje a mulher é mais participativa; nós celebra. As mulheres está comandando; só não está celebrando porque não pode. Talvez daqui uns anos. Só celebrar a missa que não pode. Mas a mulher faz mais que os homens.

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese de Goiás.

Nome de mulher tem várias. Freira, a gente pode lembrar de mulher: Ir. Nadir, Ir. Rosário (muitos homens achava estranho), Irmã Tereza. Teve muitas mulheres que trabalhou muito que eu esqueci o nome. Mas a Joana do Zezé Sarafim... e muitas outras.

Não tenho mais nada a dizer. Eu acho que a mulher alcançou seus objetos na Igreja, na política... porque a mulher é tudo na vida da família. Tem muita mulher que sustenta a família.

ANEXO L – ENTREVISTA COM V. H. S.

IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:

2. Idade:

46 anos

3. Local onde nasceu e foi criada:

Nasci na cidade de Tapaci. É ... e fui criada em Gurupi. E voltei pra Ceres em 72.

4. Grau de escolaridade atualmente:

Tô fazendo gestão nas áreas de saúde e 3º grau completo.

5. Grau de escolaridade quando começou a participar das atividades da Diocese:

Eu ... só primário.

6. Profissão e ocupação atualmente:

Eu sô técnica em enfermagem. Trabalho no Estado há 22 anos. Trabalho no posto há 10 anos; e como visitadora sedentária, atualmente, no centro comunitário.

7. Profissão e ocupação quando começou a participar das atividades da Diocese:

Quando eu comecei a participar da Diocese eu era lavradora - como eu sinto até hoje - trabalhava na roça.

8. Local onde mora atualmente: Ceres

9. Local onde morava quando começou a participar das atividades da Diocese:

Quando eu morava em Rubiataba participava da Liberdade; participava da comunidade do Trocamento da Liberdade.

10. Atividade eclesial ou/e social que participa atualmente:

Sô catequista. Sô catequista de crisma.

11. Comunidade/Pastoral quando começou a participar das atividades da Diocese:

É... comunidade... é... comunidade do Trocamento de Rubiataba e.. participava de duas. Comecei a participar do grupo de adolescentes; tomei gosto pela comunidade. Com a mudança da Diocese de Goiás em 78 - tava entrando Dom Tomás e chegou Dom Espada e vindo Padre Bernardo e Padre Daniel - foi aonde eu comecei a participar da igreja -. E tô até hoje.

BLOCO I

MOTIVAÇÕES QUE AS LEVARAM A PARTICIPAR DAS ORGANIZAÇÕES DA DIOCESE

a. Que motivos a levou a participar da comunidade/pastoral?

Olha, como eu morava na roça, então na roça eu nunca tinha nada, né? Então, tinha o círculo bíblico. E eu ia pro círculo bíblico pra poder sair de casa, né? Depois, quando eu fui tomando gosto, era bom o círculo bíblico. Aí, começou a aparecer um pessoal que fazia um trabalho de saúde na roça. Aí eu comecei participar com eles. E hoje eu tomei gosto. Então, o motivo naquela época em 78 era pra sair de casa, pra passear.

b. Como foram os primeiros anos de sua participação?

Ah! Era bão demais! Naquela época era bão, né? Porque quando eu comecei a participar... a participar... eu comecei no grupo de jovem. Ô no grupo de adolescente? Desse grupo de adolescente a gente começô trabalhar com o pessoal da zona rural. Então aí, a gente começamo fazê um trabalho

junto com eles, né, porque eu morava lá. E aí, depois foi chegando o Paulo e outras pessoas. E começou achar que na zona rural o pessoal tinha que tê um conhecimento maior que nós. Era um grupo de jovem bem grande, que tinha gente... que cada um si esparramô pro lado. Hoje, uns é crente; outros é católico; outros é funcionário do Banco do Brasil, acha que enricô e num precisa de mais nada. E a gente resolveu fazê essa participação. Veja só o que aconteceu: fizemo um trabalho de saúde, né. E eu achei que aquilo era bão demais. Porque na época eu era muito tímida. A gente morava na roça; ficava pra lá escondido, né. E eu tomei gosto pelo trabalho na... na... saúde, né. E me motivô. Eu aprendi fazê injeção naquela época, lá na zona rural. Nós é... aprender a fazer curativo; aprender os primeiros socorros; aprender chá caseiro. Transformar as hortas lá na roça. E aí, foi aonde eu tomei gosto.

c. Exerceu alguma função? Qual?

Ah! Tive muitas. Quando na época que nós começamo lá na roça eu era uma... uma das responsáveis pela Pastoral da Saúde de... de plantas medicinais casera. Depois, nós fizemos um trabalho de pesquisa, aonde tem uns livro muito bão - e já deve ter lido – Negrito... Lamparina... num sei mais o mais o quê. Eu era... fazia parte da coordenação também, né, da... da paróquia. Depois, fui coordenadora regional. Eu fiz muito nessa parte de coordenação nessa Diocese, né.

d. Houve alguma dificuldade na sua participação? Qual?

Muitas uai! As dificuldades... por exemplo, a aceitação. Eu acho assim... naquela época eu morava na roça. Trabalhava. Era... era lavradora, né. Um dom de profissão. Mas acho que mudei de profissão, mas não quero perder minhas raízes lá da roça. É negra ... e mulher... três coisas que...e... ainda pobre, que como só até hoje. Então foi três coisas que assim ... ocê saía, ia assim... no... comê que fala? É... congresso! Eu era muito escolhida pra congressar. Então, eu tinha um amigo que ele gostava muito de mim. Então nós era assim... chegava nas reunião da Diocese ele ia trabalhá pra mim podê ir pros congressos, né. Porque ele achava que eu morava na roça, que eu tinha que participá. E aí a gente fazia boca de urna pros pessoal votar nim mim, pra eu ir nos congressos. Então, eu fui pro congresso em Minas; já fui em Recife; já fui em Santarém. Então... tinha essas dificuldades naquela época, né. Porque hoje eu num participo quase de nada .

e. Como se davam as relações com os homens?

Olhe, essa... eu assim... eu por exemplo eu não sô muito ideal pra falar essas coisas pro cê não. Porque eu não sentia muita diferença . Ocê sabe que a mulher é discriminada, que ela... que até hoje nós luta pra ter nosso lugar dentro da sociedade. Mas, naquela época que o trabalho dentro da Diocese era muito intenso, tinha mudança de passar da Diocese de conservadora pra Diocese de...é como fala mesmo? É... progressista. Passar da conservadora para a progressista. Então nós mesmo: nós lutava pelo mesmo ideal, né, que é ser progressista. Então eu tinha uma turma de... de amigos. Era muito grande. Quando a gente reunia, eu não sentia muito essa diferença não. Porque tinha aquele Milton Pinto e Tom Carvalho - que hoje já nem enxerga a gente mais - era daquela época, né. Era o pessoal de Itapuranga; era de Nova Glória mesmo; nós de Trancamento. Então, eu sei que existia porque era o início que as mulheres tava começando participar. Mais eu não tenho muito a te dizer com A+B como é que foi. A dificuldade pra mim pra relacionar com homens, não. Porque o meu apoio maior que eu recebi foi de homem pra participar da igreja, né. O Paulo... o Paulo... que Deus o tenha. Já morreu. Então foi o grande mestre pra que eu me sinta onde eu estou hoje. Foi através dele. Por isso, eu tenho esse jeito pra te definir a dificuldade naquela época não...

BLOCO II

QUE CONQUISTAS FORAM ALCANÇADAS COM ESSA PARTICIPAÇÃO

Ah! Eu acho que têm várias. Porque naquela época que eu participava lá - 78-79 - isso aí é anos 80, e de 80 pra cá mudô a história um pouco. É... quando eu comecei... quando nós começamos... e nós tinha um grupo, né. Formou-se depois um grupo de mulheres, né. É... chamava... eu nem lembro o nome do grupo mais. Mas, nós tinha um grupo de mulher bem intenso - é onde a gente fazia encontros só de mulheres -. Tinha os homens, né. Mas o encontro era destinado às mulheres. Então nós... naquela época teve o nome do livro, de um desses livros de Negrito. E tá sugerido por uma mulher que é a... a ...Maria que cê deve conhecer; que mora... que é a sogra do... aquele advogado de Goiânia. Cê conhece? Maura não! Maura é a filha dela. Ela não chama Maura não! É a sogra dele. Acho que Maura

é a filha dela - nem lembro o nome dela -. Aí, nós teve um grupo assim bem intenso. Quando chegava o dia das mulheres a gente fazia festa. Aí nesse dia, nós pusemo eles pra cozinhar. Os homens é que cozinha. As mulheres então... a gente fez muita festa. Fez em Itapuranga; fez ali em ... aqui em Ceres. Então, a gente fazia muitos encontros e festa que as mulheres é que liderava. Os homens ia, participava junto, mas era uma conquista nossa, né?

Ah! Na política eu falo por mim mesmo. Que na política é muito difícil você falar. Porque a política é muito traiçoeira. Política não é só política partidária, né? É política em todos os sentidos. Eu não trago a política só pela política partidária, mais eu acredito que cresceu pra nós mulheres daquele tempo que eu participava com elas, né? É... era de jovem... grupo de jovem... eu participava junto com as mulheres mais adulta, porque eu queria ser mulher velha; num queria ser nova. E eu era nova. Eu tinha 15 anos, mais eu queria tá junto com as mulheres mais velha. Eu sempre queria ser velha, né? Que até num Congresso eu fui com o registro da minha irmã, porque só podia ir acima de 18 anos e eu não tinha 18 anos. Peguei o registro da minha irmã e fui. E deu certo menino! Então, eu acredito que cresceu. Pra mim mesmo cresceu. Eu falo de mim, porque a gente tinha uma visão diferente, né? Meu pai era muito é... conservador. Então, ele queria assim... que todo mundo... imagino que você tá falando a política partidária, né? Política que exerce o poder, né? Que massacra o povo até hoje. Então, ele tinha aquele voto de cabresto, né? Apesar que eu não era eleitora, mas ele queria que todo mundo seguisse aquele partido dele. É... e pra mim... eu comecei ver uma visão diferente; que a política, você é que tem que ver os melhores, né? Perceber a atualidade que tá aquele político; o que ele faz, o que ele deixa de fazer. Porque até no trabalho da gente tem a política, né? A gente tem que perceber o que é melhor pr'quele... pr'quele momento ali. Então, pra mim despertou um senso crítico muito grande; não só na política partidária, mas na política num todo. Eu sô petista de carteirinha.

Rapaz, eu... essa resposta... cê tá me deixando eu meia apertada sem ser abraçada. Porque a nível econômico, como grupo de mulheres, eu não tenho muita lembrança. Mas eu vô citá algumas mulheres que fazia parte comigo e que hoje elas participa de uma organização diferente. Eu falo da Sueli Aguiar que você deve conhecer. Conhece? Ela estuda na Católica também. Pois ela é daquele meio lá. Então, a Sueli Aguiar, ela sempre foi uma pessoa de classe alta, né? Mas ela começou ver o mundo diferente, né? E ela começou a lutar pela independência dela; não perder aquela oportunidade que ela tinha - de ser filha de pai rico - mas, dentro daquilo, ela estar ajudando as pessoas. Hoje ela é uma professora doutorada fora do Brasil. E ela sai nas escolas dos municípios com a classe pobre; ela sai fazendo trabalho. Tem também a Carém, que é a irmã dela. Que também... hoje... eu posso falar dela hoje... que hoje eu trabalho num assentamento de profissões. São as mulheres que participa desse sindicato, até da diretoria. Porque hoje, tudo tem que ter pelo menos 5% da participação das mulheres. Então, eu trabalho com as mulher. E eu incentivei muitas mulher entrá no Sindicato. Mas eu nunca fui sindicalizada.

O relacionamento com o marido e os filhos eu não posso falar não, porque eu não tenho marido nem filho. Agora pra ver, algumas mulheres enfrentaram um conflito muito grande, né? Até não citar nomes, mais porque é falta de ética. Mas, teve mulher que separô do marido, porque tinha que lutar por um mundo melhor e os marido num aceitô; queria que elas tivesse sob o domínio deles. E houve muita separação. Mas, hoje eu falo no hoje. Eu vejo que as mulher junto com seus marido, eles tá enxergando melhor... que a mulher tem que tá participando da sociedade. Então, eu tenho várias colegas e até gente da comunidade que participa firme mesmo nos trabalhos sociais e que os marido dão apoio. Às vezes, até deixam os filhos, os meninos tudo sozinho. Eu até tava conversando com uma e disse: "oh! Não vai a tudo que te manda! Porque se você também deixa a casa... você tem que saber partilhar o trabalho da sobrevivência, o social-comunitário e o trabalho de casa, né? Porque você começa primeiro em casa e não lá fora". Então, os marido tá aceitando bem. Até porque as mulher, graças a Deus conseguiu o seu espaço na sociedade, né? Com muita luta; mais tamo conseguindo... e vamos conseguir mais ainda. Nós vamos ter uma presidente mulher, bem de vida... mas, que não pensa só nela. Pensa no grupo minoritário, né? Que tem menas condições de vida que ela. E tem também a Shirlei - que eu num tive muito contato com ela - e também a Altina, que trabalha com Carlos Brandão lá em São Paulo, que tá querendo vir pra Goiás, né? Encontrei ela esses dias. Então, pra mim foi esse... foi um crescimento desse trabalho que a gente tinha lá das mulheres. E ainda falo de mim também. Eu morava na roça e tinha esperança de um dia ser funcionária do Estado. Era um sonho de criança. E vir pra Ceres com a esperança de ser alguém na vida. Não de ser rica, né? Que eu não tenho vontade de ser rica. E vim pra Ceres. Batalhei; estudei; comecei a fazer a 5ª série - tinha 21 -anos e já prestei concurso do Estado, fazendo a quinta série. Passei e hoje eu tô na faculdade sem perder... e num quero nunca... eu acho, né?

Mas quem tem que me avaliar é os que vêm de fora. Mas eu acho assim...que eu não perdi e nem quero perder aquilo que me fez ir atrás - que é a conquista pelo social, pela mulher, pelo negro até pelo homem que tá massacrado pela sociedade -. Era todas sindicalizadas. Só eu que não era sindicalizada. Mas as mulheres sim. As mulheres de Isabel, de Nova Glória. Uma pessoa que eu fico triste é a Lurde Borges. Foi uma pessoa que lutou tanto no Sindicato! Eu não sei se é pelas decepções da vida, né? Porque cê sabe que no trabalho social e comunitário, existe muita decepção e às vezes existem pessoas que acham que estão por cima e que podem pisar quem tá lem baixo. Ela morreu transtornada; não reconhecia ninguém; não lembrava de nada. Deu uma paralisia cerebral e perdeu a noção do tempo. Talvez porque não viu isso florir e também não soube lutar pra não entrar em depressão, né?

BLOCO III

1. De que forma você acha que na sua militância nas Comunidades Eclesiais influenciou sua vida?

Olha, eu acho que... que em forma de crescimento do... comé que fala? Do crescimento de... da vida não econômica, tudo no social e lado político... então, porque quando eu morava ... - vô voltar lá atrás - morava na roça... eu tinha... a gente pensava assim: ah! Tem de estudar! Pai dizia também: estude só a 4ª série e tá bão demais! Quando eu comecei participar do grupo de jovem que era até um... um tipo a perseverança... e a moça falava... e então eu pensei: uai! Então eu não posso parar de estudar, porque se eu quero um mundo melhor e a minha família participando desse mundo, eu tenho que estudar! Porque só no estudo é que eu vô descobrir pra que eu tenho de lutar. E comecei fazer a quarta série. Meu pai não deixava. Aí eu disse: é! No dia em que o sinhô morrer, eu vô embora estudar. E quando ele morreu, no outro ano eu fui embora e vim estudar. E num dia comecei trabalhar de doméstica. Aí pensei: meu Deus! Esse serviço não é pra mim! E esse trabalho me impedia de participar das reuniões. Aí, pedi ao moço que eu trabalhava com ele, pra me arrumar um jeito, pra eu fazer um curso de enfermagem, pra mim deixar de ser doméstica - porque hoje é o último dia que eu vô trabalhar aqui – Aí, ele me falou pra eu ir numa triagem que ia ter. Eu que morava com um grupo, chamei a outra - a Lúcia que trabalhava de doméstica que nem eu - que eu sempre gosto de rastar os que tá mais atrasado. E nós foi. E eu tirei 10 e ela 9,5. Aí eu fui chamada pra trabalhar no hospital. Mas, eu decepcionei muita gente. Eu não aceitava ser humilhada lá. Nós era seis. Era três certinha e três... nós, né? Que a gente era inconformada com a injustiça. Olha, cê trouxe muita fita, né? Porque eu falo muito. Aí, o meu ex-patrão que me falô desse curso. Também queria que eu ajudasse ele, lá nas injustiças. Mais eu, no passado lá, quando eu falei pr'aquela moça que ia estudar e fazer justiça, e não injustiça... aí, eu saí de lá e voltei trabalhar de faxineira. E quando teve o primeiro concurso do Íris, eu fiz e passei. Fui trabalhar no Estado e tô até hoje.

2. Você como mulher, acha que mudou com a participação na Igreja?

Ah! Eu acho assim... Eu acho que é... a ... eu se senti assim... mais pela luta da mulher. É a luta da mulher dentro da sociedade, né? Porque como eu falei pra você, não tenho filho e nem marido. Então, eu moro com as minhas irmãs. Mas, a gente tem senso crítico muito grande e tem uma mais calada, né? Mais retraída. Mas nós somos duas que lutamos pra que as mulher têm o direito na sociedade igual aos homem. Eu cresci muito. Cresci porque comecei a participar do movimento negro e o movimento.. é... o movimento negro me mostrou que a mulher negra é massacrada três vezes mais quando ela é pobre, negra e mulher. E tinha uma mulher no grupo lá em Goiânia que chamava... chamava não! Chama, né? Porque eu nunca mais vi ela, a Jaci. E nós era muito amiga. E a gente fazia estudo pra ver a situação da mulher, né? E a gente vê... é... que tem muita coisa pra melhorar em relação... em relação à discriminação da mulher - quando é negra e principalmente pobre -. Então, eu sinto que me ajudô muito e tá ajudando a batalhar. Porque todas mulheres têm que ter o mesmo direito que os homem, dentro da sociedade.

3. Como você vê a situação das mulheres na Igreja hoje?

Olha, na igreja... porque nós ainda têm uma igreja conservadora, né? A igreja num tá totalmente libertadora, né? Eu acho que as... que nós mulher ainda sente muita dificuldade, porque senão já estariam ordenando... a... padre, né? E ainda não. Enquanto isso não tá. As mulheres só pode ser freira, né? Ainda não pode ser padre. Então, isso ainda eu acredito que... pra nós inda é ruim... que eu sempre brincava, né? É... e cê sabe que toda brincadeira tem um fundo de verdade, num sabe? Até hoje eu encontro minha amiga em Itapuranga e ela fala assim: eu já tô me preparando para ser bispa. Ser bispa, né? Primeiro tem que ter abertura pra mulher sê padre. Se não, num pode sê bispa. Eu sei, que com

esse Papa que nós estamos aí, né? Isso não vai chegar; torci muito pra que fosse aquele africano. Mais não conseguiu, né? Eu sei porquê, né? Todo mundo sabe muito bem porquê, né? Então, eu espero que a mulher consiga seu espaço na igreja, né? Porque Jesus deu espaço àquela mulher e disse: Quem não tem pecado que atire a primeira pedra. E ninguém foi capaz. E Jesus Cristo veio pra que todo mundo seja igual e tenha vez e voz. E Essa divisão que tem na igreja é coisa dos homens.

4. Tem alguma lembrança marcante?

É... quando teve o segundo... não sei se o segundo ou o terceiro encontro eclesialístico de... e... a abertura era pra Diocese de Goiás e... é... pra nós que tinha que fazer a abertura. O bispo Tomás e nós reunimos lá. Aqui, tivemos encontro de preparação e eu também ia pra esse encontro em Minas e o Dom Tomás. Aí ele falou que queria que nós fosse diferente na abertura. Não ser como todos os encontros Eclesialísticos. Ele queria uma mulher que fizesse a abertura. Mulher negra. E sugeri que a Valdelina (eu) pudesse fazer essa abertura. Se u quisesse. Aí falei: bom... eu não sei falar, mas eu tenho coragem, né? Eu morava na roça. Isso foi bem no início da caminhada. Eu fui pra Minas com eles e fiz a abertura lá do encontro. E fui muito aplaudida. E o pessoal gostou muito. Me marcou muito, que até o Frei Beto, que ninguém podia chegar perto dele, me convidou pra almoçar com ele no outro dia. Então, o que me marcou, além de toda caminhada, né? O que me marcou... o que me marcou muito essa... e a minha mãe, que sempre me apoiou até o fim da vida dela.

5. Como em uma Igreja-instituição machista, hierárquica, clerical, as mulheres tiveram toda essa participação e esse processo pedagógico de autonomia?

Porque Dom Tomás... quando ele começou e os outros padres aqui chegaram - o padre Isaque que há muito anos num vinha aqui, né? E dias atrás teve aí. O Miguel, que hoje casou e mora fora do Brasil também; o Bernardo, que tá no Rio de Janeiro; e muitos outros... e o Chicão... e todos os padre que chegaram naquela época da mudança de pedras, que eu já citei e num vô citá de novo não - havia uma facção que pensa diferente, né? Que pode mudar a igreja... Eu lembro até, que uma vez eu fui na Diocese de Goiás. Eu sou apaixonada por ele viu? Porque eu acho ele dez, né? Ele cantano... que conheceu... é... um bispo que dirigia uma igreja e que ele não dormia, porque acreditava que a Igreja também pode ser dirigida por mulheres. E por isso deu muita abertura na Diocese de Goiás. E nós sentimos essa liberdade. Eu fui na Itália, representando a Diocese de Goiás e lá tem os bispos, os padre que viveu no Brasil. E lá, tinha um que viveu na Bahia há muito tempo. E eles punham muito medo na gente. Assim... que lá não aceita mesmo o trabalho das mulheres. E esse padre, depois que ele fez uma lavagem cerebral lá, ele me disse assim: Agora eu gostaria de saber de vocês mulheres que têm coragem de proclamar o Evangelho. Aí, todo mundo ficou calado e eu disse: eu tenho, porque se vocês estão querendo mudar a Igreja, o povo por curiosidade e pra depois sentar o pau em vocês, vai ficar ouvindo eu fazer a leitura. Eu só não sei se vocês vão entender. Aí, eu li lá, na nossa bíblia em português e pedi o Divino Espírito Santo pra não deixar ninguém ir embora. E eu proclamei o evangelho. E ele falou em italiano pro povo e ninguém foi embora, né? E depois, falavam que ele era doido. Aí eu falei pra ele: o sinhô tá vendo? Foi assim que começou lá em Goiás. E assim que tem que ser a mudança da Igreja.

6. Cite alguns nomes de algumas mulheres importantes na participação da Diocese de Goiás

Já lembrei vários. Mais tem esse da... a mãe da Maura, que nunca consigo lembrar se é Eli. Océ procura saber do Amim, cumé que chama a sogra dele. É... uma pessoa que me marcou muito, foi a Maura de Santa Fé, né? Também tem a Chica que mora lá em Goiânia, que hoje trabalha na prefeitura. Se ocê tiver um jeito de falar com ela... que é... até hoje eu num sei se ela participa de alguma coisa. E tem a Lurdes Borges, que é essa que morreu. Tem a Sueli Aguiar. E se eu for te falar, têm muitas mulheres.

7. Considerações Finais

ANEXO M – A. A. S. G.

A. meu nome é Klaus Paz de Albuquerque e estou fazendo uma entrevista para a minha pós-graduação em Formação Sócio-Econômica do Brasil e eu peço permissão a você para me conceder essa entrevista.

Tudo Bem. Concedida. Eu sou A. Filha de mineiros. Meus pais vieram para Goiás por volta dos anos 40. Eles são da década de 20, os dois. Eles se instalaram em Novo Brasil. Nas imediações, mais ou menos na década de 60. E por ali é que criaram todos os filhos. Pelo menos a maioria nasceram ali. Salvo um que nasceu em Itapirapuã. Viveram ali até o falecimento do meu pai, nos meados do ano passado.

E vocês são quantos irmãos?

Nós somos seis irmãos.

Quantos anos?

Estou fazendo 40 anos. Preciso presente no ano que vem (risos).

Adenilda, conta um pouco como era a vida familiar e a vida das mulheres na roça, onde vocês moram.

Olha, eu posso falar muito bem sobre minha mãe. Na época ela era lavradora, no sentido exato da palavra. Ela pegava no batente junto com meu pai, na roça. Ele foi por um bom tempo carreiro. Ela era guia do carro de boi. Ajudava em todos os momentos em que ele desenvolvia. Eles contam sempre que, quando vieram pra Goiás, que a única coisa que eles traziam na mão era uma malinha de roupas. E vieram numa passagem de avião. Em um teco-teco de lá pra cá. Chegando se instalaram. Começaram a trabalhar na roça. Guiados pelo que hoje podemos chamar de “gatos” – pessoas que conduziram eles. E por muito tempo eles moraram no meio do mato. A única coisa que eles tinham para abrigo eram alguns galhos de árvore e folhas de babaçu, que eles cruzavam. Duas varas. Duas forquilha, quer era o seu rancho. Viveram assim por muito tempo. Isso já aqui em Goiás.

Eles compraram a terra ou estavam trabalhando para outros?

Estavam trabalhando pra outros. E só depois de muito trabalho, muito sacrifício é que eles conseguiram adquirir um pequeno pedaço de terra. E daí conseguiram ter um mínimo de prosperidade, que culminou... com muito sacrifício, com muito sacrifício mesmo, em vinte alqueires de terra. Eles conseguiram realmente o sonho de fazerem sua vida em Goiás. Não com a abundância que muitos conseguiram. Mas conseguiram pelo menos uma casa boa e uma terra que deu para sustentar toda sua família.

Como era o nome do seu pai e de sua mãe?

Meu pai chama-se Sebastião Pereira da Silva. Minha mãe é Anízia Maria da Silva.

Como era a vida religiosa, a vida de fé de seus pais?

Olha, meus pais sempre tiveram fé. A gente convivia com muitas pessoas na época, e tinha muita gente na região, principalmente na zona rural. Eles formavam aglomerados de... muita fé mesmo. Era aquela fé pura, sem as grandes interferências ideológicas. Era o terço. Era a reza pra chuva. Eu me lembro bem da gente criança carregando água pra molhar o pé do cruzeiro no alto do morro, todo encascalhado, aquela mundo véi de pedra. Quem não levava água levava pedra na cabeça pra jogar ali, nos pés do cruzeiro pedindo chuva. É muito interessante. Eu fico pensando hoje, cadê essa busca, essa luta. Não existe mais. A gente não vê mais. Depois, na época em que eu nasci, faz pouco tempo (risos), ela também conseguiu um presépio. E esse presépio ela montava cada ano. Era lindo. Assim, no imaginário da criança era um sonho. Era um tempo muito festivo pra gente. O preparar. Ela estendia uma coberta de algodão no chão, cobria com cola feita com polvilho e revestia todinha com cacos de vidro, que ela tinha socado pra tirar todas as pontas, pra não ficar cortante. Então ela revestia aquilo ali, todinho com cacos de vidro. Ficava uma pedreira maravilhosa. Aí ela jogava na parede. Enfeitava com caixote. Então, era assim, muito interessante. Uma época em que a gente era muito feliz. Muito.

E atraía vizinho para participar?

Todo mundo ia pra lá pra rezar a novena. Não era uma novena prévia. Era uma novena posterior ao natal. Começava no dia de natal. Ela fazia na véspera. Começava a reza a meia noite. E aí, todos os dias até dia seis de janeiro. Que era o dia em que ela desmanchava o presépio. Ao meio dia fazia-se a reza do terço e desmanchava. Teve todo esse período das folias, né? Folias de reis. Eram muitos devotos. Inclusive meu pai recebeu esse nome em homenagem a São Sebastião, de quem ele tinha uma devoção muito grande. E por volta dos anos 70... até então padre na região era uma vez por ano. Quando passou a ter um padre em Fazenda Nova era uma vez por mês. Não tinha praticamente o rito celebrativo da missa. Era mesmo só... bem popular. Bem povo mesmo. E aí quando surge um padre pra morar na cidade de Novo Brasil. E lá esse padre consegue estabelecer uma relação de amizade com as famílias. Tem um carinho muito grande com os meus pais. **Você se lembra quem era?** Padre Rodolfo. Como esquecer? Tem pessoas que a gente não esquece, né? Então, padre Rodolfo. Era muito criança na época, mas eu lembro muito bem da careca branquinha dele. Ele era canadense. E ele contribuiu muito para que houvesse uma abertura de visão na nossa família. Ele dormia muito lá em casa. Ele não suportava barulho. Então, nos dias na cidade, as vezes a meia noite, uma hora da manhã ele batia na porta. “eu não suporto aquele barulho” (risos). E ia pra lá. Então, isso trouxe pra gente uma visão de um outro mundo. Sem querer. Automaticamente você vai conhecendo. Ele contribuiu, inclusive, para a salvação da vida de minha mãe. Que praticamente tava morta lá. E ele ajudou e correu pra Jussara, Itapira. Operou. Então, foi assim, ele entro na vida da família. Inclusive quando ele foi enviado pelo Dom Tomás Balduino, não se adaptou a nova ideologia da Igreja. O novo rumo que a Igreja tomava. Ele foi enviado pra Minas. Foi transferido pra lá. E ele sempre escrevia para meus pais e dizia, “olha, é do seu filho mais velho”. Isso foi interessante porque, pra nós a saída do padre Rodolfo foi um choque. Foi um choque porque a visão de Igreja que nós tínhamos foi nos dada por ele. Que era aquela Igreja tradicional. Aquela Igreja celebrativa. Já não era mais o tempo do latim. Já era a língua portuguesa, mas era extremamente tradicional. Então, na época, para substituí-lo veio o padre José Dalasta, para Fazenda Nova. Aí, já não tinha padre em Novo Brasil. Passou a ter em Fazenda Nova. E dava assistência a Novo Brasil. Nessa época o padre José, ele começou a desenvolver um trabalho com toda a comunidade nessa linha da libertação. Ele foi taxado de comunista, disso, daquilo. Teve gente que abandonou radicalmente a Igreja nessa época. Porque ele vinha falar de uma coisa que o povo nunca tinha ouvido. De uma mudança. Ele vinha falar que pobre não tinha que ser pobre. Que Deus não queria ninguém pobre. E aí, os ricos de tomavam posse da Igreja, até então, eles não aceitaram. E muita gente abandonou a Igreja. Diziam-se católicos, mas não iam mais a igreja. Então, o padre José começou a desenvolver esse trabalho e eu pessoalmente, como meus pais, eu dependia deles pra ir, eu morava longe, eu também não ia a igreja. Ia raramente nas missas. Que tinha missa uma vez por mês. A gente ia as missas mas não se interava. Não entramos no processo naquela época. Eu comecei a ter uma participação ativa após a minha formatura da oitava série. **Você estudava onde?** Em Novo Brasil. **Quantos quilômetros da sua casa pra lá?** Dois quilômetros. Nessa época já era dois. Quando eu nasci era nove, dez quilômetros. Depois eles mudaram mais pra perto. Então, nessa época que eu comecei a entrar pra Igreja, tinha vindo um pessoal do sul. Eram três rapazes. Eram o Zé, o Vieira e o Milton. Inclusive o Milton hoje é advogado da assessoria da CPT. Me parece que é nacional. **Eles eram seminarista? Leigos? Ou o que?** Eu não sei te dizer muito bem. Parece-me que eram seminaristas, mas não eram. Porque no fim das contas nenhum se tornou padre, até onde eu sei (risos). Mas eles estavam lá assumido a paróquia. **Você lembra a época, o ano?** 79 eles já estavam lá. Foi quando eu comecei a participar. Muito interessante porque a escola até então, você sabe que era muito fechada. Não se discutia política de forma alguma. A geografia que se estudava era extremamente física. História então, era daquela do descobrimento do Brasil, das mais absurdas possível. Então, você não tinha nenhuma visão do que realmente acontecia. E esses três rapazes, começaram a despertar em mim o que realmente havia por detrás das palavras. E lembro que a gente conversava muito. Aí eu comecei a participar dos movimentos de juventude. Em seguida surgiu na região os grupos das fiandeiras. E eu já me sentia assim a dona da verdade, né? Muito interessante, porque, um processo de redescobrimto da vida.

Você participou do grupo das fiandeiras?

Particpei. **Mas não era só mulheres idosas não?** Que?! Crianças de dois, três anos tava lá catando algodão. E era freqüente? Era semanalmente. A gente tava lá reunidas. O gostoso do movimento das fiandeiras é que ele tinha vários momentos: tinha o momento da celebração na igreja,

com todo mundo, em que todo mundo participava; tinha o momento do trabalho propriamente dito, em forma de mutirão; tinha o momento em decidir quem ia vender em São Paulo, quem ia acompanhando. **Vocês faziam o que?** Nós fazíamos colchas, toalhas, bolsas. E tudo era vendido em São Paulo. E além disso agente tinha um momento de discussão. Esse era pra mim o mais rico. Porque além de discutir Bíblia, que a gente já fazia isso – o que pra muita gente era um absurdo mulher com bíblia na mão – a gente também discutia política. A gente discutia questões femininas: Por que a mulher é assim? Por que a mulher não pode sair de casa? Por que a mulher é a única a tomar conta dos filhos? Por que a mulher tem que ter quinhentos braços enquanto o homem está sentado no sofá? Ele chega do serviço, a sua roupa está prontinha no banheiro esperando enquanto a mulher tá ralando na cozinha. **Quem animava? Quem puxava a conversa?** Nessa época do movimento das fiandeiras os três rapazes que mencionei a princípio já não estavam na região. Eles foram pra Goiânia estudar. E no lugar deles vieram duas freirinhas. Essas duas freirinhas eram dois docinhos. O que cativava era a simplicidade. A integração delas com o povo. A capacidade profunda delas de entrar na vida das famílias. E de se tornar parte integrante da vida daquele povo de uma forma muito bonita. Muito bonita mesmo. Marilene, ela é uma maranhense e Irene aqui de Jussara. Então, essas duas meninas - a gente chamava assim, as meninas da igreja – elas ajudavam nessa discussão. Elas tanto faziam a formação religiosa quanto fazia a formação política. Depois foram passando outras irmãs, mas as duas foram marcantes nesse processo. E além dessas reuniões locais, começamos a organizar reuniões regionais. Tudo assim, assessorado pela Igreja, até então. A gente fazia reuniões aqui em Jussara, em Itapirapuã, Israelândia, Jeopaci. **Somente de fiandeiras?** Das fiandeiras. **Tinham muitos grupos?** Tinham muitos grupos. Tinha em Fazenda Nova. Aqui de Jussara eu não me lembro de grupos de fiandeiras aqui de Jussara, mas eu me lembro bem do grupo de mulheres que não desenvolviam um trabalho de fiação mas com outra atividade. Em Santa Fé. Aqui de Jussara era mais religioso. Que era um pólo que agente não percebia um trabalho tão florescente nesse nível. Fazenda Nova tinha um trabalho muito grande, muito bonito. Itapirapuã. O grupo de mulheres de Itapirapuã era fantástico. Então havia assim muitos grupos e esses grupos se reuniam periodicamente numa regional pra discutir, não só aspectos do trabalho, que o trabalho era muito mais uma boa desculpa pra se encontrar, como também religioso, no sentido de descobrir, de desvendar o segredos da Bíblia. E pra isso teve duas pessoas que pra mim pessoalmente, fora as duas meninas de Novo Brasil, destacaram, que foi a Sueli - e também daqui de Jussara, que ela era freira, passou um tempo em Novo Brasil, muito curto mas foi muito interessante – e a Nadir que era a provincial das meninas aqui e em Santa Fé. Então, o trabalho da Nadir na região foi muito intenso. Principalmente em termos de estudos bíblicos com as mulheres, com o povo em modo geral. Foi muito intenso. Daí surgiram grupos que eram normalmente dirigidos por mulheres de estudo do Evangelho, que era um momento separado do grupo de fiandeiras. Estudo do Evangelho. Escolas bíblicas na zona rural. Trabalhei na região de Novo Brasil, trabalhei em São José, que era uma comunidade rural, inclusive de lá tinha uma grande líder do movimento de mulheres fiandeiras, do grupo de mulheres, Maria Helena, Maria Heleno Primo. Ali era uma família. Era não, é uma família. Uma família muito grande. Um trabalho religioso bastante intenso e que também teve essa visão bastante ampliada para o aspecto político e social. Além dela, tinha também Dona Luzia, dentro da cidade de Novo Brasil. Uma lavradora, como minha mãe, que ia pra roça pegar no pesado com o marido. E cheia de filhos, que depois por necessidades dos filhos passou a morar na cidade. Ela era uma grande líder. Uma grande líder. Principalmente na parte espiritual. A orientação dela, a fé que aquela mulher tinha e transmitia era uma coisa assim maravilhosa. Depois que a gente passa por tudo isso, como eu passei... Eu vou tentar resumir, porque se eu for contar a história, histórias e histórias tem aí pra contar. Além disso nós também trabalhamos na área da saúde. A gente participou de vários encontros. Em Goiás. Dentro da Pastoral da Juventude eu participei da pastoral diocesana. Mas, acho que em nenhum momento enquanto mulher, foi mais forte que o grupo das fiandeiras. Foi muito bom, muito bom mesmo.

Mas não houve um choque das mulheres com os familiares, com os maridos ou com a sociedade?

Porque parece que nessa época não era muito comum mulheres começarem a se juntar para fazer tais trabalhos e viajar.

Olha, com certeza teve. A gente fazia questão de fazer as coisas muito certas. Eu me lembro que isso aí, pra mim, posteriormente, se tornou um problema gravíssimo. Talvez até origem de um processo de crise interior que eu passei. Graças a Deus eu acho que passei. Meus pais, por exemplo, eles concediam permissão pra viajar. Porque eu viajava com as freiras. Então, o peso das freiras aí era muito grande. Eram muito respeitadas. Porque tinham uma postura extremamente corretas. E isso dava

segurança aos esposos e aos pais pra permitir que suas esposas e filhas viajassem. Mas tinha problemas, e muito. Eu não gostaria de falar dos problemas das outras mulheres, porque acho que, de certa forma, é um até um desrespeito. Elas não estão pra se defenderem ou se colocarem. Então, eu gostaria de haver a minha pessoa. Enquanto problema. Que falar do que é bom é muito fácil. Todo mundo gosta. Agora, uma das coisas, que no decorrer de todo esse processo, ficou sendo a marca principal da caminhada, era o amor. O amor pelo outro. O amor pelo pobre. O amor pelo oprimido. Tudo que a gente fizesse, era por amor. E como eu tinha entrado nessa caminhada ainda menina, praticamente, eu era uma adolescente, eu não tinha uma visão de mundo lá fora. Então, esse amor era o mais puro possível. Ele não estava contaminado. Na medida em que o mundo foi se abrindo diante de mim, eu fui percebendo que nem todo mundo que falava e pregava tão ricamente o amor vivia, esse amor. Então, foram inúmeras as decepções. O respeito que a gente aprendeu de pai e mãe e também no nosso núcleo, na cidade, começa-se se desmorrar, quando você começa a perceber, por exemplo, o assédio sexual de padres, dos irmãos mais... seminaristas, que tavam quase padres. Que você percebe assim... É uma tão sutil que, quando você vê, você tá quase praticamente dentro do sistema. Então, isso pra mim, teve um momento que eu assustei com o que estava se passando. Por isso é que te falo, é muito doloroso colocara determinadas coisas. Mas é real. É o real. Eu pessoalmente não cheguei a me envolver com nenhum seminarista, no sentido de ter uma vida sexual ativa. Não cheguei a me envolver com nenhum padre. Mas eu via acontecer. Eu via acontecer. Isso foi me dando nós na minha consciência. Cheguei ao ponto de não saber quem eu era. Se eu era uma lavradora. Se eu era uma jovem normal, como todas as outras. Eu não tinha... Chegou ao ponto que eu não tinha uma vida minha. Eu era aquilo que a Igreja quisesse que eu fosse. Culpa minha com certeza. Mas não só. Não assumo plenamente essa responsabilidade, porque eu era plenamente uma jovem que viveu ali dentro. E quem estava comigo, mais maduro, mais capacitado pra perceber, se percebeu fez de conta que não viu. Marilene me ajudou muito nesse processo. É uma pessoa que eu admiro profundamente. Mas, ela própria, teve notícias a um tempo atrás, também não suportou e saiu da Igreja. Não é mais freira. Tá no Maranhão. Quer dizer, é mais uma que saiu. Irene também. Abandonou, não é mais freira. Tá aqui em Jussara, é professora. Até onde eu sei ela não é mais uma pessoa ativa dentro da Igreja. E, várias outras. Eu acredito que, o que se passou comigo, deve ter acontecido com muitas outras. Que se perderam no meio do caminho. Bom, por volta de 82, vamos falar de coisas boas também, se não o clima pesa. Por volta de 80, 82, já foi instalado o PT. Eu fui membro fundadora. E eu achava que sabia. **Você estava presente na primeira reunião?** Na primeira reunião. Na primeira eleição eu fui candidata a vereadora. Tive nove votos (risos). Quer dizer, não sei de onde saíram tantos votos, porque nem minha família votou em mim (risos). **Você foi a única mulher a se candidatar?** Não. Na época fui eu, Maria Helena e Dona Luzia. Três mulheres candidatas a vereadoras. Então, foi um trabalho intenso. A gente nem sabia direito o que era política. Eu por exemplo não sabia o que era. Foi o meu primeiro voto. De fato eu não sabia o que se passava ainda. Eu lia muita coisa. Mas muita coisa eu lia mas não entendia. Mas eu sabia que aquilo ali ia ajudar o povo. E se ia ajudar o povo eu ia entrar. Eu lia por aí. Então, esse foi um processo, talvez o mais doloroso. Porque no momento em que você entra em um partido político, em que você começa a viajar, a participar de reuniões nacionais, você começa a perceber que as coisas não são como são pregadas. Você começa a perceber, por exemplo, que os líderes do movimento, do partido, eles tem sua ideologia política bem definida. Mas apesar disso – isso na época eu não conseguia trabalhar bem isso dentro de mim – aqueles rachas dentro do partido que eu não conseguia entender. Por que isso, por que aquilo? Por que fulando defende essa ideologia, por que defende aquela, se todos são trabalhadores. Se todos tem um mesmo ponto de vista que deveria chegar a um senso comum. Eu não alcançava isso aí. A dimensão de isso aí. Então, era muito difícil pra mim conseguir analisar todos os fatos. Mas eu tava ali. Se eu tinha dentro de mim aquela certeza que o Partido dos Trabalhadores, ele era essencial para uma vitória dos trabalhadores. Para uma vida melhor para os trabalhadores, né? Eu participava de vários movimentos. Por exemplo, meu pai era pequeno proprietário. Então, foi organizado na região o movimento do trator. Esse movimento do trator, ele consistia na reunião de vários pequenos proprietários rurais dos dois municípios de Fazenda Nova e Novo Brasil. E cada um tinha o seu tempo certo de ser feito o preparo da roça pra plantar. Então, o meu pai foi um dos líderes desse movimento. Eu ajudava secretariado. Então, em tudo que tinha na região eu tava enfiada. E talvez isso tenha contribuído para que depois pro que se passou, né? Mas, eu considero assim, que naquele momento, eu tive uma participação intensa. Fui reconhecida como tal. Não se fazia nenhuma reunião sem me chamar. Até a própria fundação do sindicato dos trabalhadores rurais eu estava ajudando. Eu ajudei a secretariar muitas vezes. E convidar, ir a traz.... a gente fazia o máximo possível. Dava mesmo tudo. **A quantidade**

de mulher a participar da fundação do sindicato? Era mais limitada. Era mais limitada. Era mais uma coisa de homens. Mas tinha várias mulheres. Entre elas, sempre se destacaram dona Luzia, do seu Rafael, e Maria Helena. **Mulheres que participavam das atividades da Igreja?** Essencialmente. Os homens eram todos da Igreja. O sindicato em Novo Brasil ele foi estruturado, ele foi fundado a partir da fé. Que depois se desvirtuou um pouco. Até pela posição atual da presidenta, que tem agido de forma bastante questionada. Mas naqueles momento da fundação, tanto do grupo das mulheres fiandeiras, da pastoral da juventude, do movimento do trator, sindicato dos trabalhadores rurais e o partido político, o PT, tudo isso, quem estava organizando e fundando era mais ou menos o mesmo grupo. Todos muito bem coordenados pelas meninas da Igreja. Muito interessante depois as trocas. São impactos que o povo sofre com isso. Quando elas saem. Mas sempre vem outras pessoas. Mas nunca é a mesma coisa. O trabalho muda a direção.

Teve mulheres que assumiu a direção do sindicato e do partido político?

Teve. Na época, a parte administrativa do sindicato era mista. Era presidente homem, secretária mulher e outros membros. Era bem assim, mais ou menos igualitário. Agora, no partido político, a princípio foi um homem e os membros eram homens e mulheres, o pessoal que compunha a direção. Num segundo momento eu própria assumi a presidência do partido. E lá eu permaneci por um bom tempo, até minha partida para Goiânia. Que se deu em 1986. E por volta de 85 eu não tava mais com o pique todo. Eu já tava passando por um processo interior de redescoberta. Acho que posso dizer assim. Uma redescoberta que, tudo o que vivi, tudo o que eu presenciei caía assim, num questionamento muito grande. Era uma interrogação muito grande que eu não conseguia alcançar. Tinha muitas perguntas sem respostas. Tinha muitas dúvidas. Aí eu achei que seria a hora de se afastar um pouco. Distanciar. Até porque eu não tinha mais estrutura emocional pra continuar liderando. Comecei a ser professora no município. Como professora estadual, concussada já. Agradeço imensamente a professora Ângela que me deu, na época, um maior apoio. Na época ela era freira, hoje ela é mãe. Casada. Mora em Novo Brasil. Ela é uma outra pessoa que ajudou bastante em toda essa organização dos trabalhadores. Me ajudou bastante em todos os níveis. O que ela pode fazer pra me ajudar, a me reencontrar, ela fez. Chegou um ponto em que eu tive que sair mesmo. Sair, se distanciar de tudo. Mas o elo era muito forte. Por mais distante que eu estivesse da cidade eu não conseguia quebrar o cordão umbilical. Eu sempre voltava. Era sempre bem recebida. O clímax, digamos assim, do problema, ele se dá então, quando eu saio de Novo Brasil e vou pra Goiânia. E nessa tentativa de manter os contatos eu tento me manter no partido político, mas não mais como filiada, mas tando inteirada, indo as convenções, e tal. E nesse meio eu engravidou. Eu engravidou e sou abandonada, literalmente, pelo pai da criança. Então, surge aí uma outra faceta, que eu já tinha descoberto antes, mas eu não vivia. Aí saí definitivamente de toda organização, de toda estrutura. Passei a minha gravidez tentando aprender a viver de novo. Até porque, foi assim que eu fui pra Goiânia. Tudo era novo, tudo era extremamente difícil. Eu era professora auxiliar. Ganhava uma miséria. Professor já não ganha nada, auxiliar, então, você imagina. E, pagava aluguel. Então, foi um processo muito difícil. Quando nasce o meu filho, eu aviso pro pai. Ele vai e tal. Registra. Mas não leva um centavo pra ajudar a pagar uma fraude. Eu tive que bancar tudo sozinha. Eu tinha na época que pagar o parto, porque meu ipasgo era simples, não existia o ipasgo integral. Fui no serviço social e eu consegui gratuidade. Então, foi assim muito sofrido. E ele sempre ia visitar o meu filho. Só que, com cinco meses de idade nós descobrimos que ele tinha uma deficiência mental muito grave. Muito grave. Aí começou um processo de peregrinação em busca de médico, de socorro e tal. Aí, com um ano, foi a última vez que viu o filho. No dia que eu consegui pra ele um tratamento dentro do CORAI, que ele teria que passar, só Deus sabia quanto tempo, foi a última vez que o pai o viu. Ele nunca mais foi visitá-lo. Então, eu não tinha mais condição, nem econômica, nem tempo disponível pra continuar nas organizações populares. Eu passei a dedica exclusivamente a saúde do meu filho. Que foi uma guerra tremenda. Mas graças a Deus hoje eu posso considerar que nós vencemos. Uma criança que não conseguia com cinco meses nem sustentar a cabecinha, que é mais que o normal, né? Que aos oito meses, se pusesse ele sentado no braço ele caía pros lados. Que com um ano ele não conseguia sentar nos braços ainda porque ele não sustentava. Mal sustentava os braços. Com dois anos completos ele estava sentando sozinho. Graças a fisioterapia. Isso aí pra mim foi uma vitória muito grande. Hoje ele anda independente. Ainda mantêm o problema porque é muito complicado. Ele anda. Ele não fala. Ele continua com o desenvolvimento de um bebê. Ele ainda é um bebê até pra ir no banheiro. Eu tenho que fazer todo o serviço. Mas é uma vitória. Então, tudo isso me afastou dos movimentos. Quando no meio dessa luta por resgatar a vida, independente do meu filho, eu voltei para Trindade. Fui para Trindade

para conseguir uma escola especializada, uma fisioterapia. Porque no primeiro ano eu ia pra Goiânia, ficava uma semana, voltava pra casa, fazia em casa todo o tratamento de fisioterapia dele. Depois no mês seguinte fazia tudo de novo. Foram dois anos nesse processo. Aí o nosso governador maravilhoso, o Henrique Santillo, cancelou o nosso pagamento e eu não tive mais como viajar. Eu fiquei três meses sem receber. E quando nós fomos receber a inflação tinha engolido tudo. Então, eu parei. Fiquei muito tempo em casa com ele sem fazer nenhum tipo de tratamento. Mas foi interessante que nessa época eu consegui retomar meus estudos. Fiz um adicional em Santa Fé. Projeto Santa Fé, que vale a pena você conhecer. Se é que não conhece. Isso garantiu uns centavos a mais no meu pagamento (risos). E, posteriormente me deu mais segurança pra mim tá continuando esse tratamento dele. Indo pra Trindade tentei reintegrar a Igreja. E aí foi um choque violento. Porque tudo que eu vivi na Diocese de Goiás, nesse movimento de libertação, movimento de trabalhadores, todo o trabalho que a gente tinha feito aqui, para Trindade era apenas trampolim. Para alguns padres. Entrei no movimento da casa própria. Porque eu não tinha. Não tinha condições de comprar. Então, nós organizamos lá uma associação através da Igreja. Essa associação, para mim pessoalmente, ela foi o marco definitivo da ruptura com a Igreja Católica. Porque tudo que eu percebia antes morreu. Porque tudo que eu vivia antes, morreu ali. Toda aquela luta em prol do povo oprimido eu consegui perceber que a Igreja usava disso como forma de aparecer para a opinião pública. Mas que na verdade eles não tava nem aí para o povo. Trabalhava, sem dúvida. Padre Paím, é um nome até perigoso de mencionar. O padre Paím, que era o padre na época, que tomava conta do movimento, dessa parte, do movimento, ele manipulava violentamente as idéias do povo. O Estatuto da associação foi votada da forma mais absurda possível, sem que o povo tivesse acesso as entrelinhas de cada artigo. Foi lido no meio de uma Igreja imensa com um eco tremendo. Eco sonoro. Que metade do povo não se ouvia o que se falava. A outra metade que ouvia não entendia porque era uma linguagem jurídica. O povo não conhece linguagem jurídica. Então não houve esclarecimento do que se assinava naquele dia. Isso posteriormente veio a se voltar contra o próprio povo. Então, pra mim foi o marco definitivo. Além disso a gente percebia outras coisas que vinham acontecendo, que não vem ao caso agora. Então, eu acho que, assim como eu passei por esse processo de abertura, de permissão, da parte dos meus pais, porque era para Igreja, muitas mulheres passaram também. Porque era para a Igreja. Como eu me perdi no caminho, não no sentido sexual propriamente. Porque, isso aí é um problema? É, e grave. Mas não é o maior. Teve muitas mulheres que passaram por esses problemas. E, se não romperam definitivamente com a Igreja como eu fiz, pelo menos são presentes ausentes. Eu acho que deu pra ter um apanhado geral.

A. eu agradeço por ter me concedido essa entrevista e pelo seu testemunho de vida.

Por nada. Eu confiei a você uma parte da minha história, na esperança de que você, uma pessoa que está voltada a discutir os problemas sociais, de fato, não se limite a mostrar só o lado bom das coisas. Porque a história, até onde a gente vai descobrindo, a história, ela é muito bem contada, por grandes líderes. Mas pouco ouvida da parte do povo. E esse povo sofre. E muito. Porque ele não tem voz. Até mesmo nos lugares onde ele deveria ter esse espaço, no fundo, no fundo ele não tem voz. O que prevalece é a voz dos grandes líderes.

ANEXO N – ENTREVISTA COM A. S. N.

Peço autorização para a senhora para realizar esta entrevista.

Meu nome é A. S. N. Eu autorizo de fazer essa entrevista. Moro aqui em Itapuranga, nasci no interior, município de Itapuranga. Eu tenho 53 anos e nasci em 1950 no dia 4 de março. Depois eu fui criada em Água Branca, no município de Itapuranga e estudei no distrito de Cibebe até a 4ª série primária. Lá eu me casei e tive meus três filhos.

A senhora se casou lá na Cibebe, era novinha?

Tinha 21 anos quando eu casei.

E a senhora morava com seus pais?

Sim, toda vida eu morei com meus pais. Mas quando eu tinha 19 anos eu fui pra Anápolis passear e aí minhas primas me convidou para passar uns tempos por lá com elas, pra ensiná corte e costura. Eu fiquei em Anápolis seis meses e aí voltei e fiquei em casa até casar.

E depois de casada mudou?

Eu morei em Cibebe até que eu mudei de lá em 81, 82. Eu vim pra qui, morei aqui uns meses, fui pra Diolândia, morei em Diolândia nove meses, depois retornamos pra cá.

Como era a vida religiosa da senhora, da família da senhora, lá da localidade de Diolândia, antes da senhora participa das comunidades?

Antes deu vim pra Itapuranga lá em Cibebe, eu ia a missa quando tinha, mas eu fui criada dentro na reza do terço, dias dos santos padroeiros. E quando tinha oportunidade de ir a missa a gente ia. Depois que mudamos pra Cibebe tinha missa nas festas dos padroeiros, depois teve missa mensal. Nós fizemos a catequese, depôs uma época que eu até dei catequese, participava de grupo de jovem - que a Maria Ferreira daqui de Itapuranga dá encontro de grupo de jovens lá em Cibebe.

E ao passo que a senhora muda pra cá, a senhora passa a participar da comunidade. É isso?

Sim, quando eu mudei pra qui, aí eu conheci o pessoal. Antes eu participava só das missa. E depois eu conheci a comunidade da Gogó. Depois é que dividiu Estádio e Gogó. Aí eu eu participei. Fui a convite da Izabel Carlos, a gente se conheceu e ela me convidou pra participar da comunidade. E nessa época eu nem sabia o que era encontro de comunidade e eu estranhei o encontro porque tava acostumada com aquele de só um rezar e os outros responder e aquele encontro de roda, de conversas pra todos. Que todos tinha o direito de rezar, se expor seus problema. E depois eu fui se apaixonando. E nesse encontro de comunidade aí teve encontro de pastoral e eu fiquei pensando o que era, né. Aí era visita pastoral, quer dizer, era a visita de D. Tomás. Foi aí que eu conheci o Dom Tomás; que conheci o bispo pessoalmente; que tive a oportunidade de conhecer o que era o trabalho pastoral; que eu gostei demais. Eu me apaixonando muito pelo encontro de comunidade, pelo encontro das CEBs. Foi aí que eu fui conhecer o que é CEBs, o que é que é leigo. Aí depois que Isabel Carlos mudou eu coordenei a comunidade por uns tempos. Aí que quando eu comecei a participar, eu fui participar de estudos bíblicos e participei várias vezes.

E quando se falou de política na comunidade, a primeira vez o que a senhora achou?

Ah! Eu achei muito estranho, por mim política não era coisa de se entrar em assunto religioso, mas depois que fui entendendo através das leituras bíblicas. Porque antes até tinha Bíblia, que o padre Nelo deu pra nós na época quando ele ia em Cibebe. Quando ele ia em Cibebe ele ficava era na nossa casa. Aí no encontro de comunidade é que eu aprendi a trabalhar com a Bíblia. Nos estudos bíblicos é que eu fui conhecer como se ler a Bíblia e a vida da gente, o povo de Deus dentro da história da Bíblia e aí eu passei a conhecer que tudo faz parte da nossa vida religiosa e a vida política também.

Mas a partir de quando a senhora começa se engajar na comunidade? A ter uma participação mais forte, ser animadora de comunidade? Começar a pensar na fé e na política juntos? Houve algum conflito, com familiares, com amigos, com a sociedade?

Ah! Sim. Dentro da minha própria casa. Inclusive até hoje eles tem muita contradição ainda comigo porque tem uns que não aceitam. Eu mesmo, com meu esposo, teve um dia que eu dormi até do lado de fora. Não sei as segundas intenções, ele falava que não, foi porque não acordou. Eu tava participando da comunidade, cheguei mais tarde e eu peguei e falei que aquele motivo não era motivo para eu desistir e aí é que eu ia ser mais forte. Obstáculo nenhum que eu já tive com a família, com amigos, nunca fez eu perder a fé, esperança nesse novo jeito de ser Igreja. Cada dia mais eu me apaixono. A maneira certa de fazer o reino de Deus a crescer nesse mundo é dessa forma, é fé e política juntos.

Dona A. teve algum caso na comunidade ou na paróquia que as comunidades se uniram pra resolver algum problema? A senhora lembra algum fato assim? Alguma situação a comunidade se reuniu para tentar resolver algum problema? Seja na saúde ou na educação, na moradia ou alguma necessidade?

Ah! Sim. Pra alguém necessitado a gente se reunia. Teve uma época que na comunidade do Estádio tinha uma senhora que tinha um problema de saúde e a gente sempre se reunia. A Isabel Carlos era muito solitária e gente sempre se reunia, a comunidade se reunia pra fazer campanha pra ajudar alguém. Em momentos de romaria da terra a gente se mobilizava, fazia reunião pra organizar. Também se reunia, além dos encontros pra rezar, pra mobilizá encontros políticos. Inclusive quando tinha eleições de mulheres, a gente procurava sempre se mobilizar, se reunir pra conversar, pra falar da importância do poder da mulher, também na igualdade com o homem. Claro que sempre encontra obstáculos.

A senhora chegou a se filiar em algum partido?

Não, eu nunca. Também pra se filiar num partido, acho que a gente tem que tá bem por dentro da decisão da gente. Alguém ainda não me convidou, e mesmo se convidar eu não me sinto ainda preparada pra filiar num partido não.

Mas a senhora tem simpatia por algum ou já militou por alguma pessoa?

Sim, já pedi voto. Principalmente quando surgiu o Partido dos Trabalhadores, por causa da causa que eles trabalham, o objetivo do partido, eu gosto muito. Claro que tem candidatos que a gente ver que não tem uma visão como outros, mas tinha sonhos e esperanças que um dia o Partido dos Trabalhadores chegasse onde chegou esse ano. Eu já trabalhei, pedi. Desde que surgiu o Partido dos Trabalhadores eu não deixei de votar pra um candidato do partido do PT.

A participação da senhora nas comunidades teve alguma importância pra mudança de consciência?

Claro, teve demais. Eu aprendi desde que eu comecei a participar de comunidade; a minha visão de mulher, pessoal, foi outra. Eu mudei muito a minha maneira de pensar a respeito da minha pessoa. Eu aprendi a valorizá as outras mulheres. As vezes a gente achava, que acho que é a maneira que a gente foi preparada no nosso jeito de ser mulher, aí a partir disso é que eu fui descobrir, dentro de mim mesma a importância da gente mulher, da minha pessoa, como trabalhar, como conviver, as vezes com a mãe solteira. A gente foi educada de uma maneira errada, claro. Como respeitar a mãe solteira. Uma jovem as vezes quando engravidava, as vezes a gente tinha uma outra visão dela. Isso foi muito gratificante pra mim. Eu aprendi a reconhecer e a pensar a capacidade que a mulher tem, que a gente tem. Eu as vezes, eu não dei conta de chegar ainda aonde eu gostaria de ser, uma pessoa como mulher. Mas eu admiro muito essas outras que vai a luta. Eu me sinto, ambas as partes, vitoriosa na persistência, de participar de comunidade. Meus obstáculos com minha família, até com meus filhos depois que cresceram. Que por eles, pela maior parte da minha família eu não participava de romaria de terra, de apoio aos sem-terra, dos movimentos. Eu acho isso importante, acho que é o que está me fazendo viver até hoje, essa mudança da minha vida. Assim no geral, no meio político, religioso, na aceitação das pessoas como são. Antes eu tinha uma visão muito diferente.

A senhora falou que a sua primeira saída foi na Romaria da Terra, pode contar como foi?

Ah! Foi muito bonito. A gente antes ensaiamos cantos, fizemos bolo no vizin pra levar e comer dentro do ônibus. E lá... gente, pra mim foi uma coisa espetacular, de interessante e bonito. De ver gente de todo jeito. Eu pensava que essa romaria ia ver só gente de CEBs, pobres, gente da lavoura igual nós,

mas não. Quando chegou lá e eu vi tanta gente de classe que apoiava, gente de outras religiões apoiando o trabalho, aquilo me deu muito mais força e alegria dessa participação.

Tinha alguma preparação para ir para a romaria?

Tinha. Assim, pra falar do tema, do sentido, do trabalho que ia ter.

E houve outros encontros fora que a senhora participou?

Particpei de encontros de leigos em Goiás. Que eu me lembro, foi o primeiro encontro que eu fui com a dona Maria Pires.

E de outros encontros?

Ah! Sim. Depois eu fui participar em Itaberaí de estudo de comunidade. Particpei da pastoral da criança, fui em palestra de alto-estima em Goiás e Itaberaí. Depois fui participar da pastoral da saúde. Ah! Eu fui em Brasília no encontro das margaridas. Encontro das mulheres. Eu achei de grande importância e lindíssimo. Foi quando eu conheci Brasília. E que eu vi a força que a mulher tem foi lá em Brasília. No encontro das margaridas comemoramos os 15 anos de morte de Margarida. Eu achei um espetáculo.

A senhora participou de encontro de CEB's?

Ah! Fui sim.

E o que é CEB's?

Até antes de participar de um encontro de CEBs eu não conhecia o que era CEB's. Depois que eu comecei a participar, que eu fiquei sabendo o que é o trabalho das CEBs. Que eu vejo hoje tá sendo muito desvalorizados. Só os mais antigos é que estão mais conscientizados.

Dona Ana, qual o balanço que a senhora faz em relação a participação das mulheres na Igreja, desde quando a senhora iniciou até os dias de hoje?

Trabalho de CEB's teve uma época que teve mais. Eu sinto isso. No geral, claro que hoje tem uma grande participação das mulheres na Igreja, mas sinto que, pro lado do trabalho das CEBs eu acho que tá menos.

Em relação a político e social também?

Na política e no social eu sinto a mulher que está mais engajada hoje.

ANEXO O - ENTREVISTA COM I. A. G.

Dona I. quero pedir permissão a senhora para realizar esta entrevista.

Klaus, estou aqui a sua disposição, mas não tem muita coisa pra falá, só as dificuldade mesmo da vida, das luta.

É sobre isso mesmo que a gente quer conversar com você.

E tem vitórias da vida, de tá vivo.

Conte a sua história lá do nordeste, pois você me contou que é baiana, conte um pouquinho da sua história de lá para cá.

È eu sou baiana de Catulé, ah! Klaus é a história, é procurando melhores condições de vida do que lá, lá é um lugar maravilhoso, Bahia, Catulé onde eu morava, lá é um lugar muito maravilhoso, mas a situação lá não era muito boa, então a gente decidiu vim procurar novas terras, novas melhorias, deixamo lá terra, casa e viemo aqui pra Goiás. A gente não tem muita coisa assim de dizer, não tem, também o que reclamá?, tamo aí sobrevivendo até hoje, é sempre uma coisa só né.

E quando você veio para cá?

A gente veio mesmo assim, definitivo mesmo foi em 52.

Você tinha que idade nessa época? Você era pequena?

Eu era jovem, mas não era pequena não.

Qual a data? Tenta lembrar um pouco. Quando e como vieram?

Viemo de caminhão, chamado, como é que fala?

Pau- de- arara. Vocês gastaram quantos dias?

Ih! Uma semana, o caminhão de côco que ia buscá lá, a gente veio por cima desse carro, e cê vendo, mesmo se fosse pago pra mim e hoje eu não ia não, como era difícil, o caminhão cheio de carga e a gente por cima, aí isso aí, sei lá é até arriscar a vida, mas o que Deus promete a gente fala, não era pra morrer, a gente chegou até aqui né.

Como vocês fizeram para se instalar?

Ficamos em Itauçu, eu tenho uma irmã mais velha, ela veio primeiro né, papai ajudou fazer a casa dele e em troca do serviço a gente ficou lá uns dias, mas como não tinha serviço, a gente veio pra quê? Pra lavá umas roupas pros outros, passá, e é desse jeito assim, não tinha outra coisa assim não, aqui não tinha escola, não tinha nada. Eu tinha muita vontade de estudar, o meu irmão que era homem entrou na escola particular e fez até a 4ª série primária e nois não sabia nada, nois duas as filha mulher viemo pra cá e passamos anos e anos e tudo foi crescendo. Quando apareceu escola, já era adulta, já era casada, me casei muito jovem, 16 anos, muito novinha, sem experiência, sem noção nenhuma pra viver, aí depois eu comecei a estudar né, fiz o 1º grau.

Quando vocês vieram para esse lugar, alguém os convidaram para cá?

Tinha o sogro da minha irmã, o sogro da minha irmã veio primeiro e disse que o lugar era muito bom. Papai trabalhava de carpinteiro, fazia carro de boi e o transporte era o carro de boi aqui, aí ele ficou trabalhando de carpinteiro assim quando o meu marido ficou ajudando ele serrá madeira, essas coisa assim sabe; aí ele foi trabalhá na roça, plantá lameira, porque nois tinha pouca terra. Depois que o pai comprou um lote e fez uma casinha, ele trabalhava lá fazendo carro, carro de boi, e depois que eu casei meu marido continuou trabalhando na roça, só trabalhando na roça.

Vocês estavam morando aqui?

Morando aqui e trabalhando nas roças a meio, porque a terra do homi então era a meio, e foi indo desse jeito né e não tem muita coisa, nois nunca teve comércio e assim tamo até hoje.

Quando vocês vieram para cá, a cidade já era emancipada? Já havia prefeitura?

Não, depois de muito tempo, aí me lembro assim, que tinha um prefeito, Fausto, aí depois que chegou os outros partidos pra emancipá aqui como cidade.

Como era a vida religiosa das pessoas aqui?

Ruim, parece até que você deu uma dica, não tinha, só tinha uma senhorinha, como eu disse pra você, partera que tomava conta da comunidade num ranchinho de palha; depois construiu uma igreja pequena com a necessidade da comunidade e depois foi crescendo, evoluindo e D. Tomas disse: agora nós vamos fazer uma igreja maior. E é essa que tá aí até hoje. Papai sempre foi católico, disse que a gente tinha que seguir; primeiro foi cruzadinha, depois sagrado coração de Maria e de Jesus e depois acabou e tudo. Depois a igreja foi uma lição pra gente, e quando tinha uma pessoa doente era um sofrimento.

E como as pessoas doentes eram tratadas?

Tratava o quê! Era no meio do mato, muita gente morria a míngua. Depois foi evoluindo e criou o hospital Nossa Senhora das Graças.

E como era a vida das mulheres?

A vida das mulheres era muito submissa dos homens, não tem muita coisa a falá, era assim as mulheres, não tinha vez, então não era muito livre, mas não era assim não, eu não tenho o que cramá. O papai era muito rígido, não deixava ir em festa. Depois que eu casei não tinha muita distração não, a minha distração era ir na igreja, não tinha outra coisa, não tinha muito lazer.

E as mulheres trabalhavam em quê?

Lavava roupa, ia pra roça, não tinha nada nada, nem escola tinha, a escola que fui criada eu nem lembro mais, só tinha uma senhora que dava aula as criança pequena e não tinha nada, sinceramente, não sei como vivia. Depois que foi evoluindo: lavá roupa, costurá, bordá e os conhecimento era passado de mãe para filho.

De onde eram essas pessoas que viviam e cresciam aqui?

Só do norte e do nordeste. Tem até um bairro Nordeste, mas tem muita gente que já mudou daqui, mas era mais nordestino que fez a cidade crescer.

E quando você começou a participar mais ativamente da igreja?

Foi com a chagada do Pe. Henrique, o outro eu não conhecia, Pe. Henrique e Pe. Francisco. Pe. Francisco chegou depois e foi pra Santa Fé e Pe. Henrique ficou definitivo.

Foi o primeiro padre?

Foi, aliás pra morar vinha outros padres. Pe. José, Frei Alberto, vinha assim pra orar mesmo, mas pra morar não, aí tinha a residência dele, depois ele fez a casa dele lá do outro lado, lá onde mora o casal que veio pra cá depois do Pe. Henrique, o casal italiano, o Luciano e a Bruna, pra casar e teve muitos filhos. Foi nessa época pra cá que a chave da igreja ficava comigo, eu fazia de locutora lá na igreja, tinha um microfone. Quando abriu o hospital as enfermeira vinha e pedia: Dinha, pédi pra doá sangue. Aí eu ia e avisava lá, então era isso que eu podia fazer pra comunidade e eu fazia com felicidade.

Mas com a vinda do Pe. Henrique, você acha que mudou alguma coisa?

Ih! Como mudou meu Deus! Abriu as janelas e tirou as têia de aranha, porque ele mudou a igreja. Ah! A primeira igreja o padre virava as costas pro altar e foi ele que nos ensinou a missa em português, aí a gente pegou mais gosto porque falava a língua da gente e a gente entendia e respondia. Aí ia gostano e a fé aumentando porque eu sempre falava que a gente vai cultivando e cada vez a gente vai participando e vendo, eu sou gente, eu sou a igreja, então a gente vivia humano e a fé vai crescendo.

A senhora lembra aproximadamente em qual ano o Pe. Henrique veio para cá?

Ah! Klaus isso aí eu não lembro mais não.

E o que mais aconteceu além das reuniões?

È, tinha reunião, mas era diferente, era tão unida sabe, faziam assim, umas 10 ou 12 pessoas e todo mundo tinha a sua vez pra falá, não falava ao mesmo tempo, isso é muito importante, a gente discutia o quê que o povo falava, a gente ouvia lá fora e o padre as vezes tinha receio de fala. Pra gente eles falava: não , fuxico não. Mas a gente falava: olha o padre não gosta disso. Tinha positivo e tinha negativo, mas a gente falava.

Nessas reuniões participavam homens ou apenas mulheres?

Era toda de mulher que participava mesmo assim, toda 4ª era dia de reunião. Eu, Gasparina e dona Chiquinha também participava. Depois os homens começaram a ir. Tinha o Luciano, o finado Veríssimo, tinha o Ídio, tinha o Adisu, tinha o Pe. Moreira, mais era mais mulheres.

E qual foi o problema do Adésio?

Ah! O problema dele é que os padres que vieram eram meio comunista, e ele foi fazer uma prova lá na escola e usou uma frase, não lembro como era a frase que ele usou, que ele foi expulso do colégio, não pôde mais estudá, mas pergunte ao Pe. Henrique que ele sabe a frase que ele usou.

E ocorreu alguma situação de perseguição as mulheres que estavam participando?

Não, eu não lembro não Klaus, não, sinceramente eu não lembro.

Ocorreu alguma situação dessas com a irmã da Nielsem?

Não, mas eu não lembro, ela se candidatou, mas eu não sei se houve perseguição nesse ponto não. Teve um dia que ela foi lá falá lá no comitê, aí ela passou mal, deu derrame lá, ficou muitos anos numa cadeira de roda, eu não lembro não, as vezes até a Nielsem pode contá né.

Fale da experiência que você adquiriu com a mudança que aconteceu lá. O que contribuiu para ajudar nos grupos de Evangelho?

Ah! Muito bom os grupos de evangelho, porque aí a gente teve oportunidade né... Porque a Bíblia era só alguém que podia usar ela. Desse tempo pra cá era todo mundo que tinha bíblia, a gente saiu levando a palavra de Deus, foi criado muitos grupo de evangelho da Goiás, da nortista né, eu fazia e faço até hoje nessas casa tudo, mas a colheita é mais das pessoas simples, as pessoas ricas não aceitam muito.

Você já participou de alguma assembléia diocesana?

Já, já participei.

Você lembra da primeira vez que você foi?

Não, eu não lembro não, parece que teve, ah! sei lá, eu não lembro não, são muitas coisas, o tempo passa e eu não lembro não.

Conte aquele fato que vocês iam para uma reunião em Goiás, que certos padres eram comunistas, que certas pessoas eram proibidas de irem as reuniões e que prenderam muita gente na delegacia a fim de não poder sair. As meninas contaram na reunião das CEB's que colocaram uma música italiana no auto-falante e após isso juntou um pessoal na porta para que eles pudessem sair. Não chegaram a ser presos, mas foram para a delegacia.

O Pe. Francisco ficou detido um dia lá na delegacia, mas não sei como foi não, sei que eles perseguia demais, até que um dia a gente ficou segurando as pontas, parece que eles queriam jogar bola na casa do padre, aí eu fui até lá na porta pra vê se eles respeitavam um negócio do jogo. Não sei se perdeu o Brasil, um negócio assim, a gente ficou de segurança pra eles não destruírem a casa que eles tinha, era muito triste esse tempo, misericórdia.

Fale da mudança pessoal. O que mudou dentro de você depois de participar da igreja? Houve alguma mudança?

Ah! Mudou muita coisa, eu faço o que eu quero, como se diz, eu participo da igreja da minha maneira. Depois o Pe. Henrique falou: Você vai dar catequese? Eu disse: Pe. Henrique, não sei dar catequese. Desse tempo pra cá eu me sinto muito bem, deve ter uns 20 anos ou mais que eu dou

catequese, dou crisma, e como se diz, mudou muito, tô com vida, levando a palavra de Deus, a alegria da gente é fazer aquilo que a gente gosta.

Fale um pouquinho das reuniões que você participou na Diocese e da participação das mulheres. A maioria dos participantes era homens ou mulheres?

Não tinha muita participação das mulheres, era bom.

Tem alguma experiência de outras mulheres e de outros lugares da Diocese que vocês conheceram? Alguma experiência de libertação das mulheres?

A experiência muito boa das mulheres que a gente não pode deixar de lado é esse pessoal de Santa Fé, a comunidade de Santa Fé, uma cidade muito pequena e as mulheres de lá deram um show de libertação, porque as mulheres se libertaram com o incentivo de fazer colcha de retalho, de fazer farinha, de fazer polvilho, de fazer doce, de fazer tudo quanto é coisa boa. Aqui em Jussara não tem muita coisa porque as mulheres libertam de um ponto e vai chegando gente que não quer ser assim, e lá o pessoal se uniu mesmo, foi bom demais, tá dando um exemplo de libertação, tá 100% o exemplo de lá.

Dinha, porque o povo fala tanto em igreja da caminhada?

É porque libertou a caminhada do povo na igreja, a gente ia na igreja, rezava a missa e pronto, acabou. Agora a caminhada é isso das pessoas vê, conviver como irmão, viver o evangelho, saber que é tudo filho de Deus, dando vez e voz, porque é isso que a gente fala que é caminhada de libertação.

A Diocese de Goiás assumiu?

Nossa, assumiu muito forte, acho que quem mais assumiu foi Dom Tomás, tinha muita gente que criticava ele, mas era um homem muito forte e fez uma libertação muito bonita com o povo, com a igreja.

Referente a essa história de teologia da libertação, onde se encaixa essa história toda? Como você interpreta isso?

Eu não entendo muito bem, mas cê vê, antigamente as muié não podia nada, tanta mulher forte, boa e era tudo cortada, era vista como impuras, eu não vou falar assim o que eu não entendo, mas é assim e tá até hoje, mas hoje a gente tá se libertando cada vez mais. Teologia da libertação pra mim é isso.

E quando se fala em política, as mulheres que participaram da caminhada entraram na política?

A única que entrou mesmo assim na política foi Linice que iniciou mas não teve condição para isso. Foi o tempo que ela abraçou mesmo.

E dona Maria?

Ah! dona Maria é sempre toda vida, como se diz, ali não tem em cima de muro não, é uma coisa só, ela é do tempo da libertação não é A e B, se é A é só A.

D. você lembra da época do regime militar? Lembra de quando os militares deram golpes em meados de 1968 a 1970, onde tudo era proibido e vigiado?

Lembrá que existiu eu lembro, mas de te falar detalhes assim não gravo não.

Então fale um pouco do que você acha das mulheres na igreja.

Ah! É muito bom as mulheres hoje na igreja, porque as mulheres pode celebrar, eu fiquei muito feliz esse ano sabe, Dom Eugênio, ele me autorizou até fazer batizado, eu fiquei muito feliz, e desse tempo pra cá eu comecei a dar um curso de pais e padrinhos, não é curso, é uma conversa, a gente vê o que tá na bíblia e tenta por na vida da gente. As mulher tá no meio e a gente fica feliz, elas tá na liturgia, no batizado e eu fui autorizada na festa de maio. Todo 3º domingo do mês tem reunião, é eu, a Luzia e a Ana Flora que faz parte do curso. Assim as mulher toma parte e liberta certas coisas, porque a gente não tinha liberdade, sempre era homem e homem.

Você acha que na época da caminhada da libertação da Diocese houve um avanço ou um recuo? Como você acha que está a igreja em relação aos grupos?

Teve um avanço muito grande, assim, os carismáticos fazem coisas muito boas, mas como eu falo cada um tem que ter o seu carisma. A nossa salvação tá no nosso irmão. Teve um avanço muito bonito, e agora eu acho muito bom porque antigamente a igreja era muito pouca gente. Depois da libertação tá aumentando cada vez mais, a gente tá feliz por isso, tá teno muita participação e a gente tá feliz por isso e é isso aí.

Houve algum conflito de mulheres com o clero, com os homens da igreja?

Eu não sei assim detalhadamente, mas parece que houve, mas eu não lembro, eu não gravo, eu não sei.

E em relação às irmãs que passaram por aqui, o que elas trouxeram de contribuição para a caminhada de vocês?

Eu não sei, mas eu gosto de todas elas. A primeira que veio foi a irmã Cebelina que já faleceu. Ela era Dominicana, era boa, depois foi vindo outras, mas a que demorou mais aqui que eu gostava muito era a irmã Gabriela, hoje parece que não é nem mais religiosa, mas eu gostava de todas, dava bem com todas. Eu trabalhava com elas na minha casa, a gente saía, fazia visita, mas a que era mais boa que queria mesmo a libertação era a irmã Paula e a Dilce também. Até hoje a irmã Paula não esqueci, na catequese elas nos ajudou muito.

ANEXO P - ENTREVISTA COM J. A. S.

Dona J. eu quero pedir a permissão da senhora pra fazer esta entrevista.

Tá bem. Pois é... Eu sou J. A. S. natural de Rio Grande do Norte, do município de Acari. E eu tô com 76 anos. Meus pais mora, ficou tudo lá. Mas já morreu. A gente casou, ficou lá uns nove anos e a gente mudou pra cá. E a gente chegou aqui em Jussara em junho de 1958, em 29 de junho. Aqui arrumamo um patrão, fomos pra Chibata. Nesse tempo era Roncador. Chegamo lá, nós fomo pra um ranquinho de paia de arroz. Que quando a chuva chegava lá na casa de nosso senhor nós já tava todo molhado. Aí ficamo uns três meses e Jussara tava começano virá um povoadozinho. Mas a gente ficou nesse lugar um ano. Quando a gente chegou fez roça, plantou arroz e nós ficamo, ficamo comendo o pão que o diabo amassou com o rabo. E a gente quando foi pra colher esse arroz, Manoel cortou esse arroz, empiou. O dia que ele pois esse arroz na pia o patrão chegou. Negócio de 8 horas da noite. "Eu vim pra vendê esse arroz e pra levá". Manoel diz: "eu não tenho condições de fazer mutirão, eu não tenho dinheiro pra pagar". Batero esse arroz. Eu não lembro quantos sacos deram. Mais deu bastante arroz. Pois o povo pá pegar. Aí quando terminô, pusero esse arroz todinho dentro desse caminhão e falô: "agora vamo lá pra Itapirapuá pro cê recebê". Manoel disse: "não vou não. Não posso ir." E ele foi e disse que trazia o dinheiro. Nunca mais nós vimo esse home. E a única coisa que sobrou foi mei saco. Foi o arroz que nós ficamo pra despesa. Deu uma safra. Foi o que nós vivemo. Aí veio um cara e chamou nós pra ir pro Sucuri. Prometeu mundo e fundo. Fomo. Chegou lá, tocá roça de novo. Pois a roça deu bastante. Aí como foi no fim do ano, o patrão foi pono coisa que a gente já tinha pagado. E quase que deu briga. Nós tivemo que sair. Saímo. Voltamo pro mesmo lugarzinho: Chibata. Não é Chibata, é Roncador. Aí tocá roça. Ficamo lá três anos nesse lugar. A gente que trabaiava. Fomo pro Corgo Seco. A gente foi pra lá e o nosso patrão era o Zé Goiano. Ele bebia demais e o meu marido bebia também. E quando se juntava os dois era um Deus me acuda. Eu sei que quando foi um dia, ele foi pra Chibata, bebeu muito e disse que ia matá. Aí cortou a mão, abriu assim. Quando foi uns três dias depois em casa o patrão falou: "não te quero mais. Não tem como ocê trabalhá. Mais vou arruma um lugar pro cê ficá". Aí tocô nós lá pro Morro das Abóboras. Isaías Santana que era o gerente desse lugar e o dono era aquele Joarez Caiado. Bem... Aí começou, plantou e na colheita deu uma maleita e ficou todo mundo de cama. Ficou eu sozinha. Aí o patrão veio, colheu e levou tudo, sabe? Não ficou nada. Vai na hora de fazer o pagamento, pagô com coisa véia da casa, sabe? Mesa véia, tamburete véio. Nada de valor ele pagou pra nós. Ficamo. E esse povo todo doente. Aí fomo pro patrimônio da Chibata. Foi um sofrimento. Ficamo lá sete meses. E Manoel comprou um pedacinho de terra ali na Lagoa Santana. Fomo pra lá. Manoel foi pra Goiânia e pegou o direito de 23 alqueire. Mas era cerrado. Nós num tinha dinheiro pra fazê nada. Aí vendemo. Fomo pra Jussara. Viemo pra cá no dia 29 de maio de 1968. Arrumamo um ranquinho. Arrumamo esse direito. Não era nem a terra. Era só o direito. Aí a gente era do mesmo jeito. Quando chegava a chuva na casa do patrão, nós já tava tudo molhado. Nessa época já tinha chegado esses italiano aqui: o Henrique, o Luciano. Nesse tempo era o Chicão e o Pe. Henrique que morava aqui. A gente começou a reunir. Tinha vez que reunia três pessoas. Aí saiu que ia ter uma promoção de fazer umas casas. Eu fui na reunião. Eu cheguei lá e lancei o assunto, porque eu tinha ido. Aí eu falei: "cês já foram na minha casa. Casa não, era um rancho. E quando chove, antes da chuva chegá nós já tá tudo moiado. E eu queria, quero que me arrume pelo menos umas teia por essa promoção que vai fazê". Aí desse dia, começou essa promoção de casa. Foi feito cinco casas em dia de sábado e domingo. Aí sei que fizeram a primeira casa de um amigo nosso na rua 12. A segunda foi do véi Deca na rua 8. E a terceira foi a minha. E era mutirão. Essas 5 família sábado e domingo reunia e fazia. E nessa época, meu marido trabaiava na roça comunitária que fizeram num pedaço de terra. Os italiano fizeram. Aí ele foi trabaiá lá e não deu certo. E a gente já tinha feito a casa. E a gente continuou participando dos grupo, indo na reunião. E nesse bairro quase energia não tinha. Uma ou duas casa. A gente ia de noite, a luz de lamparina, de querosene. A gente fazia mutirão, e daí até hoje. É muito grande minha história. Num posso contá tudo não. Sou zeladora da capela. Tenho meu grupo e faço tudo que tá ao meu alcance. E agora vai começá a campanha da fraternidade. A gente vai começá os grupos nas casas, mas o encerramento será na capela. E todos os sábados tem o encontro da celebração. A gente mesmo celebra porque o padre não tem tempo de ir. E aí a gente vai caminhando assim.

Mas quando que chegaram os padres? Houve aquela mudança de reza pra missa? Você não estranhou essa mudança?

No começo eu estranhei. No começo. Mais depois a gente entrou mais em cheio. Era no movimento dos trabalhadores. Aí tem PT, tem tanta coisa e com a força de Deus não estranhei nada não. E entrei com toda força, com muitas dificuldades, porque tem muitas. E graças a Deus tô até hoje.

Fala um pouquinho desse movimento dos trabalhadores.

Bom, esse movimento dos trabalhadores era assim, tinha mutirão, que a gente fazia nesse tempo. Eu tinha força pra fazer essas coisas. Mutirão pra batê arroz. A gente juntava tudo e fazia esse serviço. Aqui na região a gente fez muito esse serviço. Reunião a gente foi Cabo do Rio Verde, Goiânia, Britânia, Mato Grosso, tudo isso a gente andou sobre esse movimento. Eu lembro no meio do ano de 84 do 1º de maio. Eu tava em Cascalhera, numa reunião dos trabalhador. Mais que tinha gente. A gente foi nesse encontro. Foi coisa mais maravilhosa do mundo. Mais eu cheguei aqui tão empolgada. Conte pra todo mundo, pra companherada. Nossa senhora.

Mas os amigos, o povo e a família não estranharam?

Estranharam muito. Tudo tinha dificuldade. Tem dificuldade demais. Tô falando pra você. Mas a gente tem que fazer.

De certa forma não discutia com a senhora sobre política?

Discutia. Menino, quantas coisas. Mas a gente fica espelhada nos companheiro. Sozinha não, mas muito junto faz.

Tem algum fato de rejeição que a senhora lembra, dessa nova idéia de ser igreja, dessa nova idéia de gente de igreja misturada com gente trabalhadora?

Teve. Mas uma rejeição tão grande. Memo dentro da própria paróquia sobre o movimento. Quando eu cheguei aqui em 69, em 79 eu comecei a trabalhar na casa paroquial. Empregada doméstica. Eu fiquei sete anos lá. Foi uma coisa muito boa. Assim... A gente aprendeu muita coisa. O seguimento da igreja da Diocese. Porque eu participava mas não era tanto como lá dentro, vendo todo dia, assistindo. Fui em cinco assembléia que eu participei.

Houve alguma dessas que marcou?

Oh! Menino, eu não lembro. Não sei se 81 que eu fui na assembléia Diocesana em Goiás. Que foi a morte do irmãozinho Pedro que era monge de Goiás. Véio. Ele era francês. Ele foi pra França e quando ele voltou ele morreu no Estado. A assembléia começou com o enterro dele. Era triste mas foi uma coisa muito bonita.

Outra que eu fui em 82. O ano não lembro mais. Que tava a mulher de Santo Dias. Ela tava nessa assembléia. Fazia poucos dias que o Santo tinha sido assassinado.

A participação das mulheres na igreja era forte? Havia mais mulheres do que homens?

Sempre tinha mais mulher do que homem. Sempre as muié é mais. Não sei porque. Nos grupos, na igreja. Agora hoje não. Agora tem muitos homens. Mas de primeiro não.

Aqui parece que teve um movimento, uma passeata na rua. Algum trabalhador foi preso injustamente?

Teve. Nessa passeata eu não tava. Não sei se foi só Orlando não. Foi uns três. Tomaram os documentos. Assim... Não foi nem um dia não, foi só umas horas. Tem muita coisa que eu não lembro não, porque se fosse lembrá, dois dias ia ser pouco.

A senhora foi animadora da CEB's, das comunidades?

Bom, aqui no bairro era sim. Até hoje ainda tô nesse trabalho. Assim... a gente fez tanto trabalho assim que eu comecei a trabalhar. Mais eu abri um grupinho só pra mim, só das mulheres. Bom, mas aí não deu muito resultado por falta de informação. Porque pra gente fazer um trabalho desses a gente tem que ter muita informação. Aí depois passamo a fazer outro grupo de mulheres, batizado de Ninho. Até um dia em Santa Fé em reunião do movimento dos trabalhadores. Todo mundo se apresentando. Aí uma mulher foi falá. Até ela já morreu. Falou "eu faço parte do grupo da Zefa, o Ninho". Isso foi uma algazarra. Todo mundo rindo (risos) da história do Ninho.

Bom, a gente se reunia pra ajudar com os problemas dos outros. Nesse tempo começou a fazer alguma coisa pras mulheres grávidas. Até nessa época a gente fez a promoção de fazer colchão, de fazer o chá de berço. E começou por aí. Mas foi tanto trabalho. E foi ino, foi ino, mas a gente vê que esses trabalho precisava de participação, Era só eu e as companhera. E as vezes não dava. Até hoje eu vejo que precisa de mais informação, de participação. Assim, de gente como o Ataíde que ajudou tanto nas comunidades. Ele casou e foi pra Curitiba. Ele ajudou demais. Aí agora tô rezano, pedino a Deus, porque vai vir cinco seminarista que tenha pelo menos um que faça o que o Ataíde fez, porque ele ajudou muito.

E chegaram a fazer alguma coisa no dia oito de março que é o dia das mulheres?

Não, assim de 1º de maio, passeata e reunião na praça.

A senhora chegou a participar do Sindicato dos Trabalhadores?

Particpei também. A primeira vez que a chapa 2 ganhou eu tava no meio nesse dia.

Lembra do nome de outras mulheres que participaram na época?

Lembro, lembro sim. Tem uma que já morreu, a Nilza, uma campeã. Essa mulher deu derrame no dia da passeata do PT. No dia ela ficou tão emocionada que deu derrame. Ela ficou cinco anos na cadeira de roda e morreu faz uns 5, 4 anos que ela morreu. Ela era guerrera, companhera mesmo.

Tiveram outras?

Alzira que mora no Rio de Janeiro, uma pessoa ótima. Mas que eu lembro mesmo era a Nilza e Alzira.

Na eleição da chapa 2, a senhora fez um trabalho de conscientização dos trabalhadores?

Nossa, um trabalhão. E nesse dia incentivemo as pessoas e ficamo até a hora do resultado. Foi muito bom. Ajudou muito nesse tempo. A Nilza não participava. Participava a Alzira nessa época. E a outra irmã dela que virou crente não participa mais. A outra muié, esqueço o nome dela, deu derrame, tá velhinha, não participa mais não. Mas a gente, todas as eleições do sindicato foram umas três. A gente tava no meio.

E em relação a Bíblia, teve estudo bíblico?

Particpei bem de uns três ou quatro curso bíblico aqui mesmo.

Nas comunidades?

Nas comunidade tinha.

A senhora se lembra como era feito?

Se alembro assim... Não, porque a cabeça não é muito boa. Não guardo não. Mas a gente sempre se reunia, marcava o curso e tinha sempre aquela pessoa que vinha. Uma de Itaberai, outra de Goiânia. Assim... não falei tudo. Pode falá agora?

Sim. Pode.

Assim... A gente quando mudou pra cá eu tinha nove fio e aqui criei mais 10. Sou mãe de 19 fio. Neto eu não dô conta de contá. Tem dos 40 pra lá. E eu tô aqui ainda e ainda quero aprendê muito. Porque eu não tô formada, não tô preparada. Até conversei com o Pe. Daniel que eu quero fazer o curso de ministro. Mas tô sabendo que tem alguém aí que tá rejeitando os velhos. Esse dia teve reunião e disse que os mais velhos têm que sair pra dá lugar pros mais novo. Mais os mais novo não quer nada com nada e os véio enquanto pode fazer, pode fazer. E ele disse que não falô nada. Eu disse a ele "não tô dizendo que foi o senhor que falou, fiquei sabendo que alguém falou".

E anos atrás havia essa rejeição? Nos anos 70 e 80?

Não sei. Tinha não. Bom, quando eu comecei participar ainda tava nova e tinha as pessoas de idade que participava dos grupo. Mas eu ainda queria saber mais.

Tem uma história do PT que eu sei. Me conte.

Tem uma história do PT. Eu entrei no PT quando começou. Entrei no PT e até hoje sou petista. Em 82 me pusero até pra vereadora.

Me conte essa história.

Mas não deu em nada não. Mais eu trabalhei, mais eu trabalhei. Andei deapé nessas ruas que eu vou te contá.

Mas me conte. Como é uma mulher trabalhadora que se torna candidata?

Pois é, isso que eu achava difícil. Mais aí eu pensei se por acaso acontece eu não tô sozinha. Vai ter alguém pra me ajudá. E aí enfrentei isso tudo. Não deu nada não e eu nunca saí. Assim... já participei. Mais de sair fora pra Britânia, Santa Fé. Você sabe.

E os filhos, marido?

E você sabe né, não precisa nem falá. Mas eu fui firme. E sou firme até hoje. Agora que o Lula ganhou vamo ver o que ele vai fazer pra nós.

E tinha apoio de outras mulheres?

Tinha. Mas da própria família não tinha. Mas os de fora apoiava. As vezes é melhor confiá nos de fora do que nos de dentro.

Teve algum movimento que vocês organizaram? Alguma luta em Jussara para a melhoria de vida do povo?

Tem. Se eu for te contá tudo, dois dias é pouco. Nesse tempo tinha a Nilza e a Alzira e mais umas três muié. Aqui do bairro nós fizemo um movimento pra pô água, porque aqui poucos lugar tinha água. Fomo lá falá com o prefeito, o doutor Manoel. Fomo lá umas cinco ou seis vezes. Depois ele falou que era em nome de um grupo lá. Mais foi nós as muié do Ninho. E conseguimos. Foi bem num dia de Domingo. E di tarde tinha dois chafariz. Começamo com as lavadera. Mais não deu muito certo por falta de informação.

Conte o início da história das lavadeiras.

A gente começou assim... procurando como é que elas faziam com as patroa. O quanto ganhava. Porque nesse tempo era assim... tinha muitas que lavava. Aí uma largava porque ganhava pouco. Ia outra e pegava por menos. Tava uma derrota pras lavadera. E a gente fez esse trabalho assim com elas pra não pegá se uma largasse. Pra não trabaiá por menos.

Eu sei que em Goiás teve.

Teve. E foi nessa época. Mas era assim, tudo da minha cabeça, nessa hora não tinha outras assim que me ajudassem. Aí com o pouco de informação que eu tinha não deu não.

Os padres e as freiras não ajudavam?

Não. Assim... os padres dava muito apoio. Mas era poucos. Porque eles não podia participar. Aí depois que o Adair veio começou a andar o barco. Cresceu mais a reunião porque tudo tem que ter ajuda, tem que ter informação.

E de onde que a senhora tirou essa força toda?

Não sei. Deus me deu. Só pode. Porque eu sei, sou só. Eu Deus e eu. Sou quase analfabeta. Eu só leio a carta do abc. E essa força é só Deus que me dá.

Dona J. o que a Igreja te deu após ser modificada?

Deu tudo. Deu tudo porque antes eu fui participano. Eu comecei na reunião nos grupos e depois ia pra igreja. Que a gente fazia os trabalhos, as novena de natal. Depois fazia a procissão. Lá todos apoiava. Por aí a gente foi.

Foi nessa época da ditadura militar que as pessoas não podiam fazer nada?

Iche... não queria de jeito nenhum. Até mesmo aquela mulher do Ninho que eu falei pro cê. Ela trabalhava na casa paroquial. Eles fizeram tanta proposta pra ela passá pro lado deles que eles pagavam até duas vezes do que ela ganhava lá.

Não chegaram a ameaçar alguém devido estar fazendo esse trabalho com o povo?

Não, não tinha. Assim... os padres, o diabo. Aí ameaçaram pelo telefone, falaram que ia matá, e eu também fui ameaçada no tempo do PT. Teve uma reunião, um comício, e a gente falou lá umas besteiras e agravou. E aí depois veio a notícia pra mim que eu parasse de falá dele porque se não eu ia pra cidade dos pés juntos. E eu sei quem foi que fez tudo e eu nunca parei não. Porque eu não parei, eu nunca parei. Hoje eu não participo mais assim de reunião.

E essa coragem?

Não sei. Tô te falando. E meu véio ficou doente, deu neurisma. Fez dois anos que ele fez cirurgia na cabeça. Ficou bem certo da idéia. Eu tenho muito trabalho com ele, mas meu trabalho eu não largo não. O quanto eu poder mexer eu mexo. E tô aí. A gente tá na luta porque vai começar a Campanha da Fraternidade. E tem as fitas, os documentários. E a gente não tem um som. Tamo fazendo uma rifa pra vê se dá pra comprar pra capela.

Teve ocupação de terra na época dos movimentos dos trabalhadores que vocês apoiaram?

Não. Não teve ocupação de terra não. Teve, mais eu não participava. Teve em Tapira mais eu nunca fui lá. Mais eu rezo pra que dê tudo certo.

Quando fala em teologia da libertação, já ouviu falar dessa teologia da libertação na Igreja?

Sempre ouve falá na igreja, nos encontro.

O que a senhora acha? O que foi?

Oh! Meu Deus, não sei responder.

E quando a igreja fala na libertação das mulheres, o que a senhora acha?

Bom, eu acho que as mulheres têm que se libertá mesmo. Porque tanto o homem como a mulher, os direitos tem que ser igual. E a coisa mais importante que tem é as muié se libertá, porque sempre elas sabe organizá. Sabe pôr tudo no seu lugar. E a libertação das mulher é a coisa mais importante e mais necessária.

Mas as mulheres têm que se libertar de quê?

De tudo. Porque a mulher as vezes têm que se libertá do marido. Porque ela não pode participar das coisas e não sei porque. Porque a gente ganha quando participa. Dizem que as muié tá procurando outras coisas. Teve reclamação, confrito. Mas a gente põe tudo pra Deus. Que ele põe a mão em tudo. Mais temo que fazer a nossa parte.

Mas a senhora acha que teve mulheres que se libertaram do trabalho?

Eu posso me dizer que eu me libertei de tudo. Mas eu faço meus dever e tudo. Mas o meu grupo não deixo não porque eu sei daquela palavra que diz: "Quem quiser ser meu discípulo tem que deixar pai e mãe, família, campo, tudo." Você sabe que não é abandoná, mas na hora da reunião é sagrado. Depois resolve os outros. Então eu acho que aprendi demais nessa caminhada. Mais ainda tem muita coisa pra aprendê.

De que mais a senhora tem saudade da época da caminhada?

Bom, tem saudade das companheira que já se foi. A Nilza, a Alzira que me dava muita força. A Geralda que mora em Goiânia. Eu tenho saudade daqueles tempos de reunião. A gente saía, não tinha maldade. E isso é caminhada. Pra ajudá os outros.

Na década de 70 teve um movimento famoso chamado custo de vida. Aqui vocês participaram? Fizeram alguma coisa?

Aqui a gente reunia, mas não fez nada não. Foi no tempo das Diretas Já. Que a gente foi pra Goiânia só pra isso.

Na época das Diretas Já vocês discutiam isso?

É. Ficamos cinco dias em Goiânia perto do Serra Dourada discutindo essa constituinte. Foi nessa época que a Geralda enfrentou seu marido. Nós passamos lá pra pegá ela e aquele homem bravo apareceu na porta. E ela disse "e eu vou. Quando eu chegá a gente vê se dá certo".

E o que vocês diziam pra Geralda?

Dizia que era o marido dela. Mas se era aquilo que ela queria, que ela tinha que fazer.

A senhora achou que a Igreja de Goiás mudou muito no começo de 70 e 80?

Mudou muito. Porque assim no começo quando eu entrei era uma coisa boa demais. Mais depois foi entrando gente e diferenciando. Teve uma vez que foi por um fio. Um dia era bodas de ouro de um povo e eu e a Geralda tinha costume de sentá num banco lá. Aí eu cheguei e sentei. E um povo falou pra mim levanta porque lá tinha dono. Aí eu disse "tu tá me mandano embora?" Se eu levanta eu vou embora pra minha casa e não volto mais. E a Geralda "Zefa, levanta". E eu "Não. se você quiser levanta. Esse povo não vem nem na igreja e quer mandar, pois eu não levanto". Pois tiraro foto e eu lá. E padre Marciano achou até bom eu falá porque o povo não via na igreja. E quando vai quer mandar. Sei que aconteceu tanta coisa que a gente nem lembra mais. Mas támo aí.

Eu agradeço pela entrevista e pelo seu testemunho de vida.

Obrigada e desculpa porque dei muita rata.

Obrigado

E se quiser, volta, pra me contá coisas novas.

Obrigado

Dinada.

ANEXO Q - ENTREVISTA COM M. P. S.

Sou Klaus e estou fazendo uma pesquisa da minha monografia de pós-graduação e peço autorização para você me conceder esta entrevista.

Dô a autorização sim. E se a minha entrevista ajudar na sua pesquisa eu vou ficar satisfeita.

Quais os seus dados pessoais?

Meus dados. Sou Ma. na verdade meu primeiro nome é M. A. Mas depois do casamento tiraram o A.; ficou M. F., mas todo mundo me conhece por A.. Sou daqui de Goiás mesmo, natural de Itapuranga, da fazenda de Corgo Grande. Mas o pessoal conhece por Coruja e Serrinha. Tenho 44 anos, sou casada e tenho três filhos. Dois já formou e o outro tá terminando a faculdade agora, então eu tô aí nessa batalha.

A. qual a sua história de infância e sua história familiar em relação à igreja? Antes de começar as comunidades de base, as pessoas que viviam na roça tinham essa organização? Como era a educação religiosa?

Era assim, minha mãe sempre me ensinou a rezar na hora de dormir. Cada um de nós, sempre. Tenho cinco irmãs, nenhum irmão homem. A minha mãe era rezadera de terço na comunidade. Então sempre que tinha de uma novena de São Pedro, São João, sempre a minha mãe era a rezadera de terço. E quando convidava já convidava a pessoa que ia rezá os nove terço, os nove dias e eu aprendi. Assim, a minha mãe sempre foi católica, a família do meu pai católico, não aquele católico de ir para a igreja todo dia, mas aquele católico que tá ali. Na época da quaresma ter aqueles jejum tudo certim né. E participá das reza, das festa religiosa. Nunca fiz primeira comunhão, acho que sou crismada sim. Mas naquela época não tinha aquela preparação da crisma. Ou não era crisma? Era representação, um negócio assim que era feito na igreja. Foi essa a minha educação religiosa.

E como você se aproximou mais da vida comunitária depois que a igreja mudou? Quando começou a existir organizações na igreja? No momento em que ela deixou de ser mais premisionada, começou a pensar mais numa participação do povo e na vida interna da igreja?

Acho que nessa época eu já tava com 14 anos. Quando teve a primeira reunião lá na Coruja, minha tia, ela gostava muito de participar lá na igreja. Ela gostava de pagá o dízimo. Então eu tinha uma tia e uma cunhada da minha mãe que era muito religiosa. Então ela começou a fazer a primeira reunião na região lá da Coruja. Não vou falá pra você que eu fui porque eu gostava. Tinha fé. Eu ia por curiosidade e até achava graça da reunião, eu falava "oh! Esse povo tá brincano". (risos). E aí eu comecei a sentí gosto sabe. Com o tempo eu comecei a vê casamento, casei, tive filhos. E também cê fica sem opção de passia na roça. Então eu gosto de ir pras reunião do evangelho. Minha tia mudou. Aí outra tia que eu tinha mudou, que era coordenadora e chegou em mim e disse "Cê vai assumi agora uns tempos". E aí eu comecei a participar da comunidade e aí eu comecei a entende o evangelho. Que não era só a reza, tinha muito mais. Isso fez com que eu entrasse na coordenação, que eu entrasse na comunidade. Hoje de certa forma não é como antes, mas eu participo até hoje. Quando eu posso eu ajudo a partilhá o evangelho, mas gosto de partilhá o evangelho nas coisa concreta, não superficial, ou achá que Deus tá muito longe ou coisa assim. Eu acredito no Deus vivo, como um companhero da comunidade. Então ainda participo até hoje, acho que às vezes eu sou até mal interpretada com o meu modo de vê a religião.

Como eram as reuniões e a vida cotidiana? Era uma vez por semana, de vez em quando?

Ah! Era uma vez por semana. Tinha época que era uma vez por mês. Na casa de alguém, hoje o encontro é aqui. Quando vem alguém no encontro aí fala "tal dia é lá na minha casa". Então é uma forma de passeio nos vizinho, porque ocê sabe que com a chegada da televisão acabou os passeio nas casa dos vizinho. Então o encontro da comunidade serve pra isso, pro cê almoçá fora na casa de alguém. Chega, pergunta se tá tudo bem. Então é super interessante. Eu vou sempre.

Além desses encontros nas casas para rezar e para passear, tem alguma coisa feita em comum além dos encontros de reza? Algum mutirão?

Ah Sim. Uma coisa que sempre havia é a questão do mutirão. Uma coisa que sempre eu falo, sabe Klaus, que hoje não existe mais. Eu nem sei se isso que eu vou falar serve pra sua pesquisa. As mulheres engravidavam. Então chegava a hora do parto, muitas ganhavam neném lá mesmo. Então o que havia na comunidade quando as mulheres sabiam que tinha nascido, elas iam, levava galinha pra fazê a sopa. Água e sabão pra lavar as roupa. Ajuntava e lavava as roupa. E aquilo ali as mulheres nunca ficava sozinha. As mulheres faziam aquilo ali de presente. Dá galinha, dá sopa. Era tipo uma festa, uma criança nova na comunidade né. E hoje a gente vê com tristeza isso porque não acontece mais hoje. Cê paga alguém porque não tem aquela cordilidade que tinha. Aquela amizade que tinha né. E hoje é totalmente diferente. Como na bíblia, cê vê a visita de Isabel a Maria. Cê percebe que elas faziam isso, elas iam, trabalhavam, levavam a galinha, faziam uma sopa, o que tinha de serviço era feito. Então era um trabalho assim, interessante. Havia mais união entre os homens no mutirão e entre as mulheres lá na hora de fazê a comida. Mas na hora do parto, da dor, da alegria, havia essa cordilidade, essa amizade. E hoje tá diferente.

Você começou a participar e a ter uma responsabilidade maior na comunidade mais ou menos em que ano?

Por volta de... Eu acredito que 85 foi a época que eu assumi mais a comunidade. Eu devo ter ficado uns cinco anos, foi 84, 85.

Depois da participação na comunidade e da sua integração dentro da igreja, quais os apelos que começou a brotar numa participação maior dentro da igreja?

Eu sentia que pra mim era pouco, ficá só na comunidade. Fazê só os encontro de reza era pouco. Eu queria mais, aí desperto. Aí eu comecei a participá das comunidade do sindicato. Nos encontro eu ia, participava. Se tinha reunião do sindicato eu ia da roça e participava. Então eu comecei a participá mesmo. Eu via muito a questão da igreja, comecei a participá quando fui convidada em 90 pra fazê parte da chapa do sindicato que teve a eleição no começo de 91. Parece no final de janeiro eu fui eleita presidente do sindicato. Foi quando eu sentí uma grande decepção muito grande, porque quando me entregaram o sindicato pra mim coordena, o sindicato não tinha mais nada. Sabe, tava tudo lá no chão, até o telefone tava bloqueado por falta de pagamento. Então esse sindicato tava numa situação muito difícil, muito difícil. Então eu percebi naquele momento que foi entregue para uma mulher porque tava acabado, então essa mulher percebeu que tava na mão dela. Eu cheguei no final de 91 pra fazê uma reunião com os diretores do sindicato e ter que falá “eu vou ter que sair porque eu não tô conseguindo assim recurso financêro pra tocá esse sindicato. Como que vai fazer com isso aqui?” Tudo assim, de certa forma, era sem perspectiva nenhuma sabe. Mas como que eu vou fazer com esse sindicato? As pessoas chegavam e perguntavam pelo presidente, não pela presidente Augusta. Perguntavam cadê o presidente. E quando falava que era ela cê via assim um ar de gozação, alguma coisa sabe. Mas aí nessa reunião um diretor bateu a mão no meu ombro e falou “não, não vai sair não, vai ficar, cê vai consegui dar a volta nesse negócio aqui”. Aí eu senti assim lá no chão. Assim... cê chega, pega o sindicato acabado, senti assim muito ruim. Fiquei muito frustrada com isso. Mas quando foi em 92 eu decidi “vamos trabalhá mesmo”. E graças a Deus nós nunca mais falou que ia fechá as portas por problema. E trabalhamos até hoje.

Você foi a primeira mulher como coordenadora e dirigente geral do sindicato daqui?

Foi, foi a primeira mulher.

Antes você era filiada?

Sim, eu era filiada. Era pra mim falá nisso. Não sei se eu fui filiada em 89 ou 88. Que eu senti que era hora de filia. Aí passei a ser sócia. Aí em 90 fui convidada. Aí assumi o trem assim na tóra que nem a juventude fala (risos). Assumi na tóra sem sabê de certa forma o quê que eu tava pegano. Mais foi bão. Peguei e foi isso aí.

E você foi vereadora pelo Partido dos Trabalhadores? Conte a sua entrada no partido político, essa sua aproximação da vida política partidária.

Eu entrei no PT acho que antes de eu vim pro partido sindical. Eu ainda tava nas comunidades. Me filiei porque eu sentia que eu não podia ficá só nas comunidades. Eu tinha que fazer mais. Me filiei em 84 por aí. Eu filiei nesse partido e acho que em 96 me candidatei e fui eleita vereadora. Fiquei... acho

assim que foi uma experiência política, mas a política é mais complicada do que a gente pensa. Muita gente fala que é fácil ser político. Acho que das coisas que eu já trabalhei na minha vida foi o mais difícil que eu encontrei foi política, porque nas comunidades e na vida sindical eu nunca tive inimizade. Tentei trabalhar de uma forma que eu fosse amiga de todo mundo né. Tentei separar de uma forma que não desse diferença, alguma coisa assim. E na política não. Hoje você tá de um lado, amanhã você tá do outro. Não existe meio termo. Tive também a infelicidade de em Itapuranga eu não ter o apoio que eu precisava do partido. Não só eu, mas outros vereadores que passaram pelo Partido dos Trabalhadores. Essa infelicidade, já na vida política, aconteceu de eu chegá numa sessão e eu votá sozinha contra o projeto. Nós era 12. 11 vota a favor e eu votava sozinha contra o projeto. Eu achei que aquele dia eu ia apanhá dentro da câmara. Na câmara devia ter umas 150 pessoas, entre pastores e o pessoal da igreja, assim... foi interessante. Eu achei super-interessante. Eu não sei se eu teria coragem de ser vereadora hoje de novo. Acho uma coisa até triste, de certa forma, da gente vê que as pessoas falam que todo político é sujo. Que as pessoas boas devem participá da política pra mudá essa sociedade. Porque tem muitas pessoas boas que têm compromisso com o povo e infelizmente na política ganham mais as pessoas sem compromisso com o povo, mais corrupto sabe... pessoas que compram mesmo. Então eu acho que nossos político de certa forma corrompeu. Mais o povo também tá corrompido. Esse é o triste das pessoas vê. O político dá uma facada agora porque depois eles não vai fazê nada. Eu tenho que recebê meu voto agora e as vezes vende a troco de nada.

Você foi também a primeira mulher do Partido dos Trabalhadores a ser eleita?

Daqui de Itapuranga foi a primeira mulher.

E essa relação com a vida do campo e a vida do sindicato não foi cortada?

Não. O trato foi muito bom.

E continuou?

Sim.

Houve uma organização nesse município de várias associações como o da vaca, da farinha, do adubo? Conte um pouco.

Assim Klaus... outra coisa que aconteceu. Peguei o sindicato em 91. Em 92 o pessoal lá do Coruja “não, vamo criá uma associação”. Aí o pessoal da agência rural, Atílio até foi e reuniu com os homens. Só que os homens não deram conta de criá uma associação. Aí eu reuni com o pessoal da matéria aqui e nós fomo fazê uma visita em Santa Fé e Jussara. Numa associação que tinha lá. Parece que é até uma fabrica de polvilho. Um negócio assim lá em Santa Fé. Aí nós visitô e assim que nós chegamo aqui, criamos em 11 de abril de 92 a associação de mulheres rurais Coruja Serrinha, que tem fama até hoje. Reunimos até hoje. Começamos com 16 mulheres. Hoje tem 18 porque vem a questão do financiamento. Fizemo um financiamento naquele RCO. Compramo uma máquina, uns equipamento pra montá uma fábrica de farinha. Fizemos a construção, compramo o equipamento. Tamo fazendo farinha até hoje. Só que naquele momento a gente não foi preparado pra comercialização porque a associação fala no estatuto que é sem fins lucrativos. E como que cê vai comercializa? Aí tem que ser uma cooperativa e não associação. Mas tamo aí até hoje. Tamo trabalhando esse final de semana. Fizemo muita farinha ainda. Acho que foi uma experiência muito boa, mas não daria esse conselho para outras pessoas. Sabe, a associação tem que ser formidável, homem e mulher parceiro, e os filhos. Embora os homens lá são avalistas nossos. Quando aconteceu esse negócio que eu achei interessante também foi que quando o pessoal do Banco do Brasil foi lá por causa do financiamento. Chegou lá tinha umas 10 mulheres. E eles perguntaram “cadê os homens?” Porque eles não tinham ido preparado pra discutir com mulher. Então assim nem o próprio banco se sentia seguro. Então a gente teve várias dificuldade. Todo gerente do Banco do Brasil foi lá, a secretária da agricultura foi lá. É como se fosse a primeira dama. A assistente social foi lá. Foi aqui que os homens viu e começou a querer entrá na associação. Aí falavam pro Banco do Brasil vim aqui na roça. Começaram a mudar. Hoje aquela região não é uma região de homem machista não. Eles participam. Os homens vai discuti os problema junto com as mulheres e assim vai. Foi uma experiência interessante na minha vida. Acho assim Klaus, sou a filha mais velha, cinco irmã, não tive nenhum irmão homem, comecei a guiá boi com sete anos de idade, parei de guiá boi esse ano, ali pra janeiro. Me casei em julho. Fiz 16 anos em junho. Quando foi em julho me casei. Quando fez 10 meses e três dias o primeiro filho nasceu. Com 21 anos já tinha três filhos.

Então foi tudo acontecendo assim muito rápido por ser filha mulher. Eu gostava demais de jogar bola, meu pai se ele vinha na cidade e comprava uma boneca, ele tinha que comprar bola também porque eu queria. Meu pai era muito bravo, mas ele tinha a capacidade de ouvir. Tudo que eu tinha pra falar pra ele eu falava mesmo que depois ele dissesse não. Então eu acho que por eu não ter nenhum irmão homem ficava mais fácil pra mim. Eu sempre fui muito decidida das coisas e ele dava, de certa forma, autonomia.

E seu pai deixava você estudar? Tinha como estudar?

Lá tinha até a 4ª série. Não tinha assim aquela escola pública. Então era particular. Era por mês. E quando achava alguém pra dar uma aula era interessante e ia muitos alunos. Naquela época qualquer coisa tinha que pagar. E ele pagava. Então nós nunca teve esse negócio “meu pai não quer que estuda”. Então podia estudar, jogar bola, brincar de queimada, ir no forró. Ele sempre gostou de festa. Meu pai nunca proibiu nesse sentido. Foi uma vida muito trabalhosa. Mais foi uma vida boa.

Depois que você casou e começou a participar das coisas, quem começou primeiro, foi você ou foi seu marido? Teve algum choque pelo fato de você estar saindo?

Ah! Ele não gostava que vinha pra reunião aqui. Porque tinha as reuniões do conselho, da igreja. Ele não gostava não. Tinha dia que ficava com a cara ruim, mas não era contra não. Eu vinha participar, ele me acompanhava. Tinha dia que nós ia pra novena. Tinha dia que ele emburrava. Não queria ir. Mas era assim. Ele não é aquela pessoa que participava de ir na comunidade. Ele não tem vocação pra isso. Mas hoje ele já acostumou. Quando viajava pra reunião do sindicato, fui pro Pará, pra São Carlos, Goiânia, Brasília, congresso da comunidade. Ele aceito. Não importa mais. Acho que pra gente dá certo ele tinha que abrir mão. Não foi aquelas brigas assim nem nada. A gente tem que certa forma aprendê a discutir as coisas e vê que a família é super importante. Não dá pra ficar na comunidade e abandonar os filhos e o marido. A mulher tem que saber como é que fala, junto as coisas sabe. Não abriu mão porque meu marido não quer também não. É assim... e Deus tem me ajudado sabe. De vez em quando eu falo “Deus não é padrasto, é pai”. E é mesmo. Ele me ajudou muito. Eu acho que é porque eu tenho muita fé. Meus filhos até hoje não têm um beerrão. Todos estudam. Cada um tá cuidando de sua vida. E é isso. Acho que é a participação na comunidade. E o gratificante de tudo isso é a participação sua na igreja, na comunidade. É dentro do movimento sindical, é dentro das associações produtoras. Hoje que a gente fez a junção. As 12 associação junto. Vai criar a feira do produtor. Criamos a agricultura familiar e incorporamos as duas. Elas tá trabalhando e tudo isso é gratificante porque pra uma mulher ficar só em casa trabalhando e esperando o marido chegar só de tarde, pra mim é muito pouco. Esse é o meu modo de pensar.

Sobre essa discussão das mulheres. Logo quando você entrou no sindicato ou quando era coordenadora de comunidade, já se falava das mulheres? Já se falava da consciência das mulheres em não ficar só na cozinha das casas, ou as coisas são mais recentes dentro do sindicato e dentro das comunidades? Não se fala tanto na questão das mulheres?

Eu acho Klaus que dentro da comunidade não se fala tanto a questão da mulher. Eu vejo... eu falo porque eu tenho irmã e diz que não tá feliz só cuidando da casa. Eu acho que você só descobre isso participando das comunidade e dentro do campo político. Aí você percebe que a mulher participa e tudo. Mas na hora do voto e do poder ela não tá. Hoje em Itapuranga temos mais eleitoras mulher. Lá na câmara só tem duas. Porque, porque nós ainda votamos nos homens? Porque se tem 51% dos votos femininos, cadê elas na câmara? Acho que o movimento sindical e o próprio Partido dos Trabalhadores, puxou esse assunto não foi atoa, foi pra vê se as mulheres participavam. Hoje dentro da comunidade já se discute isso, mas naquele momento passado não. Isso é mais recente, deve ter uns 10 anos pra cá. Mas a comunidade é muito fechada. A discussão maior tá cá no movimento, tá cá no partido que discute mais essa discussão. Mas isso tá entrando mais agora na nossa realidade.

Fazendo as considerações finais, o que mudou na sua concepção de mulher, de sindicalista, de animadora, de comunidade e de militante de partido? Vocês deram um salto para frente. Isso chocou com a igreja que não acompanhou esse processo?

Eu acho assim Klaus... Fazendo as minhas considerações finais, que o movimento sindical andou mais. Os partidos políticos caminharam mais na questão da mulher. O movimento sindical eu acho que melhorou muito. Sei que a comunidade e a igreja eu aprendi muito. Mas o movimento sindical me ensinou muito. Que eu também não previa a oportunidade que eu tive. Quando surgiu a oportunidade de

coordenadora do evangelho eu peguei não pra ser só uma coordenadora prá fica andando pra lá e pra cá. Peguei e peguei firme mesmo. Minha responsabilidade eu fisco. A comunidade abriu as portas pra mim ser presidente do movimento sindical, aonde eu vim e sinto que a gente conseguiu dá um salto de qualidade. A gente ergueu muitas banderas. A gente tem conseguido fazer um trabalho bom. Eu aprendi muito também dentro dos partidos, lá existe pessoas boas que tão afim de trabalhar. Acho que a igreja naquele momento foi fundamental quando se discutia a renovação da igreja em si, quando começou as reuniões de base. Mas eu sinto hoje de certa forma que a igreja recuou. A gente continuou e a igreja parou. Não sei se é eu que parei de freqüentá a igreja, mas eu sinto que ela recuou. Em Itapuranga a gente vê que quem dá as caras mesmo é a renovação carismática e eles não discute tanto a mulher. O movimento sindical e os partido político discute. E isso refletiu muito ruim dentro das comunidade. A gente vê que muitas comunidade acabou porque não discute a realidade da mulher, dos jovens, da agricultura, do cooperativismo, do societativismo. Nada disso eles discute. E não tem como caminhá sem discutí a nossa realidade. E eu vejo por esse lado. Mas sem dúvida esse tempo eu trabalhei dentro da igreja. E todo domingo eu vou e ajudo. Mas dentro da realidade, dentro daquilo que eu acredito. Jamais discuto o evangelho sonhando que existe alma sem corpo. Pra mim não existe. Tem que acreditá no companhero da gente, no que a gente pode fazer junto. E como mulher foi interessante. Eu participo e acho que ainda tem mulheres que não acordaram para a realidade. Hoje a constituição fala “homens iguais”. Então temos que ser iguais. Não só direitos falado e escrito. De fato, a participação e a nossa responsabilidade é muito grande e eu quero continuá trabalhando. E tem a proposta do movimento sindical pra gente participa. E agora com os rurais eu quero participá mais ainda. É que as mulheres daqui pra frente passam a acreditar em si mesma porque o que falta é acreditar em si mesma.

Augusta, eu lhe agradeço por ter concedido esta entrevista. Agradeço também pelo seu testemunho de vida, por buscar dias melhores para os trabalhadores e para todo o povo brasileiro.

Eu que agradeço. E se servir para sua pesquisa eu fico feliz.

Obrigado.

ANEXO R – ENTREVISTA COM M. R.

Dona M. R. eu peço a permissão da senhora para gravar esta entrevista.

Aí nós viemo. Eu mais meu pai. Aí nós veio de lá. Vivemo no município de Inhumas, onde morei lá 10 anos.

Quando a senhora veio de Minas?

Quando eu vim de Minas. Lá eu vivi uns 10 anos onde eu casei com 22 anos.

A senhora casou com goiano?

Não, com mineiro que veio com nós, que era o chefe daqui. Do município de Inhumas passamo pro município de Itaberaí, que tem até um menino que não gosta do município de Itaberaí porque diz que padre lá era muito difícil, acho que hoje chama Uruaçu, o antigo Salon, Salon que chamava a cidade. E aí nós vai vivemo uma vida boa, que esse tempo chovia que dava mantimento pra nós, mas quando nós veio de Minas o estado era o céu aberto, muita gente fala de Goiás, mas eu homenageio Goiás, eu vim lá da minha terra, mais lá nós num tinha futuro, eu vim com 18 anos e lá era um cativero danado levantano de madrugada, colhendo café e tudo aquela escravidão esquisita e aqui não, foi beleza, no mês de setembro que nós chegou nós prantava e chovia até encontrar outra vez, colhia arroz debaixo de chuva, feijão perdeno na roça, era aquela beleza, nós veio pro Barrerão, município de Itauçu, mesma coisa, aí nós veio pra aqui, quando nós veio pra cá, dexa eu lembrar como é que era, acho que eu tava criano o segundo fio, acho que era, mas aí nós veio pra aqui, aí pra nós ir lá na Jussara tinha um trierinho pra nós passar, vizinho é aquele que veio junto, aí nós ia na capoeira e chegava em Jussara, não tinha nada.

Na época, o que havia em Jussara? Uma praça, uma igreja?

Não, Jussara tinha uma igreja muito pequenininha, na praça mesmo, depois que veio D. Tomas que ela cresceu.

Uma pessoa entra na entrevista e diz:

- Fez um rancho, depois a igreja.

Dona M. R. continua:

É mesmo. Primeiro fez um rancho, depois D. Tomás fez uma igreja pequenininha, aí dessa pequena quem fez uma grande foi o Frei.

A mulher entra novamente:

- Ah moço! uma frase que D. Tomás fez, que Jussara era a menina dos olhos, uma coisa assim e o povo gostava muito e ele dizia que era a menina muito bonita e que precisava fazer roupa pra ela, porque a roupa tava curta e era a igreja, pra fazer a igreja maior, mas foi Pe. Henrique mesmo, e Frei Simão ajudou. Mas da pequena pra grande mesmo foi Pe. Henrique.

Dona M. R. continua:

- Aí esse Pe. Henrique foi que suspendeu essa Jussara, ele andava isso aqui tudo.

Mas como a senhora começou a participar das coisas da igreja?

Mas eu toda vida desde de criança sou católica, nunca deixei, não parei esses anos que eu era casada criano família, que a gente tinha distância, porque o serviço não deixava e menino também não, porque menino é muito difícil, mas toda missa, todo fim de mês tinha uma missa e eu não perdia uma, o véio não gostava muito não mas ele saía com a minha cunhada que gostava também da missa, a Sebastiana.

Mulher fala novamente:

- Dona Maria, eu lembro que minha mãe falava que um mês fazia na roça e no próximo domingo nas casa de outro e entregava, assim foi formando a comunidade e a igreja.

Dona M. R. continua:

- E depois disso a gente viu que a gente também era igreja, não era só uma casinha de tijolinho, a gente também fazia parte da igreja.

Dona M. naquela época como eram as mulheres antes da renovação da igreja?

Eu achava que a reunião das poucas mulheres que tinha antigamente era mais unida, que era onde tinha Dinha, a cumadi Barba que mora lá no pedaço velho, mas ainda tem um bucado que já morreu, mais ainda tem muita gente que luta dentro da igreja. Os Brito, os Brito dentro da igreja era tudo, as fias do Brito Véio era bão de mais.

A senhora estava falando anteriormente que as mulheres não podiam sair de casa. É verdade?

É, tinha isso, os homi era muito ingnorante, as muié era só dentro de casa, mas por causa da igreja eu passava daqui pra ali e dali eu ia lá em baixo e eu homi não me segurava não, eu falava quando nós casou eu já ia rezar e quando o José adoeceu o Tião veio ajudar meus fios e assim a gente vai com muita fé e em louvor ao Divino Pai Eterno. Teve o Pe. Tiago que inaugurou uma capelinha pra nós, mas missa mesmo era lá no ranchão bonito.

Ocorreu alguma mudança na senhora depois que começou a participar da igreja e da caminhada na Diocese?

Ah! mudou muito, a gente abre o coração, a gente tá nessa caminhada e não tem tristeza, pois nas primeiras caminhadas que a gente fez pra ir pra Trindade não tinha bagunça, parecia que tava a caminho do céu, ia rezano pra Trindade e voltava rezano, no dia que os jovens foi a gente pensou que ia ter bagunça e não teve, eles respeitava muito, mas hoje o povo é mais alegre, mais liberto.

Na época do Pe. Henrique, quando ocorreram mudanças na igreja, houve pessoas que ficaram assustadas com essas mudanças?

Teve gente boba demais, buscapiando e especulando o Frei Henrique, ele falou que não se rejeita Deus, nós foi entrando com ele de fininho e tinha gente que falava que nós era comunista. Eu não esqueço aquela festa que o povo tava em conflito com o Pe. Tiago e o seu Manoel falou: - Pe. Tiago, fala pra nós não parar não, toca que nós vai rezá, (Risos). Mas eu não tinha nada com o povo, eu não ligava pro que falava e o Pe. Marciano tadinho, tenho saudade até hoje, Frei Henrique tenho saudade até hoje. Teve uma mudança também que o Papa mandou por carta que os padres tinha que levá os bispos pra roça pro povo conhecer e a primeira missa que Frei Henrique rezô foi aqui na porta de casa e pra mim bispo é que nem um santo (Risos).

A senhora participou de algum encontro em Goiás, alguma Assembléia Diocesana?

Particpei de uma par delas.

A senhora lembra de alguma que ficou marcada?

Todas ficaram marcadas, porque a gente já ia e ficava marcada outra mais na frente, mas detalhe assim eu não lembro, eu lembro assim de uma festa na casa das irmã, ô festa véia boa, era tudo certinho, quarto de muié de um lado, quarto de homi do outro.

A mulher fala novamente:

Era um tempo bom, foi nessa época que abriu o centro de treinamento que ia eu e a Gasparina, o povo falava que a gente tinha rolo porque chegava tarde, que fazia coisa escondido, então assim era uma coisa que a gente tinha vontade mas tinha muita perseguição, mais eu acho que a gente crescia como mulher e como igreja.

Dona M. R. continua:

Mas aquele tempo foi bom demais, Nossa Senhora.

Mulher fala novamente:

Teve um caso que a mulher falou que ia na missa e o marido dela falou: não vai não. E ela foi, quando ela chegou em casa tava tudo trancado, ela tentou entrar e o marido dela apareceu com um pau na mão

e falou que lá ela não entrava. O pau era pra matar ela e eles foi brigano e o marido dela decidiu que deixava ela entrar mas ela tinha que prometer que nuca mais ia na igreja e ela disse que não e deu a maior briga, mas hoje ela vai na igreja e ele acompanha ela.

Dona M. R. continua:

Pois que bobeira, como é que a gente vive sem Deus? Mas isso foi antigamente, hoje a gente tem uma liberdade maior.

Eu conheci algumas irmãs que vieram do Mato Grosso para trabalhar em Goiás. Aqui ocorreu isso?

Vieram sim. Uns trezinho. Quis pão de açúcar. Teve gente que brigou por causa delas. Mas elas ajudaram demais. Foi nessa época que teve a troca de padres e eu falei pra D. Tomas: porque que nos outros lugar tem irmã e aqui não? Foi quando veio a Margarida, a Rosa e a Joana, ela era Italiana boa que ajudou noís a demais até na construção da igreja, todo mundo ajudou, eu comprei 2000 tijolo, fiquei muito satisfeita mas aí eu tive que ir falar com D. Tomas porque as irmã queria ir embora e o único jeito que eu via de mostrar o valor delas era fazer um abaixo assinado e aí ele me perguntou: D. Rita o que tá acontecendo? E eu falei pra ele o que tava acontecendo e o povo escrevia nesse abaixo assinado na rua, um usava as costas dos outros e no final ficou uma bagunça esse abaixo assinado e eu achei que ajudou um pouco e uma mulher falou que o que noís fez foi bobagem e foi dito e certo porque as irmã foi embora e eu chorei por causa delas, a Joana, a Margarida e a Rosa vinha e ajudava a fazer retiro e pra mim era bom demais quando as irmã tava, e eu achava que eu tinha pecado e aí foi quando D. Tomas falou pra mim :anjo, por amor a gente faz tudo, e não tem problema não. E agora toda quinta a gente se reúne, faz encontro na capela e é muito bom a gente preparar a missa. Nunca parou e agora entrou o Pe.Daniel que dá uma força demais.

Quando a senhora lembra do passado e da caminhada na Diocese, do que a senhora tem mais saudade?

Dos encontros que tinha, tá certo que tem missa, mas aquela união de tá junto, caminhando, rezando, eu tenho saudade e não posso ir não, não tenho saúde. 80 anos não é brinquedo não.

A senhora lembra da época que D.Tomás foi perseguido e ficou oitenta e cinco dias escondido?

Lembro sim. Isso é porque D.Tomás fala muito pro lado dos pobres e fala até hoje. D.Tomás nunca teve medo e depois disso ele foi numa romaria lá em Itaberaí e ele falou que os ricos não gosta que mexe no dinheiro deles e que tem bispo que apóia e tudo. Ele falou que se a igreja não for a nosso favor, como é que faz? Eu gostei também de ver D. Eugênio falar lá, ele falou bonito. Eu tenho saudade demais, um dia desses pra trás eu queria falar com D.Tomás ao menos um pouquinho pra escutar a vozinha dele pelo menos. E ele falou: Bença vó e aí eu fiquei feliz demais.

Dona R. eu agradeço à senhora por ter contado a sua história. Obrigado.

ANEXO S – ENTREVISTA COM M. N. P. A.

N. eu, Klaus, estou fazendo uma pesquisa de pós-graduação sobre as mulheres na Diocese de Goiás e eu peço a sua permissão pra fazer essa entrevista contigo.

E permito. Sou N. Vim do Rio Grande do Norte, tinha 16 anos de idade. Vim com os meus pais. Viemos pra cá por causa da vida que a gente levava lá. Você é do Rio Grande do Norte, você bem sabe. Sou de Itaú. Rio Grande do Norte, cidade do Itaú. Então, nós viemos de lá em 1958. Uma época que foi seco e a situação lá era precária. Então, subimos no pau de arara. Gastamos 14 dias para chegar aqui em Jussara .

E vocês vieram direto pra Jussara ?

Viemos direto pra Jussara. Meu pai e minha mãe tinha nove filhos nessa época. Nove filhos e ela bem gestante e um filho pequenininho. E até aqui ainda foi um sofrimento muito grande. Minha mãe custurando em máquinas pra ganhar um dinheirinho pra ajudar meu pai a sustentar os filhos. Foi um sacrifício. Um momento muito difícil. Mas graças a Deus a fé que gente tem em Deus, nós todos, meu pai, minha mãe, a gente venceu.

E como veio direto pra Jussara, já tinha gente aqui ?

Minha mãe tinha 4 irmãos aqui. Vivo. Já morreu alguns, mais ainda tem. Aí meu pai continuou trabalhando junto com minha mãe. Quer dizer que o meu pai trabalhou muito tempo. Nós daqui fomos pro município de Itapirapuã. Lá no Sucuri. A gente trabalhou muito tempo por lá. Até que voltou pra cá. Aí eu casei. Eu tinha 25 anos de idade. Com João de Deus de Andrade, meu esposo hoje, né? Meus dois filhos: Francisco Antonio de Andrade e o João de Deus Andrade Junior, que é meu cassula, né? O meu filho mais velho é casado e o cassula não. Eu nesse tempo, eu não caminhava. Vou te falar o motivo porque eu não participava da caminhada. Ta entendendo? Eu não participava por isso. Minha irmã... eu tinha uma irmã. Ela já faleceu. Mas era da caminhada. Desta que iniciou a caminhada da Diocese de Goiás. Ela entrou nela e era batalhadora. Era frente de tudo.

Qual era o nome dela ?

Nilza. Nilza Pereira Santana. Então, ela era frente de tudo. Era da pastoral da saúde, era do grupo de reflexão, do curso de batismo. A frente naquela luta da reforma agrária. Ela estava dentro, na frente de tudo. E eu não caminhava. Só por causa do meu esposo. Ele não deixava eu ir. Mais tinha as critica, sabe? Quando tinha as festa da comunidade, que toda vida teve, minha irmã ia. Minha outra irmã também ia. Hoje ela é crente. Eu chorava. Ficava chorando. Eu pedia pra ele ir, ele dizia que podia. Mas as criticas estava... Até, até que minha irmã foi começando a fazer encontro na minha casa. E ela, "vamos fazer encontro na sua casa, as vezes ele vai se acostumando". E assim foi que eu entrei nessa. Graças a Deus estou até hoje. E pra mim não tem coisa melhor na minha vida. Pra mim Glaus, isso é uma das minhas tarefas doméstica. Uma das minhas tarefas é essa caminhada. Eu tenho meu grupo de reflexão. Eu visito cadeia. Sou da visitaçao dos doentes, do grupo de canto. Vou nas comunidades. Que é lá nos acampamentos dos sem terras. Que pra mim, é a coisa melhor do mundo, que eu acho .

Qual foi a época mais ou menos que você começou a entrar na caminhada ?

Em 1981. Não, foi nem 80, foi 81, já tinha meu menino Junior.

E você já começou a participar de alguma comunidade ?

De uma comunidade. Grupo de reflexão da minha irmã. Junto com ela. Mas sempre ela falava assim "Nielsem você tem que participar". Mas eu não participava. Eu só acompanhava. Aquilo não tinha nem sentido pra mim. Por causa dos problemas em casa, sabe? Aí, foi indo e eu me acostumei. Minha irmã, foi ela que pegou a frente de tudo. Aí, ela foi candidata a vice do Partido do Trabalhador.

A vice do quê ?

A vice prefeita.

Em que ano mais ou menos ?

Noventa e seis... ela morreu... Depois de 5 anos que ela adoeceu é que ela morreu. Ela morreu em 97, 92, né? Glaus, 92. Foi em 92. Aí, a primeira carreatá, na primeira carreatá, na frente do Partido do Trabalhador. Passou mal e deu derrame. Passou 5 anos na cadeira de roda. Aí, em 5 anos ela faleceu.

Ela era casada ?

Era casada.

E o marido dela?

O marido dela não importava. Nossa, era ótimo. Era frente de tudo, ela

Ele participava ?

Não. Só ela. Nem os filhos dela. Participava só ela mesmo. Mas ela era frente de tudo Glaus, de tudo. Nossa! Pela luta dos sem terra. Nossa senhora! Tinha tanta gente que tinha raiva da cara dela Glaus, aqui. Por causa dos encontros. Naquela época, o povo batia muito naquela tecla assim, falando dos trabalhadores rurais daqui, da reforma agrária. E ela apoiava tudo. Estava por dentro de tudo. O povo tinha raiva e ela falava assim, “ôh Nielsem, você tem que participar. Alguém tem que participar. Um dia eu vou ter que ir. Um dia eu vou morrer. E alguém tem que ficar na frente”. Então minha irmã morreu. Entrou minha outra irmã no lugar dela, sendo dirigente de grupo. Aí de repente ela passou a ser crente. Aí, eu digo o quê que eu faço meu Deus? Aí, comecei. Estou nessa até hoje já, Graças a Deus. Achei bom demais. Como eu estou falando da caminhada e minha irmã, por isso é que eu digo que as mulheres, Glaus, elas sempre estão à frente de tudo. É as mulheres.

E na época era mais homens ou mais mulheres ?

Mais mulheres. Por isso é que eu te falo, o homem no nosso grupo, até hoje, só seu Chico, mas nem um. Tinha outro, mas morreu esses tempos. Ele também. Mas só era seu Chico. Por isso que eu digo, as mulheres está na frente de tudo, né? Só porque elas são exploradas. São excluídas. Não são valorizadas. E isso, você sabe que é verdade. Eu não estou mentindo. Às vezes dá assim um baixo astral na gente. “Ah vou deixar isso de mão. A gente não tem valor”. Mas a gente se apega com Deus, em primeiro lugar, e agente esta firme, né?

Teve algumas coisas, algumas ações que vocês fizeram ou que você ou sua irmã, organizou em defesa dos direitos das pessoas? De melhoria no bairro.

Então, pois é, que eu sei só da associação de moradores, que ela enfrentou. Criou associação que começava...

Em que bairro?

No bairro de Goiás. Aí fizeram essas 3 casas. Dona Chiquinha disse que a dela não foi não. Mas o seu Chico esta por dentro e sabe. Ele falou que foi. Dona Chiquinha disse que a dela não. Não é hoje igual a casa dela, mas foi uma casinha. Era uma casinha. Mas hoje reformaram. Mas era essa daí. Depois caíram fora. Essa organização aí, eu sei que minha irmã tava por dentro, em frente de tudo, né? E no nosso grupo, ela deixou... nós estamos nesse grupo até hoje. Nós temos esse grupo. Agora, igual falou o padre Daniel, que Jussara nunca vai pra frente, a paróquia de Jussara, agora isso concordo com ele Glaus. Aqui tinha uma pastoral de saúde, acabou. Mas a pastoral da saúde acabou, foi a univida Glaus. Não foi outra coisa não. Foi que Maria Joaquina e Padre Pedro. Aí foi... fazendo tudo só pra melhoria dele e acabou só lá.

E na época da pastoral da saúde, tinha mais mulheres ou mais homens ?

Tinha muita mulher Gláucio. Tinha a Alzira que era uma leiga do Rio de Janeiro. Nessa época ela estava aqui, Oh, ela era uma das que enfrentava na luta dos trabalhadores. Era ela. Alzira é da idade da minha mãe. Mas ainda é viva. Mora no Rio de Janeiro. Ela foi embora.

Vocês fizeram o quê na pastoral da saúde ?

Nós fazia os remédios. Cada qual fazia o remédio. Nós levava ervas, levava açúcar. O que tinha de levar nos levava. Fazíamos até. E dividíamos quando terminava. Nós dividia com todo mundo. Fazia a multimistura, fazia charope, fazia comprimido, fazia tudo. Aí, cada qual trazia. Era muitas mulheres nessa caminhada. Era com a irmã Amélia de Britânia, que ajudava nós. Era a irmã Amélia e a Maura de Santa

fé. Por isso que eu estou te falando Glaus, olha as mulheres de Santa fé. Olha é que mulheres organizadas aquelas. Por isso que eu digo que as mulheres sempre estão à frente de tudo. Só que lá tinha homens na associação delas, tem, tem um pouco. Aí, como eu tô te falando, quando começou a Univida, quantos projetos teve, padre pedir de fora. Você sabe que a nossa paróquia vem o dinheiro de fora. Como ontem mesmo, o padre Marcos estava colocando o dinheiro lá pra o pessoal, na missa de ontem a noite, você estava lá. E vem verba de fora, do estrangeiro, da Diocese para as paróquias. Naquela época, o padre Pedro pedia pra que o projeto vinha para Jussara em nome da paróquia, da Univida, uai. Por que... você conheceu o Max Minas, que trabalhou muito tempo na secretária daqui não? Eles tinha um pepino danado, os dois. Por que ele tinha um computador e ele descobriu os rolos do Padre Pedro. Por isso que nós acabou com a pastoral da saúde. Só por conta disso. Por causa da Univida.

A pastoral da saúde servia pra quê ?

A pastoral da saúde servia pra quê? Não entendo por que muita gente não entende. Você entende muito mais do que eu. Por que eu não entendo é de nada. Muitas pessoas entenderam que a pastoral da saúde é a visitação, fazer visitação. Não é. A pastoral da saúde é que fazia os remédios, multemistura pra criança desnutrida, remédio pra anemia, remédio pra gripe. É pra isso. É pra ajudar os nossos pequenos. Entendeu? Pois é isso. E pra isso que agente lutava. E o nosso grupo de reflexão, nós temos um cofrezinho. Nós ajudamos pessoas que está doente. E parece que Deus ajuda tanto a gente... E esse cofrezinho tem dois anos. Agora em Janeiro, que a gente estamos com ele, já tiramos dinheiro dele diversas vez. Essa semana nos tiramos R\$150,00 reais pra ajudar uma pessoa que vai pra Goiânia com problema de câncer. E é pra isso. A cadeia a gente visita. Não temos pastoral social. Agora que vai ser criada, nesses dias. Nós já tivemos a primeira reunião. Então, cada pessoa que participa da pastoral social tem que participar da reunião. Eu mesmo fui, que eu visito a cadeia. Olha, nós, esse tempo, a gente por livre espontânea vontade, ninguém ajudou. Nós é quatro pessoas que visita a cadeia. Nós compramos um purificador de água pra eles. Que a água de lá, do poço de lá, que não pode beber. A água deles lá é um problema. Então, compramos um purificador pra eles. Quando precisa de um remédio, nós ajudamos a eles. compramos remédio. Nós ajudamos compramos remédios pra eles diversas vezes. Compramos, só que é uma só, por que nós todos somos pobres. Mas juntamos, fazemos vaquinha e compramos. Por que eu acho que a ação é essa, né? Fazer alguma coisa não é só eu ir na Igreja rezar e ter grupo. Porque o grupo não é só você refletir, rezar e levar a palavra de Deus. É ali, você partilhar, fazer ligação da palavra de Deus com a vida. É importante passar isso para as pessoas. Mas o importante é ter ação, e isso nós fazemos.

N. como é que você começou a aprender essas coisas? Juntar ação com a fé, com reza e a Bíblia ?

Como eu aprendi? Na caminhada. Nos encontros. Nas assembléias e através de quê? De Deus.

Você lembra do primeiro encontro que você participou?

Fora da paróquia? Eu me lembro só dos primeiros encontros que mesmo eu... o primeiro foi no grupo da minha irmã.

E fora da paróquia?

Não. Já fui em Assembléias. Já fui em encontros lá em Goiás. Mas não foi assembléias. Eu nunca participei da assembléia regional. Por isso que eu digo, que tem exclusão. Seu Chico é duns que participou aqui da assembléia paroquial. Quando foi escolhido aquelas pessoas pra ir pra assembléia regional, agora foi a décima sétima assembléia, não foi? A Vanda mesmo foi. Seu Chico foi um dos que era pra ir. No momento dele ir, foi lá saber o que que tinha pra levar. Por que antigamente, diz que tinha que levar roupa de cama e tinha que levar travesseiro. E ele ia saber se ainda era do mesmo jeito. Chegou lá, a irmã Ângela passou direto assim pra ele, "não o senhor não vai não". Aí ele falou assim pra ela "eu fui excluído", Aí ela ficou calada. Falou nada. Por que vai outra pessoa mais nova. E no momento a gente foi escolhido pra ir. Na hora dele ir lá saber, excluíram ele. Ele não foi mais e ficou chocado até por isso. Por isso que eu digo que tem essa exclusão. E tem ué. Porque eu já fui também. Em preparação e formação litúrgica. Mas foi só uma vez. Eu tinha que ter dado continuidade, não tinha? Era eu e a Dinha. Fomos primeiro. O próximo era a gente. Mas não na data certa da gente. E eles disseram, "não, você não vai não". E na próxima vez agora quem vai é o fulano de tal. Tem que pôr outras pessoas

mais novas. Como é que agente ia, pobre desse jeito? Na formação, se você vai só no primeiro encontro e não vai mais, não tem formação. Coloca outro. Tem que dar continuidade. Aqui não tem encontro de formação pra lideranças não. E tinha que ter, não tinha Glaus? Tinha uai. Por isso que eu digo, que a gente não sabe de nada. Eu não sei Gláucio. Tem hora que confunde a minha cabeça, por que eu não tenho dom pra isso.

Na época do atentado do padre Chicão, você já participava das comunidades ?

Ainda não.

Foi em 87?

Deixa eu ver se eu participava... participava sim. Eu fui na celebração dos 10 anos do atentado. Eu fui, participava.

Como é que você começou a encarar a idéia de falar de política, de sem terra na Igreja, nas comunidades? Você não achou meio.... ?

Não. Não achei por causa da minha irmã. Parece que eu estava ligada a ela. Ali eu não achei não. Meu marido achava. Mas eu não. Minha irmã botava muito na minha cabeça isso e eu era do lado dela. E pronto. Enfrentava tudo.

E a sociedade o quê que achava?

Nossa senhora! Pelo amor de Deus! Eu tinha que esconder a cara quando via... Era por que era na igreja. O padre esticando a celebração. Aí, gente saindo de fininho da igreja e ia embora Glaus. Era, ia saindo de fininho de lá, quando tocava no assunto.

Em relação a vocês, houve algum tipo de rejeição ou perseguição ?

Não. Assim, de rejeição tinha muito. Mas, coisa assim, de assombrar a gente não. Mas tinha por parte dos fazendeiros, Glaus, dos comerciantes tinha sim. Sei que não era fácil não, viu Glaus. Não era fácil e até hoje não é. Você acha, se todos os fiéis da igreja da nossa paróquia, enfrentassem, fosse do Partidos dos Trabalhadores, já tinha elegido um prefeito do Partido dos Trabalhadores. Quem? Não tinha nem um quarto do Partido dos Trabalhadores ali naquela igreja. Não é não? Nossa senhora! Nossa tem gente ali que odeia lula. De dentro da igreja, ali. Eu sei que não é fácil.

E na época da fundação do Partido dos Trabalhadores, sua irmã participou ?

Viche Maria! É... eu filiei ao partido dos trabalhador, parece que foi em 86. Parece que 86 ou 84, não sei direito. Aí ela foi lá em casa e eu disse que não. Que não comprometi em nada. Mas eu filiei. E até hoje estou nessa por causa dela... (risos) É assim.

Ela foi candidata ?

A vice do Cleber Bonfim. Era candidato a prefeito e ela vice. Acho que foi em 80.

E o Kleber Bonfim, participava da comunidade da igreja ?

Não.

Participou do que ele ?

Eu nem tinha conhecimento desse Kleber. Mas a minha irmã tinha. Nem sei nem direito dizer se ele participava, por que minha irmã conhecia ele. Eu não saia muito, né? Pois é, por isso que eu digo, ela morreu nessa batalha. Por que ela adoeceu. Ela tava muito entusiasmada, sabe? Quando ela se candidatou a vice. Nossa! Quando ela entrava na igreja o ruído era grande Glaus. Dentro da igreja mesmo, de um e de outro ouvia os conhecidos. Porque ela era vice, né? Aí, ela estava tão entusiasmada que a pressão dela subiu demais. Porque ela tinha pressão alta. Subiu. Aí ela desmaiou em cima do carro. Aí, sofreu derrame e ficou 5 anos até morreu de parada cardíaca. Desde esse derrame ela não andou mais

Além de sua irmã, tem outras mulheres da caminhada que participava ?

Tinha dona "Vastile". Dona "Vastile". Ela se afastou daqui 14 anos. É da caminhada daquele tempo. Ela sabe muito mais do que eu. Nossa! Aquela ali trabalhou com o padre Chicão muito tempo. Aí

ela afastou daqui e foi morar no Pará, 14 anos. E voltou pra cá de novo, ano passado. Já tem um ano que ela voltou. Aquela era da caminhada. A dona Idalice. Você entrevistou ela? Nossa! Ela é ótima também. Dona Idalice.

Quem mais ?

Eu sei dona Vastile, dona Idalice, dona Zefa, você já entrevistou né? Dinha né? Que ele sei é dona Vastile e dona Idalice. Essas duas. Da caminhada daqui mesmo é. E Chico Sidrônio. Não sei se é porque que ele ta meio abalado.

N. você acha que as mulheres tiveram alguma libertação através da caminhada ?

Tiveram! Eu mesmo tive.

Qual libertação ?

(Risos) Oh, porque muitas vezes as mulher... eu acho que isso é libertação. Só em você se libertar em sair de dentro de casa. Voe tá dentro de casa, ali, com vontade de caminhar. De você participar de alguma coisa e você não participar porque você não pode, porque tem problema, e você, logo que você conseguiu, você se libertou, né? Não é não? Eu me libertei.

Teve outras mulheres que se libertavam também ?

Teve. Agora minha irmã não, minha irmã nunca teve esse problema. E eu acho assim que libertação não é só isso também não. A libertação na nossa caminhada, eu só digo que agente só se liberta mesmo. De verdade. Que estão libertado. No dia que houver dignidade. Quando acabar a exclusão, não é? Não é mesmo? Tudo isso né? O preconceito. Quando todos a gente se libertar mesmo, lutar nessa caminhada e ver que agente vê que não tem uma vida digna. Vê os trabalhadores, que tem vontade de conseguir o seu pedacinho de chão. Que tiver o seu pedacinho de chão. Trabalhando. Colhendo ali o pão de cada dia pra seus filhos. Essa é que é a libertação total, não é? Eu creio que sim. Não é? Por isso é que eu digo, tem vários tipos de libertação. Pois é .

E o quê você acha ligar a Bíblia, Jesus com esse tipo de libertação?

Sobre a do bíblia? É o que Jesus nos ensina. Não é Gláucio?

N. sobre a caminhada, você tem alguma saudade ?

No início? Deixa eu ver se tenho...

Houve alguma mudança na igreja?

Tem mudança grande, né? Desde que eu comecei na caminhada... Como eu tava falando atrás de libertação, porque naquela época, a muitos anos atrás... É como eu to te falando, participar é quando você participa e não só ir na igreja e assistir a missa. Aquela época você não tinha direito nem de conversar com o padre. Você não tinha direito de conversar com as freiras. Não tinha não. E hoje em dia você tem essa liberdade toda. Graças a Deus hoje nós temos vez e voz, né? Eles não decidem as coisas sozinho. Eles depende de nós também, não é? Pois é. Por isso que eu digo não tenho saudade não. Hoje, pra mim, melhorou.

Mas da caminhada, o tipo de luta que fazia, das comunidades você acha que...?

Isso Glaus. A gente tem Glaus. Naquele tempo Gláucio eu acho que a caminhada, a luta era mais forte do que hoje. O povo hoje já tá um pouco acomodado. Já se acomodaram muito Glaus. Olha Gláucio, naquela época, sabe quantos grupos de reflexão nós tínhamos na nossa paróquia 16. Tinha 16 grupos e naquele tempo a cidade era pequena. Hoje tá grande. Há muitos anos atrás era 16 grupos. E hoje eu te conto quantos grupos tem. Até porque tem o grupo do bairro Nortista. O nosso grupo se chama nossa Senhora da paz. Aí, depois foi crescendo a comunidade do bairro Nortista, aí formou o grupo de dona Luzia. O grupo de dona Luzia, formou de 82 pra cá. Ainda foi no tempo da minha irmã. E a minha irmã, "não, vamos formar outro grupo". É tanto que, quando minha irmã morreu, eu não tinha jeito pra mim caminhar, sabe? Eu digo, eu não tenho dom pra isso. Eu não tenho inteligência. Eu comecei a participar do grupo de dona Luzia. Era poquinho gente. Ela disse, "não Nielsem, eu não tô excluindo você de participar, mas eu quero que você caminhe com seu grupinho lá". Então, eu continuei, com o grupo

que tem aqui. É o meu. O da dona Luzia. Dona Zefa do Canção. Lá no molha biscoito, o da dona Maria Rita. Só. Só tem esses quatros. Que eu sei. Só, só tem esses mesmos. Olha, nós não paramos nem assim fevereiro. Não paramos. Terminou o natal, nós caminhamos e ainda a gente tá caminhando. A gente tá caminhando. Por isso que eu digo assim, pra você. A gente tem um pouco de saudade, daquele tempo. A caminhada era mais forte. Parece que o povo caminhava com mais fé.

Você acha que houve alguma mudança nos padres, nos bispos, no povo que está mais na coordenação das paróquias?

Deixa, deixa eu te falar uma coisa Gláucio. Não sei se você vai achar ruim eeu te falar. Gláucio, de assembléia regional aqui, assembléia paroquial já participei demais. Hoje em dia até as assembléias não é mais como antigamente. Não é. Completamente diferente. Não tem mais assunto que tinha, Gláucio. Não. Eu tive na assembléia, agora, sábado. Foi não. Foi domingo passado, a gente teve em assembléia, domingo fez oito dias. Ainda falei pra seu Chico, “gente é tão diferente das assembléias de antigamente”. Num é, de jeito nenhum. Eu não sei. Eu acredito que teve uma mudança muito grande. Não sei se os padres? O que é? Que nem no tempo do padre Chicão. Do padre... não sei falar o nome. Não quero saber de padre. Mas no tempo do padre Chicão. Do padre Henrique. Nossa! A caminhada era diferente. Era muito diferente. Os jovens Gláucio. Gláucio, naquele tempo a caminhada dos jovens era muito mais bonita. Tinha jovens caminhando e caminhando com vontade. Com garra. Fazia teatro. Fazia tudo. Tinha celebrações deles. Mudou tudo. Que jovens tem aqui em Jussara? Eles se apresentam assim igual ontem, os seminaristas tava lá, na abertura, aí eles faz uma coisa bonita e tudo. Com a irmã Herlinda agora na frente ajudando eles, né? Mas pronto. Só aquilo ali e pronto, acabou. É, não caminha pra nada. Aquele grupo de jovem que canta ali na frente, eles não sabe nem qual é o momento e o canto que tem que cantar. Não, por que não sabe. Não entende nada de liturgia. Até pra você ta nuim grupo de canto, você tem que saber escolher o canto. Não tem Gláucio? Pois é...

Então, N. eu quero agradecer a você por ter concedido esta entrevista. Pelo seu testemunho de vida, de participar das comunidades, dessa luta da Diocese, da caminhada, das comunidades. Obrigado.

Nada.

ANEXO T – ENTREVISTA COM P. M. C. G.

P. eu Klaus Paz de Albuquerque estou fazendo minha monografia com o tema: “Mulheres da Diocese de Goiás” e venho aqui pedir autorização para realizar esta entrevista.

É com muita alegria que respondo a você. Meu nome é P. M. C. G.. O G. é do casamento. Eu nasci em janeiro de 50, em Minas Gerais. Mas vim pra Goiás com cinco anos e morávamos na fazenda Córrego da Onça, no município de Itapuranga. Nós somos treze filhos e seis mulheres. A família é católica, católico do mineiro e conservador que participava desde cedo. Na roça eu lembro de reza normal, o terço. A gente ia muito em festa de folia, festa de Santo Antônio. As festas de santo em geral. Natal nas casas. Então, eu lembro a alegria que a gente ia distâncias e distâncias participar destas festas em geral. Em leilão, meu pai era gritador de leilão, rezador de terço. Nessas festas tinha muita comida, muita brincadeira. Era uma religiosidade muito popular. Muito vivida. E a gente gostava. Aí depois, a gente muda para Uruana, também em Goiás. A família foi estudar e eu já com onze anos fui participar da cruzadinha. Tinha a fita amarela, o uniforme. A fita amarela de passar assim no ombro, amarelo ouro, toda bonita. Aí tinha as reuniões e as brincadeiras.

A cruzadinha era só de meninos ou só de meninas?

Não, era junto. Para mim, era tudo bonito, tudo certinho. A gente participava da missa todo domingo e era mais uma vivência em grupo. Eu me lembro que eu era magrinha e aí, nos sábados, a cruzadinha tinha que limpar os santos. As mulheres mais velhas limpavam a igreja. A gente tinha que subir pra limpar os santos nos altares. Era uns altares altos. E eu era magrinha pra limpar os santos. O pessoal dizia que eu era magrinha e tinha a mão delicada. E eu achava o máximo (risos). Então, eu tive essa fase. Depois, quando a gente mudou de Uruana para Itapuranga, eu já tava com os meus quinze anos, aí a gente foi participar da Legião de Maria aqui. Era também um grupo misto de meninos e meninas. Nessa época já era o nosso querido Pe. Nelo Bonone. Esse grupo era muito organizado. Nós tínhamos uniforme, saia preta e blusa branca. A gente se encontrava todo sábado, participava da igreja, fazia festa junina, carnaval, a gente organizava retiro, tinha os cantos, as reza certa de cada legião. Pe. Nelo não gostava que nós namorasse, mas a gente namorava escondido (risos). Tião, meu esposo, também fazia parte da legião, ex-seminarista, a gente namorou dentro da Legião de Maria. O nosso casamento foi lá na igreja Nossa Senhora de Fátima. Teve grande participação da igreja e a Legião de Maria foi lá pra frente cantar. Foi uma celebração muito bonita. Dentro do grupo que a gente participava. Em dezembro de 68 foi o casamento, em 69 tava começando a caminhada da Diocese de Goiás. Nós participamos da segunda assembléia Diocesana. Eu tava grávida do meu primeiro filho.

Quem te convidou para a Assembléia Diocesana?

A Diocese.

Vocês foram convidadas através de algum padre local ou vocês tinham destaque na Diocese?

Não. Foi escolhido através de reunião paroquial. A primeira assembléia diocesana foi indicado de Itapuranga o Zé Guedes e o Tião, então, foi indicado porque não tinha grupo organizado. Em 69 já tinha o grupão, que a gente falava. Aí a gente foi eleita, também a Maria Ferreira e o Zé Guedes. Então, foi um trabalho concreto dentro da igreja. A gente foi trabalhar na preparação dos casamentos, porque foi um momento que a igreja redimensionou tudo, os ministérios, os sacramentos. Tinha que ter as preparações de batizado, de casamento, de crisma. Era a perspectiva da evangelização. Então, o nosso trabalho específico era preparar os casamentos. Mas, a gente tinha o grupo de casais jovens em que a gente se reunia. A gente assinava aquela revista da família cristã, que era o que dava um caminho assim. Esse grupo de casais jovens foi até 72. Em 72 a Diocese toma um rumo mais específico aos pobres. Toma uma causa mais rural. E algumas pessoas do grupo não aceita e o grupo se desfaz. Eu e o Tião, especificadamente eu, começo a dedicá mais ao trabalho do momento, na organização dos grupos. A gente tinha muito estudo e muita participação na liturgia, a nível da organização das comunidade, na periferia e na roça.

Como a comunidade era chamada?

Grupo de evangelho. Não tinha esse nome comunidade, apesar de ser inspirados nas primeiras comunidades cristãs e em documentos do Vaticano, tudo era grupo de evangelho.

E você participava apenas na cidade ou também na zona rural?

Também na zona rural. A gente fazia parte da equipe central. 72, 74, foi a equipe gaúcha que trabalhou aqui, Pe. Ivo, Darcy Acorse, Lucide, Assunta, Daniel Vicente, eles eram agentes pastorais, com exceção do Pe. Ivo, o resto era professores do colégio. Começa aí o trabalho com os professores. Tinha um grupo de formação de professores católicos. Então, foi bastante profundo e a agente começa a visar a sociedade da questão social e política.

Essa mudança no comportamento da Igreja e nos discursos da Igreja não lhe estranhou no princípio?

Não, eu abracei desde o começo. Foi novo. Eu estranhei por ser novo. Eu gostava das coisas que eu fazia, mas eu questionava muito. Eu sempre questionei tudo. As vezes não achava resposta e eu seguia. Eu assumi apesar dos conflitos. Teve momentos aí no começo que foi duído, porque os casais novos não agüentaram, separaram. Dentro da família meu pai foi muito difícil de aceitar, porque ele era ligado a política, a gente tá falando da década de 70 em que a ditadura militar foi muito forte. Meu pai era de grupo de Arena. Vereador, político influente. Era do grupo da direita. Então, eu sofri muito dentro da família. O Tião achava estranho a participação da mulher tão direto, tá na frente das coisas, e isso causava muito conflito entre nós. As vezes ele mandava eu optar. E eu falava “eu opto pelo dois”. Foi uma coisa de dentro da alma, do peito, foi da razão, mergulhei mesmo.

Sobre a igreja da libertação, houve alguns conflitos pelo fato de você participar dessa nova forma de perceber a Igreja e de perceber o mundo através da Igreja?

Iche! Teve demais. Como eu te falei, até mesmo dentro da família e com o meu trabalho. Nessa época eu já era professora. Fui perseguida. Chamada de agitadora e perseguida na escola. Até então a gente quase nem participava da política, o caminho e as visões novas que a gente tinha era vinda da Igreja. As reflexões, as indagações, a postura na sociedade, no colégio. A gente sofreu muito. Era vigiada, largada dos amigos. Na organização dos grupos os homens tinham raiva de mim. Teve um dia até em que a gente foi participar de uma reunião em outro bairro e eu fui mandada embora da casa pelo marido da mulher. Teve esse caso e teve outros, porque quando eu ia convidar as famílias pra participar da comunidade, as mulheres aceitavam mais do que os homens. E nas reuniões tinha mais mulher do que homem. As mulheres iam e já começava a liderar. Teve homens que proibiram mulheres de participar das reuniões comigo porque eu era mulher de padre, que andava por aí, que viajava, que questionava os relacionamento, que questionava a submissão da mulher. Mas por outro lado, eu me dava bem como professora e tinha um respeito da família e da sociedade. E eu ia. E apesar de tudo crescia e tinha uma responsabilidade maior.

Nos encontros diocesanos você lembra se a participação da mulher era maior, igual ou em menor número?

Não. Era em menor número. Nas primeiras assembléias, os primeiros encontros, na base como eu te falei, na roça e na cidade, tinha uma participação maior que nos encontros diocesanos. As vezes os encontros municipais era menor em número mas não em qualidade.

Você sabe o motivo pelo qual havia menor participação das mulheres nos encontros diocesanos?

Olha, eu não sei se vinha de uma participação social mais em casa, mas eu lembro que a igreja convidava todos, principalmente a família. Eu me lembro que da área rural saía mais os homens, porque as mulheres da área rural eram muito atarefadas com os serviços da área rural. Então, sobretudo saía da área rural os homens e na cidade saía bem pouco, era mais assim professora, porque a maioria do povo da cidade vinha da roça, acho que era o momento da mulher. Mas a Igreja convidava, vamos dizer de uma forma indireta, mas convidava.

Mas as discussões a respeito da mulher ocorria nas reuniões municipais ou diocesanas? A discussão era liderada por mulheres ou por homens que tinham a sensibilidade de falar da mulher?

Não, os homens também. A gente tem que ressaltar muito a questão de D.Tomás que fazia um processo de educação pra todo mundo, pros padres e bispos, porque a Igreja vem de uma educação

machista. Mas eles buscavam se educar, se transformar nesse sentido, nessa participação da mulher na Igreja, da participação da mulher no mundo.

E em Itapuranga qual foi o impacto que ocorreu em vocês como mulheres? Como foi a experiência de vocês abordarem o assunto sobre a mulher aqui no município?

Olha, o impacto foi forte e foi devagar, em pequenos gestos, primeiro na participação interna da Igreja, nos cursos e nas comunidades. Na sociedade foi difícil porque a gente passa a ter uma postura e aqui houve até dois casos que eu vou contar pra você. Um foi de um gerente do Banco do Brasil, contratou uma empregada e ela tirou umas roupas da sua mulher. A mulher descobriu e um dia a noite foi a casa da empregada, achou as roupas, despiu a empregada na rua, amarrou ela no carro e desfilou com ela nua pela cidade. Foi uma humilhação muito grande. Aí algumas pessoas ligadas a nós contou do fato e fizemos um movimento por causa da menina e da mulher, porque um erro não justifica o outro. Abrimos um processo e um dos castigo foi o gerente ser transferido. A gente era mal vista por aqueles que achavam que tava certo, que tinha que humilhar mesmo, e bem visto por outro lado. O outro caso foi de uma lavadeira de roupa que foi presa por uma pequena desavença com a vizinha. Foi presa e espancada. A gente foi pra porta da delegacia e falou que, enquanto ela não saísse a gente não iria sair de lá. Ela foi solta e a gente fundou o grupo das mulheres. Um grupo de mulher ligada à Igreja. E aí a gente começou a participar dos movimentos sociais. Fundamos em 82 a educação popular.

Como era chamado? MAB, MEB, MEC?

Era chamado MEB. O MEB teve uma atuação maior antes da revolução de 64 e o grupo já era educação popular mesmo. Então, nesse grupo eram seis mulheres e dois homens. A atuação era mais de mulheres.

Você lembra de alguns nomes?

A Maria Teixeira, Maria Ferreira, Lúcia, Eliana, a Sônia Campos, eram essas. Tinha também a Mari e eu. Nós lutamos muito. Foi feito um pedido pra gente, porque muita gente não sabia ler. Foi pedido um grupo de alto-alfabetização e de pós-alfabetização. Foi um trabalho belíssimo, um trabalho das mulheres pra sociedade.

Você chegou a participar do movimento em defesa da saúde?

Particpei de certa forma. A gente participou de todos os movimentos. A gente fazia uma ponte entre a sociedade e a Igreja. A luta pela saúde começou e dentro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a gente ajudava. Eu participei na criação do estatuto. Teve uma participação da sociedade como um todo e das mulheres.

E você participou ativamente da política, de algum partido?

Olha, até então, eu era alheia antes da caminhada. Meu pai era político da direita, e a gente vê certas condutas que a gente não aceitava. Então, eu participava e a minha mãe detestava. Então, tinha aquela repugnância e mesmo assim quando eu comecei a dar aula eles queriam que eu filiasse e eu não filiei. Aí, dentro da caminhada, nós começamos a participar, a princípio sem partido, a questionar o político, a compra de voto. Fizemos a campanha do voto nulo, porque os partidos que tinha não era bom. Depois participei da formação do Partido dos Trabalhadores. Desde as primeiras reuniões a gente acompanhou um pouco a sociedade em busca de um caminho, aí eu filiei.

Você lembra o ano?

Não, eu lembro que em 82 a gente já participava das primeiras eleições.

E outras mulheres participaram da fundação do PT aqui?

Muitas participavam. Eram exatamente mulheres que vinham da caminhada, das comunidades, mas nenhuma ganhou. A gente ressalta a participação da mulher, mas apesar de tudo a gente não pegava cargos altos. Um pouco também, eu acho por causa do preconceito. Eu mesmo já peguei no máximo um cargo de secretária, porque era muita responsabilidade e a gente tinha que ser mãe, ser esposa e ainda viajar.

E com a sua entrada nos movimentos sociais e na política você chegou a se afastar da Igreja ?

Não. A gente tentava conciliar. Tinha até a sigla PT da igreja, a associação da igreja. Hoje, apesar de ser petista por convicção eu não sou mais filiada, devido aos problemas internos. Eu tentava conciliar tudo.

Com o movimento em defesa das mulheres, houve modificações na consciência das pessoas? Vocês chegaram a participar de algo mais amplo como algum encontro estadual ou nacional?

Sim, mas antes de dizer isso eu queria dizer que a gente fundou o comitê em defesa da mulher para defender as mulheres. Porque aqui havia muitos homens que matavam as mulheres e dizia que era por amor. Principalmente o caso de uma senhora, a Tereza, que foi assassinada pelo marido. A gente fez um abaixo-assinado com mais de trezentas assinaturas e fizemos uma manifestação. Teve bom resultado. Essa manifestação teve um bom resultado e ficou um bom tempo sem ter violência constante como era antigamente, com a mulher. A gente começou a ligar ao movimento feminista. Não podemos esquecer jamais, do movimento dos professores, que antes era CPG, depois SINTEGO. A gente começou a participar a nível nacional, em 90, quando eu fui representando a SINTEGO num congresso na CTV. Fui também ao décimo primeiro encontro das feministas do Brasil, que foi muito rico essa proposta de unir as mulheres de várias cidades, de conseguir pegar o povo e fazer uma reflexão. A gente fez também em 87 a carta da mulher que foi um passo muito grande a nível de Brasil.

Em 1990 aconteceu na Igreja Católica a Campanha da Fraternidade dedicada as mulheres. Você participou desse processo de reflexão?

Participei sim. Nessa época D. Tomás escreveu uma carta pastoral pedindo que todas as comunidades de mulher escrevessem cartas contando tudo. E nós escrevemos e mandamos para a Campanha da Fraternidade. Quando veio o documento da Campanha da Fraternidade eles diziam que nós pegamos pesado. A gente não pegou não. A gente falou a realidade. Por que as vezes a gente tinha que procurar espaço dentro da Igreja.

Na caminhada da Diocese, com esse novo jeito de ser da Igreja, muitas coisas litúrgicas também mudaram. As mulheres assumiam algum papel na liturgia que antes era realizado só por homens?

É, devagar (Risos), com cuidado, mas o fato que levou foi acreditar muito no evangelho porque as reflexões do evangelho eram muito profundas. O evangelho para nós era maior do que qualquer direito da Igreja (Risos). No direito canônico era e é proibido. A gente via as mulheres da Bíblia e isso teve uma graduação muito grande. Quando os padres foram expulsos, o bispo deu autorização pra gente realizar os casamentos e batizado. Isso foi uma quebra na estrutura de passar de padre para leigo, e ainda se é mulher. Mas a gente fazia acreditando em Deus. D. Tomás foi nesse caminho nos orientando e foi muito interessante.

As mulheres chegaram a realizar e coordenar as celebrações dominicais das igrejas do centro, tanto da matriz como do Cristo Redentor?

Tranquilo. Já chegamos, inclusive, até hoje tem mulheres, a coordenar a celebração todinha. Hoje é bem mais aceito.

E mesmo com a presença do padre, as mulheres chegaram a fazer o uso da palavra na homilia?

Já, já. O padre ali sentado e as mulheres fazendo a homilia e a leitura do evangelho. Eu já fiz e outras mulheres já fizeram tranquilamente.

Você fez referência a expulsão dos padres num momento muito conhecido. Houve participação das mulheres nesse caso?

Olha, infelizmente as mulheres participaram das expulsões dos padres. Ali tinha homens por detrás, caixa alto, como o prefeito e a mulher dele, que foi na frente de escudo e os professores. Por outro lado, quem chegou primeiro na casa paroquial logo após eles terem expulsado e judiado do Frei Marciano foi Dona Maria Zuza. Era ela que cuidava da casa paroquial, que era muito respeitada. E logo depois chegou a Dona Maria Albina, alguém muito simples que tá lá até hoje. Foram elas que nos avisam e nós atuamos muito no momento de juntá o povo, reunir e refletir. Nós atuamos nesse momento de reação. De ir atrás, como no tempo que fechou a igreja, a igreja ficou fechada, e nós continuamos reunindo e fazendo o nosso trabalho. Então, a participação da mulher foi muito intensa.

A Igreja ao longo dos anos colocou a mulher sempre em segundo plano, em outras categorias e foi discriminante em relação à ela. Como que a partir do II Concílio Vaticano e especialmente em Goiás foi dada essa abertura às mulheres? Como você compreende esse fato histórico?

Eu acho que a primeira mola foi o evangelho, porque a caminhada coloca o evangelho na mão do povo. Se bem que o Concílio Vaticano II refletia o seguinte: que a Igreja era como uma casa cheia de telha de aranha e que precisa ser limpa. E assim foi mudada e nós como mulheres tínhamos não só o direito como o dever de participar.

P. eu te agradeço profundamente pelo seu testemunho de vida e pela sua luta para a melhoria de vida das mulheres e dos pobres.

Eu que te agradeço.

Obrigado.

ANEXO U – ENTREVISTA COM S. A. P.

S. meu nome é Klaus Paz de Albuquerque e estou fazendo uma pesquisa para o curso de pós-graduação em Formação Sócio-Econômica do Brasil. E peço permissão a você para realizar esta entrevista.

Tem a minha permissão. Meu nome é S. A. P., nascida em quatro de julho de 1967, sou filha do seu Sebastião Rosa Pacheco e dona Sebastiana Maria de Souza, eles vieram de Minas para tentar a sorte aqui em Goiás. Mais ou menos em 1960 ele pensava que aqui ia conseguir trabalhar, enriquecer e criar bem a família; ele já tinha quatro filhas quando vim de Minas e em 1967 eu nasci sendo a penúltima de oito filhos, sendo que só o mais novo é homem. Quando meu pai veio foi pra uma fazenda perto de Heitorai, seu João Batista, lá ele começou a vender tudo em Minas para vir pra cá.

O que o levou a vir para Goiás e não para outro lugar? Alguém?

Tinha parente aqui e dizia que a terra produzia muito e ele tinha muita vontade de trabalhar e produzir para dar uma vida melhor para os filhos, então ele veio para essa fazenda do Sr. João Batista. A terra dele não era tão boa, ele começou a trabalhar com outras pessoas da fazenda da região, o seu Geraldo Crisóstomo, o Cristino Rocha e logo que ele chegou toda família ficou doente, meu avô ficou doente, minha mãe deu problema de respiração muito forte, minhas irmãs ficaram tudo doente, e a gente começou a ir para Itaberaí e o seu Cristino Rocha começou a fornecer dinheiro emprestado para ele consultar esse pessoal todo; meu avô deu derrame e morreu; minha irmã, a Vicentina, também morreu e minha mãe passou 30 anos sofrendo e agora nos últimos que sarou, então ele veio e trabalhou pra valer, aí começou a trabalhar mais especificamente de arrenda na fazenda o seu Geraldo Crisóstomo e ele plantou e colheu bastante mesmo, tanto que esses fazendeiros assustava porque eles dava terra de arrenda e colhia pouquinho, meu pai cuidava direitinho que na hora de buscar a parte deles eles pensava que dava pra levar de cavalo, tinha que levar de carro de boi, ele assustava e meu pai com esse trabalho vendia, o que sobrava ele começava a comprar um pedacinho de terra do Geraldo Crisóstomo e pagava todo ano a mãe. Falava que não pagou tudo, falta um pouquinho, e todo ano ele vendia tudo que colhia e pagava essa terra e lá ele construiu uma casinha, foi onde eu nasci e meu pai pegava empreitado e minha mãe fazia pra ele roupa de algodão, ela fiava e mandava tecer, como ela não tinha dinheiro, fazia umas linhas e mandava tecer, pagava em linha, por que ela não sabia tecer a roupa, tudo de algodão e tudo que o meu pai vestia era isso. Minha mãe disse que um dia a minha irmã ficou doente e ela só tinha um vestido feito de saco de açúcar, ela foi pegar água na bica e desmaiou, a vaca comeu o vestido dela e minha irmã teve que ir no vizinho pedir um vestido emprestado pra levá ela pra Itaberaí porque um único lugar que consultava era em Itapuranga, em Heitorai não consultava e a única forma de ir pra lá era num jipe de um tal de João comprido que tinha um jipe e levava o pessoal pra comprar essa terrinha logo ele ficou sabendo dessa terra de posse a um quilometro pra frente dessa terrinha que ele comprou no Córrego Fundo, aí dizia que as terras era do povo caiado, aí tinha um homem lá na posse que não queria mais e negociou com meu pai pra ele entrar na posse, lá era tudo sujo, eu lembro que quando nós mudou pra lá, a gente soltou um cavalo e eu fui e passei a perna num espinho ficou a marca até hoje na minha perna, aí eu tinha seis anos e a minha irmã tudo tinha estudado numa escola lá no seu João Batista que funcionava lá mesmo, era normal estudar até a quarta série até os cinco anos, era normal trabalhar na roça e minha mãe fazia comida e todo mundo falava que ele fazia nós trabalhar cedo demais e assim todo mundo foi muito obidiente, ele foi muito severo, mas tudo que ele fazia era pros filhos e pra minha mãe também. Meu pai plantou e colheu, eu lembro da casa cheia de saco de arroz e feijão e eu já tinha de sete pra oito anos, não tinha estudado e minha irmã foi morar lá em casa com três meninos porque tinha ficado viúva e tinha nascido meu ultimo irmão homem. Meu pai fez reunião com o pessoal e fez uma escola, pediu as telhas pro Cristino Rocha, fez os adobe, pois era madeira, eu mesma fui guiando os bois lá no corgo dos caburetos pra busca areia pra rebocá, fez uma privada e foi em Itapuranga pedi ao prefeito uma professora, as cadera ele não quis fornecer, só a professora, meu pai fez uns bancos de tábua pra nós sentá e escrever, fez uma espécie de mesa e a gente começou a estudar no prezinho, eu e meus irmãos. Ali tinha do pré a quarta série e eles pensava que por eu ser maior eu sabia mais e eu morria de vergonha porque eu tinha mais dúvidas que os outros meninos. Nós nessa terra pensando que tava tudo bem, chega lá fiote caiado e diz: essa terra é minha, eu quero ela de volta, mais meu pai tem muita gente essa é a primeira e vai até a ultima posse lá no corgo canastra, tudo é minha e eu quero ela de volta. Aí entrô no meio o movimento dos trabalhador, o sindicato rurais dos

trabalhador de Itapuranga, a igreja católica e algumas pessoas que participava dessas igrejas de torpeto, a Maria Ferreira , o Tião Lobó, o ex- Pe. Nelo e muitos outros padre. Fazia reunião sempre pra ajudá os posseiro. O tempo foi passando, juntô o Dr. Antônio Tavares e a Ilda Tavares tentando achar uma forma desse pessoal não perder a terra, foi a primeira vez que eu ouvi a palavra busca piando, e eu pensava o que era isso? A gente já tinha feito benfeitoria e aí foi nessa luta, eu mesmo era muito pequena, muito vergonhosa, muito recatada, quase não participei das reuniões, mas já tinha mulheres que falava em público, ia nas reuniões, algumas outras mulheres dessa região também lutava e queria de forma nenhuma que a gente perdesse a terra.

Em relação as mulheres posseiras, como era o comportamento delas?

As mulheres posseiras naquela época era um pouco recatadas, porque quem mora na roça é difícil de se libertá, mas dos poucos vai se libertando. Nesse caso tinha a Dona Lourdes do seu Cândido que onde ele tava ela tava junto, tinha a Dona Maria do seu João Venâncio que sempre que ele ia pras reunião do conselho ela tava junto. Essas mulheres inclusive no dia que ficou marcado uma reunião na casa da Dona Mariazinha , que o pessoal falaram que vinha tomá a terra , pô tudo dentro de um caminhão e jogá em qualquer lugar de Itapuranga, foram todas essas senhoras que foram pra reunião e passaram a noite decidindo o que ia fazer , lá tava a Pérpetua , tava a Maria Ferreira , a Ilda Tavares , Dr. Antonio Tavares todo mundo decidindo o que ia falar e descobrir o que ia fazer pra impedir a retirada dos posseiros no dia seguinte. Até a Dona Mariazinha conta que nessa noite cuou 16 cafés pro povo bebê e descobri o que ficou decidido nessa noite, que iria todo mundo lá pra ponte do córrego das onças e que ia ficá esperando esse caminhão da polícia que vinha e ia armado de foice , de facão , das ferramentas de trabalhado rural e não ia deixar o caminhão entrá na primeira fazenda , que eles começa a tirar os trens na primeira fazenda. E a mãe era uma mulher muito preocupada, ela não foi e falou pro meu pai que ele não devia ter feito isso porque era muito perigoso, mais meu pai foi e nós ficamos quetinho em casa. No entanto, todo mundo foi pro corgo das onças, aí pára um carro, era o Brasil caiado, ele era deputado na época com uma proposta do Íris Rezende de comprá as terras do fiote caiado e vendê para os posseiros, pros trabalhador a preço da afine e de prestação, ai os posseiros conversaram com o Dr. Antônio Tavares, com a esposa dele, com a Maria Ferreira, Tião Lobo e esse pessoal todo do sindicato e resolveram o que era melhor, que não ia enfrentá mais esse ano, que a melhor forma era comprar as terras e assim foi comprano e foram pagano aos poucos e acabou legalizando essa terra. Foi essa luta até que conseguiram pagá essa terra e hoje em dia todo mundo tem suas terrinhas, a maioria continua lá, mas um pouco mudou.

Após essa luta surgiu alguma comunidade ligada à igreja ou já existia?

Já existia. Tinha uma freira de Heitorai e a Irmã Ana que ia nessa escola que meus pais e os outros pais fizeram, dar aula de catequese pra nós. Ela foi uma das primeiras pessoas intelectuais a falá do direito da mulher, falá de luta, falá de liberdade e falá das coisas revolucionária. Então a Irmã Ana pegava carona com o leiteiro, primeiro descia numa escola perto de Heitorai e depois descia na nossa , eu lembro dela , cabelo branquim e um óculos esverdiado. Eu fiz aula de primeira comunhão com ela e ela começou e fundou essa comunidade lá e teve também outros padres aqui de Itapuranga, Pe. Emílio, Pe. Marciano que sempre tentou fundá uma comunidade muito inteligente e muito revolucionária. Meu pai era muito reservado e não gostava muito desses padres não, eu era a que mais gostava e aos poucos ele foi entrando na luta e hoje mesmo ele quer ir às rezas da comunidade, mas no inicio foi com muito jeitinho e quando o pessoal da igreja chegava em casa e convidava pra ir nas reuniões era um custo pra ele ir.

Você foi catequista?

Fui catequista na comunidade do córrego fundo e participava como animadora de comunidade também.

Em que a igreja contribuiu para sua vida pessoal e para sua vida interior? A sua vida pessoal te ajudou?

Tanto a igreja de Itapuranga quanto a de Heitorai, o pessoal do sindicato, do hospital, esse povo tudo misturado, vacinando o povo, ensinando fazer chá, pondo uma idéia diferente na cabeça da gente, porque a gente era abetuado, era o povo da roça. A gente foi vendo que a vida era diferente, tinha que pensá maior e querer muito mais e ele me fez ver que a vida não só era aquilo. As minhas irmãs todas,

todas casaram com 16 anos de idade e a minha história foi mudando, eu com 16 anos queria casar, morria de vergonha, chegava pessoa lá em casa eu corria de vergonha, alguém me chamava pra namorar eu nem queria porque pro meu pai era lei namorar e com oito meses casá e eu não queria isso pra minha vida. Esse pessoal me fez pensar diferente e meu pai era rígido, ninguém podia cortar cabelo e nem usar roupa sem manga, era só vestido comprido.

E como você conseguiu estudar após a quarta série?

Estudei lá na escolinha até a quarta série, eu morria de vergonha e foi a coisa mais normal do mundo, eu terminei e fiquei parada com 13 anos, terminei quando eu fui fazer 16 anos e meu irmão muito inteligente terminou a quarta série com 10 anos. Eu vou pra esse povo estudar e o povo falava, e o Lindomar falava ah! esse vai estudar por que não vai poder trabalhar na roça, porque ele teve paralisia infantil, era filho da minha irmã que ficou viúva e meu pai comprou um barracão em Itapuranga e falou pra minha mãe: agora você vai pra lá e fica o meio da semana e final de semana seis volta pra casa. Mas não era ruindade, ele nem imaginou que eu tinha terminado a quarta série e precisava estudar, e eu muito invocada com a minha mãe, aonde ela ia eu tava atrás, aí deu um mês e eu senti a maior falta da minha mãe, e ele contava pra todo mundo que os fios dele foram estudar e nem falava meu nome, para ele era normal eu já ia fazer 16 anos e todas as filhas dele casou com 16 anos e eu nem namorado eu tinha. Minha mãe veio, a minha irmã estudou, o colégio dela entrou em greve até junho e me convidou pra ajudar ela a arrumar a casa porque tinha muitos dias que a casa tava fechada. Ela falou: e a Sebastiana não vai estudar não? E meu pai lá em Itapuranga também, e aí ficou aquela coisa e eu morrendo de vergonha e de medo, falei: pai, pode ir lá pra Itapuranga fazer minha matrícula? E ele: pode. Larguei essa professora lá e subi pra fazer minha matrícula, mas tem que ser em uma sala só pra não gastar muito livro. Eu cheguei lá e a secretária da escola me tratou muito mal, quando eu falei pra ela que eu precisava ficar na sala do meu irmão ela disse que não porque ele tinha 10 anos e eu daquele tamanho, eu fiquei morrendo de vergonha e aí me matriculei na quinta série e nunca bombei nem fiquei de recuperação. Eu resolvi prestar vestibular pra história, meus irmãos e eu já tava no terceiro ano e minha mãe resolveu ir pra roça e tava ficando em casa só eu e meu irmão, nisso quando eu terminei terceiro ano eu morria de medo de voltar pra roça e eu tímida não consegui arrumar um emprego e todo final de semana na sexta já ia trabalhar na roça e nessa época meu pai não deixava ficar aqui de jeito nenhum, ia pra roça todo final de semana e todo mundo no domingo trabalhava na roça. Que tinha que eu fosse ele não me ajudava a arrumar emprego porque pra ele mulher não podia trabalhar fora porque tava arrumando rolo e nem fazer educação física pra não usar short, mas aos poucos eu fui mexendo um palquinho daqui um palquinho dali e eu prestei vestibular aí de repente meus irmãos, um resolve casar, o outro vai pro exército e o outro resolveu parar de estudar, meu pai falou vai ter que ficar aqui sozinha. Aí eu fui e meu pai conversou com o prefeito de Heitor pra eu fazer faculdade e ir no ônibus porque passava lá e eu fiz quatro anos de história assim trabalhando na roça. Foi a época que eu mais atuei na comunidade do córrego fundo porque eu morava lá. E eu aos pouquinhos fui me libertando, comecei a comprar roupa mais moderna, cortar o cabelo, usar uma calça, furar a orelha, eu ia de ônibus fazer história e quando eu terminei foi uma tristeza porque eu não tinha arrumado serviço, isso foi em dezembro e eu tinha feito o concurso pra trabalhar na educação e quando foi em fevereiro me chamaram pra trabalhar e ganhar um salário mínimo e meu pai falou que me dava um salário mínimo pra eu não mudar pra cidade, aí eu falei pra ele que não era isso que eu queria pra minha vida. Eu fui trabalhar na secretaria da escola, não era nem professora, vi que tava muito parada e decidi fazer um cursinho pré-vestibular. Prestei pra Direito e quando eu falei pra minha mãe ela não acreditou que eu era advogada, e falou que mulher não era advogada, fiz o curso de direito em Goiás cinco anos, foi difícil, no momento aí eu terminei o curso de direito e meu pai ficou muito feliz.

Para você, houve mudanças essenciais? Como por exemplo a compreensão de mundo, de vida, da realidade de seu país e a relação entre a sua pessoa como mulher e a sociedade? Foi apenas a faculdade ou também a história pessoal da sua família, que ajudou a mudar a concepção que você tinha antes?

Mudou muito minha vida e muito contribuiu o povo do sindicato, a igreja, tudo mudou a minha concepção de vida porque você sabe que a base que eu tinha é que fez que dosasse isso aí. Nos anos 80 tudo era permitido e liberado, se eu entrasse naquela de mulher livre eu tinha quebrado a cara e a minha família muito rígida me fez dosar isso e mudar minha concepção de mundo. Eu queria ser uma professora que ajudasse os alunos. Quando eu fiz direito, eu queria ajudar acabar com a desigualdade

social e ajudar as pessoas. Assim, a gente vai as reunião de direito humano e tenta fazer alguma coisa daqueles ideais que eu tinha.

Eu agradeço você profundamente por contribuir para minha monografia. Obrigado.

Eu estou às ordens e se precisar de mais alguma coisa eu to aqui.

Obrigado.